

ANTOLOGIA BILÍNGUE

CLÁSSICOS DA TEORIA DA TRADUÇÃO

VOLUME 1
ALEMÃO-PORTUGUÊS
2ª EDIÇÃO, REVISADA E AMPLIADA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra, ao contrário, exige de nós, que vamos ao encontro do estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades. Graças a traduções exemplares, as vantagens de ambas são suficientemente conhecidas por qualquer homem culto. Nosso amigo, que também aqui procurou o meio termo, esmerou-se em combinar as duas; porém, como homem de sensibilidade e bom gosto, preferiu, em casos de dúvida, a primeira máxima.

Johann Wolfgang von Goethe

Pois traduções são, mais do que obras duradouras, trabalhos que, a partir de um parâmetro estável, põem à prova o estado de uma língua em uma determinada época, o definem e devem influir sobre ele, tendo sempre de ser novamente refeitas. Além disso, aquela parte da nação que não pode ler os antigos por sua própria conta, irá conhecê-los melhor por meio de várias traduções do que pelo recurso a uma única. São, pois, outras tantas imagens do mesmo espírito, cada qual reproduzindo aquilo que foi capaz de conceber e representar: mas o verdadeiro espírito repousa somente no texto original.

Wilhelm von Humboldt

(...) não devemos esquecer que há na língua muita beleza e muita força que somente graças à tradução se desenvolveram ou foram resgatadas do esquecimento. Nós discursamos muito pouco e proporcionalmente falamos demais; e não se pode negar que, desde há muito tempo, também a maneira de escrever avançou nesta direção mais do que o devido e que a tradução contribuiu não pouco para restabelecer um estilo mais severo. Quando chegar um dia em que tenhamos uma vida pública que, por uma parte, tenha que desenvolver uma sociabilidade mais rica de conteúdo e mais atenta à língua e, por outra, proporcione espaços mais livres para o talento do orador, então, talvez necessitemos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua. Que esse dia chegue apenas quando tenhamos percorrido dignamente o inteiro ciclo de esforços do tradutor!

Friedrich Schleiermacher

Pode-se avaliar o senso histórico de uma época pelo modo como nela são realizadas as traduções e pelo modo como se incorporam o passado e os livros.

Friedrich Nietzsche

ANTOLOGIA BILÍNGUE

CLÁSSICOS DA TEORIA DA TRADUÇÃO

VOLUME 1
ALEMÃO-PORTUGUÊS
2ª EDIÇÃO, REVISADA E AMPLIADA

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras
Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução

© Walter Benjamin: Die Aufgabe des Übersetzers - Vorwort zu "Charles Baudelaire. Tableaux parisiens". In: *Gesammelte Schriften*. Unter Mitwirkung von Theodor W. Adorno und Gershom Scholem, hrsg. von Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser, Vol. IV, pp. 9-21.

Suhrkamp-Verlag Frankfurt am Main

© Eugenio Coseriu: Falsche und richtige Fragestellungen in der Übersetzungstheorie. In: Grähs, L. et al. (Hrsg.): *Theory and Practice of Translation*. Bern: Peter Lang, S. 17-32.

Peter Lang AG Bern

© Wolfgang Klein: Was kann sich die Übersetzungswissenschaft von der Linguistik erwarten? In: LiLi. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik 84. S. 104-123.

J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung und Carl Ernst Poeschel Verlag GmbH in
Stuttgart

© Os direitos autorais das traduções neste volume pertencem aos tradutores.

Endereço para correspondência:
Universidade Federal de Santa Catarina
CCE/DLLE - Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução
Caixa Postal 476 CEP 88040-900
Florianópolis - SC
Fone: 0XX48-3721.9288 Fax: 0XX48-3721.9988
e-mail: secpget@gmail.com

ANTOLOGIA BILÍNGUE
Clássicos da Teoria da Tradução
2ª EDIÇÃO, REVISADA E AMPLIADA

VOLUME I
ALEMÃO-PORTUGUÊS
Werner Heidermann (org.)

Florianópolis
2010

Projeto gráfico e editoração:
Ane Girondi

Catálogo na fonte pela Biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

C614 Clássicos da teoria da tradução / Werner
Heidermann,org. – 2. ed. – Florianópolis
: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução,
2010.
v. 1 (344 p.) - (Antologia bilíngue)

Inclui bibliografia

Conteúdo: v. 1. Alemão-Português

1. Tradução e interpretação. I.
Heidermann,Werner. II. Título. III. Série.

CDU 801=03

ÍNDICE

Prefácio _____	11
Prefácio da segunda edição _____	16

NOVALIS

Vermischte Bemerkungen _____	22
Observações mescladas _____	23
Tradução de Márcio Seligmann-Silva	

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Drei Stücke vom Übersetzen _____	28
Três Trechos sobre Tradução _____	29
Tradução de Rosvitha Friesen Blume	

FRIEDRICH DANIEL ERNST SCHLEIERMACHER

Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens ____	38
Sobre os Diferentes Métodos de Tradução _____	39
Tradução de Celso R. Braidá	

WILHELM VON HUMBOLDT

Einleitung zu <i>Agamemnon</i> _____	104
Introdução a <i>Agamêmnon</i> _____	105
Tradução de Susana Kampff Lages	

AUGUST WILHELM VON SCHLEGEL

Über die Bhagavad-Gita _____ 120

Sobre a Bhagavad-Gita _____ 121

Tradução de Maria Aparecida Barbosa

JOHANN CHRISTIAN FRIEDRICH HÖLDERLIN

Anmerkungen zum Oedipus _____ 130

Observações sobre o Édipo _____ 131

Anmerkungen zur Antigonä _____ 148

Observações sobre a Antígona _____ 149

Briefe an Böhlendorff _____ 162

Cartas _____ 163

Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback

ARTHUR SCHOPENHAUER

Über Sprache und Worte _____ 178

Sobre Língua e Palavras _____ 179

Tradução de Ina Emmel

FRIEDRICH NIETZSCHE

Zum Problem des Übersetzens _____ 194

Sobre o Problema da Tradução _____ 195

Tradução de Richard Zenker

WALTER BENJAMIN

Die Aufgabe des Übersetzers _____ 202

A Tarefa do Tradutor _____ 203

Tradução de Susana Kampff Lages

HANS-GEORG GADAMER

Aus: Wahrheit und Methode _____ 234

De: Verdade e método _____ 235

Tradução de Fabrício Coelho

EUGENIO COSERIU

Falsche und richtige Fragestellungen in der
Übersetzungstheorie _____ 252

O falso e o verdadeiro na Teoria da Tradução _____ 253

Tradução de Ina Emmel

WOLFGANG KLEIN

Was kann sich die Übersetzungswissenschaft von der
Linguistik erwarten? _____ 292

O que a Tradutologia pode esperar da Linguística? _____ 293

Tradução de Ina Emmel

Tradutoras e Tradutores - Notas Biográficas _____ 341

PREFÁCIO

“As teorias não atrapalham!” É com essa provocação que Aurora Fornoni Bernardini descreveu sua postura diante da teoria da tradução. Indo mais longe diríamos: mesmo que atrapalhasse, a teoria mereceria que se tomasse conhecimento dela. A teoria da tradução, pois, pelo menos a dos “clássicos”, nunca é uma reflexão alienada da prática, mas sempre um tipo de abstração do processo tradutório. A teoria da tradução, pelo menos a dos “clássicos”, também não é a teorização de algo que não exige uma teoria, mas sempre reflexão sobre a língua em si.

A variedade dos aspectos da teoria da tradução é quase infinita; e, com frequência, esbarramos no paradoxo da intraduzibilidade intrínseca de todos os textos, que também constitui o ponto de partida a esse prefácio. É a esse paradoxo que Janheinz Jahn, em 1956, dedicou um diálogo fictício entre um filólogo, um poeta e uma leitora. Resumindo a discussão, um comentarista conclui:

Uma tradução que preserva todas as qualidades do original e na qual, ademais, não se percebe que se trata de uma tradução - é impossível. Ela somente seria possível, se as línguas não tivessem diferenças, não tivessem uma alma. Nesse caso, porém, provavelmente não haveria obras de arte a serem traduzidas. A possibilidade da tradução, assim, impossibilita a sua perfeição. E aqui, na impossibilidade de traduções perfeitas residem as possibilidades para o tradutor.

A presente antologia trata exatamente disso. Ela naturalmente só abrange alguns recortes da teoria da tradução em língua alemã.

A seleção dos textos exige uma justificativa. Os critérios mais importantes foram o peso teórico dos textos em relação à tradutologia e a tematização não só da língua alemã, mas da língua como tal. Assim, existem textos de Jacob Grimm, Rudolf Borchardt, Karl Vossler, Martin Buber e outros. Na perspectiva alemã, todos eles são relevantes, mas, justamente em razão dessa perspectiva restrita e por causa de inúmeros exemplos que perdem seu sentido explicativo na tradução, abrimos mão desses textos nesta edição bilíngue.

Não foi possível manter o objetivo inicial de considerar exclusivamente obras completas. Somente a conferência de Schleiermacher e

o prefácio de Benjamin são apresentados de forma completa; eles se destacam em termos quantitativos. Os outros textos são segmentos, cuidadosamente escolhidos, de obras extensas que, em sua integridade, extrapolariam o enfoque desta antologia.

Os três fragmentos de Goethe são uma introdução excelente à palestra de Schleiermacher. Os paralelos são facilmente identificáveis. Goethe escreve sobre duas máximas da tradução que encontramos de forma bem semelhante no texto de Schleiermacher. Enquanto Goethe (1749-1832) elabora suas reflexões *en passant*, Schleiermacher, o teólogo, o fundador da pedagogia e o precursor da hermenêutica moderna, desenvolve e contextualiza essas máximas.

Os comentários de Goethe são pinceladas rápidas comparadas com o quadro de Schleiermacher, rico em reflexões linguísticas, comentários culturais e análises históricas. Sua palestra, proferida na Academia Real de Berlim em 1813, reflete o conhecimento linguístico do início do século XIX. Schleiermacher (1768-1834) parte da tradução e sempre volta a ela; no decorrer do discurso, no entanto, ele toca nos mais variados aspectos da reflexão linguística: ele esboça o caráter energético da língua, bem como o dualismo entre língua e identidade e a dicotomia entre a individualidade e a universalidade das línguas; além disso, se atém, ainda, à vinculação do pensamento à língua. Não por último, na reflexão sobre o próprio e o outro, transparece a abordagem moderna da teoria de Schleiermacher. Quem aceitar o desafio dessa leitura, às vezes muito exigente com suas inúmeras digressões, será compensado pelo estilo espirituoso de Schleiermacher, por sua inteligência refinada e sua vontade de provocar.

Se a presente tradução do texto de Schleiermacher para o português, com suas frases longas e seus parágrafos quase infinitos, tem uma aparência alemã, muito alemã mesmo, chamo a atenção para o fato de que a tradutora empenhou-se exatamente em tentar seguir a máxima preferida de Schleiermacher: a tradução tem de ser de tal maneira que o leitor se familiarize com o outro – e não, apenas, confirme o próprio. Ou, como Janheinz Jahn diz 150 anos mais tarde, através da voz de um filólogo em conversa com um poeta:

O tradutor deve tornar obras de arte compreensíveis para um público de uma outra língua. Fazendo isso, ele tem de preservar tudo o que pode ser preservado do original: o conteúdo, o ritmo, o esquema da rima, o ar entre as palavras – tudo.

Assim como Schleiermacher, o tradutor de Platão, Wilhelm von Humboldt (1767-1835), talvez o erudito mais universal da filosofia da linguagem do século XIX, transcende os limites estreitos de um pragmatismo tradutológico: teoria da tradução é teoria da linguagem. Ninguém melhor para fazer justiça a isso que o próprio Humboldt, cujo estilo tem a fama de ser pouco nítido, nebuloso, até obscuro, o que dificultou a recepção dos seus textos durante sua vida e, na verdade, até hoje. Humboldt não escrevia para um grande público, mas, de maneira bem aristocrata, em primeiro lugar para si mesmo e para o próprio benefício intelectual. Mesmo assim, a leitura permite destilar as ideias centrais dos seus textos e torná-las compreensíveis. No contexto em questão, por exemplo, o ponto de partida é de uma clareza cristalina: nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma de outra. Encontramos também a máxima humboldtiana da tradução em sua introdução a *Agamemnon*: “Na medida em que faz sentir o estranho ao invés da estranheza, a tradução alcança suas mais altas finalidades”, e, na continuação da frase, Humboldt alerta: “entretanto, no momento em que aparece a estranheza em si, talvez até mesmo obscurecendo o estranho, o tradutor revela não estar à altura de seu original.”

Como Schleiermacher e Humboldt, August Wilhelm von Schlegel (1767-1845) entende a tradução como uma mediação de culturas no sentido mais abrangente possível. Para Schlegel, o tradutor é “um mensageiro de uma nação a outra, um mediador de respeito e admiração mútua, sendo que, sem ele, haveria indiferença ou mesmo aversão”. Schleiermacher também pressupõe essa admiração, esse respeito quando fala de “uma tendência definida a apropriar-se do estranho”.

Schlegel é um mestre da sentença tradutológica. O seu texto é uma réplica a seus críticos e, aí, o erudito destila todo o seu veneno. Uma de suas frases deveria constar nos contratos de trabalho dos críticos de hoje: “Considero uma exigência bem justa, nas traduções, que a crítica deve vir acompanhada de uma sugestão construtiva.” Essa sugestão não é observada hoje em dia, como não o era na época de Schlegel; o mais comum era seguir a famosa sentença de Lessing, segundo a qual, ninguém precisa saber cozinhar para achar uma sopa salgada.

As colocações de Hölderlin saem um pouco do quadro desta antologia, por se tratar de comentários, de anotações. Boa parte das

notas só se esclarece numa leitura contextualizada de *Édipo* e de *Antígone*. Hölderlin (1770-1843) não mostra preocupação com a teoria da tradução propriamente dita, mas permanece na análise poética e dramatológica, dentro da qual descreve a diferença fundamental entre o ritmo em *Édipo*, por um lado, em *Antígone*, por outro.

É fácil ver como Schopenhauer (1788-1860) dá continuidade a Schleiermacher e Humboldt. “Não se encontra para cada palavra de uma língua um equivalente exato em cada uma das demais línguas,” escreve Schopenhauer e é neste fato que ele vê o motivo da “deficiência inevitável de todas as traduções”. Vale destacar que o ponto de partida de Schopenhauer não é o problema da tradução, mas sim a aquisição de línguas estrangeiras. Percebe-se, em Schopenhauer, ecos do pensamento de muitos outros autores; no entanto, tudo isso é lido de uma maneira diferente e renovada. Schopenhauer faz afirmações de uma forma assertiva, não faz rodeios em torno de um assunto. “*Poesias* não podem ser traduzidas”, ponto final. “Quem *não entende latim* pertence ao povo”, ponto final. Através do seu estilo apodíctico e figurativo, vemos, sob um ângulo novo, o que nós já conhecemos; ademais, o seu atrevimento ajuda bastante: Schopenhauer é único.

Já na primeira frase do trecho aqui citado, Nietzsche (1844-1900) esclarece que a tradução não é uma bagatela filológica: “Pode-se avaliar o senso histórico de uma época pelo modo como nela são realizadas as traduções.” Nietzsche discute, entre outros assuntos, a prática tradutológica dos romanos. Onde nós, hoje em dia, lamentamos a falta do nome do tradutor, os romanos simplesmente omitiriam o nome do autor, com a finalidade de subscrever o texto com o próprio nome: tradução como continuação da conquista através de outros meios.

O último texto aqui apresentado e traduzido é “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin (1892-1940). Trata-se do prefácio que Benjamin escreveu para sua tradução dos “*Tableaux parisiens*”, de Baudelaire. No entanto, o ensaio em nenhuma frase é uma antecipação explicativa dessa tradução ou mesmo uma defesa da mesma. O texto é uma reflexão geral que imerge na filosofia linguística. Encontramos termos centrais da tradutologia, como “fidelidade e liberdade”, em cuja discussão, porém, não consiste a particularidade do texto benjaminiano. Essa particularidade, no entanto, se mostra na profundidade da reflexão linguística e filosófica que tem o seu ápice nas idéias da “língua pura” e da “rememoração

de Deus". Essas e outras reflexões de Benjamin como, por exemplo, sua definição de "forma", deixam-se decifrar, com mais facilidade, se lemos o texto de trás para frente. Aqui, Benjamin cita colocações de Rudolf Pannwitz, que "podem ser consideradas possivelmente o que de melhor se publicou na Alemanha sobre teoria da tradução". Esse longo trecho, citado por Benjamin, por assim dizer, é o fio-terra das suposições filosóficas de Benjamin, que aumenta a legibilidade do texto como um todo.

Esses são, portanto, os textos, que apresentamos em alemão e em português.

E onde fica a contribuição de Lutero à teoria da tradução, onde fica a sua "Carta do traduzir", de 1530?

É incontestável que se trata de um documento de raro valor cultural e histórico. O caráter político e religioso-político da mesma, no entanto, pesa muito mais que as reflexões tradutológicas. Em primeiro lugar, trata-se da disputa entre Lutero e seus adversários do clero. E, ao mesmo tempo, a frase-chave do texto representa a máxima da teoria luterana da tradução. Em razão de sua importância, queremos citá-la aqui, mesmo renunciando ao contexto, ou seja, à polêmica contra os papistas. A frase diz:

Não se deve consultar, pois, as letras na língua latina para saber como se deveria falar em alemão, como o fazem esses burros, mas deve-se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e deve-se olhar para a boca deles, como eles falam, e traduzir conforme essa maneira; assim, eles entendem e percebem que se fala alemão com eles.

Além dessa máxima, encontra-se na carta do reformador um consolo muito prático para qualquer tradutor: "E aconteceu-nos muitas vezes, de procurarmos duas, três, quatro semanas por uma única palavra, mesmo assim não a encontramos."

Antes de agradecer aos tradutores dos textos aqui reunidos, uma última citação de Lutero que esboça a competência do tradutor: "Traduzir em hipótese alguma é uma arte de qualquer um, como acham os santos tolos; precisa-se de um coração certo, devoto, fiel, aplicado, receoso, cristão, erudito, de muita experiência e prática."

Por terem colocado o "coração" à disposição nessa antologia, agradeço a Marcia Sá Cavalcante Schuback, Maria Aparecida Bar-

bosa, Margarete von Mühlen Poll, Ina Emmel, Rosvitha Friesen Blume, Susana Kampff Lages e Richard Zenker. Muito obrigado aos colegas do Núcleo de Tradução (NUT) pela cooperação tão construtiva e, em especial, pela inestimável colaboração de Walter C. Costa e Markus J. Weininger. Agradeço ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras pelo financiamento do projeto e pela ajuda institucional em geral. Agradeço também ao Professor Störig, pela permissão de usar os textos introdutórios de sua antologia *Das Problem des Übersetzens*.

O primeiro volume da antologia bilingue *Clássicos da teoria da tradução* impulsiona uma série, cuja segunda parte abrangerá textos em francês e suas traduções para o português. Mais tarde, seguirão volumes bilingues com textos originais em inglês, espanhol, italiano, latim e outros idiomas.

Para este volume, bem como para os que seguirão, vale, levemente modificado, o que August Wilhelm von Schlegel escreveu sobre a sua tradução: “Seríamos muito gratos pela comunicação de expressões melhores. O que nos importa não é defender nossas traduções, mas aproximá-las da perfeição.”

Werner Heidermann
em outubro de 2001

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Comprovamos que as teorias não atrapalham! Os *Clássicos da teoria da tradução* são lidos, as edições são esgotadas. Isso vale para os quatro volumes até hoje publicados (alemão-português, francês-português, italiano-português, Renascimento), quatro volumes que continuam influenciando a discussão tradutológica no Brasil. É com muita satisfação que apresentamos, quase dez anos após o início do projeto, a segunda edição do primeiro volume dos Clássicos. Em resposta, portanto, à demanda acadêmica dentro dos Estudos da Tradução, aproveitamos a oportunidade para rever algumas decisões editoriais.

Em primeiro lugar, a reedição constitui ensejo para corrigir falhas da edição anterior. Não é diferente no caso dos Clássicos. Agradecemos

aos leitores que deixaram suas correções registradas, a fim de que pudessem ser levadas em consideração neste momento de refazer a coletânea dos textos.

Em segundo lugar, a reedição proporciona a favorável circunstância para ampliarmos a coletânea, acrescentando textos novos que, dez anos atrás, ainda não tinham traduções para o português. É o caso de quatro traduções inéditas que apresentamos aqui; as reflexões de Novalis, de Hans-Georg Gadamer, de Eugenio Coseriu e de Wolfgang Klein.

Por motivos cronológicos, o trabalho de Novalis (Friedrich von Hardenberg, 1772-1801) se encontra no início da antologia. O texto é curto e abrange as três categorias da tradução segundo o entendimento do autor: a mítica, a gramatical, a modificadora. Não surpreende que a tradução gramatical seja tratada em apenas duas linhas. As traduções míticas “nos fornecem não a obra de arte efetiva, mas o ideal da mesma” lemos na tradução de Márcio Seligmann-Silva que também acrescentou comentários em forma de notas essenciais.

Incluimos a tradução de um trecho de *Verdade e método*, obra prima de Hans-Georg Gadamer (1900-2002). O ponto de partida da reflexão hermenêutica de Gadamer é a conversa, o diálogo: “O processo linguístico é especialmente ilustrativo quando uma conversa em duas línguas estrangeiras torna-se possível através de tradução e transposição.” Qual é a especificidade da tradução? “O caso da tradução torna manifesta a linguagem como meio do entendimento, na medida em que este meio só poder ser criado artisticamente através de uma mediação explícita.” Procede o comentário de Hans Joachim Störig em sua antologia “Das Problem des Übersetzens” de 1963, segundo o qual esse texto somente é claro no contexto maior de *Verdade e método* de 1960. Mesmo isolado, no entanto, o trecho, em sua tradução de Fabrício Coelho, consegue dar uma ideia da relação entre língua e pensamento e, mais concretamente, das implicações filosóficas no problema da tradução.

Por muito tempo, o problema da tradução foi visto quase exclusivamente sob a ótica da linguística. Isso mudou, e hoje a perspectiva linguística não é mais a dominante. No conjunto dos *Clássicos da teoria da tradução*, porém, no conjunto das visões filosóficas e culturais, históricas e literárias que reunimos nesta segunda edição, vale a pena levar em consideração manifestações de linguistas de

renome. Escolhemos dois trabalhos, o primeiro de Eugenio Coseriu (1921-2002) que reflete sobre “O falso e o verdadeiro na teoria da tradução”, o segundo de Wolfgang Klein (*1946) que pergunta “O que a Tradutologia pode esperar da Linguística?” Os dois textos foram traduzidos por Ina Emmel. Consideramos ambos os textos marginais no contexto da coletânea, digamos “menos clássicos do que os ‘verdadeiros’ clássicos”, mas igualmente de elevado valor. O ensaio delimita com clareza a teoria linguística quando discute a tradução, disciplina que finalmente conquistou autonomia acadêmica.

O texto do linguista multilíngue Eugenio Coseriu começa assim: “O título deste trabalho poderia soar como uma provocação, mas o intuito não é, seguramente, este.” Não somente o título, o tom da argumentação às vezes é também provocativo. Todavia, o texto fornece uma brilhante explicação linguística dentro do rigor terminológico e, além disso, conclusões cristalinas, à época bem modernas como, por exemplo, que “não existe a ‘melhor tradução’ para um determinado texto. Só existe a melhor tradução deste texto para receptores específicos, com um determinado propósito e dentro de uma determinada situação histórica.”

Onde Coseriu é conciliante, Wolfgang Klein intervém com afiada ironia. Sua primeira frase: “Ao caráter excêntrico das ciências contribui um discreto mas bem documentado desprezo recíproco entre os representantes de diferentes orientações teóricas dentro de uma determinada disciplina.” O texto focaliza a relação entre a linguística e os estudos da tradução. Pouco adiante, Klein apõe, já na primeira parte do seu trabalho, o seguinte resultado:

Os problemas da tradutologia são os problemas da linguística. Mas isto não quer dizer que aqueles que pesquisam a tradução só precisam ver o que ‘os linguistas’ têm a dizer a respeito. A mim me parece exatamente o contrário: o traduzir, esta faceta específica da capacidade linguística humana, coloca-nos diante dos olhos uma série de problemas como sob uma lupa, e o esclarecimento dos mesmos se constitui num desafio para qualquer pesquisa linguística séria.

Apresentamos, nesta reedição, a palestra de Friedrich Schleiermacher de 1813 em nova tradução. O tradutor desse texto tentou seguir a máxima preferida de Schleiermacher, segundo a qual a tradução deve fazer com que o leitor se familiarize com o outro – e não somente

confirme o próprio. O Schleiermacher que apresentamos é da autoria de Celso R. Braidá, conhecedor da obra de Schleiermacher. A palestra de Schleiermacher “Sobre os diferentes métodos de tradução” é um dos textos mais estudados por nossos alunos. Essa informação pode ser interessante e curiosa, se considerarmos que em 1813, ocasião da palestra na Academia Real de Berlim, Friedrich Schleiermacher falou para um público de sete pessoas.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção à tradução de outro texto clássico: Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, tradutor alemão de tragédias gregas e teórico da tradução. Em 1924, Wilamowitz-Moellendorff publica um texto intitulado “Die Kunst der Übersetzung”/“A arte da tradução”. Decidimos não incluí-lo na reedição porque uma das revistas da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, *Scientia Traductionis* no seu no. 7 de 2010, traz uma reflexão bem elaborada e abrangente do próprio Wilamowitz-Moellendorff: “Was ist übersetzen?”/“O que é traduzir?” – tradução de Filipe Mendes Neckel.

Para esta segunda edição é pertinente, como o foi para a primeira, o pensamento de August Wilhelm von Schlegel referente à sua própria atividade de tradução: “Seríamos muito gratos pela comunicação de expressões melhores. O que nos importa não é defender nossas traduções, mas aproximá-las da perfeição.”

Aproximá-las da perfeição – é justamente isso o que fizeram Marcia Sá Cavalcante Schuback, Maria Aparecida Barbosa, Ina Emmel, Rosvitha Friesen Blume e Susana Kampff Lages, Celso R. Braidá, Fabrício Coelho, Márcio Seligmann-Silva e Richard Zenker. Alguns desses autores elaboraram as traduções novas, contribuições que ora apresentamos, outros corrigiram as traduções que já tinham sido publicadas na primeira edição. Agradeço a todas e a todos.

Agradeço igualmente aos atuais coordenadores da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, professora Andréia Guerini e professor Walter C. Costa, grandes incentivadores do projeto em questão (CNPq 309020/2006-9). Agradeço mais uma vez ao Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, hoje na pessoa da professora Silvana de Gaspari, pelo financiamento de uma parte do projeto e pelo apoio institucional em geral.

Werner Heidermann
em novembro de 2010

NOVALIS

VERMISCHTE BEMERKUNGEN

OBSERVAÇÕES MESCLADAS

NOVALIS

NOVALIS, *Werke, Tagebücher und Briefe*, hrsg. von H.-J. Mahl e R. Samuel.
Band II. München: Karl Hanser Verlag, 1978, S. 252-254.

VERMISCHE BEMERKUNGEN

Eine Übersetzung ist entweder grammatisch, oder verändernd, oder mythisch. Mythische Übersetzungen sind Übersetzungen im höchsten Styl. Sie stellen den reinen, vollendeten Charakter des individuellen Kunstwerks dar. Sie geben uns nicht das wirkliche Kunstwerk, sondern das Ideal desselben. Noch existirt wie ich glaube, kein ganzes Muster derselben. Im Geist mancher Kritiken und Beschreibung von Kunstwerken trifft man aber helle Spuren davon. Es gehört ein Kopf dazu, in dem sich poetischer Geist und philosophischer Geist in ihrer ganzen Fülle durchdrungen haben. Die griechische Mythologie ist zum Theil eine solche Übersetzung einer Nazionalreligion. Auch die moderne Madonna ist solcher Mythos.

Grammatische Übersetzungen sind die Übersetzungen im gewöhnlichen Sinn. Sie erfordern sehr viel Gelehrsamkeit, aber nur discursive Fähigkeiten.

Zu den verändernden Übersetzungen gehört, wenn sie ächt seyn sollen, der höchst poetische Geist. Sie fallen leicht ins Travestiren, wie Bürgers Homer in Jamben, Popens Homer, die Französischen Übersetzungen insgesamt. Der wahre Übersetzer dieser Art muß in der That der Künstler selbst seyn, und die Idee des Ganzen beliebig so oder so geben können. Er muß der Dichter des Dichters seyn und ihn also nach seiner und des Dichters eigner Idee zugleich reden lassen können. In einem ähnlichen Verhältnisse steht der Genius der Menschheit mit jedem einzelnen Menschen.

Nicht bloß Bücher, alles kann auf diese drey Arten übersetzt werden.

NOVALIS

NOVALIS, *Werke, Tagebücher und Briefe*, org. por H.-J. Mähle e R. Samuel. Vol. II. München: Karl Hanser Verlag, 1978, pp. 252-254.

OBSERVAÇÕES MESCLADAS

Uma tradução é gramatical ou modificadora ou mítica. Traduções míticas são traduções no mais elevado estilo.¹ Elas expõem o caráter puro e completo da obra de arte individual. Elas nos fornecem não a obra de arte efetiva, mas o ideal da mesma. Ainda não existe, como eu creio, nenhum modelo total das mesmas. Mas no espírito de algumas críticas e descrições de obras de arte encontram-se vestígios claros.² Requer-se para tanto, uma cabeça na qual o espírito poético e o espírito filosófico tenham se interpenetrado no todo de sua plenitude. A mitologia grega é em parte uma tal tradução de uma religião nacional. Também a moderna Madonna³ é um tal mito.

Traduções gramaticais são traduções no sentido habitual. Elas exigem muita erudição – mas apenas destrezas discursivas.

As traduções modificadoras, se elas devem ser autênticas, dependem do mais elevado espírito poético. Elas tocam levemente na paródia – como o Homero de Bürger em iambos⁴ – o Homero de Pope⁵ – as traduções francesas de um modo geral.⁶ Com efeito, o verdadeiro tradutor deste tipo deve ser o próprio artista e poder passar a idéia do todo como lhe apraz, assim ou assim – Ele deve ser o poeta do poeta e assim permiti-lo falar *ao mesmo tempo* segundo a sua idéia e a própria do poeta. O gênio da humanidade encontra-se em uma relação semelhante com cada pessoa em particular.

Não apenas livros, tudo pode ser traduzido nestes três modos.⁷

Tradução e notas: Márcio Seligmann-Silva

O grupo de fragmentos *Blüthenstaub* (*Pólen*) foi publicado em 1798 no primeiro número da revista *Athenäum*, principal órgão de expressão do grupo de pensadores românticos

de Iena ao qual pertenciam Novalis (pseudônimo de Friedrich von Hardenberg, 1772-1801) e os irmãos Schlegel. Esta coletânea retomava os fragmentos compostos ao longo da segunda metade de 1797, as *Vermischte Bemerkungen* (*Observações mescladas*). Este fragmento nas suas duas versões difere apenas na ortografia e na pontuação. Mantive a pontuação de Novalis, conforme ela se encontra nas *Observações mescladas* na edição utilizada. – F. Schlegel, num texto de 1798, fez uma outra tipologia das traduções não muito diferente desta de Novalis (e decerto inspirado nela): “As traduções são *míticas*, *físicas* (*técnicas*) ou *históricas*” (Friedrich Schlegel, *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, org. por Ernst Behler. München/Paderborn/Wien: Verlag Ferdinand Schöningh, 1963, vol. XVIII, p. 126). A afirmação “Toda tradução é poética” (Id., p.202), também dos fragmentos de Schlegel e muito próxima às idéias de seu amigo Novalis, liga-se à noção romântica de crítica poética, nos termos que Walter Benjamin a descreveu na sua tese (cf. Walter Benjamin, *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*, São Paulo: Iluminuras/ EDUSP, 1993). Assim como Novalis e Schlegel haviam descrito as traduções míticas como sendo as mais elevadas pois elas “fornecem a obra ideal”, o mesmo se passa na crítica: “A crítica *mítica* é a que põe, divinatória, que determina o valor, ou as idéias a partir das quais se critica e os autores que devem ser criticados” (Schlegel XVIII, p. 126). O “pôr” a que esta passagem se refere alude ao ato do crítico que deve “pôr” a obra diante do seu próprio ideal, a que Novalis se refere no fragmento aqui apresentado. Ou seja, para os românticos – do mesmo modo como ao poeta cabia a tarefa de recriar a linguagem cotidiana que era vista como insuficiente – nesta crítica divinatória, as obras são vistas como realizações incompletas – abertas – de um ideal e que devem ser aproximadas deste no *ato da crítica* (galgando assim um novo patamar na cadeia do sistema arte como um “medium-de-reflexão”, como Benjamin o descreveu a partir de Schlegel e Novalis). Crítica e tradução seriam assim, atos de elevação (*über-setzung*). “Apenas o incompleto pode ser compreendido, pode levar-nos mais além”, afirmou Novalis. (*Werke, Tagebücher und Briefe*, org. por H.-J. Mahl e R. Samuel, München: Karl Hanser Verlag, 1978, vol. II 348) E Schlegel: “Toda crítica é divinatória, completar um projeto é idêntico à completar um fragmento” (Schlegel XVIII, p.49). Daí porque para ele: “O verdadeiro crítico é um autor elevado à segunda potência” (Schlegel XVIII, p.106). O mesmo pode ser dito do tradutor para os românticos, como lemos neste fragmento de Novalis. Esta tradução produtiva encerra o paradoxo de *ultrapassar a obra original*: “Traduzir”, escreveu Novalis, numa carta a August Wilhelm Schlegel de novembro de 1797, tratando da sua tradução da obra de Shakespeare, “é tanto poetar (*dichten*) como produzir obras próprias – e mais difícil, mais raro. Afinal de contas, toda poesia é tradução. Eu estou convencido que o Shakespeare alemão é presentemente melhor que o inglês” (Novalis, op. cit., vol. I 648). Ou seja, para os românticos, a tradução pode ser superior ao próprio original. A hierarquia entre “modelo” e “cópia”, típica da teoria estética clássica bem como da tradução pré-romântica, é, desse modo, implodida.

Notas

- ¹ Este emprego do termo “estilo” aqui não deixa de remeter ao texto de Goethe de 1789 “Einfache Nachahmung der Natur, Manier, Stil” (“Imitação simples da natureza, maneira, estilo”), no qual ele estabelece uma hierarquia crescente entre os modos da imitação artística se relacionar com seu modelo. Note-se que Novalis mantém o mesmo esquema tripartite de Goethe. Não podemos esquecer que no seu *Westöstlicher Divan*, de 1819, Goethe também defenderia um modelo triádico de tradução. (Cf. M. Seligmann-Silva, *O local da diferença*, S.Paulo: Editora 34, pp. 170s.) A idéia do mito como mais elevado modelo de tradução corresponde à grande valorização do mito por parte do grupo de primeiro românticos de Iena. Friedrich Schlegel definiu o que seria para ele uma verdadeira imitação no seu “Sobre o valor do estudo dos gregos e dos romanos” (“Vom Wert des Studiums der Griechen und

der Römer”): “Autêntica imitação não é cópia artificial da figura externa, ou o poder que o grande e forte exerce sobre ânimos débeis: mas sim a apropriação do espírito, do verdadeiro, belo e bom no amor, na inteligência e força ativa, a apropriação da liberdade” (Schlegel, *Kritische Friedrich-Schlegel-Ausgabe*, org. por Ernst Behler. München/Paderborn/ Wien: Verlag Ferdinand Schöningh, 1979, vol. I, 638). A fonte mais autêntica dessa cultura era, afirmou ainda Schlegel, o mito – “a poesia era a primeira e [...] a única mestre do povo. O modo de pensar mítico, que a poesia no sentido próprio seja um dom e uma revelação dos deuses, o poeta um sacerdote e porta-voz divino, isso permaneceu uma crença popular grega para todas as épocas” (“Sobre o estudo da poesia grega” [“Über das Studium der Griechischen Poesie”, 1795/96], id., 351).

- ² Muito provavelmente Novalis alude aqui às então ainda famosas descrições de obras de arte clássicas da Antiguidade realizadas por Johann Joachim Winckelmann (1717-1768) do final dos anos 1750, época de sua mudança para Roma.
- ³ Possível alusão ao famoso quadro de Rafael, conhecido como “A Madona Sistina”, representando a Madona com Jesus, ladeada por Santo Sisto e Santa Bárbara, que já se encontrava no Museu de Dresden então. Este quadro foi fruto de muitas interpretações e elogios por parte dos românticos de Iena.
- ⁴ Gottfried August Bürger (1747-1794) publicou em 1771 trechos da *Ilíada* com tradução que empregava iambos com cinco pés.
- ⁵ Alexander Pope (1688-1744) traduziu as epopéias homéricas, que foram publicadas entre 1715-20 (a *Ilíada*) e 1725-26 (a *Odisséia*).
- ⁶ Costumamos chamar a este tipo de tradução como sendo do tipo *belle infidèle*. O que importa para as *belles infidèles* é a beleza e a clareza do texto, a sua recepção, e não o respeito pelo texto de partida. Seguindo a doutrina retórica que nos alerta para evitar a todo custo os dois vícios mortais do discurso — o *taedium* e a incompreensão —, o mais “belo” é, nessa doutrina, o “mais claro”. Daí o uso de adições, supressões e explicações em meio ao texto. O texto de chegada deve soar “como se o autor tivesse escrito nessa língua”. A diferença entre as línguas é um empecilho menor que deve ser como que “posto de lado”. Apesar de ser tratado hoje como um modelo conservador (porque desrespeita a diferença), ele contém, para Novalis, algo da paródia e de sua capacidade crítica de corroer a idéia do “próprio” e do “original”. Vislumbra-se aqui a idéia muito avançada da literatura como uma rede de traduções modificadoras que reencontraremos em Borges, Bakhtin e Kristeva, entre outros.
- ⁷ Deste modo vemos o próprio platonismo, como sua concepção do mundo como cópia das Idéias eternas e imutáveis, sendo transformado criticamente por meio do pensamento tradutório. Tudo pode ser *übersetzt*, ou seja, traduzido e *elevado* (*über-setzen*) destes três modos: um mais literal (que envolve a capacidade técnica e erudição); um que exige ser “o poeta do poeta” e o terceiro, de estilo mais elevado, que apresenta o próprio ideal da obra. Temos aqui uma teoria geral da leitura com seus três modelos fundamentais. Ou ainda, podemos vislumbrar neste fragmento uma proposta de uma teoria da interpretação de todo fenômeno cultural. Estes poderiam ser encarados segundo estes três tipos de modulação. A tradução seria assim um modo de se pensar a diferença histórica e cultural.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

DREI STÜCKE VOM ÜBERSETZEN

TRÊS TRECHOS SOBRE TRADUÇÃO

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

DREI STÜCKE VOM ÜBERSETZEN

Goethe, der selbst passionierter Übersetzer war, hat sich an vielen Stellen seines Werkes zum Thema geäußert. Die hier ausgewählten drei Stücke stammen aus: I. Dichtung und Wahrheit (Art. Ged. Ausg. Bd. 10, S. 540); II. Zu brüderlichem Andenken Wielands (Art. Ged. Ausg. Bd. 12, S. 705); III. Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des west-östlichen Divans (Art. Ged. Ausg. Bd. 3, S. 554).

I.

Ich ehre den Rhythmus wie den Reim, wodurch Poesie erst zur Poesie wird, aber das eigentlich tief und gründlich Wirksame, das wahrhaft Ausbildende und Fördernde ist dasjenige was vom Dichter übrigbleibt, wenn er in Prose übersetzt wird. Dann bleibt der reine vollkommene Gehalt, den uns ein blendendes Äußere oft, wenn er fehlt, vorzuspiegeln weiß, und wenn er gegenwärtig ist, verdeckt. Ich halte daher, zum Anfang jugendlicher Bildung, prosaische Übersetzungen für vorteilhafter als die poetischen: denn es läßt sich bemerken, daß Knaben, denen ja doch alles zum Scherze dienen muß, sich am Schall der Worte, am Fall der Silben ergötzen, und durch eine Art von parodistischem Mutwillen den tiefen Gehalt des edelsten Werks zerstören. Deshalb gebe ich zu bedenken, ob nicht zunächst eine prosaische Übersetzung des Homer zu unternehmen wäre; aber freilich müßte sie der Stufe würdig sein, auf der sich die deutsche Literatur gegenwärtig befindet. Ich überlasse dies und das Vorgesagte unsern würdigen Pädagogen zur Betrachtung, denen ausgebreitete Erfahrung hierüber am besten zu Gebote steht. Nur will ich noch, zugunsten meines Vorschlags, an Luthers Bibelübersetzung erinnern: denn daß dieser treffliche Mann ein in dem verschiedensten Stile verfaßtes Werk und dessen dichterischen, geschichtlichen, gebietenden, lehrenden Ton uns in der Muttersprache, wie aus einem Gusse überlieferte, hat die Religion mehr gefördert, als wenn er die

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

TRÊS TRECHOS SOBRE TRADUÇÃO

Goethe, que também foi um tradutor apaixonado, manifestou-se repetidas vezes sobre o assunto ao longo de sua obra. Os três fragmentos aqui selecionados são originários de: I. *Dichtung und Wahrheit* (Art. Ged. Ausg. vol. 10, p. 540); II. *Zu brüderlichem Andenken Wielands* (Art. Ged. Ausg. vol. 12, p. 705); III. *Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des west-östlichen Divans* (Art. Ged. Ausg. vol. 3, p. 554).

I.

Aprecio o ritmo, bem como a rima, por meio dos quais a poesia se torna poesia, mas verdadeiramente profundo e eficaz, realmente formador e promovedor é o que resta do poeta quando este é traduzido em prosa. Permanece então o conteúdo puro e perfeito que uma forma deslumbrante freqüentemente sabe simular o conteúdo quando ele inexistente, e, quando está presente, encobre. Por isso considero para o início da formação juvenil, mais proveitosas as traduções em prosa do que as poéticas: pois os jovens, para quem tudo é motivo de brincadeira, deleitam-se visivelmente com o som das palavras, com o movimento das sílabas e, por meio de uma espécie de travessura parodística, destroem a substância profunda da mais nobre obra. Por isso, gostaria de ponderar se não seria adequada como iniciação uma tradução em prosa de Homero; é bem verdade que ela deveria ser digna do nível em que se encontra a literatura alemã atualmente. Ofereço isso e o que disse anteriormente à contemplação de nossos dignos pedagogos, que dispõem de vasta experiência a respeito. Quero tão somente lembrar ainda, em defesa de minha proposta, a tradução da Bíblia por Lutero. Pois o fato de este excelente homem haver traduzido uma obra escrita em estilo tão diversificado e tê-la transmitido com seu tom poético, histórico, imperioso e pedagógico para a língua materna com tamanha perfeição, promoveu mais a religião do que se ele houvesse

Eigentümlichkeiten des Originals im einzelnen hätte nachbilden wollen. Vergebens hat man nachher sich mit dem Buche Hiob, den Psalmen und andern Gesängen bemüht, sie uns in ihrer poetischen Form genießbar zu machen. Für die Menge, auf die gewirkt werden soll, bleibt eine schlichte Übertragung immer die beste. Jene kritischen Übersetzungen, die mit dem Original wetteifern, dienen eigentlich nur zur Unterhaltung der Gelehrten untereinander.

II.

Es gibt zwei Übersetzungsmaximen: die eine verlangt, daß der Autor einer fremden Nation zu uns herüber gebracht werde, dergestalt, daß wir ihn als den Unsrigen ansehen können; die andere hingegen macht an uns die Forderung, daß wir uns zu dem Fremden hinüber begeben und uns in seine Zustände, seine Sprachweise, seine Eigenheiten finden sollen. Die Vorzüge von beiden sind durch musterhafte Beispiele allen gebildeten Menschen genugsam bekannt. Unser Freund, der auch hier den Mittelweg suchte, war beide zu verbinden bemüht, doch zog er als Mann von Gefühl und Geschmack in zweifelhaften Fällen die erste Maxime vor.

III.

Es gibt dreierlei Arten Übersetzungen. Die erste macht uns in unserm eigenen Sinne mit dem Auslande bekannt; eine schlicht-prosaische ist hiezu die beste. Denn indem die Prosa alle Eigentümlichkeiten einer jeden Dichtkunst völlig aufhebt und selbst den poetischen Enthusiasmus auf eine allgemeine Wasserebene niederzieht, so leistet sie für den Anfang den größten Dienst, weil sie uns mit dem fremden Vortrefflichen mitten in unserer nationalen Häuslichkeit, in unserem gemeinen Leben überrascht und, ohne daß wir wissen, wie uns geschieht, eine höhere Stimmung verleihend, wahrhaft erbaut. Eine solche Wirkung wird Luthers Bibelübersetzung jederzeit hervorbringen.

Hätte man die *Nibelungen* gleich in tüchtige Prosa gesetzt und sie zu einem Volksbuche gestempelt, so wäre viel gewonnen worden, und der seltsame, ernste, düstere, grauerliche Rittersinn hätte uns mit seiner vollkommenen Kraft angesprochen. Ob dieses jetzt noch rätlich

procurado imitar em detalhes as singularidades do original. Em vão se procurou, mais tarde, tornar saborosos em sua forma poética o livro de Jó, os Salmos e outros cânticos. Para a multidão, sobre a qual deve exercer influência, uma tradução singela é sempre a melhor. As traduções críticas que rivalizam com o original só servem, na verdade, para o entretenimento dos estudiosos.

II.

Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra, ao contrário, requer de nós, que nos voltemos ao estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades. Graças a traduções exemplares, as vantagens de ambas são suficientemente conhecidas por qualquer pessoa culta. Nosso amigo, que também aqui procurou o meio termo, esmerou-se em combinar as duas; porém, como homem de sensibilidade e bom gosto, preferiu, em casos de dúvida, a primeira máxima.

III.

Há três espécies de tradução. A primeira nos apresenta o estrangeiro à nossa maneira; uma tradução singela em prosa é a melhor para este caso. Pois, ao suprimir inteiramente as características de qualquer arte poética e até mesmo reduzindo o entusiasmo poético a um nível consensual, a prosa se presta perfeitamente para a iniciação, porquanto ela nos surpreende com a excelência desconhecida em meio à familiaridade da nossa pátria, de nossa vida comum, sem que saibamos o que nos sucede, conferindo-nos uma disposição superior, edificando-nos verdadeiramente. A tradução da Bíblia por Lutero sempre produzirá tal efeito.

Se os *Nibelungos* tivessem sido transpostos diretamente em prosa qualificada e carimbados como livro popular, muito se teria ganho, e o espírito cavaleiresco, tão estranho, sério, sombrio e amedrontador, nos teria atraído com sua força total. Se isso ainda é oportuno e realizável agora, melhor poderão avaliar aqueles que se dedicaram com mais afincos a esses assuntos da antiguidade.

und tunlich sei, werden diejenigen am besten beurteilen, die sich diesen altertümlichen Geschäften entschiedener gewidmet haben.

Eine zweite Epoche folgt hierauf, wo man sich in die Zustände des Auslandes zwar zu versetzen, aber eigentlich nur fremden Sinn sich anzueignen und mit eigenem Sinne wieder darzustellen bemüht ist. Solche Zeit möchte ich im reinsten Wortverstand die parodistische nennen. Meistenteils sind es geistreiche Menschen, die sich zu einem solchen Geschäft berufen fühlen. Die Franzosen bedienen sich dieser Art bei Übersetzung aller poetischen Werke; Beispiele zu hunderten lassen sich in Delilles Übertragung finden. Der Franzose, wie er sich fremde Worte mundrecht macht, verfährt auch so mit den Gefühlen, Gedanken, ja den Gegenständen, er fordert durchaus für jede fremde Frucht ein Surrogat, das auf seinem eignen Grund und Boden gewachsen ist.

Wielands Übersetzungen gehören zu dieser Art und Weise; auch er hatte einen eigentümlichen Verstands- und Geschmacksinn, mit dem er sich dem Altertum, dem Auslande nur insofern annäherte, als er seine Konvenienz dabei fand. Dieser vorzügliche Mann darf als Repräsentant seiner Zeit angesehen werden; er hat außerordentlich gewirkt, indem gerade das, was ihn anmutete, wie er sich's zueignete und es wieder mitteilte, auch seinen Zeitgenossen angenehm und genießbar begegnete.

Weil man aber weder im Vollkommenen noch Unvollkommenen lange verharren kann, sondern eine Umwandlung nach der andern immerhin erfolgen muß, so erlebten wir den dritten Zeitraum, welcher der höchste und letzte zu nennen ist, derjenige nämlich, wo man die Übersetzung dem Original identisch machen möchte, so daß eins nicht anstatt des andern, sondern an der Stelle des andern gelten soll.

Diese Art erlitt anfangs den größten Widerstand; denn der Übersetzer, der sich fest an sein Original anschließt, gibt mehr oder weniger die Originalität seiner Nation auf, und so entsteht ein Drittes, wozu der Geschmack der Menge sich erst heranbilden muß.

Der nie genug zu schätzende Voß konnte das Publikum zuerst nicht befriedigen, bis man sich nach und nach in die neue Art hinein hörte, hinein bequeme. Wer nun aber jetzt übersieht, was geschehen ist, welche Versatilität unter die Deutschen gekommen, welche rhetorischen, rhythmischen, metrischen Vorteile dem geistreich-talentvollen Jüngling zur Hand sind, wie nun Aorist und Tasso,

Uma segunda época se segue a esta, na qual se procura a transposição para as condições do estrangeiro mas, na verdade, apenas para se apropriar do sentido desconhecido e constituí-lo com sentido próprio. Gostaria de denominar este período de parodístico no mais puro sentido da palavra. Na maioria das vezes, são pessoas espirituosas que se sentem atraídas por tal ofício. Os franceses se utilizam desse modo na tradução de todas as obras poéticas; centenas de exemplos podem ser encontrados na tradução realizada por Delille. Da mesma maneira como se apropria de palavras desconhecidas, o francês também procede com os sentimentos, os pensamentos, e até mesmo com os objetos; reclama para cada fruto desconhecido um substituto que tenha crescido em base e chão próprios.

As traduções de Wieland fazem parte dessa categoria; ele possuía igualmente um gosto e um entendimento singulares, com os quais se aproximava da antiguidade, do estrangeiro, apenas o tanto quanto lhe convinha. Esse homem notável pode ser considerado representante de sua época; atuou de maneira extraordinária, tornando justamente aquilo que o encantava, da maneira como se apropriava do mesmo e o transmitia, igualmente agradável e saboroso para seus contemporâneos.

Entretanto, como não se pode permanecer por muito tempo nem na perfeição nem na imperfeição, devendo sempre uma transformação suceder a outra, experimentamos o terceiro período, que é o mais elevado e último, onde se procura tornar a tradução idêntica ao original, não de modo que um deva vigorar ao invés do outro, mas no lugar do outro.

Esse modo sofreu, inicialmente, a maior resistência. Pois o tradutor que se une firmemente ao seu original, abandona, de uma forma ou de outra, a originalidade de sua nação e, assim, surge um terceiro para o qual o gosto da multidão ainda deve se formar.

O inestimável Voß não conseguiu agradar o público inicialmente, até que, pouco a pouco, as pessoas se adaptaram, se acomodaram ao novo modo. Quem, entretanto, não se dá conta, agora, do que ocorreu, da versatilidade que adquiriram os alemães, das vantagens retóricas, rítmicas, métricas que estão à disposição do jovem espirituoso e provido de talento, quem não se apercebe como Ariosto e Tasso, Shakespeare e Calderón nos são apresentados dupla e triplamente como estrangeiros transformados em alemães, esse pode esperar,

Shakespeare und Calderón als eingedeutschte Fremde uns doppelt und dreifach vorgeführt werden, der darf hoffen, daß die Literaturgeschichte unbewunden aussprechen werde, wer diesen Weg unter mancherlei Hindernissen zuerst einschlug.

então, que a história da literatura expresse, inequivocamente, quem trilhou pela primeira vez esse caminho mediante os mais diversos obstáculos.

Tradução: Rosvitha Friesen Blume

FRIEDRICH DANIEL ERNST SCHLEIERMACHER

UEBER DIE VERSCHIEDENEN
METHODEN DES UEBERSEZENS

SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS
DE TRADUÇÃO

FRIEDRICH DANIEL ERNST SCHLEIERMACHER

UEBER DIE VERSCHIEDENEN METHODEN DES UEBERSEZENS

Die Abhandlung *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* verlas Schleiermacher am 24. Juni 1813 in der Königlichen Akademie der Wissenschaften, Berlin. Sie ist wiedergegeben nach: Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke, Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band, Berlin (Reimer) 1838, S. 207-245.

Die Thatsache, daß eine Rede aus einer Sprache in die andere übertragen wird, kommt uns unter den mannigfaltigsten Gestalten überall entgegen. Wenn auf der einen Seite dadurch Menschen in Berührung kommen können, welche ursprünglich vielleicht um den Durchmesser der Erde von einander entfernt sind; wenn in eine Sprache aufgenommen werden können die Erzeugnisse einer andern schon seit vielen Jahrhunderten erstorbenen; so dürfen wir auf der andern Seite nicht einmal über das Gebiet Einer Sprache hinausgehen, um dieselbe Erscheinung anzutreffen. Denn nicht nur daß die Mundarten verschiedener Stämme eines Volkes und die verschiedenen Entwicklungen derselben Sprache oder Mundart in verschiedenen Jahrhunderten schon in einem engeren Sinne verschiedene Sprachen sind, und nicht selten einer vollständigen Dolmetschung unter einander bedürfen; selbst Zeitgenossen, nicht durch die Mundart getrennte, nur aus verschiedenen Volksklassen, welche durch den Umgang wenig verbunden in ihrer Bildung weit auseinander gehen, können sich öfters nur durch eine ähnliche Vermittlung verstehen. Ja sind wir nicht häufig genöthiget, uns die Rede eines andern, der ganz unseres gleichen ist aber von anderer Sinnes- und Gemüthsart, erst zu übersetzen? wenn wir nämlich fühlen daß dieselben Worte in unserm Munde einen ganz andern Sinn oder wenigstens hier einen stärkeren dort einen schwächeren Gehalt haben würden als in dem seinigen, und daß, wenn wir dasselbe was er meint ausdrücken wollten, wir nach unserer Art uns ganz anderer Wörter und Wendungen bedienen

SOBRE OS DIFERENTES MÉTODOS
DE TRADUÇÃO

Schleiermacher leu o ensaio *Sobre os diferentes métodos de tradução* em 24 de junho de 1813, na Academia Real de Ciências em Berlim. O texto é reproduzido de: *Friedrich Schleiermacher's sämtliche Werke*, Dritte Abtheilung: Zur Philosophie, Zweiter Band., Berlin (Reimer) 1838, S. 207-245. Versão corrigida; publicação original da tradução na Revista *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, pp. 233-265.

O fato, que um discurso em uma língua seja traduzido em uma outra, apresenta-se a nós sob as mais variadas formas por toda a parte. Por um lado, desse modo podem entrar em contato homens geograficamente muito afastados, e podem ser transpostas em uma língua obras de uma outra extinta já há muitos séculos; por outro, não precisamos sair do domínio de uma língua para encontrar o mesmo fenômeno. Pois, não apenas os dialetos dos diferentes ramos de um povo e os diferentes desenvolvimentos de uma mesma língua ou dialeto, em diferentes séculos, são já em um sentido estrito diferentes linguagens, e que não raro necessitam de uma completa interpretação entre si; até mesmo contemporâneos não separados pelo dialeto, mas de diferentes classes sociais, que estejam pouco unidos pelas relações, distanciam-se em sua formação, seguidamente apenas podem se compreender por uma semelhante mediação. Sim, não somos nós frequentemente obrigados a previamente traduzir a fala de um outro que é de nossa mesma classe, mas de sensibilidade e ânimo diferentes? A saber, quando nós sentimos que as mesmas palavras em nossa boca teriam um sentido inteiramente diferente ou, ao menos, um conteúdo aqui mais forte, ali mais fraco, que na dele e que, se quiséssemos expressar do nosso jeito o mesmo que ele disse, nos serviríamos de palavras e locuções completamente diferentes. Na medida em que determinamos mais precisamente este sentimento, trazendo-o ao pensamento, parece que traduzimos. As nossas

würden: so scheint, indem wir uns dies Gefühl näher bestimmen, und es uns zum Gedanken wird, daß wir übersezen. Ja unsere eigenen Reden müssen wir bisweilen nach einiger Zeit übersezen, wenn wir sie uns recht wieder aneignen wollen. Und nicht nur dazu wird diese Fertigkeit geübt, um was eine Sprache im Gebiet der Wissenschaften und der redenden Künste hervorgebracht hat, in fremden Boden zu verpflanzen und dadurch den Wirkungskreis dieser Erzeugnisse des Geistes zu vergrößern; sondern sie wird auch geübt im Gewerbsverkehr zwischen einzelnen verschiedener Völker, und im diplomatischen Verkehr unabhängiger Regierungen mit einander, deren jede nur in ihrer eigenen Sprache zur andern zu reden pflegt, wenn sie, ohne sich einer todten Sprache zu bedienen, streng auf Gleichheit halten wollen.

Allein natürlich, nicht alles was in diesem weiten Umkreise liegt, wollen wir in unsere jezige Betrachtung hineinziehen. Jene Nothwendigkeit auch innerhalb der eignen Sprache und Mundart zu übersezen, mehr oder minder ein augenblickliches Bedürfniß des Gemüthes, ist eben auch in ihrer Wirkung zu sehr auf den Augenblick beschränkt, um anderer Leitung als der des Gefühls zu bedürfen; und wenn Regeln darüber sollten gegeben werden, könnten es nur jene sein, durch deren Befolgung der Mensch sich eine rein sittliche Stimmung erhält, damit der Sinn auch für das minder verwandte geöffnet bleibe. Sondern wir nun dieses ab, und bleiben stehen zunächst bei dem Uebertragen aus einer fremden Sprache in die unsrige; so werden wir auch hier zwei verschiedene Gebiete — freilich nicht ganz bestimmt, wie denn das selten gelingt, sondern nur mit verwaschenen Grenzen, aber doch wenn man auf die Endpunkte sieht deutlich genug — unterscheiden können. Der Dolmetscher nämlich verwaltet sein Amt in dem Gebiete des Geschäftslebens, der eigentliche Übersezer vornämlich in dem Gebiete der Wissenschaft und Kunst. Wenn man diese Wortbestimmung willkührlich findet, da man gewöhnlich unter dem Dolmetschen mehr das mündliche, unter dem Uebersezen das schriftliche versteht, so verzeihe man sie der Bequemlichkeit für das gegenwärtige Bedürfniß um so mehr, als doch beide Bestimmungen nicht gar weit entfernt sind. Dem Gebiete der Kunst und der Wissenschaft eignet die Schrift, durch welche allein ihre Werke beharrlich werden; und wissenschaftliche oder künstlerische Erzeugnisse von Mund zu Mund zu dolmetschen, wäre eben so unnütz, als es unmöglich zu sein scheint. Den Geschäften dagegen ist die Schrift nur

próprias palavras, às vezes, temos que traduzir após algum tempo, se quisermos assimilá-las apropriadamente outra vez. E esta prática não é usada apenas para transplantar em solo estrangeiro o que uma língua produziu no domínio da ciência e das artes discursivas, e assim aumentando o círculo de atuação destes produtos do espírito, mas também esta prática é usada no comércio entre diferentes povos e nas relações diplomáticas de governos independentes entre si, quando estes apenas podem falar com o outro em sua própria língua, se eles, sem servirem-se de uma língua morta, querem manter-se rigorosamente em uma igualdade.

Todavia, naturalmente, não queremos incluir nessa nossa consideração tudo o que há nesse vasto domínio. Aquela necessidade de traduzir também no interior da própria língua e dialeto, mais ou menos uma exigência momentânea da mente, está também em seu efeito limitada ao instante, para exigir uma outra orientação que aquela do sentimento; e se houvesse a necessidade de dar regras para isso, elas poderiam ser apenas aquelas que mantêm o homem em uma disposição moral pura para os sentidos permanecerem abertos também para o que se é menos afim. Deixemos isto de lado e fiquemos a partir daqui com a tradução de uma língua estranha para a nossa. Também aqui nós chegamos a dois domínios: com certeza não inteiramente determinados, como é raro acontecer, mas apenas com limites imprecisos, porém, com clareza suficiente se enxergam os pontos extremos. O intérprete efetivamente exerce o seu ofício no domínio da vida comercial, o tradutor genuíno preferencialmente no domínio da ciência e da arte. Se esta definição das palavras parece arbitrária, uma vez que habitualmente se entende por interpretação mais a oral e por tradução a escrita, que ela seja aceita pela comodidade para os presentes propósitos e mais ainda porque as duas determinações não estão assim tão distantes. A escrita é própria dos domínios da arte e da ciência, através da qual suas obras tornam-se duradouras; e a interpretação de boca à boca das produções científicas ou artísticas seria tão inútil quanto parece ser impossível. Para o comércio, ao contrário, a escrita é apenas um meio mecânico; as transações orais são aqui o primário, e toda interpretação escrita propriamente apenas pode ser vista como registro de uma oral.

mechanisches Mittel; das mündliche Verhandeln ist darin das ursprüngliche, und jede schriftliche Dolmetschung ist eigentlich nur als Aufzeichnung einer mündlichen anzusehen.

Sehr nahe dem Geist und der Art nach schließen sich diesem Gebiete zwei andere an, die jedoch bei der großen Mannigfaltigkeit der dahin gehörigen Gegenstände schon einen Uebergang bilden zum Gebiet der Kunst das eine, das andere zu dem der Wissenschaft. Nämlich jede Verhandlung, bei welcher das Dolmetschen vorkommt, ist auf der einen Seite eine Thatsache, deren Hergang in zwei verschiedenen Sprachen aufgefaßt wird. Aber auch die Uebersetzung von Schriften rein erzählender oder beschreibender Art, welche also nur den schon beschriebenen Hergang einer Thatsache in eine andere Sprache überträgt, kann noch sehr viel von dem Geschäft des Dolmetschers an sich haben. Je weniger in der Urschrift der Verfasser selbst herausrat, je mehr er lediglich als auffassendes Organ des Gegenstandes handelte und der Ordnung des Raumes und der Zeit nachging, um desto mehr kommt es bei der Uebertragung auf ein bloßes Dolmetschen an. So schließt sich der Uebersetzer von Zeitungsartikeln und gewöhnlichen Reisebeschreibungen zunächst an den Dolmetscher an, und es kann lächerlich werden wenn seine Arbeit größere Ansprüche macht und er dafür angesehen sein will als Künstler verfahren zu haben. Je mehr hingegen des Verfassers eigenthümliche Art zu sehen und zu verbinden in der Darstellung vorgewaltet hat, je mehr er irgend einer frei gewählten oder durch den Eindruck bestimmten Ordnung gefolgt ist, desto mehr spielt schon seine Arbeit in das höhere Gebiet der Kunst hinüber, und auch der Uebersetzer muß dann schon andere Kräfte und Geschicklichkeiten zu seiner Arbeit bringen und in einem anderen Sinne mit seinem Schriftsteller und dessen Sprache bekannt sein als der Dolmetscher. Auf der andern Seite ist in der Regel jede Verhandlung, bei welcher gedolmetscht wird, eine Festsetzung eines besonderen Falles nach bestimmten Rechtsverhältnissen; die Uebertragung geschieht nur für die Theilnehmer, denen diese Verhältnisse hinreichend bekannt sind, und die Ausdrücke derselben in beiden Sprachen sind entweder gesetzlich oder durch Gebrauch und gegenseitige Erklärungen bestimmt. Aber ein anderes ist es mit Verhandlungen, wiewol sie sehr oft der Form nach jenen ganz ähnlich sind, durch welche neue Rechtsverhältnisse bestimmt werden. Je weniger diese selbst wieder als ein

Em espírito e natureza, estão muito próximos desses domínios outros dois, os quais, pela grande variedade de objetos a eles pertencentes, já configuram uma transposição, um para o domínio da arte e o outro para o da ciência. Pois, cada transação que acontece pela interpretação é, por um lado, um fato cujo desenrolar-se apreende-se em duas línguas. Mas, mesmo a tradução de escritos puramente narrativos ou descritivos, que apenas traduz o desenrolar-se de um fato para uma outra língua, pode ainda conter em si muito da atividade do intérprete. Quanto menos o autor se sobressai no escrito original, quanto mais ele coloque-se apenas como órgão receptor do objeto e siga a ordem do tempo e do espaço, tanto mais a transposição se aproximará da mera interpretação. O tradutor de artigos jornalísticos e descrições de viagem comuns, assim, está muito próximo do intérprete, e pode tornar-se risível se o seu trabalho tiver maiores pretensões e se ele desejar ser visto como artista. Ao contrário, quanto mais haja prevalecido na exposição o modo de ver e combinar próprio do autor, quanto mais ele siga uma ordem livremente escolhida ou determinada pela impressão, tanto mais opera já o seu trabalho no domínio superior da arte, e também o tradutor deve então aplicar outras forças e habilidades para realizar o seu trabalho e estar familiarizado com seu escritor e sua língua num sentido diverso daquele do intérprete. Por outro lado, em regra, toda negociação em que se interpreta é a estipulação de um caso particular conforme relações jurídicas determinadas; a tradução é feita apenas para os participantes, os quais conhecem bem estas relações, e cuja expressão das mesmas está determinada em ambas as línguas, ou por leis, ou pelo uso e esclarecimentos recíprocos. Porém, é diferente com negociações em que, embora muitas vezes sejam semelhantes a estas na forma, novas relações jurídicas são determinadas. Quanto menos estas possam ser, por sua vez, consideradas como particulares de um universal suficientemente conhecido, tanto mais conhecimento científico e circunspeção requer a sua redação, e tanto mais necessita o tradutor para o seu trabalho de conhecimento científico do assunto e da língua. Desse modo, por esta dupla escala eleva-se o tradutor cada vez mais sobre o intérprete, até o seu domínio mais próprio, a saber, o das produções da arte e da ciência, nos quais, por um lado, a capa-

besonderes unter einem hinreichend bekannten allgemeinen können betrachtet werden, desto mehr wissenschaftliche Kenntniß und Umsicht erfordert schon die Abfassung, und desto mehr wissenschaftliche Sach- und Sprachkenntniß wird auch der Uebersetzer zu seinem Geschäft bedürfen. Auf dieser zwiefachen Stufenleiter also erhebt sich der Uebersetzer immer mehr über den Dolmetscher, bis zu seinem eigenthümlichsten Gebiet, nämlich jenen geistigen Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft, in denen das freie eigenthümliche combinatorische Vermögen des Verfassers an der einen, der Geist der Sprache mit dem in ihr niedergelegten System der Anschauungen und Abschattung der Gemüthsstimmungen auf der anderen Seite alles sind, der Gegenstand auf keine Weise mehr herrscht, sondern von dem Gedanken und Gemüth beherrscht wird, ja oft erst durch die Rede geworden und nur mit ihr zugleich da ist.

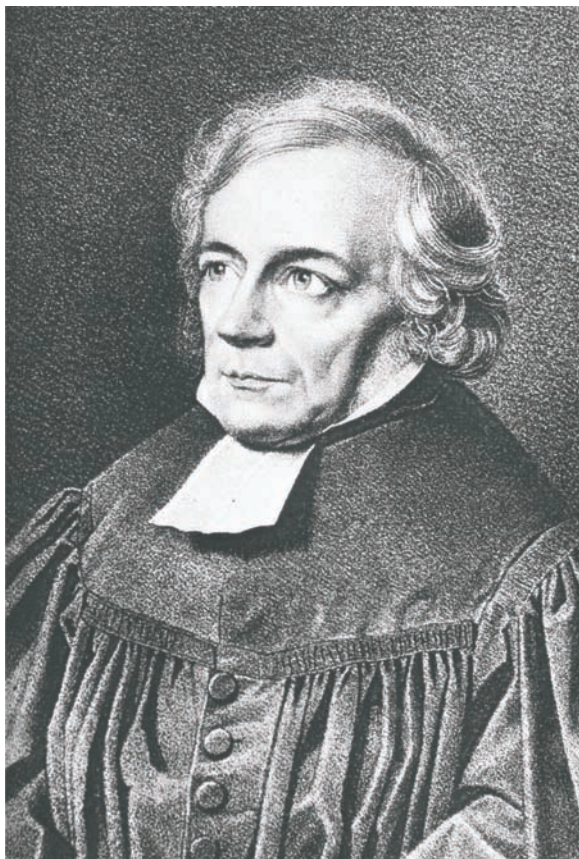
Worin aber gründet sich nun dieser bedeutende Unterschied, den jeder schon auf den Grenzgegenden inne wird, der aber an den äußersten Enden am stärksten in die Augen leuchtet? Im Geschäftsleben hat man es größtentheils mit vor Augen liegenden, wenigstens mit möglichst genau bestimmten Gegenständen zu thun; alle Verhandlungen haben gewissermaßen einen arithmetischen oder geometrischen Charakter, Zahl und Maaß kommen überall zu Hülfe; und selbst bei denen Begriffen, welche, nach dem Ausdrucks der Alten, das Mehr und Minder in sich aufnehmen und durch eine Stufenfolge von Wörtern bezeichnet werden, die im gemeinen Leben in unbestimmtem Gehalt auf- und abwogen, entsteht bald durch Gesez und Gewohnheit ein fester Gebrauch der einzelnen Wörter. Wenn also der redende nicht absichtlich um zu hintergehen versteckte Unbestimmtheiten erkünstelt, oder aus Unbedachtsamkeit fehlt: so ist er jedem der Sache und der Sprache kundigen schlechthin verständlich, und es finden für jeden Fall nur unbedeutende Verschiedenheiten statt im Gebrauch der Sprache. Eben so, welcher Ausdruck in der einen Sprache jedem in der andern entspreche, darüber kann selten ein Zweifel statt finden, der nicht unmittelbar gehoben werden könnte. Deshalb ist das Uebertragen auf diesem Gebiet fast nur ein mechanisches Geschäft, welches bei mäßiger Kenntniß beider Sprachen jeder verrichten kann, und wobei, wenn nur das offenbar falsche vermieden wird, wenig Unterschied des besseren und schlechteren statt findet. Bei den Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft aber,

cidade combinatória livre própria do autor e, por outro, o espírito da língua com o seu sistema de intuições e matizações das disposições mentais, são tudo; o objeto não domina de modo algum, mas é dominado pelo pensamento e pela mente, mais ainda, com frequência apenas surge pelo discurso e apenas existe com ele.

Em que, porém, funda-se esta importante diferença, que se percebe já no interior das fronteiras, e que se mostra claramente nos pontos mais afastados? Na vida comercial trata-se na maior parte de objetos visíveis ou ao menos bem determinados; todas as negociações têm um certo caráter aritmético ou geométrico, por toda parte número e medida podem ajudar; e mesmo naqueles conceitos que, segundo os antigos, admitem o mais e o menos e são designados por meio de uma hierarquia de palavras, que na vida ordinária diminuem e crescem em conteúdo indeterminado, assumem por meio de lei e costume um uso fixo para cada palavra. Assim, se o falante não dissimula indeterminações ocultas com a intenção de enganar, ou erra por inadvertência, torna-se compreensível para todos que sejam versados no assunto e na língua, e apenas ocorrem diferenças insignificantes no uso da língua. Mesmo assim, pode ocorrer algumas vezes uma dúvida, acerca de qual expressão de uma língua corresponde a da outra língua, que não pode ser resolvida imediatamente. Por isso, a tradução nesse domínio é quase um processo mecânico que qualquer um pode realizar com um conhecimento mediano de ambas as línguas, e, quando se evita abertamente o falso, ocorrem poucas diferenças entre o pior e o melhor. Porém, nas produções da arte e da ciência, quando se deve transplantá-las de uma língua para outra, há que se considerar duas coisas que alteram completamente a situação. A saber, se nas duas línguas cada palavra de uma correspondesse exatamente a uma palavra da outra, expressando os mesmos conceitos com as mesmas extensões; se suas flexões representassem as mesmas relações, e seus modos de articulação coincidissem, de tal modo que as línguas fossem diferentes apenas para o ouvido; então, também no domínio da arte e da ciência, toda tradução, na medida em que por ela deve-se comunicar o conhecimento do conteúdo de um discurso ou escrito, seria também puramente mecânica como na vida comercial; e se poderia dizer de toda tradução, com exceção dos efeitos do acento

wenn sie aus einer Sprache in die andere verpflanzt werden sollen, kommt zweierlei in Betracht, wodurch das Verhältniß ganz geändert wird. Wenn nämlich zwei Sprachen jedem Worte der einen ein Wort der andern genau entspräche, denselben Begriff in demselben Umfang ausdrückend; wenn ihre Beugungen dieselben Verhältnisse darstellten, und ihre Verbindungsweisen in einander aufgingen, so daß die Sprachen in der That nur für das Ohr verschieden wären: so würde dann auch auf dem Gebiete der Kunst und Wissenschaft alles Uebersetzen, sofern dadurch nur die Kenntniß des Inhalts einer Rede oder Schrift mitgetheilt werden soll, eben so rein mechanisch sein, wie auf dem des Geschäftslebens; und man würde, mit Ausnahme der Wirkungen welche Ton und Tonfall hervorbringen, von jeder Uebersetzung sagen können, daß der ausländische Leser dadurch zu dem Verfasser und seinem Werk in dasselbe Verhältniß gesetzt werde, wie der einheimische. Nun aber verhält es sich mit allen Sprachen, die nicht so nahe verwandt sind daß sie fast nur als verschiedene Mundarten können angesehen werden, gerade umgekehrt, und je weiter sie der Abstammung und der Zeit nach von einander entfernt sind, um desto mehr so, daß keinem einzigen Wort in einer Sprache eins in einer andern genau entspricht, keine Beugungsweise der einen genau dieselbe Mannigfaltigkeit von Verhältnißfällen zusammenfaßt, wie irgend eine in einer andern. Indem diese Irrationalität, daß ich mich so ausdrücke, durch alle Elemente zweier Sprachen hindurchgeht, muß sie freilich auch jenes Gebiet des bürgerlichen Verkehrs treffen. Allein es ist offenbar, daß sie hier weit weniger drückt, und so gut als keinen Einfluß hat. Alle Wörter, welche Gegenstände und Thätigkeiten ausdrücken, auf die es ankommen kann, sind gleichsam geächtet, und wenn ja leere übervorsichtige Spitzfindigkeit sich noch gegen eine mögliche ungleiche Geltung der Worte verwahren wollte, so gleicht die Sache selbst alles unmittelbar aus. Ganz anders auf jenem der Kunst und Wissenschaft zugehörigen Gebiet, und überall wo mehr der Gedanke herrscht, der mit der Rede Eins ist, nicht die Sache, als deren willkürliches vielleicht aber fest bestimmtes Zeichen das Wort nur dasteht. Denn wie unendlich schwer und verwickelt wird hier das Geschäft! welche genaue Kenntniß und welche Beherrschung beider Sprachen setzt es voraus! und wie oft, bei der gemeinschaftlichen Ueberzeugung daß ein gleichgeltender Ausdruck gar nicht zu finden sei, gehen die sachkundigsten und sprach-

e do ritmo, que o leitor estrangeiro estaria na mesma situação frente ao autor e sua obra que o nativo. Porém, com todas as línguas que não são tão próximas, que pudessem ser consideradas como simples dialetos, a situação é precisamente a oposta, e quanto mais



distantes estão uma da outra quanto à origem e ao tempo, tanto mais nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente a uma da outra, e nenhuma flexão de uma apanha exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra. Uma vez que esta irracionalidade, como eu a denomino, penetra em todos os elementos das duas línguas, ela deve afetar também o domínio das relações sociais. Mas, é claro que aí sua pressão é pequena e, assim, como que não tem nenhum

gelehrtesten bedeutend auseinander, wenn sie angeben wollen, welches denn nun der am nächsten kommende sei. Dies gilt eben so sehr von den lebendigen malerischen Ausdrücken dichterischer Werke, als von den abgezogensten, das innerste und allgemeinste der Dinge bezeichnenden der höchsten Wissenschaft.

Das zweite aber, wodurch das eigentliche Uebersetzen ein ganz anderes Geschäft wird als das bloße Dolmetschen, ist dieses. Ueberall, wo die Rede nicht ganz durch vor Augen liegende Gegenstände oder äußere Thatfachen gebunden ist, welche sie nur aussprechen soll, wo also der redende mehr oder minder selbstthätig denkt, also sich aussprechen will, steht der redende in einem zwiefachen Verhältniß zur Sprache, und seine Rede wird schon nur richtig verstanden, in wiefern dieses Verhältniß richtig aufgefaßt wird. Jeder Mensch ist auf der einen Seite in der Gewalt der Sprache, die er redet; er und sein ganzes Denken ist ein Erzeugniß derselben. Er kann nichts mit völliger Bestimmtheit denken, was außerhalb der Grenzen derselben läge; die Gestalt seiner Begriffe, die Art und die Grenzen ihrer Verknüpfbarkeit ist ihm vorgezeichnet durch die Sprache, in der er geboren und erzogen ist, Verstand und Fantasie sind durch sie gebunden. Auf der andern Seite aber bildet jeder freidenkende geistig selbstthätige Mensch auch seinerseits die Sprache. Denn wie anders als durch diese Einwirkungen wäre sie geworden und gewachsen von ihrem ersten rohen Zustande zu der vollkommneren Ausbildung in Wissenschaft und Kunst? In diesem Sinne also ist es die lebendige Kraft des einzelnen, welche in dem bildsamen Stoff der Sprache neue Formen hervorbringt, ursprünglich nur für den augenblicklichen Zweck ein vorübergehendes Bewußtsein mitzutheilen, von denen aber bald mehr bald minder in der Sprache zurückbleibt und von andern aufgenommen weiter bildend um sich greift. Ja man kann sagen, nur in dem Maaß einer so auf die Sprache wirkt, verdient er weiter als in seinem jedesmaligen unmittelbaren Bereich vernommen zu werden. Jede Rede verhält nothwendig bald, welche durch tausend Organe immer wieder eben so kann hervorgebracht werden; nur die kann und darf länger bleiben, welche einen neuen Moment im Leben der Sprache selbst bildet. Daher nun will jede freie und höhere Rede auf zwiefache Weise gefaßt sein, theils aus dem Geist der Sprache, aus deren Elementen sie zusammengesetzt ist, als eine durch diesen Geist gebundene und bedingte, aus ihm in dem redenden lebendig erzeugte Darstellung;

influxo. Todas as palavras que expressam objetos e atividades, sobre os quais importa, são igualmente calibradas e, se uma sutileza vazia e demasiado cautelosa quisesse ainda se precaver contra uma possível desigualdade do valor das palavras, a coisa mesma igualaria tudo imediatamente. Bem diferente é a situação no domínio da arte e da ciência, e onde quer que predomine o pensamento, que se identifica com o discurso, e não a coisa, para a qual a palavra apenas é um signo arbitrário, embora talvez firmemente estabelecido. Então, quão infinitamente difícil e complicado torna-se aí o trabalho, que conhecimento específico e que domínio pressupõe de ambas as línguas! E quantas vezes os mais entendidos no assunto e conhecedores da língua se opõem, convencidos de que é impossível encontrar uma expressão equivalente, quando eles querem dizer apenas qual é a mais aproximada. Isto vale tanto para as expressões vivas e pitorescas das obras poéticas quanto para as mais abstratas que designam o mais intrínseco e universal das coisas da ciência mais elevada.

O segundo ponto em que a tradução genuína difere inteiramente da simples interpretação é o seguinte. Em toda parte, onde o discurso não está inteiramente ligado a objetos visíveis ou fatos externos, os quais devem apenas ser proferidos, ou seja, onde o falante pensa mais ou menos espontaneamente, onde ele quer se expressar, o falante se encontra em dupla relação com a língua, e seu discurso agora apenas pode ser corretamente compreendido na medida em que esta relação seja corretamente apreendida. Por um lado, cada homem está sob o poder da língua que ele fala; ele e seu pensamento são um produto dela. Ele não pode pensar com total determinação nada que esteja fora dos limites da sua língua. A configuração de seus conceitos, o tipo e os limites de suas articulações estão previamente traçados para ele pela língua em que ele nasceu e foi educado; o entendimento e a fantasia estão ligados por ela. Por outro lado, porém, cada homem de livre pensar e espiritualmente espontâneo molda também a língua. Pois, como, senão por meio dessas influências, a língua teria se formado e crescido desde seu estado primitivo e rude até a formação completa na ciência e na arte? Nesse sentido, portanto, é a força viva do indivíduo que produz novas formas na matéria maleável da língua, originalmente apenas com o propósito momentâneo de

sie will auf der andern Seite gefaßt sein aus dem Gemüth des redenden als seine That, als nur aus seinem Wesen gerade so hervorgegangen und erklärbar. Ja, jegliche Rede dieser Art ist nur verstanden im höheren Sinne des Wortes, wenn diese beiden Beziehungen derselben zusammen und in ihrem wahren Verhältniß gegen einander aufgefaßt sind, so daß man weiß, welche von beiden im Ganzen oder in einzelnen Theilen vorherrscht. Man versteht die Rede auch als Handlung des redenden nur, wenn man zugleich fühlt, wo und wie die Gewalt der Sprache ihn ergriffen hat, wo an ihrer Leitung die Blize der Gedanken sich hingeschlängelt haben, wo und wie in ihren Formen die umherschweifende Fantasie ist festgehalten worden. Man versteht die Rede auch als Erzeugniß der Sprache und als Aeüßerung ihres Geistes nur, wenn, indem man z. B. fühlt, so konnte nur ein Hellene denken und reden, so konnte nur diese Sprache in einem menschlichen Geist wirken, man zugleich fühlt, so konnte nur dieser Mann hellenisch denken und reden, so konnte nur er die Sprache ergreifen und gestalten, so offenbart sich nur sein lebendiger Besiz des Sprachreichthums, nur ein reger Sinn für Maaß und Wohllaut, nur sein denkendes und bildendes Vermögen. Wenn nun das Verstehen auf diesem Gebiet selbst in der gleichen Sprache schon schwierig ist, und ein genaues und tiefes Eindringen in den Geist der Sprache und in die Eigenthümlichkeit des Schriftstellers in sich schließt; wie vielmehr nicht wird es eine hohe Kunst sein, wenn von den Erzeugnissen einer fremden und fernen Sprache die Rede ist! Wer denn freilich diese Kunst des Verstehens sich angeeignet hat, durch die eifrigsten Bemühungen um die Sprache, und durch genaue Kenntniß von dem ganzen geschichtlichen Leben des Volks, und durch die lebendigste Vergegenwärtigung einzelner Werke und ihrer Urheber, den freilich, aber auch nur d e n, kann es gelüsten von den Meisterwerken der Kunst und Wissenschaft das gleiche Verständniß auch seinen Volks- und Zeitgenossen zu eröffnen. Aber die Bedenklichkeiten müssen sich häufen, wenn er sich die Aufgabe näher rückt, wenn er seine Zweckke genauer bestimmen will und seine Mittel überschlägt. Soll er sich vorsezen, zwei Menschen, die so ganz von einander getrennt sind wie sein der Sprache des Schriftstellers unkundiger Sprachgenosse und der Schriftsteller selbst, diese in ein so unmittelbares Verhältniß zu bringen, wie das eines Schriftstellers und seines ursprünglichen Lesers ist? Oder wenn er auch seinen Lesern

compartilhar uma consciência transitória, das quais, porém, ora mais ora menos, algumas permanecem na língua e, recolhidas por outros, disseminam seu efeito formador. Pode-se dizer que alguém merece ser escutado, para além de seu domínio singular e imediato, apenas na medida em que influi assim em sua língua. Todo discurso que pode ser produzido por mil órgãos sempre do mesmo modo logo desaparece necessariamente. Somente pode e deve durar mais aquele que por si mesmo forma um novo momento na vida da língua. Por isso, todo discurso livre e superior quer ser compreendido de dois modos; por um lado, a partir do espírito da língua de cujos elementos ele é composto, como uma exposição amarrada e condicionada por este espírito, por este produzida e vivificada no falante; por outro lado, quer ser compreendido a partir do ânimo do falante como sua ação, como algo que apenas a partir de seu modo de ser poderia surgir assim e ser esclarecido. Sim, qualquer discurso desse tipo apenas é compreendido, no sentido mais forte da palavra, quando estas duas relações são ambas apreendidas e em sua verdadeira proporção recíproca, de tal modo que se sabe qual delas predomina no todo ou nas partes individuais. Compreende-se o discurso como ação do falante apenas quando, ao mesmo tempo, se percebe onde e como o poder da língua o capturou, onde o efeito desse poder enrodilhou os raios do pensamento, onde e como a errante fantasia ficou presa em suas formas. Também, compreende-se o discurso como produto da língua e como manifestação de seu espírito apenas quando, na medida em que, por exemplo, se sinta que assim apenas um grego poderia pensar e falar, que assim apenas esta língua poderia influir no espírito humano, e se sinta também que assim apenas este homem poderia pensar e falar em grego, que assim apenas ele poderia manejar e configurar a língua, que se revela assim apenas a sua posse viva da riqueza linguística, apenas um sentido regente da medida e da eufonia, apenas a sua capacidade de pensar e imaginar. Agora, se a compreensão nesse domínio já é difícil mesmo na mesma língua, e implica uma exata e profunda penetração no espírito da língua e na singularidade do escritor: como não seria muito mais uma arte superior quando se trata das produções em uma língua estranha e distante! Com certeza, então, quem adquiriu

nur dasselbe Verständniß eröffnen will und denselben Genuß, dessen er sich erfreut, dem nämlich die Spuren der Mühe aufgedrückt sind und das Gefühl des fremden beigemischt bleibt: wie kann er dieses schon, geschweige denn jenes, erreichen mit seinen Mitteln? Wenn seine Leser verstehen sollen, so müssen sie den Geist der Sprache auffassen, die dem Schriftsteller einheimisch war, sie müssen dessen eigenthümliche Denkweise und Sinnesart anschauen können; und um dies beides zu bewirken, kann er ihnen nichts darbieten als ihre eigene Sprache, die mit jener nirgends recht übereinstimmt, und als sich selbst, wie er seinen Schriftsteller bald mehr bald minder hell erkannt hat, und bald mehr bald minder ihn bewundert und billigt. Erscheint nicht das Uebersetzen, so betrachtet, als ein thörichtes Unternehmen? Daher hat man in der Verzweiflung dieses Ziel zu erreichen, oder, wenn man lieber will, ehe man dazu kommen konnte, sich dasselbe deutlich zu denken, nicht für den eigentlichen Kunst- und Sprachsinn, sondern für das geistige Bedürfniß auf der einen, für die geistige Kunst auf der andern Seite, zwei andere Arten erfunden, Bekanntschaft mit den Werken fremder Sprachen zu stiften, wobei man von jenen Schwierigkeiten einige gewaltsam hinwegräumt, andere klüglich umgeht, aber die hier aufgestellte Idee der Uebersetzung gänzlich aufgibt; dies sind die Paraphrase und die Nachbildung. Die Paraphrase will die Irrationalität der Sprachen bezwingen, aber nur auf mechanische Weise. Sie meint, finde ich auch nicht ein Wort in meiner Sprache, welches jenem in der Ursprache entspricht, so will ich doch dessen Werth durch Hinzufügung beschränkender und erweiternder Bestimmungen möglichst zu erreichen suchen. So arbeitet sie sich zwischen lästigem zu viel und quälendem zu wenig schwerfällig durch eine Anhäufung loser Einzelheiten hindurch. Sie kann auf diese Weise den Inhalt vielleicht mit einer beschränkten Genauigkeit wiedergeben, aber auf den Eindruck leistet sie gänzlich Verzicht; denn die lebendige Rede ist unwiederbringlich getödtet, indem jeder fühlt daß sie so nicht könne ursprünglich aus dem Gemüth eines Menschen gekommen sein. Der Paraphrast verfährt mit den Elementen beider Sprachen, als ob sie mathematische Zeichen wären, die sich durch Vermehrung und Verminderung auf gleichen Werth zurückführen ließen, und weder der verwandelten Sprache noch der Ursprache Geist kann in diesem Verfahren erscheinen. Wenn noch außerdem die Paraphrase psycho-

esta arte da compreensão por meio de esforços solícitos com a língua e por meio do conhecimento rigoroso da vida histórica completa do povo, e por meio da re-atualização vivíssima de cada obra e de seu autor, esse, com certeza, e também apenas esse, pode desejar abrir ao seu povo e contemporâneos a mesma compreensão das obras primas da arte e da ciência.

Porém, a cautela deve aumentar quando ele quiser iniciar a tarefa, quando ele quiser determinar com exatidão os seus fins e considerar os seus meios. Deveria ele se propor a estabelecer, entre dois homens tão separados um do outro como são os que falam a sua própria língua e desconhecem a do escritor original, e o escritor mesmo, uma relação tão imediata como aquela do escritor e seu leitor original? Ou, ainda que ele queira oferecer aos seus leitores apenas o mesmo entendimento e o mesmo prazer que ele experimenta, que são a mescla da mostra dos vestígios do esforço e do sentimento do estranho: como ele pode mostrar este e esconder aquele com os meios de que dispõe? Para que os seus leitores compreendam eles devem apreender o espírito da língua na qual o autor era natural, eles têm que poder intuir a sua maneira singular de pensar e de sentir; e para alcançar estas duas coisas, ele não pode senão oferecer a sua própria língua, que nunca coincide adequadamente com aquela, e a si mesmo, enquanto conhece o seu escritor mais ou menos claramente, e admira e aprova mais ou menos. A tradução não aparece, assim considerada, como um empreendimento insensato?

Por isso, no desespero de alcançar este fim, ou, se for preferível, antes que isso fosse percebido claramente, inventaram-se, não pelo singular sentido da arte e da língua, mas pela necessidade espiritual de um lado e, por outro, pela habilidade mental, duas outras maneiras de estabelecer conhecimento com as obras de línguas estrangeiras, em que algumas daquelas dificuldades são suprimidas violentamente, outras resolvidas inteligentemente, mas abandonando inteiramente a ideia de tradução aqui proposta; estas duas maneiras são a paráfrase e a imitação.

A paráfrase quer dominar a irracionalidade da língua, mas apenas de um modo mecânico. Ela significa que mesmo que eu não encontre uma palavra que corresponda a uma da língua

logisch die Spuren der Verbindung der Gedanken, wo sie undeutlich sind und sich verlieren wollen, durch Zwischensätze, welche sie als Merkpfähle einschlägt, zu bezeichnen sucht: so strebt sie zugleich bei schwierigen Compositionen die Stelle eines Commentars zu vertreten, und will noch weniger auf den Begriff der Uebersetzung zurückgeführt sein. Die Nachbildung dagegen beugt sich unter der Irrationalität der Sprachen; sie gesteht, man könne von einem Kunstwerk der Rede kein Abbild in einer andern Sprache hervorbringen, das in seinen einzelnen Theilen den einzelnen Theilen des Urbildes genau entspreche, sondern es bleibe bei der Verschiedenheit der Sprachen, mit welcher so viele andere Verschiedenheiten wesentlich zusammenhängen, nichts anders übrig, als ein Nachbild auszuarbeiten, ein Ganzes, aus merklich von den Theilen des Urbildes verschiedenen Theilen zusammengesetzt, welches dennoch in seiner Wirkung jenem Ganzen so nahe komme, als die Verschiedenheit des Materials nur immer gestatte. Ein solches Nachbild ist nun nicht mehr jenes Werk selbst, es soll darin auch keineswegs der Geist der Ursprache dargestellt werden und wirksam sein, vielmehr wird eben dem fremdartigen, was dieser hervorgebracht hat, manches andere untergelegt; sondern es soll nur ein Werk dieser Art, mit Berücksichtigung der Verschiedenheit der Sprache, der Sitten, der Bildungsweise, für seine Leser soviel möglich dasselbe sein, was das Urbild seinen ursprünglichen Lesern leistete; indem die Einerleiheit des Eindrucks gerettet werden soll, giebt man die Identität des Werkes auf. Der Nachbildner will also die beiden, den Schriftsteller und den Leser des Nachbildes, gar nicht zusammenbringen, weil er kein unmittelbares Verhältnis unter ihnen möglich hält, sondern er will nur dem letzten einen ähnlichen Eindruck machen, wie des Urbildes Sprach- und Zeitgenossen von diesem empfinden. Die Paraphrase wird mehr angewendet auf dem Gebiet der Wissenschaften, die Nachbildung mehr auf dem der schönen Kunst; und wie jedermann gesteht daß ein Kunstwerk durch Paraphrasiren seinen Ton, seinen Glanz, seinen ganzen Kunstgehalt verliert, so hat wol noch niemand die Thorheit unternommen, von einem wissenschaftlichen Meisterwerk eine den Inhalt frei behandelnde Nachbildung geben zu wollen. Beide Verfahrensarten aber können demjenigen nicht genügen, welcher, von dem Werth eines fremden Meisterwerkes durchdrungen, den Wirkungskreis desselben über seine Sprach-

original, eu devo buscar me aproximar o mais possível de seu valor por meio do acréscimo de determinações delimitadoras e ampliadoras. Desse modo, ela trabalha entre o muito inoportuno e o pouco penoso por meio de uma acumulação de detalhes soltos. Ela pode, talvez, repor desse modo o conteúdo com uma acuidade limitada, mas perde inteiramente a impressão; pois, o discurso vivo está irrecuperavelmente morto, na medida em que todos percebem que tal discurso não poderia originalmente provir assim de um espírito humano. O parafraseador opera com os elementos de ambas as línguas, como se eles fossem símbolos matemáticos que, por adição e subtração, poderiam reduzir-se a um valor igual e, com essa operação, nem o espírito da língua usada nem o da língua original pode se manifestar. Se, além disso, a paráfrase pretenda indicar psicologicamente os vestígios das ligações do pensamento, ali onde elas são obscuras e deixam-se perder, através da incisão de frases: então, ela aspira ao mesmo tempo, quando se trata de composições difíceis, ocupar o lugar do comentário, e quer ainda menos se adequar ao conceito de tradução.

A imitação, ao contrário, curva-se diante da irracionalidade das línguas; confessa que não se pode reproduzir em outra língua a imagem de uma obra de arte do discurso em que cada uma de suas partes corresponda exatamente a cada uma das partes do original, mas, que devido à diferença das línguas, a que estão ligadas tantas outras diferenças, não resta senão elaborar uma cópia, um todo composto de partes visivelmente diferentes das partes do original, mas que no efeito se aproxime do outro, tanto quanto a diferença de material permita. Uma tal imitação não é mais aquela obra mesma, por isso também o espírito da língua original não mais é exposto e atuante; mais ainda, a novidade que ela produziu é substituída por outra coisa; uma obra desse tipo apenas deve produzir o mais possível para seus leitores, levando-se em conta a diferença da língua, dos costumes e da cultura, o mesmo que a original para os seus leitores; ao querer salvar a igualdade da impressão, perde-se a identidade da obra. O imitador também não pretende por em contato o escritor e o leitor da imitação, porque ele não mantém nenhuma relação imediata entre eles, mas apenas pretende produzir no último uma impressão semelhante, como aquela recebida da obra original pelos seus contemporâneos.

genossen verbreiten will, und welchem der strengere Begriff der Uebersetzung vorschwebt. Beide können daher auch wegen ihrer Abweichung von diesem Begriff hier nicht näher beurtheilt werden; nur als Grenzzeichen für das Gebiet, mit welchem wir es eigentlich zu thun haben, stehen sie hier.

Aber nun der eigentliche Uebersetzer, der diese beiden ganz getrennten Personen, seinen Schriftsteller und seinen Leser, wirklich einander zuführen, und dem letzten, ohne ihn jedoch aus dem Kreise seiner Muttersprache heraus zu nöthigen, zu einem möglichst richtigen und vollständigen Verständniß und Genuß des ersten verhelfen will, was für Wege kann er hiezu einschlagen? Meines Erachtens giebt es deren nur zwei. Entweder der Uebersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen; oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen. Beide sind so gänzlich von einander verschieden, daß durchaus einer von beiden so streng als möglich muß verfolgt werden, aus jeder Vermischung aber ein höchst unzuverlässiges Resultat nothwendig hervorgeht, und zu besorgen ist daß Schriftsteller und Leser sich gänzlich verfehlen. Der Unterschied zwischen beiden Methoden, und daß dieses ihr Verhältnis gegen einander sei, muß unmittelbar einleuchten. Im ersten Falle nämlich ist der Uebersetzer bemüht, durch seine Arbeit dem Leser das Verstehen der Ursprache, das ihm fehlt, zu ersetzen. Das nämliche Bild, den nämlichen Eindruck, welchen er selbst durch die Kenntniß der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, sucht er den Lesern mitzutheilen, und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen. Wenn aber die Uebersetzung ihren römischen Autor zum Beispiel reden lassen will wie er als Deutscher zu Deutschen würde geredet und geschrieben haben: so bewegt sie den Autor nicht etwa nur eben so bis an die Stelle des Uebersetzers, denn auch dem redet er nicht deutsch, sondern römisch, vielmehr rückt sie ihn unmittelbar in die Welt der deutschen Leser hinein, und verwandelt ihn in ihres gleichen; und dieses eben ist der andere Fall. Die erste Uebersetzung wird vollkommen sein in ihrer Art, wenn man sagen kann, hätte der Autor eben so gut deutsch gelernt, wie der Uebersetzer römisch, so würde er sein ursprünglich römisch abgefaßtes Werk nicht anders übersetzt haben, als der Uebersetzer wirklich gethan. Die andere aber, indem sie den Verfasser nicht zeigt, wie er selbst würde übersetzt, sondern wie er ursprünglich

A paráfrase é mais utilizada no domínio das ciências; a imitação mais no das belas artes; e assim como todos admitem que uma obra de arte perde seu tom, seu brilho e todo seu conteúdo artístico quando parafraseada, também é certo que ninguém ainda cometeu a loucura de tentar uma imitação da uma obra-mestra da ciência tratando livremente seu conteúdo. Nenhum desses dois procedimentos pode satisfazer aquele que, compenetrado com o valor de uma obra-mestra, queira estender seu círculo de atuação aos que falam sua língua e que pense no conceito rigoroso de tradução. Ambos, pelo seu afastamento deste conceito, não podem ser aqui considerados mais de perto; estão aqui apenas como marcos delimitadores para o domínio que propriamente nos interessa.

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. A diferença entre ambos os métodos, onde reside a sua relação mútua, será mostrada a seguir. Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual carece o leitor. A mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento da língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores, movendo-os, por conseguinte, até o lugar que ele ocupa e que propriamente lhe é estranho. Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como, se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois, tampouco para este o autor fala em alemão, senão latim; antes coloca-o

als Deutscher deutsch würde geschrieben haben, hat wol schwerlich einen andern Maaßstab der Vollendung, als wenn man versichern könnte, wenn die deutschen Leser insgesamt sich in Kenner und Zeitgenossen des Verfassers verwandeln ließen, so würde ihnen das Werk selbst ganz dasselbe geworden sein, was ihnen jezt, da der Verfasser sich in einen Deutschen verwandelt hat, die Uebersetzung ist. Diese Methode haben offenbar alle diejenigen im Auge, welche sich der Formel bedienen, man solle einen Autor so übersezen, wie er selbst würde deutsch geschrieben haben. Aus dieser Gegeneinanderstellung erhellt wol unmittelbar, wie verschieden das Verfahren im einzelnen überall sein muß, und wie, wenn man in derselben Arbeit mit den Methoden wechseln wollte, alles unverständlich und ungedeihlich gerathen würde. Allein ich möchte auch weiter behaupten, daß es außer diesen beiden Methoden keine dritte geben könne, der ein bestimmtes Ziel vorschwebe. Es sind nämlich nicht mehr Verfahrensarten möglich. Die beiden getrennten Partheien müssen entweder an einem mittleren Punkt zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzers sein, oder die eine muß sich ganz zur andern verfügen, und hiervon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Fall die deutschen Leser sich ganz der römischen Sprache, oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte. Was man also sonst noch sagt von Uebersetzungen nach dem Buchstaben und nach dem Sinn, von treuen und freien, und was für Ausdrücke sich außerdem mögen geltend gemacht haben, wenn auch dies verschiedene Methoden sein sollen, müssen sie sich auf jene beiden zurückführen lassen; sollen aber Fehler und Tugenden dadurch bezeichnet werden, so wird das treue und das sinnige, oder das zu buchstäbliche und zu freie der einen Methode ein anderes sein als das der andern. Meine Absicht ist daher, mit Beiseitsetzung aller einzelnen über diesen Gegenstand unter den Kunstverständigen schon verhandelten Fragen, nur die allgemeinsten Züge jener beiden Methoden zu betrachten, um die Einsicht vorzubereiten, worin die eigenthümlichen Vorzüge und Schwierigkeiten einer jeden bestehen, von welcher Seite daher jede am meisten den Zwekk des Uebersetzens erreicht, und welches die Grenzen der Anwendbarkeit einer jeden sind. Von einer solchen allgemeinen Uebersicht aus bliebe dann zweierlei zu thun, wozu diese Abhandlung nur die Einleitung ist. Man könnte für jede

diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso. A primeira tradução será perfeita em seu gênero quando se pode dizer que, em havendo o autor aprendido alemão tão bem como o tradutor latim, ele teria traduzido a sua obra, originalmente redigida em latim, tal como realmente o fez o tradutor. A outra, por sua vez, ao não mostrar o autor ele mesmo como ele teria traduzido, mas sim como ele teria escrito originalmente em alemão e, enquanto alemão, dificilmente poderia ter outro critério de perfeição que não fosse o de poder assegurar que, se os leitores alemães em conjunto se deixassem transformar em conhecedores e contemporâneos do autor, a obra mesma teria chegado a ser para eles exatamente o mesmo que é agora a tradução, ao haver-se transformado o autor em alemão. Seguem este método, evidentemente, quantos utilizam a fórmula de que se deve traduzir um autor como ele mesmo haveria escrito em alemão.

Esta confrontação expõe, sem dúvida, quão diferente tem que ser o procedimento em cada caso, e como, se no mesmo trabalho se quisesse alternar os métodos, tudo resultaria incompreensível e inadequado. Porém, desejo afirmar também que, fora destes dois métodos, não pode haver outro que se proponha um fim determinado. Acontece que não há mais procedimentos possíveis. As duas partes separadas ou bem tem que ir encontrar-se em um ponto médio, e este sempre será o do tradutor, ou bem uma tem que se adaptar inteiramente à outra e, então, cai no domínio da tradução um único gênero e do outro apenas apareceria se, em nosso caso, os leitores alemães chegassem a dominar de todo a língua latina ou, mais precisamente, se esta chegasse a se apoderar deles por completo até os transformar.

Assim, pois, tudo o que se disse sobre traduções segundo a letra ou segundo o espírito, traduções fiéis ou traduções livres, e tantas outras expressões que pudessem alegar o direito de vigência, ainda que se trate de métodos diversos, têm que poder reduzir-se aos dois mencionados. E se o que se quer é mostrar vícios e virtudes, resultará que a fidelidade e a conformidade ao sentido, ou a literalidade e a liberdade excessivas de um método, serão diferentes das do outro. Minha intenção é, por conseguinte,

der beiden Methoden, mit Bezugnahme auf die verschiedenen Gattungen der Rede, eine Anweisung entwerfen, und man könnte die ausgezeichnetsten Versuche, welche nach beiden Ansichten gemacht worden sind, vergleichen, beurtheilen, und dadurch die Sache noch mehr erläutern. Beides muß ich anderen oder wenigstens einer anderen Gelegenheit überlassen.

Diejenige Methode, welche danach strebt, dem Leser durch die Uebersetzung den Eindruck zu geben, den er als Deutscher aus der Lesung des Werkes in der Ursprache empfangen würde, muß freilich erst bestimmen, was für ein Verstehen der Ursprache sie gleichsam nachahmen will. Denn es giebt eines, welches sie nicht nachahmen darf, und eines welches sie nicht nachahmen kann. Jenes ist ein schülerhaftes Verstehen, das sich noch mühsam und fast ekelhaft durch das einzelne hindurchstümpert, und deshalb noch nirgend zu einem klaren Ueberschauen des Ganzen, zu einem lebendigen Festhalten des Zusammenhanges gedeiht. So lange der gebildete Theil eines Volkes im Ganzen noch keine Erfahrung hat von einem innigeren Eindringen in fremde Sprachen: so mögen auch diejenigen, die weiter gekommen sind, durch ihren guten Genius bewahrt bleiben, nicht Uebersetzungen dieser Art zu unternehmen. Denn wollten sie ihr eigenes Verstehen zum Maaßstab nehmen, so würden sie selbst wenig verstanden werden und wenig ausrichten; sollte aber ihre Uebersetzung das gewöhnliche Verstehen darstellen, so könnte das holperige Werk nicht zeitig genug von der Bühne heruntergepocht werden. In einem solchen Zeitraume mögen also erst freie Nachbildungen die Lust am Fremden wekken und schärfen, und Paraphrasen ein allgemeineres Verstehen vorbereiten, um so künftigen Uebersetzungen Bahn zu machen¹. Ein anderes Verstehen aber giebt es, welches kein Uebersetzer nachzubilden vermag. Denken wir uns nämlich solche wunderbare Männer, wie sie die Natur bisweilen hervorzubringen pflegt, gleichsam um zu zeigen daß sie auch die Schranken der Volksthümlichkeit in einzelnen Fällen vernichten kann, Männer die solche eigenthümliche Verwandtschaft fühlen zu einem fremden Dasein, daß sie sich in eine fremde Sprache und deren Erzeugnisse ganz hinein leben und denken, und indem sie sich ganz mit einer ausländischen Welt beschäftigen, sich die heimische Welt und heimische Sprache ganz fremd werden lassen, oder auch solche Männer, die gleichsam das Vermögen der Sprache in seinem ganzen Umfang darzustellen bestimmt sind, und

prescindir de todas as questões particulares acerca deste objeto, já tratadas pelos especialistas, e considerar apenas os traços mais gerais desses métodos para que se possa ver mais facilmente em que consistem as vantagens e as dificuldades de cada um deles e, portanto, em que sentido alcança melhor um e outro o fim da tradução e quais são os limites dentro dos quais podem aplicar-se cada um deles.

Desde um ponto de vista tão geral, haveria que se empreender duas tarefas, das quais este ensaio constitui somente a introdução. Poderíamos esboçar regras para cada um dos dois métodos, levando-se em conta os diversos gêneros de discurso e poderíamos comparar os mais destacados esforços feitos de acordo com uma ou outra opinião, julgá-los, e assim esclarecer mais ainda o tema. Ambas as coisas eu tenho que deixar para outros ou, ao menos, para outra ocasião.

O método que aspira produzir no leitor, mediante a tradução, a mesma impressão que, como alemão, ele teria da leitura da obra na língua original, tem que determinar antes de tudo que classe de compreensão da língua original deseja de certo modo imitar. Pois, há uma que não deve e outra que não pode ser imitada pela tradução. A primeira é uma compreensão escolar que se abre, mas com esforço e quase com repugnância, por meio de cada frase e por isso nunca chega à clara visão do todo, à compreensão viva do conjunto. Enquanto a parte culta de um povo ainda não tenha, em geral, nenhuma experiência de uma penetração mais profunda em línguas estrangeiras, oxalá o gênio guia dos que avançaram mais os livre de empreender tais traduções. Pois, se pretendessem erigir como regra a sua própria compreensão, eles mesmos seriam mal entendidos e conseguiriam pouco; e se sua tradução tivesse que representar a compreensão corrente, deveria-se relegar o quanto antes ao esquecimento uma obra tão tosca. Assim, pois, em tais circunstâncias, convém primeiro despertar e afinar o gosto pelo estrangeiro mediante imitações livres e preparar com paráfrases uma compreensão mais geral, preparando assim o caminho para futuras traduções¹.

Porém, há outra compreensão que nenhum tradutor pode imitar. Pensemos nesses homens admiráveis que a natureza produz

denen alle Sprachen, die sie irgend erreichen können, völlig gleich gelten, und sie wie angegossen kleiden: diese stehen auf einem Punkt, wo der Werth des Uebersetzens Null wird; denn da bei ihrem Auffassen fremder Werke auch nicht der mindeste Einfluß der Muttersprache mehr statt findet, und sie sich ihres Verstehens auf keine Weise in der Muttersprache, sondern ganz heimisch in der Ursprache selbst unmittelbar bewußt werden, auch gar keine Incommensurabilität fühlen zwischen ihrem Denken und der Sprache worin sie lesen: so kann auch keine Uebersetzung ihr Verstehen erreichen oder darstellen. Und wie es hieße Wasser ins Meer gießen oder gar in den Wein, wenn man für sie übersetzen wollte: so pflegen auch sie von ihrer Höhe herab nicht mit Unrecht gar mitleidig zu lächeln über die Versuche, die auf diesem Gebiet gemacht werden. Denn freilich, wenn das Publikum, für welches übersetzt wird, ihnen gleich wäre, so bedürfte es dieser Mühe nicht. Das Uebersetzen bezieht sich also auf einen Zustand, der zwischen diesen beiden mitten inne liegt, und der Uebersetzer muß also sich zum Ziel stellen, seinem Leser ein solches Bild und einen solchen Genuß zu verschaffen, wie das Lesen des Werkes in der Ursprache dem so gebildeten Manne gewährt, den wir im besseren Sinne des Worts den Liebhaber und Kenner zu nennen pflegen, dem die fremde Sprache geläufig ist, aber doch immer fremde bleibt, der nicht mehr wie die Schüler sich erst das einzelne wieder in der Muttersprache denken muß, ehe er das Ganze fassen kann, der aber doch auch da wo er am ungestörtesten sich der Schönheiten eines Werkes erfreut, sich immer der Verschiedenheit der Sprache von seiner Muttersprache bewußt bleibt. Allerdings bleibt uns der Wirkungskreis und die Bestimmung dieser Art zu übersetzen auch nach der Feststellung dieser Punkte noch schwankend genug. Nur das sehen wir, daß, wie die Neigung zum Uebersetzen erst entstehen kann, wenn eine gewisse Fähigkeit zum Verkehr mit fremden Sprachen unter dem gebildeten Volkstheile verbreitet ist, so auch die Kunst erst wachsen und das Ziel immer höher gesteckt werden wird, je mehr Liebhaberei und Kennerschaft fremder Geisteswerke unter denen im Volke sich verbreitet und erhöht, welche ihr Ohr geübt und gebildet haben, ohne doch Sprachkunde zu ihrem eigentlichen Geschäft zu machen. Aber das können wir uns zugleich nicht verhehlen, daß, je empfänglichere Leser da sind für solche Uebersetzungen, um desto höher auch die Schwierigkeiten des Unternehmens sich thürmen,

às vezes, como que para mostrar que também pode destruir em casos isolados as barreiras do nacional; homens que sentem tão singular afinidade com uma existência estranha que se situam inteiramente, vital e ideologicamente, dentro de outra língua e de suas produções e, ao entregarem-se por completo ao estudo de um mundo estrangeiro, deixam que se tornem de todo estranhos seu próprio mundo e sua própria língua; ou bem esses homens estão como que destinados a representar em toda a sua amplitude a capacidade linguística, para quem todas as línguas que pode alcançar são de todo equivalentes e as percebem como feitas a sua medida: estes homens se situam em um ponto em que o valor da tradução se reduz a zero. Com efeito, como em sua compreensão de obras estrangeiras já não se dá o menor influxo da língua materna e a consciência de sua compreensão não lhes chega de nenhum modo nesta língua, senão que a adquirem direta e espontaneamente na do original, tampouco sentem a menor incomensurabilidade entre seu pensamento e a língua em que lêem. Por isso, nenhuma tradução pode alcançar nem expor a compreensão que eles obtêm. E, do mesmo modo que traduzir, para eles, seria verter água no mar ou no vinho, assim também costumam eles, desde sua altura, sorrir compassivamente, e não sem razão, ao ver as tentativas que se fazem neste domínio. Pois, na verdade, se o público para o qual se traduz fosse igual a eles, seria inútil tal esforço.

A tradução se ordena, pois, a um estado que se acha a meio caminho entre estes dois e o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra na língua original busca o homem culto, a quem, no melhor sentido dessas palavras, costumamos chamar aficionado e entendido, que conhece suficientemente a língua estrangeira sem que deixe de lhe parecer estranha e já não necessita, como os alunos, repensar na língua materna cada parte antes de compreender o todo, mas, inclusive quando mais sem travas desfruta das belezas de uma obra, siga notando sempre a diferença entre a língua em que está escrita e a sua língua materna. Certo é que, ainda depois de fixar estes pontos, o círculo de ação e a delimitação desta maneira de traduzir seguem nos parecendo bastante imprecisos. O único que vemos é que,

zumal wenn man auf die eigenthümlichsten Erzeugnisse der Kunst und Wissenschaft eines Volkes sieht, welche doch die wichtigsten Gegenstände für den Uebersetzer sind. Nämlich, wie die Sprache ein geschichtliches Ding ist, so giebt es auch keinen rechten Sinn für sie, ohne Sinn für ihre Geschichte. Sprachen werden nicht erfunden, und auch alles rein willkührliche Arbeiten an ihnen und in ihnen ist Thorheit; aber sie werden allmählig entdeckt, und Wissenschaft und Kunst sind die Kräfte, durch welche diese Entdeckung gefördert und vollendet wird. Jeder ausgezeichnete Geist, in welchem sich unter einer von beiden Formen ein Theil von den Anschauungen des Volks eigenthümlich gestaltet, arbeitet und wirkt hiezu in der Sprache, und seine Werke müssen also auch einen Theil ihrer Geschichte enthalten. Dieses verursacht dem Uebersetzer wissenschaftlicher Werke große ja oft unüberwindliche Schwierigkeiten; denn wer mit hinreichenden Kenntnissen ausgerüstet ein ausgezeichnetes Werk dieser Art in der Ursprache liest, dem wird der Einfluß desselben auf die Sprache nicht leicht entgehen. Er merkt, welche Wörter, welche Verbindungen ihm dort noch in dem ersten Glanz der Neuheit erscheinen; er sieht wie sie durch das besondere Bedürfniß dieses Geistes und durch seine bezeichnende Kraft sich in die Sprache einschleichen; und diese Bemerkung bestimmt sehr wesentlich den Eindruck, den er empfängt. Es liegt also in der Aufgabe der Uebersetzung, eben dieses auch auf ihren Leser fortzupflanzen; sonst geht ihm ein oft sehr bedeutender Theil dessen, was ihm zugedacht ist, verloren. Aber wie ist dieses zu erreichen? Schon im einzelnen, wie oft wird einem neuen Worte der Urschrift gerade ein altes und verbrauchtes in unserer Sprache am besten entsprechen, so daß der Uebersetzer, wenn er auch da das sprachbildende des Werks zeigen wollte, einen fremden Inhalt an die Stelle setzen und also in das Gebiet der Nachbildung ausweichen müßte! Wie oft, wenn er auch neues durch neues wiedergeben kann, wird doch das der Zusammensetzung und Abstammung nach ähnlichste Wort nicht den Sinn am treuesten wiedergeben, und er also doch andere Anklänge aufregen müssen, wenn er den unmittelbaren Zusammenhang nicht verletzen will! Er wird sich damit trösten müssen, daß er an andern Stellen, wo der Verfasser alte und bekannte Wörter gebraucht hat, das versäumte nachholen kann, und also im Ganzen doch erreicht, was er nicht in jedem einzelnen Falle zu erreichen vermag. Sieht man aber auf die Wortbildung eines Meisters

assim como a inclinação a traduzir somente pode nascer quando entre a parte culta do povo se há difundido certa capacidade de trato com línguas estrangeiras, assim também a arte somente pode crescer e apontar cada vez mais alto, à medida que o interesse e o conhecimento de obras estrangeiras se estenda e se eleve entre aquela parte do povo que exercitou e educou seu ouvido sem fazer da aprendizagem de línguas seu verdadeiro ofício. Mas, ao mesmo tempo, não podemos ocultar que, quanto mais sensíveis sejam os leitores a tais traduções, tanto mais se acumulam também as dificuldades da tarefa, sobretudo se se leva em conta os produtos mais peculiares das artes e das ciências de um povo, que certamente são para o tradutor os objetos mais importantes. E, sendo a língua um ente histórico, não pode haver autêntica sensibilidade para ela sem sensibilidade para a sua história. As línguas não se inventam, e trabalhar nelas ou sobre elas de modo puramente arbitrário é sempre um disparate; as línguas se descobrem pouco a pouco, e a ciência e a arte são as forças que promovem e completam este descobrimento. Todo espírito raro, em que uma parte das intuições do povo se configura de modo peculiar em uma de ambas as formas, trabalha e atua dentro da língua em tal sentido e, também, suas obras têm que conter, por conseguinte, uma parte da história de sua língua.

Isto causa ao tradutor de obras científicas grandes dificuldades, inclusive com frequência insuperáveis; pois, para quem, provido de conhecimentos suficientes, lê na língua original uma excelente obra deste tipo, não escapa facilmente o influxo exercido por ela sobre a língua. Observa que palavras, que construções se mostram ali talvez em seu primeiro brilho de novidade; vê como se deslocam na língua através das exigências próprias deste espírito e da força que o caracteriza, e esta observação determina em grande medida a impressão que recebe. O tradutor deve, pois, transmitir também isto a seus leitores; do contrário, perderiam eles uma parte, seguidamente muito importante, do que lhes está destinado. Mas, como se pode conseguir isto? Já no particular, quantas vezes a uma palavra nova da língua original corresponde na nossa precisamente uma palavra velha e gasta, de modo que o tradutor, se quer mostrar também então como atua a obra original modelando

in ihrem ganzen Zusammenhang, auf seinen Gebrauch verwandter Wörter und Wortstämme in ganzen Massen sich auf einander beziehender Schriften: wie will der Uebersetzer sich hier glücklich durchfinden, da das System der Begriffe und ihrer Zeichen in seiner Sprache ein ganz anderes ist, als in der Ursprache, und die Wortstämme, anstatt sich gleichlaufend zu decken, vielmehr einander in den wunderlichsten Richtungen durchschneiden. Unmöglich kann daher der Sprachgebrauch des Uebersetzers überall eben so zusammenhängen, wie der seines Schriftstellers. Hier also wird er zufrieden sein müssen, im einzelnen zu erreichen, was er im ganzen nicht erreichen kann. Er wird sich bei seinen Lesern bedingen, daß sie nicht eben so streng wie die ursprünglichen bei einer Schrift an die andern denken, sondern jede mehr für sich betrachten, ja daß sie ihn noch loben sollen, wenn er innerhalb einzelner Schriften, ja oft auch nur einzelner Theile derselben eine solche Gleichförmigkeit in Absicht der wichtigeren Gegenstände zu erhalten weiß, daß nicht Ein Wort eine Menge ganz verschiedener Stellvertreter bekommt, oder in der Uebersetzung eine bunte Verschiedenheit herrscht, wo in der Ursprache eine feste Verwandtschaft des Ausdrucks durchgehe. Diese Schwierigkeiten zeigen sich am meisten auf dem Gebiet der Wissenschaft; andere giebt es, und nicht geringere, auf dem Gebiet der Poesie und auch der kunstreicheren Prosa, für welche ebenfalls das musikalische Element der Sprache, das sich in Rhythmus und Tonwechsel offenbart, eine ausgezeichnete und höhere Bedeutung hat. Jeder fühlt es, daß der feinste Geist, der höchste Zauber der Kunst in ihren vollendetsten Erzeugnissen verloren geht, wenn dieses unbeachtet bleibt oder zerstört wird. Was also dem sinnigen Leser der Urschrift in dieser Hinsicht auffällt als eigenthümlich, als absichtlich, als wirksam auf Ton und Stimmung des Gemüthes, als entscheidend für die mimische oder musikalische Begleitung der Rede, das soll auch unser Uebersetzer mit übertragen. Aber wie oft, ja es ist schon fast ein Wunder, wenn man nicht sagen muß immer, werden nicht die rhythmische und melodische Treue und die dialektische und grammatische in unversöhnlichem Streit gegen einander liegen! Wie schwer, daß nicht im Hin- und Herschwanken welches hier welches dort solle aufgeopfert werden, oft gerade das unrechte herauskomme! Wie schwer selbst daß der Uebersetzer unparteiisch, was er jedem hier hat entziehen müssen, ihm, wo die Gelegenheit es mit sich bringt, auch wirklich

a língua, teria que colocar na passagem um conteúdo estranho e, portanto, passar ao terreno da imitação! Quantas vezes, ainda que possa reproduzir o novo com o novo, resultará que a palavra mais semelhante por sua composição e procedência não é a que melhor reproduz o sentido, e terá que suscitar outras conotações, se não quer destruir a coerência imediata! Terá que se consolar pensando que em outras passagens, em que o autor usou palavras velhas e conhecidas, pode se distanciar, alcançando assim no conjunto o que não pode conseguir em cada caso. Mas, se a formação de palavras de um mestre é seguida em sua totalidade, ao uso que faz de vocábulos e radicais afins, em grandes volumes de escritos relacionados entre si, como quer o tradutor ter êxito ali, quando o sistema de conceitos e de signos é em sua língua totalmente diverso dos da língua original, e os radicais, em vez de cobrirem-se paralelamente, antes se entrecruzam em direções as mais diversas? Por isso, será impossível que a língua do tradutor tenha sempre a mesma coerência que a de seu autor. Aqui, por conseguinte, terá que se contentar com alcançar em casos isolados o que não pode alcançar em conjunto. Terá que estipular com seus leitores que, ao ler uma obra, não pensem nas outras com igual rigor que os leitores originais, senão que antes as considerem em separado; mais ainda, que inclusive devem o elogiar quando, dentro de cada obra, e, muitas vezes, ainda que apenas seja em partes da mesma, consegue manter para os temas de maior importância tal uniformidade que uma palavra não receba uma multiplicidade de suplentes totalmente diferentes, nem reine na tradução uma variedade confusa quando a língua original conserva na expressão uma afinidade firme e constante.

Estas dificuldades se apresentam sobretudo no domínio da ciência. Há outras, e não menores, no da poesia e também no da prosa artística, para a qual tem também especial e superior importância o elemento musical da língua que se manifesta no ritmo e na entonação. Todo o mundo nota que no espírito mais fino, o encanto supremo da arte em suas obras mais acabadas, se perde se aquele elemento musical é descuidado ou destruído. Por conseguinte, o que ao leitor sensível da obra original impressiona neste aspecto como característico, intencionado e eficaz quanto ao

erseeze, und nicht, wenn gleich unwissentlich, in eine beharrliche Einseitigkeit gerathe, weil seine Neigung dem einen Kunstelement vor dem andern gewidmet ist! Denn liebt er in den Kunstwerken mehr den ethischen Stoff und seine Behandlung: so wird er minder merken, wo er dem metrischen und musikalischen der Form unrecht gethan, und sich, statt auf Ersatz zu denken, mit einer immer mehr ins leichte und gleichsam paraphrastische hineinspielenden Uebertragung derselben begnügen. Trifft es sich aber, daß der Uebersetzer ein Musiker ist oder Metriker, so wird er das logische Element hintansezen, um sich nur des musikalischen ganz zu bemächtigen; und indem er sich in dieser Einseitigkeit immer tiefer verstrickt, wird er je länger je unerfreulicher arbeiten, und wenn man seine Uebertragung im großen mit der Urschrift vergleicht, wird man finden, daß er, ohne es zu bemerken, jener schülerhaften Dürftigkeit immer näher kommt, der über dem einzelnen das ganze verloren geht; denn wenn der materiellen Aehnlichkeit des Tons und des Rhythmus zu Liebe, was in der einen Sprache leicht ist und natürlich wiedergegeben wird, durch schwere und anstößige Ausdrücke in der andern: so muß im ganzen ein völlig verschiedener Eindruck entstehen.

Noch andere Schwierigkeiten zeigen sich, wenn der Uebersetzer auf sein Verhältniß zu der Sprache sieht, in der er schreibt, und auf das Verhältniß seiner Uebersetzung zu seinen anderen Werken. Wenn wir jene wunderbaren Meister ausnehmen, denen mehrere Sprachen gleich sind, oder gar Eine erlernte über die Muttersprache hinaus natürlich, für welche, wie gesagt, durchaus nicht übersetzt werden kann; alle anderen Menschen, wie geläufig sie eine fremde Sprache auch lesen, behalten doch immer dabei das Gefühl des fremden. Wie soll nun der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, daß sie ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen, denen er die Uebersetzung in ihrer Muttersprache vorlegt? Man wird freilich sagen, das Wort dieses Räthsels sei längst gefunden, und es sei bei uns häufig vielleicht mehr als zu gut gelöst worden; denn je genauer sich die Uebersetzung an die Wendungen der Urschrift anschließe, um desto fremder werde sie schon den Leser gemahnen. Freilich wol, und es ist leicht genug über dieses Verfahren im allgemeinen zu lächeln. Allein wenn man sich diese Freude nicht zu wolfeil machen will, wenn man nicht das meisterhafteste mit dem schülerhaftesten und schlechtesten in einem Bade ausschütten will: so muß man

tom e a disposição de ânimo, e como decisivo para o acompanhamento rítmico ou musical do discurso, deve também transmitir o tradutor. Mas, quantas vezes – mais ainda, é já quase um milagre não ter que dizer “sempre” a fidelidade rítmica e melódica estará em discordância irreconciliável com a fidelidade dialética e gramatical! E, quão difícil é, na vacilação acerca do que se deve sacrificar aqui ou ali, com frequência não se tome precisamente a decisão errada! Quão difícil, inclusive, é que o tradutor, quando há ocasião para isto, restitua equitativamente e de verdade o que aqui teve que tirar a cada parte e não caia, ainda que inconscientemente, em obstinada unilateralidade por inclinar-se mais seu gosto pessoal a um elemento artístico que a outro! Com efeito, se nas obras de arte prefere a matéria ética e seu tratamento, perceberá menos os estragos que fez ao elemento métrico e musical da forma e, em vez de pensar em repará-los, se contentará com uma translação cada vez mais cômoda e mais próxima à paráfrase. Mas, se acontece que o tradutor é músico ou metrificador, postergará o elemento lógico para se apoderar somente do musical; e, ao enredar-se mais e mais nesta unilateralidade, trabalhará cada vez mais insatisfatoriamente e, se comparamos sua translação com a obra original em conjunto, ver-se-á que, sem se dar conta, cada vez se aproxima mais daquela insuficiência escolar que perde o todo para salvar o detalhe; pois, se, graças à semelhança material do tom e do ritmo, o que na língua é fácil e natural se reproduz na outra com expressões duras e chocantes, a impressão do conjunto tem que ser totalmente diferente.

Se o tradutor atenta para sua relação com a língua em que escreve e a relação de sua tradução com as suas outras obras, no entanto, apresentam-se outras dificuldades. Excetuando-se esses mestres admiráveis que se movem com igual leveza em várias línguas, aos quais inclusive uma língua aprendida chega a lhes ser mais natural que a materna, para quem, como já dissemos, a tradução carece de sentido, todos os demais homens, por mais fácil que resulte a leitura em uma língua estrangeira, resta sempre ante ela a sensação de algo estranho. Como fará, então, o tradutor para que esta mesma sensação de encontrar-se diante de algo estrangeiro passe também a seus leitores, a quem apresenta a

zugeben, ein unerläßliches Erforderniß dieser Methode des Uebersetzens ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch ahnden läßt, daß sie nicht ganz frei gewachsen, vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen sei; und man muß gestehen, dieses mit Kunst und Maaß zu thun, ohne eigenen Nachtheil und ohne Nachtheil der Sprache, dies ist vielleicht die größte Schwierigkeit die unser Uebersetzer zu überwinden hat. Das Unternehmen erscheint als der wunderbarste Stand der Erniedrigung, in den sich ein nicht schlechter Schriftsteller versetzen kann. Wer möchte nicht seine Muttersprache überall in der volksgemähesten Schönheit auftreten lassen, deren jede Gattung nur fähig ist? Wer möchte nicht lieber Kinder erzeugen, die das väterliche Geschlecht rein darstellen, als Blendlinge? Wer wird sich gern auflegen, in minder leichten und anmuthigen Bewegungen sich zu zeigen als er wol könnte, und bisweilen wenigstens schroff und steif zu erscheinen, um dem Leser so anstößig zu werden als nöthig ist damit er das Bewußtsein der Sache nicht verliere? Wer wird sich gern gefallen lassen, daß er für unbeholfen gehalten werde, indem er sich befleißiget der fremden Sprache so nahe zu bleiben als die eigene es nur erlaubt, und daß man ihn, wie Eltern, die ihre Kinder den Kunstspringern übergeben, tadeln, daß er seine Muttersprache, anstatt sie in ihrer heimischen Turnkunst gewandt zu üben, an ausländische und unnatürliche Verrenkungen gewöhne! Wer mag endlich gern gerade von den größten Kennern und Meistern am mitleidigsten belächelt werden, daß sie sein mühsames und voreiliges Deutsch nicht verstehen würden, wenn sie nicht ihr hellenisches und römisches dazu nähmen! Dies sind die Entsagungen die jener Uebersetzer nothwendig übernehmen muß, dies die Gefahren denen er sich aussetzt, wenn er in dem Bestreben den Ton der Sprache fremd zu halten nicht die feinste Linie beobachtet, und denen er auch so auf keinen Fall ganz entgeht, weil jeder sich diese Linie etwas anders zieht. Denkt er nun noch an den unvermeidlichen Einfluß der Gewöhnung: so kann ihm bange werden, daß auch in seine freien und ursprünglichen Erzeugnisse vom Uebersetzen her manches minder gehörige und rauhe sich einschleiche, und ihm der zarte Sinn für das heimische Wohlbefinden der Sprache sich etwas abstumpfe. Und denkt er gar an das große Heer der Nachahmer, und an die in dem schriftstellerischen Publikum herrschende Trägheit und Mittelmäßigkeit: so muß er sich erschrecken, wieviel lokkeres

tradução em sua língua materna? Dir-se-á, sem dúvida, que faz já muito que se fechou a chave para este enigma, a que com frequência se deu entre nós uma solução talvez demasiada feliz; com efeito, quanto mais se aproxima a tradução dos giros do original, tanto mais estranha será a impressão que o leitor recebe. Naturalmente; e é bastante fácil sorrir, em geral, diante deste procedimento. Mas, se não se quer alcançar esta satisfação a um preço demasiado baixo, se não se quer colocar no mesmo nível o mais perfeito e o mais pobre e defeituoso, terá que se admitir que este método de tradução exige inevitavelmente da língua uma atitude que não somente não é cotidiana, senão que, além disso, abre o flanco para a censura de não ser espontânea e acomodar-se mais a uma semelhança exótica. E é preciso confessar que fazer isto com arte e com medida, sem prejuízo próprio e sem dano à língua, talvez seja a maior dificuldade que tem que vencer nosso tradutor. A tarefa aparece como o mais assombroso estado de degradação em que pode colocar-se um não mau escritor. Quem não deseja apresentar sempre sua língua materna com a beleza mais castiça que possa se dar em cada gênero? Quem não prefere engendrar filhos que mostrem genuinamente a linhagem paterna, ao invés de mestiços? Quem se aplicará com gosto a executar em público movimentos menos soltos e elegantes do que sem dúvida poderia e, pelo menos às vezes, parecer rude e travado, a fim de parecer ao leitor bastante estranho para que este não perca de vista as circunstâncias? Quem admitirá de boa vontade que o considerem torpe, enquanto se esforça por conservar frente a língua estranha toda a proximidade que tolera à própria, e que se lhe censure como aos pais que entregam seus filhos a treinadores, porque, em vez de exercitar a sua língua materna em uma ginástica apropriada, trata de acostamá-la a contorções estranhas e anti-naturais? Quem, afinal, permitirá de bom grado que precisamente os mais entendidos e os melhores mestres lhe dediquem o sorriso mais compassivo e digam que não entenderiam seu trabalhoso e precipitado alemão sem recorrer ao latim e ao grego?

Estas são as renúncias que nosso tradutor há que se impor necessariamente; estes os perigos a que se expõe se, ao esforçar-se por manter exótico o tom da língua, não respeita uma finíssima

gesezwidriges Wesen, wieviel wahre Unbeholfenheit und Härte, wieviel Sprachverderben aller Art er vielleicht mit zu verantworten bekommt; denn fast nur die besten und die schlechtesten werden nicht streben einen falschen Vortheil aus seinen Bemühungen zu ziehen. Diese Klagen, daß ein solches Uebersetzen nothwendig der Reinheit der Sprache und ihrer ruhigen Fortentwicklung von innen heraus nachtheilig werden müsse, sind häufig gehört worden. Wollen wir sie nun auch vor der Hand bei Seite stellen mit der Vertröstung, daß wol auch Vortheile werden diesen Nachtheilen gegenüberstehen, und daß, wie alles gute mit üblem versetzt sei, die Weisheit eben darin bestehe, indem man von dem ersten so viel als möglich erlangt, von dem andern so wenig als möglich mitzunehmen: soviel geht aus dieser schwierigen Aufgabe, daß man in der Muttersprache das fremde darstellen solle, auf jeden Fall hervor. Zuerst, daß diese Methode des Uebersetzens nicht in allen Sprachen gleich gut gedeihen kann, sondern nur in solchen die nicht in zu engen Banden eines klassischen Ausdrucks gefangen liegen, außerhalb dessen alles verwerflich ist. Solche gebundene Sprachen mögen die Erweiterung ihres Gebietes dadurch suchen, daß sie sich sprechen machen von Ausländern, die mehr als ihre Muttersprache bedürfen; hiezu werden sie sich wol vorzüglich eignen; sie mögen sich fremde Werke aneignen durch Nachbildungen oder vielleicht durch Uebersetzungen der andern Art: diese Art aber müssen sie den freieren Sprachen überlassen, in denen Abweichungen und Neuerungen mehr geduldet werden, und so daß aus ihrer Anhäufung unter gewissen Umständen ein bestimmter Charakter entstehen kann. Ferner folgt deutlich genug, daß diese Art zu übersetzen gar keinen Werth hat, wenn sie in einer Sprache nur einzeln und zufällig betrieben wird. Denn der Zwekk ist ja offenbar damit nicht erreicht, daß ein überhaupt fremder Geist den Leser anweht; sondern wenn er eine Ahndung bekommen soll, sei es auch nur eine entfernte, von der Ursprache und von dem was das Werk dieser verdankt, und ihm so einigermassen ersetzt werden soll daß er sie nicht versteht: so muß er nicht nur die ganz unbestimmte Empfindung bekommen, daß was er liest nicht ganz einheimisch klingt; sondern es muß ihm nach etwas bestimmtem anderm klingen; das aber ist nur möglich, wenn er Vergleichen in Masse anstellen kann. Hat er einiges gelesen, wovon er weiß daß es aus andern neuen und anderes aus alten Sprachen übersezt ist, und es ist in diesem Sinn übersezt: so wird sich ihm wol

raia, e aos que nem ainda assim escapará nunca de todo, porque cada um traça para si essa raia de maneira muito distinta. Se, por outra parte, pensa no inevitável influxo do costume, pode chegar a temer que também em suas produções livres e originais se depreenda desde a tradução mais de um elemento impróprio e rude, e se lhe embote um pouco o delicado sentido que percebe o bom estado natural da língua. E, se pensa, além disso, no grande exército de imitadores, e na preguiça e na mediocridade reinantes no público escritor, tem que se enterrar ao ver quanto relaxamento e irregularidade, de quanta verdadeira torpeza e rigidez, de quantos danos de toda índole inferidos à língua terá que se sentir em parte responsável; pois, os melhores e os piores serão quase os únicos que não tratarão de tirar falso proveito de seus esforços.

Esta queixa, que semelhante maneira de traduzir tem que prejudicar desde dentro a pureza da língua e seu tranquilo desenvolvimento, se ouve com frequência. Porém, se no momento queremos calá-las com o conselho frouxo de que, sem dúvida, haverá vantagens que compensam estes danos e que, pois todo bem leva consigo um mal, a sabedoria consiste precisamente em alcançar o mais possível do primeiro e receber o menos possível do segundo: isto é o que resulta, em todo caso, da difícil tarefa de querer refletir o estranho na língua materna. Em primeiro lugar, que este método de traduzir não pode prosperar igualmente em todas as línguas, senão que tão somente nas que estão livres das ataduras demasiado apertadas de uma expressão clássica, fora da qual tudo é reprovável. Essas línguas restringidas podem buscar a ampliação de seu território fazendo falar por estrangeiros a quem não lhes basta sua língua materna; sem dúvida serão muito aptas para isso; podem apropriar-se de obras estrangeiras por meio de imitações e talvez de traduções do outro tipo; mas, desta maneira têm que deixar para as línguas mais livres, que toleram melhor desvios e novidades, de cuja acumulação pode surgir, em determinadas circunstâncias, um caráter determinado. Segue-se, também, com bastante claridade que esta maneira de traduzir não tem nenhum valor se em uma língua apenas se pratica isolada e casualmente. Pois, está claro que não se alcança este fim simplesmente soprando o hálito estrangeiro sobre o leitor; senão que se

ein Gehör anbinden, um das alte und neuere zu unterscheiden. Aber weit mehr schon muß er gelesen haben, wenn er hellenischen von römischem Ursprung, oder italiänischen von spanischem unterscheiden soll. Und doch ist auch dieses noch kaum der höchste Zweck; sondern der Leser der Uebersetzung wird dem besseren Leser des Werks in der Ursprache erst dann gleich kommen, wann er neben dem Geist der Sprache auch den eigenthümlichen Geist des Verfassers in dem Werk zu ahnden und allmählig bestimmt aufzufassen vermag, wozu freilich das Talent der individuellen Anschauung das einzige Organ, aber eben für dieses eine noch weit größere Masse von Vergleichen unentbehrlich ist. Diese sind nicht vorhanden, wenn in einer Sprache nur hie und da einzelne Werke der Meister in einzelnen Gattungen übertragen werden. Auf diesem Wege können auch die gebildetsten Leser nur eine höchst unvollkommene Kenntniß des fremden durch Uebersetzung erlangen; und daß sie sich zu einem eigentlichen Urtheil, es sei über die Uebersetzung oder über das Original, sollten erheben können, daran ist gar nicht zu denken. Daher erfordert diese Art zu übersezen durchaus ein Verfahren im großen, ein Verpflanzen ganzer Litteraturen in eine Sprache, und hat also auch nur Sinn und Werth unter einem Volk welches entschiedene Neigung hat sich das fremde anzueignen. Einzelne Arbeiten dieser Art haben nur einen Werth als Vorläufer einer sich allgemeiner entwickelnden und ausbildenden Lust an diesem Verfahren. Regen sie diese nicht auf, so haben sie auch im Geist der Sprache und des Zeitalters etwas gegen sich; sie können alsdann nur als verfehlte Versuche erscheinen, und auch für sich wenig oder keinen Erfolg haben. Allein auch wenn die Sache überhand nimmt, ist nicht leicht zu erwarten, daß eine Arbeit dieser Art, wie vortrefflich sie auch sei, sich allgemeinen Beifall erwerben werde. Bei den vielen Rücksichten, welche zu nehmen, und Schwierigkeiten, die zu überwinden sind, müssen sich verschiedene Ansichten darüber entwickeln, welche Theile der Aufgabe hervorzuheben und welche vielmehr unterzuordnen sind. So werden gewissermaßen verschiedene Schulen unter den Meistern und verschiedene Partheien im Publikum sich bilden als Anhänger von jenen; und wiewol dieselbe Methode überall zum Grunde liegt, werden doch von demselben Werk verschiedene Uebersetzungen neben einander bestehen können, aus verschiedenen Gesichtspunkten gefaßt, von denen man nicht eben sagen könnte, daß eine im ganzen voll-

este há de receber uma ideia, ainda que remota, da língua original e do que a ela deve a obra, e assim há de diminuir em certo modo o fato de que não a entenda, não basta que ele experimente a confusa impressão de que o que ele lê não soa de todo à indígena, senão que tem que lhe soar como algo determinado e diferente, o qual apenas é possível onde consegue estabelecer comparações massivas. Se leu algo que sabe traduzido, e traduzido deste modo, de outras línguas modernas, e algo também das antigas, sem dúvida se desenvolverá nele certo ouvido para distinguir o antigo do moderno. Mas, tem que haver lido já muito mais para poder distinguir a origem grega da latina, ou a espanhola da italiana. E também isso ainda não é o fim mais alto; mas o leitor da tradução somente se equipará ao melhor leitor da obra original quando for capaz de vislumbrar e compreender paulatinamente com precisão, junto com o espírito da língua, o espírito próprio do autor tal como se manifesta na obra. O único órgão para isto é sem dúvida o talento da intuição individual; mas, aqui precisamente é imprescindível uma massa de comparações muito maior ainda. E estas não se dão se em uma língua apenas de vez em quando se traduzem obras de mestres em gêneros isolados. Desse modo, inclusive os leitores mais cultos apenas podem conseguir, por meio da tradução, um conhecimento sumamente imperfeito do estranho; e que possam elevar-se até um verdadeiro juízo, tanto da tradução como do original, não há nem como pensá-lo. Por isso, esta maneira de traduzir requer absolutamente uma atuação em massa, um transplante de literaturas inteiras a uma língua e, portanto, somente tem sentido e valor para um povo decididamente inclinado a assimilar o estranho. Os trabalhos isolados deste gênero somente têm valor como precursores para o desenvolvimento e a formação de um interesse mais geral por esse procedimento. Se não suscitam este interesse, tropeçam em algo que lhes será contrário no espírito da língua e de seu tempo; e, então, somente podem aparecer como tentativas falhadas e seu êxito, inclusive isoladamente, será pouco ou nenhum. Porém, ainda que a tarefa vá adiante, não se pode esperar facilmente que um trabalho desta índole, por excelente que seja, consiga a aprovação geral. Diante das muitas precauções que há que se tomar e dificuldades a vencer, tem que se desenvolver

kommner sei oder zurückstehe, sondern nur einzelne Theile werden in der einen besser gelungen sein, und andere in anderen, und erst alle zusammengestellt und auf einander bezogen, wie die eine auf diese die andere auf jene Annäherung an die Ursprache oder Schonung der eigenen einen besonderen Werth legt, werden sie die Aufgabe ganz erschöpfen, jede aber für sich immer nur einen relativen und subjectiven Werth haben.

Dies sind die Schwierigkeiten welche dieser Methode des Uebersetzens entgegenstehen, und die Unvollkommenheiten die ihr wesentlich anhängen. Aber diese eingestanden muß man doch das Unternehmen selbst anerkennen, und kann ihm sein Verdienst nicht absprechen. Es beruht auf zwei Bedingungen, daß das Verstehen ausländischer Werke ein bekannter und gewünschter Zustand sei, und daß der heimischen Sprache selbst eine gewisse Biegsamkeit zugestanden werde. Wo diese gegeben sind, da wird ein solches Uebersetzen eine natürliche Erscheinung, greift ein in die gesammte Geistesentwicklung, und wie es einen bestimmten Werth erhält, giebt es auch einen sichern Genuß.

Wie steht es nun aber mit der entgegengesetzten Methode, welche, ihrem Leser gar keine Mühe und Anstrengung zumuthend, ihm den fremden Verfasser in seine unmittelbare Gegenwart hinzaubern, und das Werk so zeigen will, wie es sein würde, wenn der Verfasser selbst es ursprünglich in des Lesers Sprache geschrieben hätte? Diese Forderung ist nicht selten ausgesprochen worden als diejenige die man an einen wahren Uebersetzer zu machen hätte, und als weit höher und vollkommener in Vergleich mit jener; es sind auch Versuche gemacht worden im einzelnen, oder vielleicht Meisterstücke, die offenbar genug sich dieses Ziel vorgestekkt haben. Laßt uns nun sehen wie es hiermit steht, und ob es nicht vielleicht gut wäre, wenn dieses bis jezt unstreitig seltnere Verfahren häufiger würde, und jenes bedenkliche und in vielen Stücken ungenügende verdrängte.

Soviel sehen wir gleich, daß die Sprache des Uebersetzers von dieser Methode nicht das mindeste zu befürchten hat. Seine erste Regel muß sein, sich wegen des Verhältnisses, in dem seine Arbeit zu einer fremden Sprache steht, nichts zu erlauben was nicht auch jeder ursprünglichen Schrift gleicher Gattung in der heimischen Sprache erlaubt wird. Ja er hat so sehr als irgend einer die Pflicht, wenigstens dieselbe Sorgfalt für die Reinigkeit und Vollendung der Sprache zu beobachten, der-

diferentes opiniões sobre que aspectos da tarefa devem ser postos em relevo e quais atenuados. Assim, se formarão, de certo modo, diversas escolas entre os mestres e diferentes partidos no público que os segue; e, ainda que sempre está na base o mesmo método, poderá haver simultaneamente diferentes traduções de uma mesma obra concebidas desde pontos de vista diferentes, das quais nem sequer poderia se dizer que uma seja no conjunto superior ou menos perfeita, senão que apenas algumas partes estarão melhor realizadas em uma e outras partes na outra, e unicamente todas juntas e relacionadas entre si, ao fazer uma mais apoio nesta e outra em noutra a aproximação à língua original, cumprirão de todo a tarefa, pois, cada uma por si mesma nunca terá mais que um valor condicionado e subjetivo.

Estas são as dificuldades que enfrenta este método de traduzir e as imperfeições inerentes à sua natureza. Porém, reconhecidas estas, contudo, há que se valorizar a tarefa em si e não se pode lhe negar o mérito. Este se baseia em duas condições: que a compreensão de obras estrangeiras seja uma situação conhecida e desejada, e que se conceda certa flexibilidade à língua nacional mesma. Quando tais condições se cumprem, esta maneira de traduzir chega a ser um fenômeno natural, intervindo no processo total da cultura e, ao alcançar um valor determinado, proporciona, por sua vez, um prazer seguro.

O que diremos do método oposto, que, sem exigir de seu leitor nenhum trabalho nem fadiga, quer por em sua presença, diretamente e como que por encanto, o autor estrangeiro, e mostrar a obra tal como seria se o autor mesmo a tivesse escrito originalmente na língua do leitor? Não poucas vezes se há apresentado esta exigência como a única que poderia se fazer a um verdadeiro tradutor, e como muito mais elevada e perfeita que a outra; inclusive, fizeram-se tentativas isoladas, ou talvez obras mestras que indubitavelmente se haviam fixado esta meta. Vejamos, pois, o que há nisso e se não conviria, talvez, que este procedimento, até agora indiscutivelmente menos praticado, se tornasse mais frequente e eliminasse o outro arriscado e em muitos pontos insuficiente.

O que se vê de imediato é que a língua do tradutor não tem nada a temer deste procedimento. A sua primeira regra deve ser

selben Leichtigkeit und Natürlichkeit des Stils nachzustreben, die seinem Schriftsteller in der Ursprache nachzurühen ist. Auch das ist gewiß, wenn wir unsern Landsleuten recht anschaulich machen wollen was ein Schriftsteller für seine Sprache gewesen ist, daß wir keine bessere Formel aufstellen können, als ihn so redend einzuführen, wie wir uns denken müssen daß er in der unsrigen würde geredet haben, zumal wenn die Entwicklungsstufe, worauf er seine Sprache fand, eine Aehnlichkeit hat mit der worauf die unsrige eben steht. Wir können uns in einem gewissen Sinne denken, wie Tacitus würde geredet haben, wenn er ein Deutscher gewesen wäre, das heißt, genauer genommen, wie ein Deutscher reden würde, der unserer Sprache das wäre was Tacitus der seinigen; und wohl dem, der es sich so lebendig denkt, daß er ihn wirklich kann reden lassen! Aber ob dies nun geschehen könnte, indem er ihn dieselbigen Sachen sagen läßt, die der römische Tacitus in lateinischer Sprache geredet, das ist eine andere und nicht leicht zu bejahende Frage. Denn ein ganz anderes ist, den Einfluß, den ein Mann auf seine Sprache ausgeübt hat, richtig auffassen und irgend wie darstellen, und wieder ein ganz anderes, wissen wollen, wie seine Gedanken und ihr Ausdruck sich würden gewendet haben, wenn er gewohnt gewesen wäre ursprünglich in einer andern Sprache zu denken und sich auszudrücken! Wer überzeugt ist daß wesentlich und innerlich Gedanke und Ausdruck ganz dasselbe sind, und auf dieser Ueberzeugung beruht doch die ganze Kunst alles Verstehens der Rede, und also auch alles Uebersetzens, kann der einen Menschen von seiner angeboren Sprache trennen wollen, und meinen, es könne ein Mensch, oder auch nur eine Gedankenreihe eines Menschen, eine und dieselbe werden in zwei Sprachen? oder wenn sie denn auch auf gewisse Weise verschieden ist, kann er sich anmaßen die Rede bis in ihr innerstes aufzulösen, den Antheil der Sprache daran auszuscheiden, und durch einen neuen gleichsam chemischen Prozeß sich das innerste derselben verbinden zu lassen mit dem Wesen und der Kraft einer andern Sprache? Denn offenbar müßte man, um diese Aufgabe zu lösen, alles, was an dem schriftlichen Werk eines Mannes auch auf die entfernteste Weise Einwirkung irgend dessen ist, was er von Kindheit an in seiner Muttersprache geredet hat und gehört, rein ausscheiden und nun gleichsam der nackten eigenthümlichen in ihrer Richtung auf einen gewissen Gegenstand begriffenen Denkweise desselben zuführen alles dasjenige, was Einwirkung gewesen sein

não se permitir, pela relação de seu trabalho com uma língua estrangeira, nada que em sua própria língua não se permita também a qualquer escrito original do mesmo gênero. Mais ainda, o tradutor está tão obrigado como qualquer outro a procurar ao menos com igual cuidado a pureza e a perfeição da língua, a esforçar-se por conseguir a mesma agilidade e naturalidade de estilo que honram a seu escritor na língua original. Também é certo que, se queremos fazer com que nossos compatriotas vejam claramente o que um escritor foi para sua língua, não podemos propor nenhuma fórmula melhor que o apresentar falando como temos que pensar que haveria falado na nossa, sobretudo, se o grau de evolução em que ele falou sua língua tem semelhança com aquele em que precisamente se encontra a nossa. Podemos, de certo modo, pensar como teria falado Tácito se houvesse sido alemão, ou, mais exatamente, comoalaria um alemão que fosse para nossa língua o que foi Tácito para a sua; feliz daquele que o pense tão vivamente que o possa fazer falar realmente! Porém, que isto possa acontecer, fazendo-se dizer o mesmo que o Tácito romano disse em latim, é já outra questão, a qual não é fácil dar uma resposta afirmativa. Pois, uma coisa é compreender bem e expor de algum modo o influxo que um homem exerceu sobre sua língua, e outra muito diferente é querer saber que giro haviam tomado seus pensamentos e a expressão destes pensamentos, se tivesse tido o costume de pensar e se expressar originalmente em outra língua! Quem está convicto de que, essencial e intimamente, o pensamento e a expressão se identificam, e nesta convicção se funda, certamente, toda a arte da compreensão do discurso e, por conseguinte, também toda tradução, poderia querer separar de sua língua nativa uma pessoa e pensar que esta, ou inclusive apenas um de seus raciocínios, pode chegar a ser exatamente igual em duas línguas? Ou, ainda admitindo que de certo modo seja diferente, pode pretender analisar o discurso até os seus últimos elementos, isolar a participação nele da língua e, por um novo processo semelhante aos da química, fazer que o mais íntimo dele se combine com a essência e a força de outra língua? Pois, evidentemente, para levar a cabo esta tarefa, teria que eliminar com precisão tudo o que na obra escrita de um homem seja efeito, inclusive remotíssimo, de

würde alles dessen was er vom Anfang seines Lebens oder von seiner ersten Bekanntschaft mit der fremden Sprache an in ihr geredet und gehört hätte, bis er zu der Fertigkeit gekommen wäre in ihr ursprünglich zu denken und niederzuschreiben? Dies wird nicht eher möglich sein, als bis es gelungen ist durch einen künstlichen chemischen Prozeß organische Produkte zusammenzusetzen. Ja man kann sagen, das Ziel, so zu übersetzen wie der Verfasser in der Sprache der Uebersetzung selbst würde ursprünglich geschrieben haben, ist nicht nur unerreichbar, sondern es ist auch in sich nichtig und leer; denn wer die bildende Kraft der Sprache, wie sie eins ist mit der Eigenthümlichkeit des Volkes, anerkennt, der muß auch gestehen daß jedem ausgezeichnetsten am meisten sein ganzes Wissen, und auch die Möglichkeit es darzustellen, mit der Sprache und durch sie ausgebildet ist, und daß also niemanden seine Sprache nur mechanisch und äußerlich gleichsam in Riemen anhängt, und wie man leicht ein Gespann löset und ein anderes vorlegt, so sich jemand auch nach Belieben im Denken eine andere Sprache vorlegen könne, daß vielmehr jeder nur in seiner Muttersprache ursprünglich producire, und man also gar die Frage nicht aufwerfen kann, wie er seine Werke in einer andern Sprache würde geschrieben haben. Hiegegen wird freilich jeder zwei Fälle anführen, die häufig genug vorkommen. Zuerst hat es doch offenbar sonst, nicht nur in einzelnen Ausnahmen, denn so kommt es noch vor, sondern auch im großen eine Fertigkeit gegeben, in andern Sprachen als der angeboren ursprünglich zu schreiben, ja zu philosophiren und zu dichten. Warum soll man also nicht, um ein desto sichrerer Maaß zu bekommen, diese Fertigkeit in Gedanken auf jeden Schriftsteller übertragen, welchen man übersetzen will? Darum nicht, weil es mit dieser Fertigkeit die Bewandniß hat, daß sie nur in solchen Fällen vorkommt, wo dasselbe entweder überhaupt oder wenigstens von demselben nicht könnte in der angeboren Sprache gesagt werden. Wenn wir in die Zeiten zurückgehn, wo die romanischen Sprachen anfangen sich zu bilden, wer kann sagen, welche Sprache damals den dortigen Menschen sei angeboren gewesen? und wer wird läugnen wollen, daß denen, welche eine wissenschaftliche Bestrebung ergriffen, das lateinische mehr Muttersprache gewesen als das volgare? Dies geht aber für einzelne Bedürfnisse und Thätigkeiten des Geistes noch viel weiter herab. So lange die Muttersprache für diese noch nicht gebildet ist, bleibt diejenige Sprache die partielle

qualquer coisa que desde sua infância tenha falado ou ouvido em sua língua materna; logo, por assim dizer, alcançar a singularidade de seu modo de pensar, em sua relação com um objeto determinado, separar tudo o que teria sido influência de tudo o que, desde o começo de sua vida ou desde seu primeiro contato com a língua estrangeira, tivesse falado ou ouvido nesta língua, até adquirir a faculdade de pensar e escrever originalmente nela. Isso não será possível até que se consiga sintetizar produtos orgânicos mediante um processo químico artificial. Mais ainda, pode-se dizer que a meta de traduzir tal como o autor mesmo teria escrito originalmente na língua da tradução não é apenas inatingível, senão que também é nula e vã em si mesma; pois, quem reconhece a força modeladora da língua e como ela se identifica com a singularidade do povo, tem que confessar que precisamente nos mais destacados é onde mais contribui a língua em configurar todo o seu saber e também a possibilidade de o expor, que, portanto, ninguém está unido a sua língua apenas mecânica e externamente como que por correias, e com a facilidade com que se solta uma parelha e atrela outra, também um pensamento alguém poderia à vontade atrelar a uma outra língua, senão que cada um produz originalmente apenas em sua língua materna e, portanto, nem sequer pode colocar-se a questão de como haveria escrito suas obras em outra língua. Contra isto, sem dúvida, qualquer um apontará dois casos bastante freqüentes. Em primeiro lugar, é notório que houve em outros tempos, não apenas exceções individuais, pois assim ainda continua ocorrendo, mas também em grande escala, uma destreza para escrever e inclusive filosofar e cultivar a poesia originalmente em línguas que não eram a nativa. Por que, então, para obter uma regra tanto mais segura, não há que se estender mentalmente esta destreza a todo escritor que alguém queira traduzir? Seguramente, porque tal destreza apenas se dá quando, na língua nativa, ou não pode em absoluto dizer-se o mesmo, ou ao menos não pode dizer ele mesmo. Se nos remontamos aos tempos em que as línguas românicas começavam a se formar, quem pode dizer qual língua era então a nativa para os que viviam naqueles países? E quem poderá negar que para os que então cultivavam as ciências foi o latim mais língua materna que o vulgar?

Muttersprache, aus welcher jene Richtungen des Geistes sich einem werdenden Volke mitgetheilt haben. Grotius und Leibnitz konnten nicht, wenigstens nicht ohne ganz andere Menschen zu sein, deutsch und holländisch philosophiren. Ja auch wenn jene Wurzel schon ganz vertrocknet und der Senker von dem alten Stamme völlig losgerissen ist, muß doch, wer nicht selbst zugleich ein sprachbildendes und ein umwälzendes Wesen ist, sich noch vielfältig einer fremden Sprache willkührlich oder durch untergeordnete Gründe bestimmt anschließen. Unserm großen König waren alle feineren und höheren Gedanken durch eine fremde Sprache gekommen, und diese hatte er sich für dieses Gebiet auf das innigste angeeignet. Was er französisch philosophirte und dichtete, war er unfähig deutsch zu philosophiren und zu dichten. Wir müssen es bedauern, daß die große Vorliebe für England, die einen Theil der Familie beherrschte, nicht die Richtung nehmen konnte, ihm von Kindheit an die englische Sprache, deren letztes goldenes Zeitalter damals blühte, und die der deutschen um so vieles näher ist, anzueignen. Aber wir dürfen hoffen, daß wenn er eine streng gelehrte Erziehung genossen hätte, er lieber würde lateinisch philosophirt und gedichtet haben als französisch. Indem also dieses besondern Bedingungen unterliegt, indem nicht in gleichviel welcher fremden Sprache, sondern nur in einer bestimmten, jeder und nur das hervorbringt, was von ihm in seiner Muttersprache nicht konnte hervorgebracht werden: so beweiset es nichts für eine Methode des Uebersetzens, welche zeigen will, wie einer das, was er wirklich in seiner Muttersprache geschrieben hat, in einer andern würde geschrieben haben. Der zweite Fall aber, eines ursprünglichen Lesens und Schreibens in fremden Sprachen, scheint günstiger für diese Methode. Denn wer wird es unsern Welt- und Hofleuten absprechen, daß was sie liebenswürdiges in fremden Zungen über ihre Lippen bringen, sie auch gleich in derselben Sprache gedacht und nicht etwa aus dem armen Deutsch erst innerlich übersezt haben? und wie es ihr Ruhm ist, diese Süßigkeiten und Feinheiten in vielen Sprachen gleich gut sagen zu können, so denken sie sie auch gewiß in allen mit gleicher Leichtigkeit, und jeder wird auch vom andern recht gut wissen, wie er eben das was er jezt auf französisch gesagt hat auf italiänisch würde gesagt haben. Allein diese Reden sind auch freilich nicht aus dem Gebiet, wo die Gedanken kräftig aus der tiefen Wurzel einer eigenthümlichen Sprache hervortreiben, sondern wie die Kresse,

Mas, isto vai muito mais longe para determinadas exigências e atividades do espírito. Enquanto a língua materna não está ainda madura para elas, continua sendo parcialmente materna a língua desde a qual se comunicaram a um povo nascente aquelas tendências do espírito. Grotius e Leibnitz não podiam, ou ao menos não sem ser totalmente diferentes do que foram, filosofar em alemão ou holandês. Mais ainda, inclusive quando aquela fonte está já inteiramente seca, e o broto completamente separado de sua antiga raiz, quem não seja pessoalmente ao mesmo tempo criador de língua e revolucionário, terá que ainda recorrer muitas vezes, voluntariamente ou por razões secundárias, a uma língua estrangeira. Ao nosso grande Rei, todos os pensamentos mais finos e elevados lhe chegaram por uma língua estranha que ele havia assimilado, para este campo, de modo mais íntimo. O que ele filosofou e poetou em francês, ele era incapaz de filosofar e poetar em alemão. Nós devemos lastimar que a grande predileção pela Inglaterra, que dominava uma parte de sua família, não pode direcioná-lo a desde a infância assimilar a língua inglesa, cuja última época de ouro então florescia, e que é muito mais próxima à alemã. Porém, é lícito acreditar que, se houvesse desfrutado de uma educação rigorosamente científica, ele teria preferido filosofar e poetar em latim antes que em francês. Isto depende, pois, de certas condições e não pode qualquer um produzir em qualquer língua, senão em uma determinada, e somente aquilo que não poderia produzir em sua língua materna; logo, não se pode utilizar como prova a favor de um método de traduzir, o qual quer mostrar como teria escrito alguém em outra língua o que realmente escreveu na sua.

No segundo caso, porém, o ler e escrever originalmente em línguas estrangeiras, parece mais favorável a este método. Pois, quem vai negar a nossos homens cosmopolitas e da corte que as coisas amáveis que pronunciam em alguma língua estrangeira as pensam diretamente nessa mesma língua, sem haver traduzido-as, quicá em seu interior, do nosso pobre alemão? E assim como lhes é glorioso poder dizer estas doçuras e belezas com igual perfeição em muitas línguas, sem dúvida também as pensam com a mesma facilidade em todas e, além disso, cada um sabe muito bem, também

die ein künstlicher Mann ohne alle Erde auf dem weißen Tuche wachsen macht. Diese Reden sind weder der heilige Ernst der Sprache, noch das schöne wohlgemessene Spiel derselben; sondern wie die Völker durcheinander laufen in dieser Zeit, auf eine Weise die man sonst weniger kannte, so ist überall Markt, und dieses sind die Marktgespräche, mögen sie nun politisch sein oder litterarisch, oder gesellig, und sie gehören wahrlich nicht in das Gebiet des Uebersetzens, sondern nur des Dolmetschers etwa. Wenn nun dergleichen, wie es wol bisweilen geschieht, in ein größeres Ganze sich zusammenfilzen und Schrift werden: so mag eine solche Schrift, die ganz in dem leichten und anmuthigen Leben spielt ohne irgend eine Tiefe des Daseins aufzuschließen oder eine Eigenthümlichkeit des Volkes zu bewahren, nach dieser Regel übersezt werden; aber auch nur sie, weil nur sie eben so gut auch ursprünglich konnte in einer andern Sprache gefaßt sein. Und weiter mag diese Regel sich nicht erstrecken, als vielleicht noch auf die Eingänge und Vorhöfe tieferer und herrlicher Werke, die auch oft ganz in dem Gebiet des leicht geselligen Lebens erbaut sind. Nämlich, je mehr den einzelnen Gedanken eines Werkes und ihrer Verknüpfung die Volkseigenthümlichkeit anhaftet, und vielleicht gar noch außerdem das Gepräge einer längst abgelaufenen Zeit, um desto mehr verliert die Regel überhaupt ihre Bedeutung. Denn so wahr das auch bleibt in mancher Hinsicht, daß erst durch das Verständniß mehrerer Sprachen der Mensch in gewissem Sinne gebildet wird, und ein Weltbürger: so müssen wir doch gestehen, so wie wir die Weltbürgerschaft nicht für die ächte halten, die in wichtigen Momenten die Vaterlandsliebe unterdrückt, so ist auch in Bezug auf die Sprachen eine solche allgemeine Liebe nicht die rechte und wahrhaft bildende, welche für den lebendigen und höheren Gebrauch irgend eine Sprache, gleichviel ob alte oder neue, der vaterländischen gleich stellen will. Wie Einem Lande, so auch Einer Sprache oder der andern, muß der Mensch sich entschließen anzugehören, oder er schwebt haltungslos in unerfreulicher Mitte. Es ist recht, daß noch jetzt unter uns lateinisch geschrieben wird von Amtswegen, um das Bewußtsein lebendig zu erhalten, daß dies unserer Vorfahren wissenschaftliche und heilige Muttersprache gewesen ist; es ist heilsam, daß es auch sonst geschehe im Gebiet der gemeinsamen europäischen Wissenschaft, des leichteren Verkehrs wegen; aber gelingen wird es auch in diesem Fall nur in dem Maaß, als für eine solche Darstellung der Gegenstand alles ist,

dos outros, como haveria dito em italiano precisamente o que acaba de dizer em francês. Certamente, porém, estes discursos não procedem do domínio em que os pensamentos brotam com a força de raiz profunda de uma língua própria, senão que são como brotos que um homem engenhoso faz crescer, sem terra alguma, sobre um pano branco. Estes discursos não constituem nem a sagrada seriedade da língua nem seu belo e bem medido jogo; senão que, como os povos se entremesclam nestes tempos de uma maneira antes pouco conhecida, resulta que, onde quer que haja mercado, e estas são as conversações de mercado, sejam de caráter político ou literário, ou social, e não pertencem verdadeiramente ao domínio da tradução, mas apenas ao do intérprete. E mesmo quando, como acontece às vezes, são reunidos em um conjunto maior e tornam-se um escrito, então, estes escritos, que são simples jogos da vida superficial e elegante, sem revelar nenhuma profundidade da existência nem conservar nenhuma peculiaridade do povo, podem traduzir-se segundo esta regra; mas, também apenas estes, porque somente eles poderiam ter sido redigidos originalmente com igual perfeição em outra língua. E esta regra não pode estender-se mais, a não ser também aos acessos e portais de obras mais profundas e dominantes que, muito frequentemente, foram construídas no pleno campo da vida social e elegante. Pois, quanto mais caracterizados estão os diferentes pensamentos de uma obra e sua concatenação pela peculiaridade do povo, e talvez também pelo caráter de um tempo há muito transcorrido, tanto mais perde esta regra seu significado. Pois, ainda sendo verdade que em alguns aspectos somente pelo conhecimento de várias línguas chega o homem a ser culto em certo sentido e um cidadão do mundo, assim temos que confessar que, tal como não consideramos legítimo o cosmopolitismo que em momentos importantes sufoca o amor à pátria, assim, relativamente às línguas tampouco é adequado e verdadeiramente formador um amor universal que, para o uso vivo e mais elevado, quer equiparar à língua pátria qualquer outra, antiga ou moderna. Como a uma pátria, o homem tem que se resolver a pertencer também a uma língua ou a outra; do contrário, andará indeciso em uma posição intermédia desagradável. Todavia, é justo que ainda hoje entre

und die eigene Ansicht und Verknüpfung wenig. Dasselbe ist der Fall mit dem romanischen. Wer gezwungen und von Amtswegen eine solche Sprache schreibt, der wird sich doch wohl bewußt sein, daß seine Gedanken im ersten Entstehen deutsch sind, und daß er nur sehr früh während der Embryo sich noch gestaltet schon anfängt sie zu übersezen; und wer sich einer Wissenschaft wegen dazu aufopfert, der wird sich auch da nur leicht ungezwungen und ohne geheimes Uebersezen finden, wo er sich ganz in der Gewalt des Gegenstandes fühlt. Es giebt freilich auch außerdem eine freie Liebhaberei am lateinisch oder romanisch schreiben, und wenn es mit dieser wirklich darauf abgesehen wäre in einer fremden Sprache gleich gut wie in der eigenen und gleich ursprünglich zu produciren: so würde ich sie unbedenklich für eine frevelhafte und magische Kunst erklären, wie das Doppeltgehen, womit der Mensch nicht nur der Geseze der Natur zu spotten, sondern auch andere zu verwirren gedächte. So ist es aber wohl nicht, sondern diese Liebhaberei ist nur ein feines mimisches Spiel, womit man sich höchstens in den Vorhöfen der Wissenschaft und Kunst die Zeit anmuthig vertreibt. Die Production in der fremden Sprache ist keine ursprüngliche; sondern Erinnerungen an einen bestimmten Schriftsteller oder auch an die Weise eines gewissen Zeitalters, das gleichsam eine allgemeine Person vorstellt, schweben der Seele fast wie ein lebendiges äußeres Bild vor, und die Nachahmung desselben leitet und bestimmt die Production. Daher auch selten auf diesem Wege etwas entsteht, was außer der mimischen Genauigkeit einen wahren Werth hätte; und man kann sich des beliebten Kunststückes um so harmloser erfreuen, als man die gespielte Person überall deutlich genug durchblickt. Ist aber jemand gegen Natur und Sitte förmlich ein Ueberläufer geworden von der Muttersprache, und hat sich einer andern ergeben: so ist es nicht etwa gezielter und angedichteter Hohn, wenn er versichert, er könne sich in jener nun gar nicht mehr bewegen; sondern es ist nur eine Rechtfertigung, die er sich selbst schuldig ist, daß seine Natur wirklich ein Naturwunder ist gegen alle Ordnung und Regel, und eine Beruhigung für die andern, daß er wenigstens nicht doppelt geht wie ein Gespenst.

Doch nur zu lange haben wir uns bei fremdartigem aufgehalten, und das Ansehn gehabt vom Schreiben in fremden Sprachen zu reden, anstatt vom Uebersezen aus fremden Sprachen. Die Sache liegt aber so. Wenn es nicht möglich ist etwas der Uebersezung, sofern sie Kunst

nós continue-se escrevendo oficialmente em latim, para manter viva a consciência de que esta foi a língua materna científica e litúrgica de nossos antepassados; é saudável que siga sendo assim também no domínio da ciência comum europeia, para facilitar seu intercâmbio; mas, ainda nesse caso, somente se terá êxito na medida em que, para tal exposição, o objeto seja tudo e o particular modo de ver e combinar pouco. O mesmo é o caso com as línguas românicas. Quem, obrigado por seu cargo, escreve em uma dessas línguas, sem dúvida observará que seus pensamentos no começo da concepção são alemães, mas bem cedo, enquanto ainda o embrião está se formando, começa a traduzi-los; e aquele que por amor a uma ciência impõe-se este sacrifício, somente se livrará das travas, sem traduzir secretamente, quando se sentir inteiramente dominado pelo objeto. Certamente, há também uma afecção livre para escrever em latim ou em românico, e se com isto se pensa a sério produzir em uma língua estrangeira com igual perfeição e originalidade que na própria: sem vacilar declararia eu tal afecção arte perversa e mágica, como o reduplicar-se, tentando assim não apenas burlar as leis naturais como também perturbar os outros. Porém, não é bem assim, antes esta afecção é somente um fino jogo mímico com o qual alguém passa o tempo agradavelmente nos vestibulos da ciência e da arte. A produção em língua estranha não é original, apenas a rememoração de um escritor determinado ou do estilo de certa época, a qual representa algo assim como uma pessoa genérica, que é para a alma quase como uma imagem viva, que, ao ser tomada por modelo, orienta e determina a produção. Por isso, também, raras vezes surge por esta via algo que, com exceção da exatidão mímica, tenha verdadeiro valor; e se pode desfrutar tanto mais inocentemente desta sofisticada mostra de habilidade artística porque sempre transparece com bastante claridade a pessoa representada. Mas, se alguém, contra natureza e costume, tenha se convertido formalmente em desertor da língua materna e tenha se entregue a outra: então, talvez não seja afetada e fingida burla se assegura que já realmente não pode mover-se na primeira; mas, é apenas uma comprovação, que ele deve a si mesmo, que sua natureza é verdadeiramente um prodígio contrário a toda ordem e a toda regra, e uma tranquilização para os outros, que ele pelo menos não se duplica como um fantasma.

ist, würdiges und zugleich bedürftiges ursprünglich in einer fremden Sprache zu schreiben, oder wenn dies wenigstens eine seltene und wunderbare Ausnahme ist: so kann man auch die Regel nicht aufstellen für die Uebersetzung, sie solle denken wie der Verfasser selbst eben dieses in der Sprache des Uebersetzers würde geschrieben haben; denn es giebt keine Fülle von Beispielen zweisprachiger Schreiber, von denen eine Analogie herzuleiten wäre, welcher der Uebersetzer folgen könnte, sondern er wird nach dem obigen bei allen Werken, die nicht der leichten Unterhaltung gleichen, oder dem Geschäftsstil, fast nur seiner Einbildung überlassen sein. Ja was will man einwenden, wenn ein Uebersetzer dem Leser sagt, Hier bringe ich dir das Buch, wie der Mann es würde geschrieben haben, wenn er es deutsch geschrieben hätte; und der Leser ihm antwortet, Ich bin dir eben so verbunden, als ob du mir des Mannes Bild gebracht hättest, wie er aussehen würde, wenn seine Mutter ihn mit einem andern Vater erzeugt hätte? Denn wenn von Werken, die in einem höheren Sinne der Wissenschaft und Kunst angehören, der eigenthümliche Geist des Verfassers die Mutter ist: so ist seine vaterländische Sprache der Vater dazu. Das eine Kunststücklein wie das andere macht Anspruch auf geheimnißvolle Einsichten, die niemand hat, und nur als Spiel kann man das eine eben so unbefangen genießen wie das andere.

Wie sehr die Anwendbarkeit dieser Methode beschränkt, ja auf dem Gebiet des Uebersetzens fast gleich Null ist, das bestätigt sich am besten, wenn man sieht, in was für unüberwindliche Schwierigkeiten sie sich in einzelnen Zweigen der Wissenschaft und Kunst verwickelt. Wenn man sagen muß, daß schon im Gebrauch des gemeinen Lebens es nur wenig Wörter in einer Sprache giebt, denen eines in irgend einer andern vollkommen entspräche, so daß dieses in allen Fällen gebraucht werden könnte worin jenes, und daß es in derselben Verbindung wie jenes auch allemal dieselbe Wirkung hervorbringen würde: so gilt dieses noch mehr von allen Begriffen, je mehr ihnen ein philosophischer Gehalt beigemischt ist, und also am meisten von der eigentlichen Philosophie. Hier mehr als irgendwo enthält jede Sprache, trotz der verschiedenen gleichzeitigen und auf einander folgenden Ansichten, doch Ein System von Begriffen in sich, die eben dadurch daß sie sich in derselben Sprache berühren, verbinden, ergänzen, Ein Ganzes sind, dessen einzelnen Theilen aber keine aus dem System anderer Sprachen entsprechen, kaum Gott und Sein, das Urhauptwort

Nos demoramos obviamente em demasia no estranho, como se estivéssemos falando da escrita em línguas estrangeiras e não da tradução de línguas estrangeiras. As coisas são diferentes, porém. Quando não seja possível escrever originalmente em uma língua estranha algo que mereça e ao mesmo tempo necessite da tradução, considerada como arte, ou quando isto constitua ao menos uma exceção rara e grandiosa: então, não se pode ditar para a tradução a regra de que deve pensar como haveria escrito o autor mesmo exatamente na língua do tradutor; pois, não há suficientes exemplos de autores bilíngues para se retirar uma analogia que o tradutor pudesse seguir, senão que este, segundo se diz, em toda obra que não se pareça com a conversação ligeira, ou ao estilo comercial, estará quase por completo abandonado à sua imaginação. Mais ainda, o que se responderia se, a um tradutor que diz ao leitor, Aqui te apresento o livro tal como o seu autor o teria escrito se o tivesse escrito em alemão, o leitor contestasse, Eu estou tão agradecido como se você me tivesse apresentado o retrato do homem tal como pareceria se sua mãe o tivesse engrandado com outro pai? Pois, se das obras, que em um sentido mais elevado, pertencem à ciência e à arte, o espírito peculiar do autor é a mãe, sua língua pátria é o pai. Tanto um artifício quanto o outro exige intuições misteriosas que ninguém tem e apenas como jogo se pode desfrutar de um tão inocentemente quanto do outro.

Até que ponto se reduz a aplicabilidade deste método e como no domínio da tradução chega a ser quase nula, o melhor modo de comprová-lo é perceber quão insuperáveis são as dificuldades com as quais tropeça em alguns ramos da ciência e da arte. Se, já no uso da vida corrente, é preciso admitir que em uma língua há poucas palavras a que corresponda exatamente outra palavra de qualquer outra língua, de modo que esta possa ser usada em todos os casos em que se usa aquela e, nas mesmas articulações, produzam ambas sempre o mesmo efeito, isto aplica-se mais ainda a todos os conceitos quanto mais se aproxime do filosófico seu conteúdo e, portanto, em grau último, à filosofia autêntica. Aqui, mais que em nenhum outro domínio, cada língua contém, apesar das diversas opiniões coexistentes ou sucessivas, um sistema de conceitos que, precisamente porque se tocam, unem e completam

und Urzeitwort abgerechnet. Denn auch das schlechthin allgemeine, wiewol außerhalb des Gebietes der Eigentümlichkeit liegend, ist doch von ihr beleuchtet und gefärbt. In diesem System der Sprache muß die Weisheit eines jeden aufgehn. Jeder schöpft aus dem vorhandenen, jeder hilft das nicht vorhandene aber vorgebildete ans Licht bringen. Nur so ist die Weisheit des einzelnen lebendig, und kann sein Dasein wirklich beherrschen, welches er ja ganz in dieser Sprache zusammenfaßt. Will also der Uebersetzer eines philosophischen Schriftstellers sich nicht entschließen die Sprache der Uebersetzung, soviel sich thun läßt, nach der Ursprache zu beugen, um das in dieser ausgebildete Begriffssystem möglichst ahnden zu lassen; will er vielmehr seinen Schriftsteller so reden lassen als hätte er Gedanken und Rede ursprünglich in einer andern Sprache gebildet: was bleibt ihm übrig, bei der Unähnlichkeit der Elemente in beiden Sprachen, als entweder zu paraphrasiren — wobei er aber seinen Zweck nicht erreicht; denn eine Paraphrase wird und kann nie aussehen wie etwas in derselben Sprache ursprünglich hervorgebrachtes — oder er muß die ganze Weisheit und Wissenschaft seines Mannes umbilden in das Begriffssystem der andern Sprache, und so alle einzelnen Theile verwandeln, wobei nicht abzusehen ist wie der wildesten Willkühr könnten Grenzen gesetzt werden. Ja man muß sagen, wer nur die mindeste Achtung hat für philosophische Bestrebungen und Entwicklungen, kann sich auf ein so loses Spiel gar nicht einlassen. Platon mag es verantworten wenn ich von dem Philosophen auf den Komödienschreiber komme. Diese Kunstgattung liegt, was die Sprache betrifft, dem Gebiet des geselligen Gesprächs am nächsten. Die ganze Darstellung lebt in den Sitten der Zeit und des Volkes, die sich wiederum vorzüglich in der Sprache lebendig spiegeln. Leichtigkeit und Natürlichkeit in der Anmuth sind ihre erste Tugend; und eben deshalb sind hier die Schwierigkeiten der Uebersetzung nach der eben betrachteten Methode ganz ungemein. Denn jede Annäherung an eine fremde Sprache thut jenen Tugenden des Vortrages Schaden. Will nun aber gar die Uebersetzung einen Schauspieldichter reden lassen, als hätte er ursprünglich in ihrer Sprache gedichtet: so kann sie ihn ja vieles gar nicht vorbringen lassen, weil es in diesem Volk nicht einheimisch ist und also auch in der Sprache kein Zeichen hat. Der Uebersetzer muß also hier entweder ganz wegschneiden, und so die Kraft und die Form des Ganzen zerstören, oder er muß anderes an die Stelle setzen.

na mesma língua, constituem um todo a cujas distintas partes não corresponde nenhuma do sistema de outras línguas, exceto Deus e ser, o substantivo e o verbo primitivos. Pois, até o simplesmente universal, apesar de encontrar-se fora do domínio da particularidade, é iluminado e colorido por ela. Nesse sistema da língua tem que se desenvolver a sabedoria de cada um. Cada um constrói com o que está disponível e ajuda a trazer à luz o que, sem estar disponível ainda, está já pré-formado. Apenas assim tem vida a sabedoria do indivíduo e pode governar eficazmente sua existência, a qual integra-se inteiramente nessa língua. Portanto, se o tradutor de um filósofo não quer se decidir por acomodar a língua da tradução, na medida do possível, à língua do original, para fazer entrever no possível o sistema de conceitos estabelecido nesta; se prefere fazer falar o seu escritor como se houvesse formado os pensamentos e o discurso originalmente em outra língua, que outra coisa pode fazer, dada a dessemelhança dos elementos de ambas as línguas, senão ou parafrasear com o que não alcança seu objetivo, pois uma paráfrase nunca parece nem pode parecer algo originalmente produzido na mesma língua, ou então terá que adaptar toda a sabedoria e a ciência de seu autor ao sistema conceitual da outra língua, transformando assim todas e cada uma das partes e, então, já não se consegue ver que limites se pode colocar para a arbitrariedade mais selvagem. Sim, deve-se dizer, quem tem um mínimo de respeito aos esforços e desenvolvimentos filosóficos não pode se entregar a um tão solto jogo.

Platão que me desculpe, se do filósofo passo ao autor de comédias. Este gênero artístico, no que se refere à língua, é o mais próximo ao terreno da conversação social. A inteira representação vive nos costumes da época e do povo, os quais, por sua vez, se refletem mais vivamente na língua. A ligeireza e a naturalidade na graça são suas primeiras virtudes; e, precisamente por isso, as dificuldades da tradução segundo o método que acabamos de considerar são aqui enormes. Pois, toda aproximação a uma língua estrangeira menospreza aquelas virtudes da declamação. E, se o tradutor quer fazer falar um autor de obras cênicas como se este houvesse escrito originalmente na língua da tradução, terá muitas coisas que nem sequer poderá fazer expressar, pois, não são nativas

Auf diesem Gebiet also führt die Formel vollständig befolgt offenbar auf bloße Nachbildung oder auf ein noch widerlicher auffallendes und verwirrendes Gemisch von Uebersetzung und Nachbildung, welches den Leser wie einen Ball zwischen seiner und der fremden Welt, zwischen des Verfassers und des Uebersetzers Erfindung und Wiz, unbarmherzig hin und her wirft, wovon er keinen reinen Genuß haben kann, zuletzt aber Schwindel und Ermattung gewiß genug davon trägt. Der Uebersetzer nach der andern Methode hingegen hat gar keine Aufforderung zu solchen eigenmächtigen Veränderungen, weil sein Leser immer gegenwärtig behalten soll, daß der Verfasser in einer andern Welt gelebt und in einer andern Sprache geschrieben hat. Er ist nur an die freilich schwere Kunst gewiesen die Kenntniß dieser fremden Welt auf die kürzeste zweckmäßigste Weise zu suppliren, und überall die größere Leichtigkeit und Natürlichkeit des Originals durchleuchten zu lassen. Diese beiden Beispiele von den äußersten Enden der Wissenschaft und der Kunst hergenommen zeigen deutlich, wie wenig der eigentliche Zweck alles Uebersetzens möglichst unverfälschter Genuß fremder Werke, durch eine Methode erreicht werden kann, welche dem überetzten Werke ganz und gar den Geist einer ihm fremden Sprache einhauchen will. Hinzu kommt noch, daß jede Sprache ihr eigenthümliches hat auch in Rhythmen für die Prosa sowol als die Poesie, und daß, wenn einmal die Fiction gemacht werden soll, der Verfasser könnte auch in der Sprache des Uebersetzers geschrieben haben, man ihn dann auch in den Rhythmen dieser Sprache müßte auftreten lassen, wodurch sein Werk noch mehr entstellt, und die Kenntniß seiner Eigenthümlichkeit, welche die Uebersetzung gewährt, noch weit mehr beschränkt wird.

Auch geht in der That diese Fiction, auf der doch die jezt betrachtete Theorie des Uebersetzers allein beruht, über den Zweck dieses Geschäfts weit hinaus. Das Uebersetzen aus dem ersten Gesichtspunkt ist eine Sache des Bedürfnisses für ein Volk, von dem nur ein kleiner Theil sich eine hinreichende Kenntniß fremder Sprachen verschaffen kann, ein größerer aber Sinn hat für den Genuß fremder Werke. Könnte dieser Theil ganz in jenen übergehen: so wäre denn jenes Uebersetzen unnütz, und schwerlich würde jemand die undankbare Mühe übernehmen. Nicht so ist es mit dieser letzten Art. Diese hat mit der Noth nichts zu schaffen, vielmehr ist sie das Werk der Lusternheit und des Uebermuthes. Die fremden Sprachen könnten so weit

deste povo e, por isso, tampouco têm na língua algum signo. O tradutor deve aqui ou bem cortar inteiramente, e assim destruir a força e a forma do conjunto, ou tem que colocar em seu lugar outra coisa. Desse modo, portanto, nesse domínio, seguir completamente esta fórmula conduz evidentemente à simples imitação, ou a uma mescla ainda mais chocante e confusa de tradução e imitação, que torna o leitor como que uma bola rebatendo-se entre o seu mundo e o estranho, entre a invenção e graça do autor e as do tradutor, com o que aquele não pode experimentar nenhum prazer genuíno e termina, sem remédio, com tontura e cansaço redobrados. O tradutor que segue o outro método, ao contrário, não é tentado por esses deslocamentos arbitrários, porque seu leitor deve ter sempre presente que o autor viveu em outro mundo e escreveu em outra língua. Ele apenas tem de atender à arte, sem dúvida difícil, de suprir o conhecimento deste mundo estranho de maneira mais rápida e conveniente, e deixar que em toda parte transpareça a grande leveza e naturalidade do original. Estes dois exemplos, tomados dos mais opostos extremos da ciência e da arte, mostram bem quão difícil é conseguir o autêntico fim de toda tradução, a saber, o gozo autêntico das obras estrangeiras, com um método que a todo custo quer insuflar na obra traduzida o espírito de uma língua que lhe é estranha. Acrescenta-se a isto ainda que toda língua tem sua singularidade nos ritmos da prosa tanto quanto nos da poesia e que, se há de fingir-se que o autor podia ter escrito na língua do tradutor, terá que se o apresentar como seguindo também os ritmos desta língua, com o que sua obra se desfigura ainda mais e limita-se mais ainda o conhecimento de sua singularidade proporcionado pela tradução.

De fato, esta ficção, unicamente sobre a qual se funda a teoria da tradução ora em consideração, influi mais ainda na finalidade dessa atividade. A tradução desde o primeiro ponto de vista é algo necessário para um povo do qual apenas uma pequena parte pode adquirir conhecimento suficiente de outras línguas, mas uma parte maior tem a sensibilidade para o prazer de obras estrangeiras. Se esta parte pudesse se transformar na primeira, aquela tradução resultaria inútil e dificilmente alguém tomaria para si tarefa tão ingrata. Não acontece o mesmo com o último tipo. Este não tem

verbreitet sein als nur irgend möglich, und jedem fähigen der Zugang zu ihren edelsten Werken ganz offen stehn; und es bliebe doch ein merkwürdiges Unternehmen, das nur um so mehr und gespanntere Zuhörer um sich versammeln würde, wenn jemand verspräche uns ein Werk des Cicero oder Platon so darzustellen, wie diese Männer selbst es unmittelbar deutsch jezt würden geschrieben haben. Und wenn einer uns so weit brächte, dieses nicht nur in der eignen Muttersprache zu thun, sondern gar noch in einer andern fremden, der wäre uns dann offenbar der größte Meister in der schwierigen und fast unmöglichen Kunst die Geister der Sprachen in einander aufzulösen. Nur sieht man, dies würde streng genommen kein Uebersetzen sein, und der Zweck wäre auch nicht der möglichst genaue Genuß der Werke selbst; sondern es würde immer mehr eine Nachbildung werden, und recht genießen könnte ein solches Kunstwerk oder Kunststück nur der, der jene Schriftsteller schon sonsther unmittelbar kannte. Und der eigentliche Zweck könnte nur sein, im einzelnen das gleiche Verhältniß mancher Ausdrücke und Combinationen in verschiedenen Sprachen zu einem bestimmten Charakter zur Anschauung zu bringen, und im ganzen die Sprache mit dem eigenthümlichen Geist eines fremden Meisters, aber diesen ganz von seiner Sprache getrennt und gelöst, zu beleuchten. Wie nun jenes nur ein kunstreiches und zierliches Spiel ist, und dieses auf einer fast unmöglich durchzuführenden Fiction beruht: so begreift man wie diese Art des Uebersetzens nur in sehr sparsamen Versuchen geübt wird, die auch selbst deutlich genug zeigen daß im großen so nicht verfahren werden kann. Man erklärt sich auch, daß gewiß nur ausgezeichnete Meister, die sich wunderbares zutrauen dürfen, nach dieser Methode arbeiten können; und mit Recht nur solche, die ihre eigentlichen Pflichten gegen die Welt schon erfüllt haben, und sich deshalb eher einem reizenden und etwas gefährlichen Spiel überlassen können. Man begreift aber auch um so leichter, daß die Meister, welche sich im Stande fühlen so etwas zu versuchen, auf das Geschäft jener andern Uebersetzer ziemlich mitleidig herabschauen. Denn sie meinen, sie selbst trieben eigentlich nur allein die schöne und freie Kunst, jene aber erscheinen ihnen weit näher dem Dolmetscher zu stehen, indem sie doch auch dem Bedürfniß, wenn gleich einem etwas höheren, dienen. Und bedauernswürdig scheinen sie ihnen, daß sie weit mehr Kunst und Mühe als billig auf ein untergeordnetes und undankbares

nada a ver com a necessidade, antes é mais bem o fruto da cobiça e da arrogância. As línguas estrangeiras podem estar já completamente difundidas e o acesso às suas obras mais sublimes aberto a todo aquele que fosse capaz de gozá-las; seguiria sendo possível uma curiosa tarefa que reuniria um auditório tanto mais numeroso e desejoso, se alguém promettesse apresentar uma obra de Cícero ou de Platão tal qual estes autores teriam escritos agora diretamente em alemão. E se alguém chegasse ao ponto de fazer isto não apenas na própria língua, mas também em língua estrangeira, ele seria evidentemente o mestre supremo na difícil e quase impossível arte de resolver os espíritos das línguas um no outro. Porém, logo se vê que, a rigor, isto não seria traduzir e sua finalidade não seria tampouco o gozo mais autêntico possível das obras mesmas; antes, se converteria cada vez mais em uma imitação e apenas poderia gozar bem tal obra de arte ou habilidade quem já, sem isto, conhecesse a tais escritores diretamente. E o fim verdadeiro apenas poderia ser, em particular, por de manifesto como certas expressões e combinações de diferentes línguas estão em igual relação com um caráter determinado e, no conjunto, ilustrar a língua com o espírito peculiar de um mestre estrangeiro, mas depois de separá-lo e desligá-lo por completo de sua língua. Agora, como aquele não é mais que um hábil e artificial jogo, e este descansa em uma ficção quase impossível, se compreende que esta maneira de traduzir apenas se pratique em tentativas muito raras que, além do mais, mostram com suficiente clareza que, em geral, não se pode proceder deste modo.

Isto explica também que apenas grandes mestres, a quem é permitido coisas extraordinárias, possam trabalhar com este método; e com razão apenas aqueles que cumpriram já seus verdadeiros deveres para com o mundo e por isso agora podem entregar-se a um jogo incitante e um tanto perigoso. Mas, também se compreende tanto mais facilmente que os mestres que se sentem autorizados a tentar algo semelhante olhem com certa piedade a atividade daqueles outros tradutores. Pois, eles pensam que ser os únicos que verdadeiramente praticam a arte bela e livre, enquanto que aqueles lhes parecem estar muito mais próximo do intérprete, pois também servem à necessidade, ainda que esta seja um pouco

Geschäft verwenden. Daher sie auch sehr bereit sind mit dem Rath, man möge doch statt solcher Uebersetzungen sich lieber so gut man könnte mit der Paraphrase helfen, wie die Dolmetscher in schwierigen und streitigen Fällen es auch thun.

Wie nun? Sollen wir diese Ansicht theilen und diesem Rath folgen? Die Alten haben offenbar wenig in jenem eigentlichsten Sinn übersezt, und auch die meisten neueren Völker, abgeschrekkt durch die Schwierigkeiten der eigentlichen Uebersetzung, begnügen sich mit der Nachbildung und der Paraphrase. Wer wollte behaupten, es sei jemals etwas weder aus den alten Sprachen noch aus den germanischen in die französische übersezt worden! Aber wir Deutsche möchten noch so sehr diesem Rathe Gehör geben, folgen würden wir ihm doch nicht. Eine innere Nothwendigkeit, in der sich ein eigenthümlicher Beruf unseres Volkes deutlich genug ausspricht, hat uns auf das Uebersetzen in Masse getrieben; wir können nicht zurück und müssen durch. Wie vielleicht erst durch vielfältiges Hineinverpflanzen fremder Gewächse unser Boden selbst reicher und fruchtbarer geworden ist, und unser Klima anmuthiger und milder: so fühlen wir auch, daß unsere Sprache, weil wir sie der nordischen Trägheit wegen weniger selbst bewegen, nur durch die vielseitigste Berührung mit dem fremden recht frisch gedeihen und ihre eigene Kraft vollkommen entwickeln kann. Und damit scheint zusammenzutreffen, daß wegen seiner Achtung für das fremde und seiner vermittelnden Natur unser Volk bestimmt sein mag, alle Schätze fremder Wissenschaft und Kunst mit seinen eignen zugleich in seiner Sprache gleichsam zu einem großen geschichtlichen Ganzen zu vereinigen, das im Mittelpunkt und Herzen von Europa verwahrt werde, damit nun durch Hülfe unserer Sprache, was die verschiedensten Zeiten schönes gebracht haben, jeder so rein und vollkommen genießen könne, als es dem Fremdling nur möglich ist. Dies scheint in der That der wahre geschichtliche Zweck des Uebersetzens im großen, wie es bei uns nun einheimisch ist. Für dieses aber ist nur die Eine Methode anwendbar, die wir zuerst betrachtet haben. Die Schwierigkeiten derselben, die wir nicht verhehlt haben, muß die Kunst soviel möglich besiegen lernen. Ein guter Anfang ist gemacht, aber das meiste ist noch übrig. Viele Versuche und Uebungen müssen auch hier vorangehen, ehe einige ausgezeichnete Werke zu Stande kommen; und manches glänzt anfangs, was hernach von besserem überboten wird. Wie sehr schon

mais elevada. E os julgam dignos de pena porque gastam muito mais arte e esforço do que seria razoável para um ofício subalterno e ingrato. Por isso, também estão sempre dispostos a aconselhar que, em vez de fazer semelhantes traduções, seria melhor ajudar-se no possível com paráfrases, como costumam os intérpretes em casos difíceis e discutíveis.

Como, então? Devemos compartilhar esta opinião e seguir este conselho? Os antigos, evidentemente, traduziram pouco naquele sentido estrito, e também a maioria dos povos modernos, intimidados pelas dificuldades da verdadeira tradução, contentam-se em geral com a imitação e a paráfrase. Quem pretenderá afirmar que alguma vez se traduziu algo para o francês seja das línguas antigas seja das germânicas? Mas, nós alemães, por mais atenção que se dê a este conselho, não o seguiríamos. Uma necessidade interna, na qual se expressa claramente uma vocação peculiar de nosso povo, nos impulsionou em massa para a tradução; não podemos retroceder e temos que seguir adiante. Do mesmo modo que, por acaso tivesse sido preciso trazer e cultivar aqui muitas plantas estrangeiras para que nosso solo se fizesse mais rico e fecundo, e nosso clima mais agradável e suave, assim também sentimos que nossa língua, porque nós mesmos, em razão do pesadume nórdico, a movimentamos pouco, apenas pode florescer e desenvolver-se plenamente sua própria força por meio dos mais variados contatos com o estrangeiro. E com isto vem coincidir, sem dúvida, o fato de que nosso povo, por sua atenção ao estrangeiro e por sua natureza mediadora, parece estar destinado a reunir em sua língua, junto com os próprios, todos os tesouros da ciência e da arte alheios, como em um grande conjunto histórico que se guarda no centro e coração da Europa para que, com a ajuda de nossa língua, qualquer um possa gozar, com a pureza e perfeição possível a um estranho, a beleza produzida pelos tempos mais diversos. Esta parece ser, com efeito, a verdadeira finalidade histórica da tradução em grande escala, tal como se pratica entre nós. Mas, neste tipo de tradução apenas pode aplicar-se o método considerado no início. E a arte tem que aprender, no possível, a vencer suas dificuldades, que não dissimulamos. Um bom começo foi feito, mas ainda falta o mais importante. Também aqui tem que

einzelne Künstler die Schwierigkeiten theils besiegt, theils sich glücklich zwischen ihnen durchgewunden haben, liegt in mannigfaltigen Beispielen vor Augen. Und wenn auch minderkundige auf diesem Felde arbeiten: so wollen wir von ihren Bemühungen nicht furchtsamerweise großen Schaden für unsere Sprache besorgen. Denn zuerst muß feststehen, daß es in einer Sprache, in welcher das Uebersetzen so sehr im großen getrieben wird, auch ein eignes Sprachgebiet giebt für die Uebersetzungen, und ihnen manches erlaubt sein muß, was sich anderwärts nicht darf blicken lassen. Wer dennoch unbefugt solche Neuerungen weiter verpflanzt, wird schon wenig Nachfolger finden oder keine, und wenn wir die Rechnung nur nicht für einen zu kurzen Zeitraum abschließen wollen, so können wir uns schon auf den assimilirenden Prozeß der Sprache verlassen, daß sie alles wieder ausstoßen wird, was nur eines vorübergehenden Bedürfnisses wegen angenommen war, und ihrer Natur nicht eigentlich zusagt. Dagegen dürfen wir nicht verkennen, daß viel schönes und kräftiges in der Sprache sich erst durch das Uebersetzen theils entwickelt hat, theils aus der Vergessenheit ist hervorgezogen worden. Wir reden zu wenig und plaudern verhältnismäßig zu viel; und es ist nicht zu läugnen, daß seit geraumer Zeit auch die Schreibart nur zu sehr diese Richtung genommen hatte, und daß das Uebersetzen nicht wenig beigetragen einen strengeren Stil wieder geltend zu machen. Wenn einst eine Zeit kommt, wo wir ein öffentliches Leben haben, aus welchem sich auf der einen Seite eine gehaltvollere und sprachgerechtere Geselligkeit entwickeln muß, auf der anderen freier Raum gewonnen wird für das Talent des Redners, dann werden wir vielleicht für die Fortbildung der Sprache weniger des Uebersetzens bedürfen. Und möchte nur jene Zeit kommen, ehe wir den ganzen Kreis der Ueberserzermühen würdig durchlaufen haben!

¹ Dies war im Ganzen noch der Zustand der Deutschen in jener Zeit, von welcher Göthe (Aus meinem Leben III. S. 111) redend meint, prosaische Uebersetzungen auch von Dichterwerken, und solche werden immer mehr oder weniger Paraphrasen sein müssen, seien förderlicher für die Jugendbildung, und in so fern kann ich ihm völlig beistimmen; denn in solcher Zeit kann von fremder Dichtkunst nur die Erfindung verständlich gemacht werden, für ihren metrischen und musikalischen Werth aber kann es noch kein Anerkenntniß geben. Das aber kann ich nicht glauben, daß auch jezt der Vossische Homer und der Schlegelsche Shakespeare nur sollten zur Unterhaltung der Gelehrten unter sich dienen; und eben so wenig, daß auch jezt noch eine prosaische Uebersetzung des Homer zu wahrer Geschmakks- und Kunstbildung sollte förderlich sein können; sondern für die Kinder eine Bearbeitung wie

precederem muitos ensaios e exercícios antes de se alcançarem algumas obras primorosas; e há coisas que brilham no começo, mas logo outras melhores as superam. Pode-se ver em muitos exemplos em quão grande medida artistas individuais venceram já em parte as dificuldades e em parte de maneira feliz as evitaram.

E, ainda que também conhecedores medíocres trabalhem nesse campo, não devemos temer de seus esforços danos terríveis para nossa língua. Pois, em primeiro lugar, deve-se ter presente que em uma língua em que se pratica a tradução com tal extensão há também um domínio linguístico próprio das traduções e nele muito se dever permitir que não deve aparecer em outros domínios. Quem, apesar de tudo, propague indevidamente tais inovações, encontrará poucos seguidores ou nenhum e, se não queremos fechar a conta em um espaço de tempo demasiado breve, podemos confiar no processo assimilador da língua que acabará eliminando tudo o que havia sido aceito apenas por necessidade momentânea e que não responde propriamente a sua natureza. Por outro lado, não devemos esquecer que há na língua muita beleza e muita força que somente graças à tradução se desenvolveram ou foram resgatadas do esquecimento.

Nós discursamos muito pouco e proporcionalmente falamos demais; e não se pode negar que, desde há muito tempo, também a maneira de escrever avançou nesta direção mais do que o devido e que a tradução contribuiu não pouco para restabelecer um estilo mais severo. Quando chegar um dia em que tenhamos uma vida pública que, por uma parte, tenha que desenvolver uma sociabilidade mais rica de conteúdo e mais atenta à língua e, por outra, proporcione espaços mais livres para o talento do orador, então, talvez necessitaremos menos da tradução para o aperfeiçoamento da língua. Que esse dia chegue apenas quando tenhamos percorrido dignamente o inteiro ciclo de esforços do tradutor!

Tradução: Celso R. Braidá

- 1 Esta era ainda, no conjunto, a situação dos alemães naquele tempo em que, segundo Goethe (*Aus meinem Leben*, III, 111), as traduções em prosa, inclusive de obras poéticas – e tais traduções terão que ser sempre mais ou menos parafrásticas –, eram mais proveitosas para a formação da juventude e nisto estou totalmente de acordo com ele; pois, em tempos como aquele, da poesia estrangeira apenas a invenção poderia tornar-se inteligível, enquanto

die Beckersche, und für die Erwachsenen jung und alt eine metrische Uebersetzung, wie wir sie freilich vielleicht noch nicht besitzen; zwischen diese beiden wüßte ich jetzt nichts förderliches mehr zu setzen.

que os valores métricos e musicais não poderiam ainda ser apreciados. Porém, não posso crer que ainda hoje o Homero de Voss e o Shakespeare de Schlegel somente devam servir para o entretenimento mútuo dos eruditos; como tampouco que ainda hoje possa uma tradução de Homero em prosa ser conveniente para a autêntica formação do gosto e promoção da poesia; senão para as crianças, uma refundição como a de Becker, e para os adultos, jovens e velhos, uma tradução métrica, como talvez ainda não a tenhamos. Entre ambas, eu não saberia colocar nenhuma outra coisa interessante.

WILHELM VON HUMBOLDT

EINLEITUNG ZU *AGAMEMNON*

INTRODUÇÃO A *AGAMÊMNON*

WILHELM VON HUMBOLDT

EINLEITUNG ZU *AGAMEMNON*

Humboldts eigene Übersetzung des *Agamemnon* ist 1816 zuerst im Druck erschienen unter dem Titel: *Aeschylus Agamemnon metrisch übersetzt von Wilhelm von Humboldt* (Leipzig, bei Gerhard Fleischer dem Jüngern).

[...] Ein solches Gedicht ist, seiner eigenthümlichen Natur nach, und in einem noch viel andren Sinn, als es sich überhaupt von allen Werken grosser Originalitaet sagen lässt, unübersetzbar. Man hat schon öfter bemerkt, und die Untersuchung sowohl, als die Erfahrung bestätigen es, dass, so wie man von den Ausdrücken absieht, die bloss körperliche Gegenstände bezeichnen, kein Wort Einer Sprache vollkommen einem in einer andren Sprache gleich ist. Verschiedene Sprachen sind in dieser Hinsicht nur ebensoviel Synonymieen; jede drückt den Begriff etwas anders, mit dieser oder jener Nebenbestimmung, eine Stufe höher oder tiefer auf der Leiter der Empfindungen aus. Eine solche Synonymik der hauptsächlichsten Sprachen, auch nur (was gerade vorzüglich dankbar wäre) des Griechischen, Lateinischen und Deutschen, ist noch nie versucht worden, ob man gleich in vielen Schriftstellern Bruchstücke dazu findet, aber bei geistvoller Behandlung müsste sie zu einem der anziehendsten Werke werden. Ein Wort ist so wenig ein Zeichen eines Begriffs, dass ja der Begriff ohne dasselbe nicht entstehen, geschweige denn fest gehalten werden kann; das unbestimmte Wirken der Denkkraft zieht sich in ein Wort zusammen, wie leichte Gewölke am heitren Himmel entstehen. Nun ist es ein individuelles Wesen, von bestimmtem Charakter und bestimmter Gestalt, von einer auf das Gemüth wirkenden Kraft, und nicht ohne Vermögen sich fortzupflanzen. Wenn man sich die Entstehung eines Worts menschlicher Weise denken wollte (was aber schon darum unmöglich ist, weil das Aussprechen desselben auch die Gewissheit, verstanden zu werden, voraussetzt, und die Sprache überhaupt sich nur als ein Produkt gleichzeitiger Wechselwirkung,

WILHELM VON HUMBOLDT

INTRODUÇÃO A AGAMÊNNON

A tradução de *Agamênnon* por Wilhelm von Humboldt foi publicada pela primeira vez com o título de *O Agamênnon de Ésquilo em tradução em versos por Wilhelm von Humboldt* (Leipzig, Editor Gerhard Fleischer, o Jovem). Seleccionamos a seguinte passagem, que se concentra sobre os aspectos teóricos da tradução:

[...] Por sua natureza singular e num sentido diverso do que se possa dizer de qualquer obra de grande originalidade, um tal poema é intraduzível. Análise e experiência confirmam aquilo que já se observou mais de uma vez: que, abstraindo das expressões que designam apenas objetos físicos, nenhuma palavra de uma língua é perfeitamente igual a uma de outra. Diferentes línguas são, deste ponto de vista, somente outras tantas sinonímias: cada uma delas exprime o conceito de modo um pouco diferente, com esta ou aquela determinação secundária, um degrau mais alto ou mais baixo na escala das sensações. Uma tal sinonímica das principais línguas, ainda que limitada ao grego, latim e alemão (o que aliás seria sobremaneira desejável) ainda não foi tentada, mesmo que se encontrem em muitos escritores fragmentos de algo assim; mas submetida a um tratamento inteligente, tal sinonímica se converteria em obra das mais atraentes. Em tão pouca medida é a palavra signo do conceito, que o conceito sem o signo não pode se originar, e tanto menos, se fixar. A ação indefinida da energia mental concentra-se numa palavra como o adensar de leves nuvens num céu sereno. Ora, ela é um ser individual, com forma e caráter definidos, com uma força que age sobre o ânimo e não desprovida de capacidade para se reproduzir. Se se quisesse pensar o surgimento de uma palavra de modo humano (o que é impossível, porque a pronúncia da palavra pressupõe também a certeza de ser compreendida e a língua em geral pode ser pensada apenas como produto de uma interação simultânea, não no sentido de que um está em condições de ajudar o outro, mas no sentido de que cada um deve carregar dentro de si o seu trabalho e o de todos os

in der nicht einer dem andern zu helfen im Stande ist, sondern jeder seine und alles übrigen Arbeit zugleich in sich tragen muss, gedacht werden kann), so würde dieselbe der Entstehung einer idealen Gestalt in der Phantasie des Künstlers gleich sehen. Auch diese kann nicht von etwas Wirklichem entnommen werden, sie entsteht durch eine reine Energie des Geistes, und im eigentlichsten Verstande aus dem Nichts; von diesem Augenblick an aber tritt sie ins Leben ein, und ist nun wirklich und bleibend. Welcher Mensch, auch ausser dem künstlerischen und genialischen Hervorbringen, hat sich nicht, oft schon in früher Jugend, Gebilde der Phantasie geschaffen, mit denen er hernach oft vertrauter lebt, als mit den Gestalten der Wirklichkeit? Wie könnte daher je ein Wort, dessen Bedeutung nicht unmittelbar durch die Sinne gegeben ist, vollkommen einem Worte einer andern Sprache gleich seyn? Es muss nothwendig Verschiedenheiten darbieten, und wenn man die besten, sorgfältigsten, treuesten Uebersetzungen genau vergleicht, so erstaunt man, welche Verschiedenheit da ist, wo man bloss Gleichheit und Einerleiheit zu erhalten suchte. Man kann sogar behaupten, dass eine Uebersetzung um so abweichender wird, je mühsamer sie nach Treue strebt. Denn sie sucht alsdann auch feine Eigenthümlichkeiten nachzuahmen, vermeidet das bloss Allgemeine, und kann doch immer nur jeder Eigenthümlichkeit eine verschiedne gegenüberstellen. Dies darf indes vom Uebersetzen nicht abschrecken. Das Uebersetzen und gerade der Dichter ist vielmehr eine der nothwendigsten Arbeiten in einer Literatur, theils um den nicht Sprachkundigen ihnen sonst ganz unbekannt bleibende Formen der Kunst und der Menschheit, wodurch jede Nation immer bedeutend gewinnt, zuzuführen, theils aber und vorzüglich, zur Erweiterung der Bedeutsamkeit und der Ausdrucksfähigkeit der eignen Sprache. Denn es ist die wunderbare Eigenschaft der Sprachen, dass alle erst zu dem gewöhnlichen Gebrauche des Lebens hinreichen, dann aber durch den Geist der Nation, die sie bearbeitet, bis ins Unendliche hin zu einem höheren, und immer mannigfaltigeren gesteigert werden können. Es ist nicht zu kühn zu behaupten, dass in jeder, auch in den Mundarten sehr roher Völker, die wir nur nicht genug kennen (womit aber gar nicht gesagt werden soll, dass nicht eine Sprache ursprünglich besser als eine andre, und nicht einige andren auf immer unerreichbar wären), sich Alles, das Höchste und Tiefste, Stärkste und Zarteste ausdrücken lässt. Allein diese Töne

outros), esse surgimento deveria assemelhar-se ao surgimento de uma figura ideal na imaginação do artista. Esta tampouco pode ser extraída de algo real, ela surge por uma pura energia do espírito, e mais propriamente, do nada; mas a partir deste momento ela passa a viver e ser real e duradoura. Quem, ainda que fora do âmbito da criação artística e de gênio, não terá criado para si, freqüentemente já nos primeiros anos de sua juventude, construções da fantasia com as quais, desde então, passa a conviver com maior familiaridade do que com as formas da realidade? Por isso, como poderia uma palavra, cujo significado não é dado imediatamente pelos sentidos, jamais ser igual a uma palavra de uma outra língua? Ela deve necessariamente apresentar diferenças, e se compararmos as melhores, as mais cuidadosas e mais fiéis traduções, admiramo-nos de encontrar diversidade lá onde se pensava obter apenas o igual e o uniforme. Pode-se até mesmo afirmar que uma tradução se torna tanto mais desviante quanto maior o seu esforço para alcançar fidelidade. Pois ela tenta imitar também particularidades sutis, evitando o que é meramente geral, sendo capaz apenas de contrapor a cada particularidade uma particularidade diversa. Isso não deve levar, no entanto, a que se desanime de traduzir. Pelo contrário, a tradução, sobretudo a dos poetas, é uma das tarefas mais necessárias dentro de uma literatura: em parte para fornecer àqueles que não conhecem a língua, formas da arte e da humanidade que de outro modo lhes permaneceriam desconhecidas e pelas quais toda nação obtém ganhos significativos, mas em parte também – e sobretudo – para aumentar a importância e capacidade expressiva da própria língua. Pois é uma característica maravilhosa das línguas o fato de primeiramente bastarem, todas, aos usos comuns da vida, mas em seguida poderem ser elevadas ao infinito, através do espírito da nação que as elabora, até chegar a um espírito mais alto e sempre mais multifacetado. Não será demasiada ousadia afirmar que, em cada língua, mesmo nos dialetos de povos muito rudes que sequer conhecemos suficientemente (com isso não se pretende dizer que uma língua não seja originariamente melhor que outra e que algumas outras não sejam para sempre inatingíveis) se possa exprimir Tudo, as coisas mais altas e profundas, as mais fortes e delicadas. Só que estes sons permanecem sopitados como se estivessem no interior de um instrumento musical não tocado até que a nação saiba despertá-los. Todas as formas

schlummern, wie in einem ungespielten Instrument, bis die Nation sie hervorzulocken versteht. Alle Sprachformen sind Symbole, nicht die Dinge selbst, nicht verabredete Zeichen, sondern Laute, welche mit den Dingen und Begriffen, die sie darstellen, durch den Geist, in dem sie entstanden sind, und immerfort entstehen, sich in wirklichem, wenn man es so nennen will, mystischem Zusammenhange befinden, welche die Gegenstände der Wirklichkeit gleichsam aufgelöst in Ideen enthalten, und nun auf eine Weise, der keine Gränze gedacht werden kann, verändern, bestimmen, trennen und verbinden können. Diesen Symbolen kann ein höherer, tieferer, zarterer Sinn untergelegt werden, was nur dadurch geschieht, dass man sie in solchem denkt, ausspricht, empfängt und wiedergiebt, und so wird die Sprache, ohne eigentlich merkbare Veränderung, zu einem höheren Sinne gesteigert, zu einem mannigfaltiger sich darstellenden ausgedehnt. Wie sich aber der Sinn der Sprache erweitert, so erweitert sich auch der Sinn der Nation. Wie hat, um nur dies Beispiel anzuführen, nicht die Deutsche Sprache gewonnen, seitdem sie die griechischen Silbenmasse nachahmt, und wie vieles hat sich nicht in der Nation, gar nicht bloss in dem gelehrten Theile derselben, sondern in ihrer Masse, bis auf Frauen und Kinder verbreitet, dadurch entwickelt, dass die Griechen in ächter und unverstellter Form wirklich zur Nationallectüre geworden sind. Es ist nicht zu sagen, wieviel Verdienst um die Deutsche Nation durch die erste gelungene Behandlung der antiken Silbenmasse Klopstock, wie noch weit mehr Voss gehabt, von dem man behaupten kann, dass er das klassische Alterthum in die Deutsche Sprache eingeführt hat. Eine mächtigere und wohlthätigere Einwirkung auf die Nationalbildung ist in einer schon hoch cultivirten Zeit kaum denkbar, und sie gehört ihm allein an. Denn er hat, was nur durch diese mit dem Talente verbundene Beharrlichkeit des Charakters möglich war, die denselben Gegenstand unermüdet von neuem bearbeitete, die feste, wenn gleich allerdings noch der Verbesserung fähige Form erfunden, in der nun, solange Deutsch gesprochen wird, allein die Alten deutsch wiedergegeben werden können, und wer eine wahre Form erschafft, der ist der Dauer seiner Arbeit gewiss, da hingegen auch das genialischste Werk, als einzelne Erscheinung, ohne eine solche Form, ohne Folgen für das Fortgehen auf demselben Wege bleibt. Soll aber das Uebersetzen der Sprache und dem Geist der Nation dasjenige aneignen, was sie nicht, oder was sie doch anders besitzt, so ist die

lingüísticas são símbolos e não, as próprias coisas. Não são signos convencionais, mas sons que com as coisas e os conceitos representados se encontram numa verdadeira relação - se podemos chamá-la assim - mística, uma relação mediada pelo espírito do qual surgiram e continuam a surgir; sons que por assim dizer contêm os objetos da realidade dissolvidos em idéias e, de um modo que devemos considerar ilimitado, podem modificar, determinar, separar e estabelecer relações. A esses símbolos pode ser atribuído um sentido mais alto, profundo e delicado, o que ocorre somente quando são pensados, expressos, apreendidos e reproduzidos em tal sentido. Assim, sem que ocorra uma modificação propriamente perceptível, a língua passa a ser elevada a um sentido mais alto, expandida a ponto de atingir um sentido com capacidade de representação mais diversificada. Mas à medida que se amplia o senso da língua, amplia-se também o senso da nação. Apenas para fornecer um exemplo: o quanto não se beneficiou a língua alemã desde que passou a imitar a métrica grega e o quanto não evoluíram as coisas - não apenas na parte culta da nação, mas também em sua massa, chegando até às mulheres e crianças - desde que os gregos, da forma mais autêntica e espontânea, se tornaram de fato leitura nacional! Não se pode dizer o quanto Klopstock se tornou benemérito da nação alemã com o primeiro tratamento bem-sucedido do metro antigo, e mais ainda, Voss, de quem se pode afirmar ter introduzido a antigüidade clássica na língua alemã. Uma influência mais poderosa e benéfica sobre a cultura nacional é dificilmente pensável numa época já altamente culta, e essa influência se deve unicamente a ele. Pois foi Voss quem inventou - e isso foi possível apenas graças a uma perseverança de caráter conjugada ao talento, perseverança esta que incansável e incessantemente elaborou o mesmo objeto - a forma estável, ainda que passível de aperfeiçoamento, a única forma em que, a partir de agora, enquanto a língua alemã for falada, os antigos poderão ser reproduzidos em alemão; e quem quer que crie uma verdadeira forma, estará certo da permanência de seu trabalho, ao passo que, por sua vez, mesmo a obra mais genial, enquanto fenômeno isolado, desprovido de uma tal forma, permanecerá nessa mesma via sem maiores conseqüências para o andamento futuro. Mas se com a tradução deve-se adquirir para a língua e para o espírito da nação aquilo que ela não possui ou que possui de modo diverso, a exigência primeira é de

erste Forderung einfache Treue. Diese Treue muss auf den wahren Charakter des Originals, nicht, mit Verlassung jenes, auf seine Zufälligkeiten gerichtet seyn, so wie überhaupt jede gute Uebersetzung von einfacher und anspruchloser Liebe zum Original, und daraus entspringendem Studium ausgehen, und in sie zurückkehren muss. Mit dieser Ansicht ist freilich nothwendig verbunden, dass die Uebersetzung eine gewisse Farbe der Fremdheit an sich trägt, aber die Gränze, wo dies ein nicht abzuläugnender Fehler wird, ist hier sehr leicht zu ziehen. Solange nicht die Fremdheit, sondern das Fremde gefühlt wird, hat die Uebersetzung ihre höchsten Zwecke erreicht; wo aber die Fremdheit an sich erscheint, und vielleicht gar das Fremde verdunkelt, da verräth der Uebersetzer, dass er seinem Original nicht gewachsen ist. Das Gefühl des uneingenommenen Lesers verfehlt hier nicht leicht die wahre Scheidelinie. Wenn man in ekler Scheu vor dem Ungewöhnlichen noch weiter geht, und auch das Fremde selbst vermeiden will, so wie man wohl sonst sagen hörte, dass der Uebersetzer schreiben müsse, wie der Originalverfasser in der Sprache des Uebersetzers geschrieben haben würde (ein Gedanke, bei dem man nicht überlegte, dass, wenn man nicht bloss von Wissenschaften und Thatsachen redet, kein Schriftsteller dasselbe und auf dieselbe Weise in einer andern Sprache geschrieben haben würde), so zerstört man alles Uebersetzen und allen Nutzen desselben für Sprache und Nation. Denn woher käme es sonst, dass, da doch alle Griechen und Römer im Französischen, und einige in der gegebenen Manier sehr vorzüglich übersetzt sind, dennoch auch nicht das Mindeste des antiken Geistes mit ihnen auf die Nation übergegangen ist, ja nicht einmal das nationale Verstehen derselben (denn von einzelnen Gelehrten kann hier nicht die Rede seyn) dadurch im geringsten gewonnen hat?

Dieser hier eben geschilderten Einfachheit und Treue habe ich mich, um nach diesen allgemeinen Betrachtungen auf meine eigene Arbeit zu kommen, zu nähern gesucht. Bei jeder neuen Bearbeitung habe ich gestrebt immer mehr von dem zu entfernen, was nicht gleich schlicht im Texte stand. Das Unvermögen, die eigenthümlichen Schönheiten des Originals zu erreichen, führt gar zu leicht dahin ihm fremden Schmuck zu leihen, woraus im Ganzen eine abweichende Farbe, und ein verschiedner Ton entsteht. Vor Undeutschheit und Dunkelheit habe ich mich zu hüten gesucht, allein in dieser letzteren Rücksicht muss man keine ungerechte, und höhere Vorzüge verhin-

simples fidelidade. Essa fidelidade deve ser dirigida ao verdadeiro caráter do original, o qual não deve ser abandonado em favor de seus elementos fortuitos; da mesma forma com que toda boa tradução deve partir do simples e despretenso amor pelo original, passar pelo estudo dele derivado, e retornar ao ponto de partida. Sem dúvida, a essa visão se liga necessariamente o fato de que a tradução assume um certo colorido estranho, mas é muito fácil estabelecer o limite a partir do qual ele se torna um erro inequívoco. Na medida em que faz sentir o estranho ao invés da estranheza, a tradução alcançou suas mais altas finalidades; entretanto, no momento em que aparece a estranheza em si, talvez até mesmo obscurecendo o estranho, o tradutor revela não estar à altura de seu original. A sensibilidade do leitor não prevenido percebe aqui a verdadeira linha de demarcação. Destrói-se toda tradução e toda sua utilidade para a língua e a nação, quando, por um temor que beira a aversão pelo insólito, se chega ao ponto de pretender evitar também o próprio estranho; da mesma forma com que por certo é freqüente se ouvir dizer que o tradutor deveria escrever como o autor original teria escrito na língua do tradutor (uma idéia que não leva em conta o fato de que, se não se fala unicamente de ciência e fatos, nenhum escritor escreveria numa outra língua a mesma coisa e do mesmo modo). Como se explica, pois, o fato de que, mesmo tendo sido traduzidos para o francês todos os gregos e romanos, e alguns, exemplarmente, segundo aquela determinada maneira de traduzir, nem uma mínima parte do espírito antigo tenha passado com eles para a nação, e de que nem mesmo a compreensão nacional dos mesmos tenha se beneficiado minimamente com isso (não me refiro aqui a estudiosos isolados)?

Procurei aproximar-me da simplicidade e fidelidade acima descritas com o propósito de retornar, depois destas observações de caráter geral, ao meu próprio trabalho. A cada reelaboração, esforcei-me por eliminar cada vez mais aquilo que não estivesse simples e diretamente no texto. A incapacidade de alcançar as belezas singulares do original leva com demasiada facilidade ao inconveniente de dotá-lo de uma ornamentação estranha, o que acaba fazendo com que o conjunto adquira uma coloração desviante e um tom diverso. Procurei preservar-me contra a obscuridade e contra o que não é naturalmente germânico, com a ressalva de que, ao se considerar tal obscuridade, não devem ser feitas exigências injustas que obstem benefícios maiores.

dernde Forderungen machen. Eine Uebersetzung kann und soll kein Commentar seyn. Sie darf keine Dunkelheit enthalten, die aus schwankendem Wortgebrauch, schielender Fügung entsteht; aber wo das Original nur andeutet, statt klar auszusprechen, wo es sich Metaphern erlaubt, deren Beziehung schwer zu fassen ist, wo es Mittelideen auslässt, da würde der Uebersetzer Unrecht thun aus sich selbst willkürlich eine den Charakter des Textes verstellende Klarheit hineinzubringen. Die Dunkelheit, die man in den Schriften der Alten manchmal findet, und die gerade der Agamemnon vorzüglich an sich trägt, entsteht aus der Kürze und der Kühnheit, mit der, mit Verschmähung vermittelnder Bindsätze, Gedanken, Bilder, Gefühle, Erinnerungen und Ahndungen, wie sie aus dem tief bewegten Gemüthe entstehen, an einander gereiht werden. Sowie man sich in die Stimmung des Dichters, seines Zeitalters, der von ihm aufgeführten Personen hineindenkt, verschwindet sie nach und nach, und eine hohe Klarheit tritt an die Stelle. Einen Theil dieser Aufmerksamkeit muss man auch der Uebersetzung schenken; nicht verlangen, dass das, was in der Ursprache erhaben, riesenhaft und ungewöhnlich ist, in der Uebertragung leicht und augenblicklich fasslich seyn solle. Immer aber bleiben Leichtigkeit und Klarheit Vorzüge, die ein Uebersetzer am schwersten, und nie durch Mühe und Umarbeiten erringt; er dankt sie meistentheils einer ersten glücklichen Eingebung, und ich weiss nur zu gut, wieviel meine Uebersetzung mir hierin zu wünschen übrig lässt.

Bei der Berichtigung und Auslegung des Textes habe ich mich der Hülfe des Herrn Professors Herrmann erfreut. Mit einer neuen Ausgabe des Aeschylos beschäftigt, hat mir derselbe die Freundschaft erzeigt, mir von seiner Bearbeitung des Agamemnon alles mitzutheilen, was mir bei der Uebersetzung nützlich seyn konnte. Durch diese gütige Unterstützung, ohne die ich, vorzüglich die Chorgesänge nie gewagt haben würde, dem Publicum vorzulegen, bin ich in Stand gesetzt worden, meiner Uebersetzung einen durchaus neu geprüften Text zum Grunde zu legen, und jeder Kundige wird bald gewahr werden, wieviel glückliche Veränderungen einzelne Stellen erhalten, wieviel ausserdem die Chöre und Anapaestischen Systeme durch richtigere Versabtheilung gewonnen haben. Die sich auf den Sinn beziehenden Veränderungen des Textes sind in den Anmerkungen von Herrn Professor Herrmann selbst kurz angegeben worden, die

Uma tradução não pode nem deve ser um comentário. Não pode conter obscuridades que provenham de um uso incerto do léxico ou de uma construção falha; mas, nos momentos em que o original apenas sugere ao invés de expressar com clareza, onde ele se permite o uso de metáforas cujas relações são de difícil compreensão, onde omite idéias de ligação, nesses momentos o tradutor cometeria uma injustiça ao introduzir por conta própria e arbitrariamente uma clareza que altere o caráter do texto. As obscuridades que algumas vezes encontramos nos escritos dos antigos, e que em Agamêmnon se encontram particularmente presentes, provêm da concisão e da ousadia com que, desprezando proposições coordenativas, são alinhados lado a lado pensamentos, imagens, sentimentos, lembranças e pressentimentos, assim como eles se originam de um ânimo profundamente comovido. Logo que penetramos na atmosfera do poeta, de sua época e dos personagens apresentados, pouco a pouco desaparece a obscuridade e em seu lugar entra uma suprema clareza. Parte dessa advertência deve ser dirigida também à tradução: não se deve exigir que aquilo que na língua original é sublime, gigantesco e inusitado se torne na tradução leve, fácil e momentaneamente compreensível. Entretanto, leveza e clareza permanecem sempre sendo qualidades que um tradutor alcança com a maior dificuldade e nunca pelo esforço, nem pela reelaboração; no mais das vezes, ele as deve a uma primeira feliz inspiração – e nisso sei muito bem o quanto minha própria tradução deixa a desejar.

Para a correção e interpretação do texto tive a felicidade de contar com o auxílio do Prof. Herrmann. Ocupado que estava com uma nova edição de *Ésquilo*, o professor teve a amabilidade de me comunicar tudo aquilo que de sua revisão do *Agamêmnon* me poderia ser útil para a tradução. Graças a essa gentil assistência, sem a qual jamais teria ousado apresentar ao público sobretudo os cantos do coro, tive condições de basear minha tradução num texto completamente revisto, e o especialista verá de imediato quantas modificações felizes receberam certas passagens isoladas e, além disso, o quanto ganharam os coros e os conjuntos anapésticos, graças a uma subdivisão mais correta dos versos. As modificações do texto que se referem ao sentido foram brevemente indicadas nas notas pelo próprio Prof. Hermann; aquelas que se referem à métrica são evidenciadas pela comparação entre a tradução e as edições anteriores.

das Metrum betreffenden zeigt die Vergleichung der Uebersetzung mit den vorigen Ausgaben.

Diesem Texte bin ich nunmehr auch so genau, als es mir möglich war, gefolgt. Denn ich habe von jeher die eklektische Manier gehasst, mit welcher Uebersetzer manchmal unter den hundertfältigen Varianten der Handschriften und Verbesserungen der Kritiker, nach einem nothwendig oft irre leitenden Gefühl, willkürlich auswählen. Die Herausgabe eines alten Schriftstellers ist die Zurückführung einer Urkunde, wenn nicht auf ihre wahre und ursprüngliche Form, doch auf die Quelle, die für uns die letzte zugängliche ist. Sie muss daher mit historischer Strenge und Gewissenhaftigkeit, mit dem ganzen Vorrath ihr zum Grunde liegender Gelehrsamkeit, und vorzüglich mit durchgängiger Consequenz unternommen werden, und aus Einem Geiste herfliessen. Am wenigsten darf man dem sogenannten aesthetischen Gefühl, wozu gerade die Uebersetzer sich berufen glauben könnten, darauf Einfluss gestatten, wenn man (das Schlimmste was einem Bearbeiter der Alten begegnen kann) nicht dem Text Einfälle aufdringen will, die über kurz, oder lang andren Einfällen Platz machen.

Auf den metrischen Theil meiner Arbeit, vorzüglich auf die Reinheit und Richtigkeit des Versmasses, da diese die Grundlage jeder andern Schönheit ist, habe ich soviel Sorgfalt, als möglich, gewandt, und ich glaube, dass hierin kein Uebersetzer zu weit gehen kann. Der Rhythmus, wie er in den Griechischen Dichtern, und vorzüglich in den dramatischen, denen keine Versart fremd bleibt, waltet, ist gewissermassen eine Welt für sich, auch abgesondert vom Gedanken, und von der von Melodie begleiteten Musik. Er stellt das dunkle Wogen der Empfindung und des Gemüthes dar, ehe es sich in Worte ergiesst, oder wenn ihr Schall vor ihm verklungen ist. Die Form jeder Anmuth und Erhabenheit, die Mannigfaltigkeit jedes Charakters liegt in ihm, entwickelt sich in freiwilliger Fülle, verbindet sich zu immer neuen Schöpfungen, ist reine Form, von keinem Stoffe beschwert, und offenbart sich an Tönen, also an dem, was am tiefsten die Seele ergreift, weil es dem Wesen der innern Empfindung am nächsten steht. Die Griechen sind das einzige Volk, von dem wir Kunde haben, dem ein solcher Rhythmus eigen war, und dies ist, meines Erachtens, das, was sie am meisten charakterisirt und bezeichnet. Was wir bei andren Nationen davon antreffen, ist unvollkommen, was wir und selbst (wenn man einige wenige bei ihnen sehr gelungene

Segui este texto com a exatidão que me foi possível. Pois sempre abominei o modo eclético com que tradutores, algumas vezes, escolhem arbitrariamente dentre as milhares de variantes dos manuscritos e correções dos críticos, segundo uma intuição que necessariamente conduz a erro. A edição de um escritor antigo consiste na remissão a um documento, se não em sua forma verdadeira e original, ao menos à fonte que é a última a nós acessível. Ela deve, portanto, ser empreendida com rigor histórico e escrupulosamente, com toda a bagagem de erudição a ela subjacente, e sobretudo com uma coerência permanente, devendo fluir de uma só mente. Deve-se fazer ainda menos concessões à influência do assim chamado senso estético, a que sobretudo os tradutores poderiam sentir-se inclinados, se não se quisessem impor ao texto idéias erráticas (a pior coisa que pode acontecer a um editor dos antigos), as quais mais cedo ou mais tarde darão lugar a outras.

Dediquei o maior cuidado possível ao aspecto métrico de meu trabalho, sobretudo à pureza e à correção métricas, já que são elas o fundamento de toda e qualquer outra beleza e creio que nisso nenhum tradutor pode jamais fazer o bastante. O ritmo que predomina nos poetas gregos, sobretudo nos dramáticos, aos quais nenhum tipo de verso é estranho, é em certa medida um mundo em si, considerado mesmo independente do pensamento e da música acompanhada de melodia. Ele representa a ondulação obscura do sentimento e do ânimo antes de confluir em palavras, ou então, depois de seu som ter-se evanescido. A forma de toda graça e sublimidade, a multiplicidade de todo caráter está aí, evolui em livre plenitude, combina-se sempre em novas criações, é pura forma, não sobrecarregada de matéria, revelando-se em sons, ou seja, naquilo que atinge a alma mais profundamente por estar mais próximo da essência da sensação interior. Os gregos são o único povo de que temos notícia, a quem um tal ritmo era próprio e isto é, a meu ver, aquilo que os distingue e caracteriza principalmente. O que encontramos neste sentido em outras nações é incompleto, o que possuímos nós e até mesmo os romanos (exceção feita a alguns poucos tipos de versos latinos extremamente logrados), é apenas um eco, um débil e rude eco. Na avaliação de línguas e nações, deu-se muito pouca atenção aos elementos por assim dizer mortos, à declamação externa; pensa-se que tudo está sempre no espiritual. Não é este o momento de expor isso em detalhe; mas a mim sempre pareceu que sobretudo o modo

Versarten ausnimmt) die Römer besitzen, nur Nachhall, und zugleich schwacher und rauher Nachhall. Man hat bei Beurtheilung der Sprachen und Nationen viel zu wenig auf die gewissermassen todten Elemente, auf den äusseren Vortrag geachtet; man denkt immer Alles im Geistigen zu finden. Es ist hier nicht der Ort dies auszuführen; aber mir hat es immer geschienen, dass vorzüglich der Umstand, wie sich in der Sprache Buchstaben zu Silben, und Silben zu Worten verbinden, und wie diese Worte sich wieder in der Rede nach Weile und Ton zu einander verhalten, das intellectuelle, ja sogar nicht wenig das moralische und politische Schicksal der Nationen bestimmt oder bezeichnet. Hierin aber war den Griechen das glücklichste Loos gefallen, das ein Volk sich wünschen kann, das durch Geist und Rede, nicht durch Macht und Thaten herrschen will.

Die deutsche Sprache scheint unter den neueren allein den Vorzug zu besitzen, diesen Rhythmus nachbilden zu können, und wer Gefühl für ihre Würde mit Sinn für Rhythmus verbindet, wird streben ihr diesen Vorzug immer mehr zuzueignen. Denn er ist der Erhöhung fähig; eine Sprache muss, gleich einem Instrument, vollkommen ausgespielt werden, und noch mehr Uebung bedarf das Ohr vieler durch die Willkühr der Dichter irre gewordner, auch an nicht so häufig vorkommende Versmasse weniger gewöhnter Leser. Ein Uebersetzer, vorzüglich der alten Lyriker, könnte oft nur gewinnen, indem er sich Freiheiten erlaubte; wenige werden ihm in den Chören genau genug folgen um den richtigen, oder unrichtigen Gebrauch einer Silbe zu prüfen; ja bei gleicher Richtigkeit ziehen, wie schon Voss sehr wohl bemerkt hat, viele eine gewisse Natürlichkeit einer höheren Schönheit des Rhythmus vor. Allein hier muss ein Uebersetzer Selbstverläugnung und Strenge gegen sich ausüben; nur so wandelt er in einer Bahn, auf der er hoffen kann, glücklichere Nachfolger zu haben. Denn Uebersetzungen sind doch mehr Arbeiten, welche den Zustand der Sprache in einem gegebenen Zeitpunkt, wie an einem bleibenden Massstab, prüfen, bestimmen, und auf ihn einwirken sollen, und die immer von neuem wiederholt werden müssen, als dauernde Werke. Auch lernt der Theil der Nation, der die Alten nicht selbst lesen kann, sie besser durch mehrere Uebersetzungen, als durch eine, kennen. Es sind eben so viel Bilder desselben Geistes; denn jeder giebt den wieder, den er auffasste, und darzustellen vermochte; der wahre ruht allein in der Urschrift.

como na língua as letras se combinam em sílabas, as sílabas em palavras e como essas palavras estão no discurso em uma relação de tempo e de som, define ou caracteriza o destino intelectual das nações, e até mesmo, em não menor escala, seu destino moral e político. Neste sentido, tocou aos gregos o mais feliz dos acasos que pode desejar um povo que pretenda dominar pelo espírito e pela palavra, e não pelo poder e pela ação.

Entre as línguas mais recentes, só a alemã parece possuir o privilégio de ser capaz de reproduzir este ritmo, e quem quer que combine o senso da dignidade da língua com o senso de ritmo aspirará sempre mais a dotá-la deste privilégio, pois ele é capaz de elevação. Uma língua é como um instrumento que deve ser tocado até esgotar suas possibilidades expressivas, e tanto mais treinado precisa ser o ouvido de muitos leitores ainda aturdidos pelo arbítrio dos poetas e, ademais, pouco habituados a metros não utilizados com tanta frequência. Um tradutor, sobretudo dos antigos poetas líricos, muitas vezes só poderia ter a ganhar ao tomar algumas liberdades – poucos o seguiriam nos coros com a precisão necessária para verificar o uso correto ou incorreto de uma sílaba. Aliás, entre duas versões igualmente corretas, muitos preferem optar, como já Voss havia observado muito bem, por uma certa naturalidade em detrimento de uma superior beleza rítmica. Unicamente neste ponto um tradutor deverá exercitar-se na abnegação e no rigor contra si mesmo, só assim entrará numa órbita na qual poderá esperar ter seguidores mais felizes. Pois traduções são, mais do que obras duradouras, trabalhos que, a partir de um parâmetro estável, põem à prova o estado de uma língua em uma determinada época, o definem e devem influir sobre ele, tendo sempre de ser novamente refeitas. Além disso, aquela parte da nação que não pode ler os antigos por conta própria, irá conhecê-los melhor por meio de várias traduções do que pelo recurso a uma única. São, pois, outras tantas imagens do mesmo espírito, cada qual reproduzindo aquilo que foi capaz de conceber e representar: mas o verdadeiro espírito repousa somente no texto original.

Tradução: Susana Kampff Lages

AUGUST WILHELM VON SCHLEGEL

ÜBER DIE BHAGAVAD-GITA

SOBRE A BHAGAVAD-GITA

AUGUST WILHELM VON SCHLEGEL

ÜBER DIE BHAGAVAD-GITA

Nachdem Schlegel seine Übersetzung der Bhagavad-Gita (ins Lateinische) hatte erscheinen lassen, wurde seine Arbeit von Langlois kritisiert. Mit dieser Kritik setzt sich Wilhelm von Humboldt in einem Briefe (von der Länge einer mittleren Doktor-Dissertation) auseinander. Da Humboldt als erstrangiger Kenner sich nicht nur mit der Langloisschen Kritik befaßte - der er in vielen Punkten entgegentrat -, sondern auch allgemeinere Ausführungen über den Geist des Gedichtes, die metaphysische Terminologie der Inder, die Möglichkeit ihrer Übertragung in andere Sprachen machte, so druckte Schlegel den Humboldtschen Brief in seiner «Indischen Bibliothek» ab. Von dieser als Zeitschrift gedachten Veröffentlichung erschien der 2. Band in 4 Einzelfolgen von 1824 bis 1827. Schlegel versah die Humboldtschen Bemerkungen außer mit Auszügen aus Langlois' Kritik auch wiederum mit eigenen Anmerkungen, die durch Kleindruck von Humboldts Text unterschieden sind. Im Zuge dieser Anmerkungen macht Schlegel die hier folgenden allgemeineren Ausführungen über das Übersetzen. Sie finden sich im 2. Heft des 2. Bandes, Bonn (Ed. Weber) 1826, S. 254-258.

Das Verhältnis der Uebersetzungen zu ihren Originalen, die Schwierigkeiten und Schranken der Uebersetzungskunst, die Forderungen, welche demnach billiger Weise gemacht werden können, sind in dem vorletzten Absatze auf das scharfsinnigste dargelegt. Ich unterschreibe alles allgemeine, nur das Lob meiner Uebersetzung der Bh.G. möchte mancher Einschränkung bedürfen.

Ich hatte frühzeitig in einem Lieblingsschriftsteller (Hemsterhuis Œuvres T. 1. p. 51.) gelesen:

Il est absolument impossible que le sublime de cet ordre et de cette espèce se puisse traduire. Pour copier bien une chose, il faut non seulement que je fasse ce qu'a fait le premier auteur de la chose, mais il faut encore que je me serve des mêmes outils et de la même matière que lui. Or, dans les arts où l'on se sert de signes et de paroles, l'expression d'une pensée agit sur la faculté reproductive de l'âme. Supposez maintenant l'esprit de l'auteur et du traducteur tourné de la

AUGUST WILHELM VON SCHLEGEL

SOBRE A BHAGAVAD-GITA

Quando Schlegel publicou sua tradução da Bhagavad-Gita (para o latim), seu trabalho foi criticado por Langlois¹. Wilhelm von Humboldt discute essa crítica numa carta (do tamanho de uma tese de doutorado). Humboldt, grande conhecedor do assunto, trata não somente da crítica de Langlois, da qual ele discorda em muitos pontos, mas também faz explanações gerais sobre o espírito do poema, a terminologia metafísica dos indianos e a possibilidade da sua tradução para uma outra língua. E é por isso que Schlegel publica a carta humboldtiana na sua *Indischen Bibliothek*² [Biblioteca Indiana]. De 1824 a 1827 surge, em quatro partes, um segundo número dessa publicação, concebida como revista. Schlegel mune as observações de Humboldt com os excertos da crítica de Langlois, em contrapartida com as próprias anotações que se distinguem do texto humboldtiano pela letra menor. A partir dessas observações, Schlegel faz os seguintes apontamentos genéricos sobre a tradução. Eles se encontram no 2º Caderno do 2º Número, Bonn (Ed. Weber) 1826, pp. 254-258.

A relação das traduções aos seus originais, as dificuldades e limitações da arte de tradução, as exigências que, em consequência disso, podem ser feitas de maneira justa, são apresentadas do modo mais perspicaz no penúltimo parágrafo. Assino embaixo de todas as observações gerais, só o elogio à minha tradução do Bhagavad-Gita demandaria alguma restrição.

Antes eu havia lido num escritor de minha preferência (*Hemsterhuis*³ *Œuvres* T. 1. p. 51.):

Il est absolument impossible que le sublime de cet ordre et de cette espèce se puisse traduire. Pour copier bien une chose, il faut non seulement que je fasse ce qu'a fait le premier auteur de la chose, mais il faut encore que je me serve des mêmes outils et de la même matière que lui. Or, dans les arts où l'on se sert de signes et de paroles, l'expression d'une pensée agit sur la faculté reproductive de l'âme. Supposez maintenant l'esprit de l'auteur et du traducteur tourné de la

même façon exactement, le dernier pourtant se sert d'outils et de matière totalement différents. Ajoutez à cela que le mesure, la volubilité du son, et le coulant d'une suite heureuse de consonnes et de voyelles, ont pris leur origine avec l'idée primitive, et font partie de son essence.

Indessen ließ ich mich dadurch nicht abschrecken, ich versuchte allerlei: am Dante, am Shakspeare, am Calderón, am Ariost, am Petrarca, am Camoens u.s.w., auch an einigen Dichtern des classischen Alterthums. Ich könnte nur sagen, ich habe durch so viele Mühe nur die Ueberzeugung gewonnen, das Uebersetzen sei eine zwar freiwillige, gleichwohl peinliche Knechtschaft, eine brodlose Kunst, ein undankbares Handwerk; undankbar, nicht nur weil die beste Uebersetzung niemals einem Original-Werke gleich geschätzt wird, sondern auch, weil der Uebersetzer, je mehr er an Einsicht zunimmt, um so mehr die unvermeidliche Unvollkommenheit seiner Arbeit fühlen muß. Ich will aber lieber die andre Seite hervorheben. Der ächte Uebersetzer, könnte man rühmen, der nicht nur den Gehalt eines Meisterwerkes zu übertragen, sondern auch die edle Form, das eigenthümliche Gepräge zu bewahren weiß, ist ein Herold des Genius, der über die engen Schranken hinaus, welche die Absonderung der Sprachen setzte, dessen Ruhm verbreitet, dessen hohe Gaben vertheilt. Er ist ein Bote von Nation zu Nation, ein Vermittler gegenseitiger Achtung und Bewunderung, wo sonst Gleichgültigkeit oder gar Abneigung Statt fand.

Ich muß gestehen, daß mir selten öffentliche Beurtheilungen meiner Versuche in dieser Art zu Theil geworden sind, woraus ich etwas hätte lernen können. Bei uns werfen sich Leute zu Kritikern dichterischer Werke auf, versteigen sich dabei wohl in metaphysische Schwindeleien, die nicht einmal die ersten Elemente der Metrik kennen, geschweige denn in Ausübung zu bringen wissen; wiewohl dieß die erste technische Bedingung der Dichtkunst, und eine Sache ist, die sich lehren und lernen läßt. Solchen Beurtheilern hätte ich dann wohl erwidern mögen: "Mein Freund, ich war früher aufgestanden als du; was du tadelnd bemerkst, wußte ich längst: ich habe unter mehreren Mängeln oder Uebelständen den ausgewählt, der mir der leidlichste schien. Wenn du etwas besseres weißt, und zwar etwas metrisch ausführbares, so gieb es an: wo nicht, so hättest du eben so gern zu Hause bleiben mögen."

même façon exactement, le dernier pourtant se sert d'outils et de matière totalement différents. Ajoutez à cela que la mesure, la volubilité du son, et le coulant d'une suite heureuse de consonnes et de voyelles, ont pris leur origine avec l'idée primitive, et font partie de son essence.

Contudo, não me deixei intimidar, tentei de tudo: Dante, Shakespeare, Calderón, Ariosto, Petrarca, Camões, entre outros, também percorri alguns poetas da Antiguidade clássica. Agora, eu poderia dizer que através de tanto esforço, somente me convenci de que a tradução é uma servidão, apesar de voluntária, ao mesmo tempo penosa, uma arte inglória, um ofício ingrato; ingrato não apenas porque a melhor tradução jamais é tão estimada quanto uma obra original, mas também porque, na medida em que compreende melhor seu ofício, o próprio tradutor percebe a inevitável imperfeição do seu trabalho. No entanto, eu prefiro destacar o outro lado. O verdadeiro tradutor, que sabe manter na versão não apenas o conteúdo de uma obra-prima, mas também a forma nobre, o caráter peculiar, pode ser enaltecido como o arauto do gênio, cuja glória ele divulga, cujo dom espalha, transcendendo os estreitos limites motivados pela separação das línguas. Ele é um mensageiro de uma nação a outra, um mediador de respeito e admiração mútua, onde sem ele haveria indiferença ou mesmo aversão.

Preciso confessar que raramente as minhas tentativas têm sido avaliadas publicamente de forma que eu pudesse aprender algo. Aqui, as pessoas se metem a críticas de obras poéticas, perdendo-se em delírios metafísicos, sem conhecer os princípios elementares da métrica, e sem saber empregá-los; embora essa seja a primeira condição técnica da arte poética, e uma coisa que se pode ensinar e aprender. A esses julgamentos deveria então replicar: “Meu amigo, levantei-me mais cedo que você; o que você aponta censurando, eu já sabia há muito: escolhi entre as deficiências e carências o que me pareceu mais razoável. Se você conhecer algo melhor e, claro, de métrica exequível, então me diga: se não for o caso, então teria sido melhor ter ficado quieto.”

Considero uma exigência bem justa, nas traduções, que a crítica deva vir acompanhada de uma sugestão construtiva. Pela minha experiência, talvez eu possa passar algo útil sobre a arte de recriação poética, mas não como teoria. Em frases genéricas, eu teria poucas idéias boas a oferecer, eu precisaria tornar meu ponto de vista claro sempre através de exemplos. No entanto, não sei se o conseguiria.

Daß bei Uebersetzungen der Tadel immer mit einem Vorschlage zur Abhülfe begleitet seyn sollte, ist, wie mich dünkt, eine ganz billige Forderung. Vielleicht würde ich aus meiner Erfahrung manches nützliche über die Kunst dichterischer Nachbildungen mittheilen können, aber nicht als Theorie. In allgemeinen Sätzen wüßte ich wenig ersprißliches auszusprechen, ich müßte meine Ansicht immer durch Beispiele deutlich machen. Doch weiß ich nicht, ob es mir gelingen würde. Denn die mächtigen Eindrücke, welche die Poesie durch die Wahl der Worte, durch ihre Verknüpfung und Anordnung, durch Sylbenmaaß und Wohllaut in Wechsel oder Wiederkehr hervorbringt, beruhen auf einem Gewebe so unendlich feiner Wahrnehmungen, daß es schwer fällt, sie in Begriffe zu fassen. Alles, selbst der Begriff der Treue, bestimmt sich nach der Natur des Werkes, womit man es zu thun hat, und nach dem Verhältniß der beiden Sprachen. In Absicht auf diese sowohl als auf Geschmack, gesellige und wissenschaftliche Bildung machen die Europäischen Völker, ungeachtet aller Verschiedenheiten eine große Familie aus. Dieß gilt auch in gewissem Grade vom classischen Alterthum: wir haben dessen Geisteswerke geerbt, und auf dieser Grundlage weiter gebaut. Wenn wir uns aber nach Asien hinüberwagen, so sehen wir uns in eine ganz andere Sphäre versetzt. In Indien besonders steht sowohl die Entwicklung der Sprache als der Gang der Gedankenbildung unermößlich weit von allem ab, was uns geläufig ist.

Die Uebersetzung eines philosophischen Gedichtes, und aus dem Sanskrit in's Lateinische, war für mich ein erster Versuch. Wiewohl die Auflösung in Prosa nothwendig war, so wollte ich doch nicht gern die Form ganz verloren gehen lassen: ich wünschte meinen Lesern von der überschwänglichen Majestät und Erhabenheit der Urschrift wenigstens eine Ahndung zu geben.

Die Forderung des Hrn. Langlois, für jeden Ausdruck des Originals überall ein und dasselbe Wort zu gebrauchen, mag man für die Uebersetzung eines Lehrbuches der Geometrie gelten lassen. An die Uebersetzung philosophischer Schriften darf sie nur in dem Grade gemacht werden, als sie sich an Gehalt und Methode geometrischen Lehrbüchern nähern. Sie wird auf die Werke des Plato weniger passen, als auf die des Aristoteles. Vollends eine dichterische Darstellung der innersten Anschauung des Geistes von sich selbst und dem Unendlichen und Ewigen kann nicht wie eine Sammlung algebrischer Zeichen behandelt werden.

Pois as fortes impressões que a poesia proporciona, através da escolha das palavras, seu encadeamento e disposição, escansão e eufonia em alternâncias e repetições são baseadas em um sistema de percepções tão infinitamente delicadas, que fica difícil conceituá-las. Tudo, mesmo o conceito de fidelidade, define-se conforme a natureza da obra com a qual se trabalha e a relação das duas línguas entre si. No que se refere a essas, como também ao gosto, formação social e científica, os povos europeus constituem uma grande família, a despeito de todas as diferenças. De certo modo, pode-se dizer o mesmo da antiguidade clássica: dela nós herdamos a obra intelectual e, a partir desse fundamento, continuamos construindo. Mas se nos aventuramos para a Ásia, então nós nos sentimos transpostos a uma esfera completamente diferente. Principalmente na Índia, tanto o desenvolvimento da língua como o processo da formação intelectual, encontram-se extremamente distantes de tudo o que conhecemos.

A tradução de um poema filosófico do sânscrito para o latim foi para mim uma primeira tentativa. Embora a decomposição em prosa tenha sido necessária, eu não queria deixar a forma se perder totalmente: eu quis dar aos meus leitores pelo menos uma idéia da exuberante majestade e sublimidade do original.

A exigência do Sr. Langlois de se utilizar apenas uma e sempre a mesma palavra para cada expressão do original, podemos considerar válida para a tradução de um livro didático de geometria. Na versão de textos filosóficos, essa exigência deve ser feita somente na medida em que os textos se aproximam em conteúdo e método dos livros didáticos de geometria. Ela vai se adequar menos à obra de Platão que à de Aristóteles. Enfim, a apresentação poética da mais íntima contemplação do espírito de si mesmo e do infinito e eterno não pode ser tratada qual um conjunto de sinais algébricos.

Agora devemos considerar ainda a incomensurabilidade de ambas as línguas. Não restaria nada a fazer a não ser ou empregar a própria palavra indiana, como Wilkins em vários casos, como os tradutores persas dos *Upanishad* o fizeram: um procedimento que é muito confortável mas também totalmente ineficaz, ou selar a abrangência de vários significados com uma palavra latina: isso seria uma arbitrariedade ilícita.

Tomemos, por exemplo, a palavra *dharma*. Significa em seqüência contínua: *lex, jus, justitia, officium, religio, pietas, sanctitas*; mas

Nun nehme man die Incommensurabilität der beiden Sprachen hinzu. Es bliebe nichts übrig, als entweder das Indische Wort selbst hinzustellen, wie Wilkins in vielen Fällen, wie die Persischen Uebersetzer der *Upanishad* gethan haben: eine Verfahrensweise, die sehr bequem, aber ganz unersprießlich ist; oder ein Lateinisches Wort zu dem Umfange mannigfaltiger Bedeutungen zu stempeln: dieß wäre unerlaubte Willkühr.

Man nehme z. B. das Wort *dharma*. Es bedeutet in stätiger Reihenfolge: *lex, jus, justitia, officium, religio, pietas, sanctitas*; auch *mos* bedeutet es, auch eine bloße Anordnung der Natur: z. B. die zur Fortpflanzung der Geschlechter getroffene, wird in den Schriften der Buddhisten bei der Ermahnung: *abstinete a rebus venereis*, häufig *maithuna-dharma* genannt. Diese Vielseitigkeit läßt sich aus dem Indischen System ganz gut begreifen, und rechtfertigen. Welches Lateinische Wort würde sich aber wohl bequemen, nach dem Bedürfnisse der jedesmaligen Verbindung diese Stufenleiter auf- und abzusteigen?

Das Wort *yôga* ist ein wahrer Proteus: es gehört schlaue Gewalt dazu, es unter seinen geistigen Verwandlungen zu fesseln, damit es uns Rede stehe und seine Orakel verkündige. Ich habe nach allen Seiten herumgesonnen und nichts unversucht gelassen. Ich gerieth sogar auf den Gedanken, auf die Ableitung zurück zu gehen, und wo es den mystischen Sinn hat, etwa *conjugium* mit einem Beiworte dafür zu setzen. Doch erschien mir dieß als gar zu befremdlich und störend.

Für die Mittheilung besserer Ausdrücke werde ich sehr dankbar seyn. Ueberhaupt ist es mir nicht darum zu thun, meine Uebersetzung zu vertheidigen, sondern sie der Vollkommenheit näher zu bringen.

também significa *mos*, também uma mera ordem da natureza: por exemplo, aquela ordem empregada para a reprodução das gerações é freqüentemente chamada *maithuna-dharma*, nos textos budistas, como na advertência: *abstinetes a rebus venereis*. Essa universalidade pode ser bem compreendida e justificada dentro do sistema indiano. Mas que palavra latina se acomodaria, entrando e saindo da combinação conforme a necessidade do momento?

A palavra *yôga* é um verdadeiro Proteu: é preciso muita sagacidade para apreendê-la em meio às suas metamorfoses intelectuais, a fim de que ela nos diga algo e nos informe seu oráculo. Já refleti sobre todas as alternativas, tentei de tudo. Cheguei mesmo a pensar em recorrer à derivação e, onde ela tem o sentido místico, colocar, por exemplo, *conjugium* com uma palavra complementar. Entretanto, isso me pareceu estranho e incômodo.

Eu serei muito grato se me comunicarem expressões melhores. O que me importa não é defender minha tradução, mas aproximá-la da perfeição.

Tradução: Maria Aparecida Barbosa

Notas

- ¹ Alexandre Langlois (1788-1854) foi um tradutor do sânscrito ao francês.
- ² Em 1820, é publicada na Universidade de Bonn a revista *Biblioteca Indiana* (até 1830, três volumes).
- ³ A importância de Franz Hemsterhuis (1721-1790) tanto para August Wilhelm Schlegel que se dedicava mais às traduções, quanto para seu irmão filósofo Friedrich Schlegel, fica evidente nos recorrentes elogios dirigidos ao filósofo holandês. Na revista *Athenaeum*, que constitui a essência literária do primeiro romantismo alemão (centrado na cidade de Jena) com seis cadernos publicados entre 1798 e 1800, August o enaltece em três fragmentos 142, 171 e 271. No primeiro, ele lhe confere a virtude de unir os vãos visionários à gravidade, munido do instinto divino. No segundo, ironiza seus delirantes intérpretes. E, finalmente, ao enaltecer-lhe a maneira de abordar o domínio moderno com a simplicidade antiga, e instaurar assim uma livre fronteira, na qual os olhares se alternam ora ao mundo antigo, ora ao novo, ele pondera se não seria essa a faculdade arquimoderna imprescindível para se obter um ponto de vista transcendental sobre o antigo.
- ⁴ É absolutamente impossível traduzir o sublime dessa ordem e dessa espécie. Para copiar bem uma coisa, é preciso não somente que eu faça o que fez o primeiro autor da coisa, mas é preciso, além disso, que eu me sirva das mesmas ferramentas e da mesma matéria que ele. Ora, nas artes, na qual empregamos signos e palavras, a expressão de um pensamento age sobre a faculdade reprodutiva da alma. Suponhamos então o espírito do autor e do tradutor constituídos exatamente da mesma feição, no entanto o último emprega ferramentas e matéria totalmente diferentes. Some-se a isso que o compasso, a volubilidade do som e a fluência de uma série bem-sucedida de consoantes e de vogais tiveram sua origem com uma ideia primitiva, e fazem parte da essência dela.

JOHANN CHRISTIAN FRIEDRICH HÖLDERLIN

ANMERKUNGEN ZUM OEDIPUS
OBSERVAÇÕES SOBRE O ÉDIPO

ANMERKUNGEN ZUR ANTIGONÄ
OBSERVAÇÕES SOBRE A ANTÍGONA

JOHANN CHRISTIAN FRIEDRICH HÖLDERLIN

Neben den berühmten Übersetzungen von Sophokles und Pindaros stellen die Anmerkungen zu Ödipus und Antigone sowie einige Briefe das grundlegende Material zum Verständnis von Hölderlins Theorie der Übersetzung dar. Eine aufmerksame Begegnung mit diesem Material bestätigt diese Texte als sehr wichtige Momente der Ausarbeitung der modernen Übersetzungstheorie. Vielleicht gibt es keinen anderen deutschen Übersetzer, der seine Aufgabe mehr spekulativ erfasst hat, als Hölderlin. Für Hölderlin liegt das Problem des Übersetzens in dem schaffenden Verhältnis des Menschen zu der geheimnisvollen und dramatischen Zusammengehörigkeit von Vergangenheit, Gegenwart und Zukunft. Es geht um die Aneignung des Vergangenen als Aneignung eines ewigen Anfangs.

Unter *Übersetzen aus einer fremden Sprache in eine eigene Sprache* versteht Hölderlin nicht das Aufsuchen von Entsprechungen und Ausgleichungen, sondern eine Darstellung der fremden Sprache und damit der Sprache der Fremde, die noch lebendiger als gewöhnlich sein soll. Bezüglich der griechischen Sprache bestimmt Hölderlin diese "noch lebendigere Darstellung" als die Hervorhebung solcher Elemente, die, wenn auch kennzeichnend für die griechische Kunst, von ihr nicht weiterentwickelt worden sind. Hölderlin begreift diese Elemente als das "Orientalische" und die "exzentrische Begeisterung". Das Übersetzen besteht also in der Darstellung des "Originals" nicht aus dem Standpunkt des im Original Anwesenden, sondern des im Original noch nicht Erreichten. In seiner immer spekulativen Praxis fasst Hölderlin die Übersetzung als die Verflechtung von drei eng verbundenen Momenten auf. Zunächst ist "Übersetzen" die Übertragung einer fremden Sprache, eines "Originals", in eine eigene Sprache. Weil diese Übertragung eine Auslegung des Fremden voraussetzt, soll ein anderes Übersetzen geschehen, nämlich das Übersetzen dieses Originals in seine nicht erreichbaren Möglichkeiten. Zuletzt geschieht noch das Übersetzen der eigenen Sprache in ihre eigene Fremde.

Hölderlins Theorie der Übersetzung setzt eine neue Auffassung vom Wesen der Sprache voraus. Die Sprache wird weder als Zeichen und Hinweis auf etwas anderes gedacht, noch als Ausdruck von etwas Innerlichem und Seelischem erfahren. Die Sprache wird als die Wirklichkeit selbst begriffen. Die Sprache meint sich selber. In dieser eigentümlichen Selbstbesinnung liegt das Tragische und das Dichterische des Lebens.

Einleitung: Marcia Sá Cavalcante Schuback

JOHANN CHRISTIAN FRIEDRICH HÖLDERLIN

Além das célebres traduções das tragédias de Sófocles e das odes de Píndaro, o material de base para se compreender a reflexão teórica de Hölderlin sobre o problema da tradução consiste em suas observações às traduções de Sófocles e algumas cartas. A leitura atenta desse material o confirma como um dos momentos mais importantes na elaboração da moderna teoria da tradução. De certo modo, nenhum outro tradutor alemão apreendeu sua tarefa de maneira mais especulativa do que Hölderlin. Para Hölderlin, o problema da tradução consiste na relação criadora do homem frente à misteriosa e dramática copertinência de passado, presente e futuro. Em jogo está a apropriação do passado enquanto apropriação de um eterno começo.

Em linhas gerais, Hölderlin insiste em que traduzir de uma língua para outra não significa encontrar equivalências ou semelhanças entre dois universos linguísticos diversos. Traduzir de uma língua para outra é bem mais apresentar, com vida ainda maior, a língua estranha e, assim, a língua do estranho. No caso particular de tradução da língua grega, Hölderlin define a apresentação mais viva como a exposição daqueles elementos que, embora constitutivos da arte grega, não foram por ela explorados. Esses elementos são o “caráter oriental” e o “entusiasmo ex-cêntrico”. Traduzir consiste, assim, em apresentar o “original” a partir do que ele não chegou a ser e não a partir do que nele está presente. Em sua prática sempre reflexiva, Hölderlin concebe a tradução em três momentos intimamente relacionados. Em seu sentido imediato, traduzir é trazer a língua estrangeira e estranha, o “original”, para a própria língua. Como essa condução depende de um entendimento do que seja o estranho, é preciso ainda traduzir o “original” para possibilidades que ele mesmo não pode realizar. Para acompanhar essa tradução do “original”, torna-se ainda imprescindível traduzir a própria língua para a estranheza que lhe pertence. A teoria da tradução elaborada por Hölderlin pressupõe uma redefinição radical do que seja a linguagem. A linguagem não é mais entendida como sinal ou referência à outra coisa, não é mais assumida como expressão de um estado interior ou da alma, mas como o real ele mesmo. A linguagem conta de si mesma. Nisso está o trágico e o poético da vida.

Apresentação: Marcia Sá Cavalcante Schuback

Anmerkungen zum Oedipus wurde aus Hölderlins *Sämtliche Werke*, W. Kohlhammer Verlag, J. C. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart, 1952, Band 5, S. 195-202, entnommen.

Anmerkungen zu Antigonä wurde aus Hölderlins *Sämtliche Werke*, W. Kohlhammer Verlag, J. C. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart, 1952, Band 5, S. 265-272, entnommen.

Die Briefe an Casimir Ulrich von Böhlendorff und an Friedrich Wilmans wurden aus Hölderlins *Sämtliche Werke*, W. Kohlhammer Verlag, J. C. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart, 1952, Band 6,1, Briefe Nr. 236, 240, 241, entnommen.

Für weitere Lektüre

Hölderlin. *Hyperion* in *Sämtliche Werke*, W. Kohlhammer Verlag, J. C. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart, 1952, Band 3

Hölderlin. *Aufsätze* in *Sämtliche Werke*, W. Kohlhammer Verlag, J. C. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger, herausgegeben von Friedrich Beissner, Stuttgart, 1952, Band 4,1

Alleman, Benda. *Hölderlin und Heidegger*, 1954

Binder, Wolfgang. *Hölderlin und Sophokles*, Hölderlinturm, Tübingen, 1992

Blanchot, Maurice. *L'espace littéraire*, Gallimard, Paris, 1955

Dastur, Françoise. *Hölderlin, tragédie et modernité*, 1992

Heidegger, Martin. *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*. Gesamtausgabe 4, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1981

Marcia Sá Cavalcante Schuback

Observações sobre o Édipo traduzidas do original *Anmerkungen zum Oedipus*, in F. Hölderlin. *Sämtliche Werke*. Editada por Friedrich Beissner. Grosse Stuttgarter Ausgabe. W. Kohlhammer Verlag. J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger. Stuttgart. 1952, vol. 5, p. 195-202

Observações sobre a Antígona traduzidas do original *Anmerkungen zur Antigone*, in F. Hölderlin. *Sämtliche Werke*. Editada por Friedrich Beissner. Grosse Stuttgarter Ausgabe. W. Kohlhammer Verlag. J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger. Stuttgart. 1952, vol. 5, p. 265-272

Cartas traduzidas dos originais publicados in. F. Hölderlin. *Sämtliche Werke*. Editada por Friedrich Beissner. Grosse Stuttgarter Ausgabe. W. Kohlhammer Verlag. J. G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger. Stuttgart. 1954, vol. 6,1. Cartas de número 236, 240, 241.

Os versos de Sófocles foram numerados de acordo com a edição do texto grego das tragédias de Sófocles fixada pela Loeb Classical Library, Cambridge. A presente tradução dos textos de Hölderlin, que constituem a base para a uma teoria da tradução, é uma versão retrabalhada da minha tradução, publicada pela primeira vez in Hölderlin. *Reflexões*, ed. Relume-Dumará, RJ, 1994. As alterações realizadas buscaram dar maior compreensibilidade ao texto de Hölderlin, sem sacrificar o estilo próprio das "observações" sobre o trágico.

Sugestão de leitura

- Hölderlin. *Hipérion*. Tradução brasileira de Marcia Sá Cavalcante Schuback, ed. Vozes, Petrópolis, 1992.
- Hölderlin. *Reflexões*. Tradução brasileira de Marcia Sá Cavalcante Schuback, ed. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1994.
- Alleman, Benda. *Hölderlin und Heidegger*, 1954.
- Binder, Wolfgang. *Hölderlin und Sophokles*. Hölderlinturm. Tübingen, 1992.
- Blanchot, Maurice. *L'espace littéraire*, Gallimard, Paris, 1955.
- Dastur, Françoise. *Hölderlin, tragédia e modernidade*. Tradução de Antonio Abranches, in *Reflexões*, ed. Relume-Dumará, RJ, 1994.
- Heidegger, Martin. *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*. Gesamtausgabe 4, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1981.

Marcia Sá Cavalcante Schuback

ANMERKUNGEN ZUM OEDIPUS

1.

Es wird gut seyn, um den Dichtern, auch bei uns, eine bürgerliche Existenz zu sichern, wenn man die Poësie, auch bei uns, den Unterschied der Zeiten und Verfassungen abgerechnet, zur *μηχανή* der Alten erhebt.

Auch andern Kunstwerken fehlt, mit den griechischen verglichen, die Zuverlässigkeit; wenigstens sind sie bis izt mehr nach Eindrücken beurtheilt worden, die sie machen, als nach ihrem gesezlichen Kalkul und sonstiger Verfahrungsart, wodurch das Schöne hervorgebracht wird. Der modernen Poësie fehlt es aber besonders an der Schule und am Handwerksmäßigen, daß nemlich ihre Verfahrungsart berechnet und gelehrt, und wenn sie gelernt ist, in der Ausübung immer zuverlässig wiederhohlt werden kann. Man hat, unter Menschen, bei jedem Dinge, vor allem darauf zu sehen, daß es Etwas ist, d. h. daß es in dem Mittel (moyen) seiner Erscheinung erkennbar ist, daß die Art, wie es bedingt ist, bestimmt und gelehrt werden kann. Deswegen und aus höheren Gründen bedarf die Poësie besonders sicherer und charakteristischer Prinzipien und Schranken.

Dahin gehört einmal eben jener gesezliche Kalkul.

Dann hat man darauf zu sehen, wie der Inhalt sich von diesem unterscheidet, durch welche Verfahrungsart, und wie im unendlichen aber durchgängig bestimmten Zusammenhange der besondere Inhalt sich zum allgemeinen Kalkul verhält, und der Gang und das Vestzusezende, der lebendige Sinn, der nicht berechnet werden kann, mit dem kalkulablen Geseze in Beziehung gebracht wird.

Das Gesez, der Kalkul, die Art, wie, ein Empfindungssystem, der ganze Mensch, als unter dem Einflusse des Elements sich entwikelte, und Vorstellung und Empfindung und Râsonnement, in verschiedenen Successionen, aber immer nach einer sichern Regel nacheinander hervorgehn, ist im Tragischen mehr Gleichgewicht, als reine Aufeinanderfolge.

Der tragische Transport ist nemlich eigentlich leer, und der ungebundenste.

OBSERVAÇÕES SOBRE O ÉDIPO

1.

A fim de assegurar aos poetas, também dentre nós, uma existência política, seria bom elevar a poesia, mesmo entre nós, à uma *μηχανή*¹ dos antigos, abstraindo-se as diferenças relativas ao tempo e à constituição.

Comparadas com as gregas, as demais obras de arte se ressentem de solidez. Ao menos até agora, foram julgadas mais pelas impressões que provocam do que pelo cálculo de suas leis e demais modos de proceder pelos quais o belo se produz. A poesia moderna ressent-se, porém, especialmente de escola e acuidade artesanal para que o seu modo de proceder se deixasse contar e aprender e, uma vez aprendido, se pudesse retomar, solidamente, numa prática. Entre os homens, só é possível ver as coisas à medida que são um algo, ou seja, à medida que se deixam reconhecer por meio (*moyen*) de seu aparecimento e que se pode determinar e aprender o modo de seu condicionamento. Não só por isso mas também por razões ainda mais elevadas, a poesia, em particular, necessita de princípios e limites mais seguros e característicos.

Precisamente aí cabe aquele cálculo das leis.

Deve-se ver, em seguida, como o conteúdo distingue-se do cálculo, através de que procedimento e de que maneira, na coerência infinita mas gradualmente determinada, o conteúdo específico relaciona-se com o cálculo geral, e tanto o curso como o que se deve consolidar, o sentido vivo, esse que não pode ser contado, articula-se com a lei dos cálculos.

A lei, o cálculo, o modo de desenvolvimento de um sistema da sensibilidade², a totalidade do homem enquanto o que se desenvolve sob a influência do elemento, a representação, a sensibilidade e o raciocínio resultando um do outro em sucessões distintas, mas sempre segundo uma regra segura, tudo isso, no trágico, é mais equilíbrio do que pura sucessão de partes.

O *transporte* trágico é, em sentido próprio, vazio e o mais desprendido de ligações.

Dadurch wird in der rhythmischen Aufeinanderfolge der Vorstellungen, worinn der Transport sich darstellt, das, was man im Sylbenmaaße Cäsur heißt, das reine Wort, die gegenrhythmische Unterbrechung nothwendig, um nemlich dem reißenden Wechsel der Vorstellungen, auf seinem Summum, so zu begegnen, daß alsdann nicht mehr der Wechsel der Vorstellung, sondern die Vorstellung selber erscheint.

Dadurch wird die Aufeinanderfolge des Kalkuls, und der Rhythmus getheilt, und bezieht sich, in seinen zweien Hälften so aufeinander, daß sie, als gleichwiegend, erscheinen.

Ist nun der Rhythmus der Vorstellungen so beschaffen, daß, in exzentrischer Rapidität, die ersten mehr durch die folgenden hingerissen sind, so muß die Cäsur oder die gegenrhythmische Unterbrechung von vorne liegen, so daß die erste Hälfte gleichsam gegen die zweite geschützt ist, und das Gleichgewicht wird, eben weil die zweite Hälfte ursprünglich rapider ist, und schwerer zu wiegen scheint, der entgegenwirkenden Cäsur wegen, mehr sich von hinten her gegen den Anfang neigen.

Ist der Rhythmus der Vorstellungen so beschaffen, daß die folgenden mehr gedungen sind von den anfänglichen, so wird die Cäsur mehr gegen das Ende liegen, weil es das Ende ist, was gegen den Anfang gleichsam geschützt werden muß, und das Gleichgewicht wird folglich sich mehr gegen das Ende neigen, weil die erste Hälfte sich länger dehnt, das Gleichgewicht folglich später vorkommt. So viel vom kalkulablen Geseze.

Das erste nun der hier angedeuteten tragischen Geseze ist das des Oedipus.

Die Antigonä gehet nach dem zweiten hier berührten.

In beiden Stücken machen die Cäsur die Reden des Tiresias aus.

Er tritt ein in den Gang des Schiksaals, als Aufseher über die Naturmacht, die tragisch, den Menschen seiner Lebenssphäre, dem Mittelpunkt seines innern Lebens in eine andere Welt entrückt und in die exzentrische Sphäre der Todten reißt.

2.

Die Verständlichkeit des Ganzen beruhet vorzüglich darauf, daß man die Scene ins Auge faßt, wo Oedipus den Orakelspruch zu

Por isso, na sucessividade rítmica das representações, em que se apresenta o transporte, faz-se necessário aquilo que, *na dimensão silábica costuma-se chamar de cesura*³, a pura palavra, a interrupção anti-rítmica a fim de se encontrar a alternância dilacerante das representações numa tal culminância que o que aparece não é mais a alternância das representações e sim a própria representação.

Com isso, divide-se a consecução do cálculo ou o ritmo que passa a se relacionar consigo mesmo no modo em que as suas duas metades aparecem com igual peso.

Se, no entanto, o ritmo das representações é tal que, numa rapidez excêntrica, as *primeiras* se vêem arrancadas de maneira ainda mais dilacerada, *pelas seguintes*, então a cesura ou interrupção anti-rítmica deve se encontrar antes, de maneira que a primeira metade se proteja igualmente da segunda. Justamente porque a segunda metade é, originariamente, mais rápida e parece mais pesada em virtude da cesura e de sua ação inversa, o equilíbrio, partindo do fim, tenderá mais para o começo.

Se o ritmo das representações é tal que as seguintes se vêem mais pressionadas pelas do começo, então a cesura deve-se encontrar mais perto do fim porque o fim é que deve ser protegido contra o começo e, uma vez que a primeira metade possui maior extensão, o equilíbrio tenderá, conseqüentemente, mais para o fim, surgindo posteriormente. Eis o que se pode dizer sobre a lei do cálculo.

A primeira das leis trágicas aqui mencionadas é a do "Édipo".

A "Antígona" obedece mais à segunda.

Em ambas as peças, as falas de Tirésias constituem a cesura.

No curso do destino, ele entra em cena como guardião da força da natureza que, tragicamente, arranca o homem de sua esfera vital, do ponto central de sua vida interior, conduzindo-o para um outro mundo, para a esfera excêntrica da morte.

2.

A compreensibilidade do todo depende, sobretudo, de nossa atenção para a cena em que Édipo *interpreta infinitamente* a sentença oracular e onde ele é tentado rumo ao *nefas*⁴.

A sentença oracular diz:

Com clareza, Febo, o rei, nos convocou

v. 9698

unendlich deutet, zum nefas versucht wird.

Nemlich der Orakelspruch heißt:

Geboten hat uns Phöbus klar, der König,
Man soll des Landes Schmach, auf diesem Grund genährt,
Verfolgen, nicht Unheilbares ernähren.

Das konnte heißen: Richtet, allgemein, ein streng und rein Gericht,
haltet gute bürgerliche Ordnung. Oedipus aber spricht gleich darauf
priesterlich:

Durch welche Reinigung, etc.

Und gehet ins besondere,

Und welchem Mann bedeutet er diß Schiksaal?

Und bringet so die Gedanken des Kreon auf das furchtbare Wort:

Uns war, o König, Lajos vormals Herr
In diesem Land', eh du die Stadt gelenket.

So wird der Orakelspruch und die nicht nothwendig darunter
gehörige Geschichte von Lajos Tode zusammengebracht. In der gleich
darauf folgenden Scene spricht aber, in zorniger Ahnung, der Geist
des Oedipus, alles wissend, das nefas eigentlich aus, indem er das
allgemeine Gebot argwöhnisch ins Besondere deutet, und auf einen
Mörder des Lajos anwendet, und dann auch die Sünde als unendlich
nimmt.

Wer unter euch den Sohn des Labdakos,
Lajos, gekannt, durch wen er umgekommen,
Dem sag' ich, daß ers all anzeige mir etc.
Um dieses Mannes willen
Fluch' ich, wer er auch sei, im Lande hier,
Von dem die Kraft und Thronen ich verwalte,
Nicht laden soll man noch ansprechen ihn;
Zu göttlichen Gelübden nicht und nicht zu Opfern
Ihn nehmen.

Es zeigt diß
Der Götterspruch, der Pythische, mir deutlich. etc.

A perseguir, nessa terra, a vergonha que nutriu o solo
E a não se deixar nutrir o insalutar.

Isso poderia significar: corrigir, de forma geral, e erigir um tribunal severo e puro, manter a boa ordem na cidade. Édipo, porém, pronuncia-se de modo sacerdotal:

Por meio de que purificação, etc. v. 99

Toca na questão da *singularidade*:

E a que homem pertence esse destino? v. 102

Conduzindo, *assim*, o *pensamento* de Creonte à palavra terrífica:

Ó rei! Laos foi outrora senhor nessa terra v. 103-104
Antes de teres assumido a cidade

A sentença oracular e a história, não necessariamente pertinente, da morte de Laio vêm-se conectadas. Na cena que segue imediatamente, o espírito de Édipo, numa intuição furiosa, onisciente, pronuncia propriamente o *nefas* quando traduz, cheio de receio, o universal para o singular e assume, ele mesmo, a falta ao referir-se ao assassino de Laio.

Aquele, dentre vós, que sabe por que mãos v. 224-243
O filho de Lábdaco, Laio, pereceu,
A ele ordeno que tudo me revele, etc
Quem quer que seja,
Será banido dessa terra
Na qual detenho força e trono,
A ele não se deve convidar ou dirigir-se;
Nem acolher nas cerimônias divinas ou nos sacrifícios
É o que me acena
Com clareza, o oráculo divino, a pítia

Por isso, no diálogo seguinte com Tirésias, a curiosidade espantosa e colérica. É que quando o saber arrebenta as suas fronteiras e fica como que afogado em sua forma magistralmente harmoniosa, a qual pode até mesmo permanecer, ele arrebenta, antes de tudo, a si mesmo para saber mais do que pode suportar ou apreender.

Por isso, na cena seguinte com Creonte, a suspeita, quando o pensamento solto e carregado dos mistérios da tristeza torna-se

Daher, im nachfolgenden Gespräche mit Tiresias, die wunderbare zornige Neugier, weil das Wissen, wenn es seine Schranke durchrissen hat, wie trunken in seiner herrlichen harmonischen Form, die doch bleiben kann, vorerst, sich selbst reizt, mehr zu wissen, als es tragen oder fassen kann.

Daher in der Scene mit Kreon nachher der Argwohn, weil der unbändige, und von traurigen Geheimnissen beladene Gedanke unsicher wird, und der treue gewisse Geist im zornigen Unmaas leidet, das, zerstörungsfroh, der reißenden Zeit nur folgt.

Daher, in der Mitte des Stücs, in den Reden mit Jokasta die traurige Ruhe, das Blöde, der mitleidswerthe naive Irrtum des gewaltigen Mannes, wo er Jokasten vom vermeintlichen Geburtsort und von Polybos erzählet, den er umzubringen fürchtet, weil er sein Vater sey, und Meropen, die er fliehen will, um nicht sie, die seine Mutter sey, zu heurathen, den Worten des Tiresias nach, da dieser doch ihm sagte, er sey des Lajos Mörder und dieser sey sein Vater. Tiresias sagt nemlich im schon berührten Streite zwischen Oedipus und ihm:

Der Mann, den längst

Du suchest, drohend und verkündigend den Mord
Des Lajos, der ist hier; als Fremder, nach der Rede,
Wohnt er mit uns, doch bald, als Eingeborner,
Kund wird er, als Thebaner seyn und nicht
Sich freun am Unfall.

Kund wird er aber seyn, bei seinen Kindern wohnend,
Als Bruder und als Vater, und vom Weib, das ihn
Gebahr, Sohn und Gemahl, in Einem Bette mit
Dem Vater und sein Mörder.

Daher dann im Anfange der zweiten Hälfte, in der Scene mit dem Korinthischen Boten, da er zum Leben wieder versucht wird, das verzweifelnde Ringen, zu sich selbst zu kommen, das niedertretende fast schaamlose Streben, seiner mächtig zu werden, das närrischwilde Nachsuchen nach einem Bewußtseyn.

Jokasta

Denn aufwärts bieget Oedipus den Muth
In mannigfacher Quaal, nicht, wie ein Mann,
Besonnen, deutet er aus Altem Neues.

inseguro, e o espírito fiel e seguro passa a sofrer a ira da desmesura, a qual, entusiasta da destruição, somente obedece ao tempo dilacerador.

Por isso, no meio da peça, na fala de Jocasta, a calma da tristeza, a tolice, o erro ingênuo e digno de compaixão do homem violento, quando conta a Jocasta sobre o provável lugar de seu nascimento, sobre Pôlibo a quem teme assassinar porque pode ser o seu pai, sobre Mérope de quem quer fugir a fim de não esposá-la por ser a sua mãe, segundo as palavras de Tirésias, já que este lhe disse que era o assassino de Laio e que Laio era seu pai. Tirésias diz, na verdade, o seguinte, durante a disputa já mencionada entre ele e Édipo:

Esse homem que há muito procura,	v. 449-460
Ameaçando e anunciando o <i>assassino de Laio</i>	
Encontra-se aqui; alheio ao que se diz,	
Mora conosco mas, logo, será descoberto tebano,	
Conterrâneo e a má sorte não o alegrará	
Morando junto a seus filhos, será descoberto	
Ao mesmo tempo, como seu pai e irmão, e da mãe	
Que o <i>gerou</i> , filho e esposo, <i>em um e mesmo leito</i> ,	
Com seu pai e seu assassino	

Por isso, no começo da segunda metade, na cena com o mensageiro coríntio, quando se vê novamente tentado a viver, a luta desesperada para voltar a si mesmo, o ímpeto quase desavergonhado, saído das profundezas, para assenhorar-se de si, a busca alucinada de uma consciência.

Jocasta	
Pois Édipo lança ao alto a coragem	v. 914-916
em tormentos múltiplos não como um homem	
que, na sensatez, interpreta o novo pelo antigo	

Édipo	
Ó testa querida de Jocasta, a esposa!	v. 950-951
Por que me chamas para fora do palácio	

Édipo	
Parece que a doença definhou o ancião	v. 962

Mensageiro	
E o mediu, com suficiência, ao grande tempo	v. 963

Oedipus

O liebstes, du, des Weibs Jokastas Haupt!
Was riefest du heraus mich aus den Häußern?

Oedipus

An Krankheit welkte, wie es scheint, der Alte.

Bote

Und an der großen Zeit genug gemessen.

Es ist wohl zu bemerken, wie sich Oedipus Geist hier an dem guten Spruche erhebt; so können die folgenden Reden aus edlerem Motiv erscheinen. Hier wirft er, der jezt gerade nicht mit herkulischen Schultern trägt, in hoher Schwäche, seiner mächtig zu werden, die königlichen Sorgen weg:

Wolan! wer sollte nun, o Weib, noch einmal
Den prophezeienden Heerd befragen, oder
Von oben schreiend die Vögel? deren Sinn nach
Ich tödten sollte meinen Vater, der
Gestorben schlummert unter der Erd'; hier aber
Bin ich und rein ist meine Lanze, wenn er anders
Im Traume nicht umkam, von mir; so mag er
Gestorben seyn, von mir; zugleich nahm er auch
Die heutigen Sehersprüche mit, und liegt nun
Im Hades, Polybos, nicht weiter gültig.

Zulezt herrscht in den Reden vorzüglich das geistesranke Fragen nach einem Bewußtseyn.

Bote

Wohl zeigst du, Kind, du wissest, was du thust, nicht.

Oedipus

Wie, bei dem Göttlichen, Alter, sprich etwas!

Oedipus

Was sagst du? pflanzte Polybos mich nicht!

Bote

Beinahe so etwas, wie unser einer.

Oedipus

Wie das? ein Vater, der dem Niemand gleich ist?

Deve-se, sem dúvida, observar como o espírito de Édipo inclina-se, aqui, a essa boa sentença e, dessa forma, as próximas falas podem aparecer a partir de um motivo mais nobre. Ele que, nesse momento, não possui mais ombros hercúleos para suportar a tarefa de assenhorar-se de si, em sua grande fraqueza, deita longe as preocupações de rei:

Quem, ó esposa	v.964-972
Deveria interrogar ainda uma vez, o saguão da profecia	
Ou os pássaros que gritam no alto? Pelo seu sentido	
Eu deveria assassinar meu pai que	
descansa sob a terra, aqui, porém,	
estou e pura é minha lança. Se, porém,	
não morreu, nos sonhos, pelas minhas mãos;	
talvez tenha morrido por mim, de todo modo	
Pôlibo levou consigo as atuais sentenças oraculares,	
agora inválidas, e jaz no Hades.	

Por fim, predomina, na fala, a busca alucinada de consciência

Mensageiro	
Mostra, filho, que não sabias o que fizeste!	v. 1008
Édipo	
Como, pelos deuses, ancião, fala alguma coisa	v. 1009
Édipo	
Que dizes? Pôlibo não me gerou?	v. 1017
Mensageiro	
Quase como se tivéssemos o mesmo pai	v. 1018
Édipo	
Como? Um pai que não se parece com ninguém?	v. 1019
Mensageiro	
Um pai, sim! Pôlibo, não, eu também não	v. 1020
Édipo	
Mas por que ele me chama de filho?	v. 1021
Mensageiro	
Eu te libero porque teus tornozelos estão atados	v. 1034
Édipo	
Terrível infortúnio lançado desde o começo	v. 1035

Bote

Ein Vater eben. Polybos nicht; nicht ich.

Oedipus

Wofür denn aber nennt der mich das Kind?

Bote

Ich löse dich, da dir die Zehn vernäht sind.

Oedipus

Gewaltigen Schimpf bracht' aus den Windeln ich.

Bote

So daß genannt du bist nach diesem Dinge.

Oedipus

Das, Götter! das, bei Mutter, Vater, rede.

Jokasta

Bei Göttern, nein! bist du besorgt ums Leben,
So suche nicht. Genug erkrankt bin ich.

Oedipus

Sey gutes Muths! käm' ich von dreien Müttern
Dreifach ein Knecht, es machte dich nicht schlimmer.

Oedipus

Was soll, das breche. Mein Geschlecht will ich,
Seys auch gering, doch will ich es erfahren.
Mit Recht ist sie, denn Weiber denken groß,
Ob meiner niedrigen Geburt beschämt.
Ich aber will, als Sohn des Glücks mich haltend,
Des wohlbegabten, nicht verunehrt werden.
Denn diß ist meine Mutter. Und klein und groß
Umfiengen mich die mitgebornen Monde.
Und so erzeugt, will ich nicht ausgehn, so,
So daß ich nicht ganz, was ich bin, erforschte.

Eben diß Allesuchende, Allesdeutende ist's auch, daß sein Geist
am Ende der rohen und einfältigen Sprache seiner Diener unterliegt.

Weil solche Menschen in gewaltsamen Verhältnissen stehn, spricht
auch ihre Sprache, beinahe nach Furienart, in gewaltsamerem Zusammenhange.

Mensageiro
De modo que teu nome se deve a esse fato v. 1036

Édipo
Deuses, pela minha mãe, pelo meu pai, fala v. 1037

Jocasta
Pelos deuses não! Atormentas-te pela vida v. 1060-1061
Não busques. Já sofro em demasia

Édipo
Tenhas coragem! mesmo que eu fosse escravo v. 1062-1063
há três gerações, isso não poderia ser pior para ti.

Édipo
Seja o que deve ser. Minha raça é o que quero, v. 1076-1085
Seja ela menor, é o que quero saber.
Direito ela possui, pois as mulheres pensam com grandeza
Mesmo que meu nascimento seja baixo e vergonhoso
Não quero, porém, em que me acredito filho da sorte,
Desonrar a bem dotada
Pois é minha mãe. E grande ou pequeno
As luas congêneres me envolveram.
E assim nascido, não quero tornar-me aquele
que não investiga inteiramente o que sou.

É essa perseguição pelo todo, pela interpretação do todo que, no final, submete o seu espírito à língua crua e simples dos criados.

Porque homens assim encontram-se em relações violentas, a sua língua também fala quase à maneira das fúrias, num nexa ainda mais violento.

3.

A apresentação do trágico repousa, predominantemente, no fato de que o monstruoso, surgido quando deus e homem se pareiam ilimitadamente, quando, na ira, a força da natureza e a da interioridade humana se tornam uma só, concebe que o ilimitado de tornar-se um apenas se unifica mediante uma separação ilimita - Της φυσσεως γραμματευσεν τον χαλαμιον αποβρεχων ευνου⁵.

Por isso, o diálogo sempre combativo, o coro como contraposição ao diálogo. Daí, a interpenetração demasiado tímida, demasiado

Die Darstellung des Tragischen beruht vorzüglich darauf, daß das Ungeheure, wie der Gott und Mensch sich paart, und gränzenlos die Naturmacht und des Menschen Innerstes im Zorn Eins wird, dadurch sich begreift, daß das gränzenlose Eineswerden durch gränzenloses Scheiden sich reiniget. Της φύσεως γραμματαὺς ἐν τὸν χαλαμὸν ἀποβρέχων εὐνοῦν.

Darum der immer widerstreitende Dialog, darum der Chor als Gegensatz gegen diesen. Darum das allzukeusche, allzumechanische und factisch endigende Ineinandergreifen zwischen den verschiedenen Theilen, im Dialog, und zwischen dem Chor und Dialog und den großen Parthien oder Dramaten, welche aus Chor und Dialog bestehen. Alles ist Rede gegen Rede, die sich gegenseitig aufhebt.

So in den Chören des Oedipus das Jammernde und Friedliche und Religiöse, die fromme Lüge (wenn ich Wahrsager bin, etc.) und das Mitleid bis zur gänzlichen Erschöpfung gegen einen Dialog, der die Seele eben dieser Hörer zerreißen will, in seiner zornigen Empfindlichkeit; in den Auftritten die schröcklichfeierlichen Formen, das Drama wie eines Kezengerichtes, als Sprache für eine Welt, wo unter Pest und Sinnesverwirrung und allgemein entzündetem Wahrsagergeist, in müßiger Zeit, der Gott und der Mensch, damit der Weltlauf keine Lücke hat und das Gedächtniß der Himmlischen nicht ausgehet, in der allvergessenden Form der Untreue sich mittheilt, denn göttliche Untreue ist am besten zu behalten.

In solchem Momente vergißt der Mensch sich und den Gott, und kehret, freilich heiliger Weise, wie ein Verräther sich um. - In der äußersten Gränze des Leidens bestehet nemlich nichts mehr, als die Bedingungen der Zeit oder des Raums.

In dieser vergißt sich der Mensch, weil er ganz im Moment ist; der Gott, weil er nichts als Zeit ist; und beides ist untreu, die Zeit, weil sie in solchem Momente sich kategorisch wendet, und Anfang und Ende sich in ihr schlechterdings nicht reimen läßt; der Mensch, weil er in diesem Momente der kategorischen Umkehr folgen muß, hiermit im Folgenden schlechterdings nicht dem Anfänglichen gleichen kann.

So stehet Hämon in der Antigonä. So Oedipus selbst in der Mitte der Tragödie von Oedipus.

mecânica e fatalmente conclusiva entre as partes distintas, tanto no diálogo como entre o coro e o diálogo e as grandes partes ou dramas, constituídas por coro e diálogo. Tudo é fala contra fala, superando-se na contraposição.

Assim, nos coros do Édipo, o lamentoso, o pacífico, o religioso, a mentira piedosa (*se eu sou um vate*, etc..) e a compaixão até o esgotamento total face ao diálogo que pretende dilacerar a alma dos ouvintes, na susceptibilidade de sua ira. Nas cenas que festejam o pavor, o drama, como o de um processo de heresia, como a língua para um mundo onde, sob a peste, a loucura e um espírito de vate, a toda parte exacerbado onde, num tempo de ociosidade, deus e homem se compartilham na forma da infidelidade, essa que tudo pode esquecer, a fim de que o transcurso do mundo não possua nenhuma lacuna e a *memória do celeste não escape*. Pois a infidelidade divina é o que de melhor se pode preservar.

Nesse momento, o homem esquece de si e de deus, convertendo-se, de certo num modo sagrado, em traidor e, nos limites mais extremos da dor, nada mais resta senão as condições do tempo e do espaço.

Nesses limites, o homem esquece de si porque encontra-se inteiramente lançado ao momento. E o deus, porque deus nada mais é do que tempo. O tempo é infiel a ambos porque, em tais momentos, ele se torna categórico e, nele, infelizmente, começo e fim não conseguem rimar. O homem, porque nesse momento deve seguir o retorno categórico, não pode, infelizmente, equiparar-se ao começo.

Assim é que Hémon se apresenta na "Antígona". E também o próprio Édipo, no meio da tragédia "Édipo-tirano".

ANMERKUNGEN ZUR ANTIGONAE

1.

Die Regel, das kalkulable Gesez der Antigonä, verhält sich zu dem des Oedipus, wie $\text{---}/\text{---}$ zu $\text{---}\backslash\text{---}$, so daß sich das Gleichgewicht mehr vom Anfang gegen das Ende, als vom Ende gegen den Anfang zu neigt.

Sie ist eine der verschiedenen Successionen, in denen sich Vorstellung und Empfindung und Räsonnement, nach poëtischer Logik, entwikelt. So wie nemlich immer die Philosophie nur ein Vermögen der Seele behandelt, so daß die Darstellung dieses Einen Vermögens ein Ganzes macht, und das blose Zusammenhängen der Glieder dieses Einen Vermögens Logik genannt wird; so behandelt die Poësie die verschiedenen Vermögen des Menschen, so daß die Darstellung dieser verschiedenen Vermögen ein Ganzes macht, und das Zusammenhängen der selbstständigeren Theile der verschiedenen Vermögen der Rhythmus, im höhern Sinne, oder das kalkulable Gesez genannt werden kann.

Ist aber dieser Rhythmus der Vorstellungen so beschaffen, daß in der Rapidität der Begeisterung, die ersten mehr durch die folgenden hingerissen sind, so muß die Cäsur a) dann oder die gegenrhythmische Unterbrechung von vorne liegen, so daß die erste Hälfte gleichsam gegen die zweite geschützt ist, und das Gleichgewicht, eben weil die zweite Hälfte ursprünglich rapider ist und schwerer zu wiegen scheint, der entgegenwirkenden Cäsur wegen, mehr von hinten her b) sich gegen den Anfang c) neiget. c $\text{---}\backslash\text{---}$ a b

Ist der Rhythmus der Vorstellungen aber so beschaffen, daß die folgenden mehr gedrungen sind von den anfänglichen, so wird die Cäsur a) mehr gegen das Ende liegen, weil es das Ende ist, was gegen den Anfang gleichsam geschützt werden muß, und das Gleichgewicht wird folglich mehr sich gegen das Ende b) neigen, weil die erste Hälfte c) sich länger dehnt, das Gleichgewicht aber später vorkommt. c $\text{---}/\text{---}$ a b

OBSERVAÇÕES SOBRE A ANTÍGONA

1.

A regra, a lei do cálculo que caracteriza a Antígona está relativamente para o Édipo como \diagup está para \diagdown de maneira que o equilíbrio tende mais do começo para o fim do que do fim para o começo.

Ela constitui uma das várias sucessões em que representação, sensibilidade e raciocínio se desenvolvem segundo uma lógica poética. Assim como a filosofia sempre trata de uma única faculdade da alma mas de tal maneira que a apresentação dessa única faculdade constitua um todo, chamando-se de lógica a coerência entre os *membros* dessa única faculdade, também a poesia trata as várias faculdades humanas de modo que a sua apresentação constitua um todo, chamando-se de ritmo ou, no sentido mais elevado, de lei do cálculo, a articulação entre as *partes mais independentes* das várias faculdades.

Se, no entanto, esse ritmo das representações é tal que, na rapidez do entusiasmo, as *primeiras* se deixam dilacerar mais pelas *seguintes*, então a cesura a) ou a *interrupção anti-rítmica deve situar-se antes*, de forma que a primeira metade possa, igualmente, proteger-se contra a segunda. Porque a segunda metade é, na origem, mais rápida e parece possuir maior peso, o equilíbrio tende mais para trás, em virtude da cesura que se contrapõe, b) tende c) para o começo. $c \xrightarrow{a} b$

Se, no entanto, o ritmo das representações é tal que as *seguintes* são mais impelidas pelas *iniciais* então a cesura a) situa-se mais para o final já que o fim deve proteger-se contra o começo e o equilíbrio, consequentemente, b) tende mais para o fim porque a primeira metade c) possui maior extensão e o equilíbrio deve ocorrer posteriormente $c \xrightarrow{a} b$

2.

»Was wagtest du, ein solch Gesez zu brechen?

»Darum, mein Zevs berichtete mirs nicht,

»Noch hier im Haus das Recht der Todesgötter etc.

Der kühnste Moment eines Taglaufs oder Kunstwerks ist, wo der Geist der Zeit und Natur, das Himmlische, was den Menschen ergreift, und der Gegenstand, für welchen er sich interessirt, am wildesten gegeneinander stehen, weil der sinnliche Gegenstand nur eine Hälfte weit reicht, der Geist aber am mächtigsten erwacht, da, wo die zweite Hälfte angehet. In diesem Momente muß der Mensch sich am meisten festhalten, deswegen steht er auch da am offensten in seinem Charakter.

Das tragischmäßige Zeitmatte, dessen Object dem Herzen doch nicht eigentlich interessant ist, folgt dem reißenden Zeitgeist am unmäßigsten, und dieser erscheint dann wild, nicht, daß er die Menschen schonte, wie ein Geist am Tage, sondern er ist schonungslos, als Geist der ewig lebenden ungeschriebenen Wildniß und der Todtenwelt.

Kreon

Doch, Guten gleich, sind Schlimme nicht zu nehmen.

Antigonä

Wer weiß, da kann doch drunt' ein andrer Brauch seyn.

Das Liebenswürdige, Verständige im Unglück. Das Träumerischnaive. Eigentliche Sprache des Sophokles, da Aeschylus und Euripides mehr das Leiden und den Zorn, weniger aber des Menschen Verstand, als unter Undenkbarem wandelnd, zu objectiviren wissen.

Kreon

Wenn meinem Uranfang' ich treu beistehe, lüg' ich?

Hämon

Das bist du nicht, hältst du nicht heilig Gottes Nahmen.

satt: trittst du der Götter Ehre. Es war wohl nöthig, hier den heiligen Ausdruck zu ändern, da er in der Mitte bedeutend ist, als Ernst und selbstständiges Wort, an dem sich alles übrige objectiviret und verklärt.

2.

Que audácia levou-te a infringir uma tal lei? v.449

Pois *meu* Zeus nada me contou v.450

Nem aqui em casa, o direito dos deuses da morte v.451

O momento mais temerário no transcurso de um dia ou de uma obra de arte é aquele em que o espírito do tempo e da natureza, o celeste, o que apreende o homem, se contrapõe da forma mais selvagem ao objeto de seu interesse. Isso porque o objeto sensível é capaz de alcançar a metade da distância *enquanto que o espírito desperta com o máximo de sua força precisamente onde a segunda metade se inicia*. Nesse momento, o homem deve *conter-se ao máximo* e, por isso, ele se vê mais aberto e exposto em seu caráter.

A esteira trágica do tempo, cujo objeto propriamente não interessa ao coração, segue, na máxima desmesura, a dilaceração do espírito do tempo. Este aparece selvagem, não apiedando-se dos homens como um espírito à luz do dia, sendo ele mesmo impiedoso, enquanto espírito da vivacidade eterna e imprescritível do que é selvagem, enquanto espírito do mundo dos mortos.

Creonte

Mas os maus não se devem igualar aos bons v.520

Antígona

Quem sabe, lá embaixo, pode se ter um outro hábito? v.521

A amorosidade, a sensatez também no infortúnio. A ingenuidade sonhadora. Linguagem própria de Sófocles ao passo que Ésquilo e Eurípides sabiam objetivar melhor o sofrimento e a cólera e menos o entendimento humano, esse que se transforma pelo impensável.

Creonte

Minto se me mantiver fiel ao meu começo originário? v.744

Hêmon

Não, tu não sustentas de modo sagrado o nome de deus. v.745

Ao invés de ; coloca-te na honra dos deuses. Aqui, era absolutamente necessário alterar a fórmula sagrada já que, no centro, possui o

Wohl die Art, wie in der Mitte sich die Zeit wendet, ist nicht wohl veränderlich, so auch nicht wohl, wie ein Karakter der kategorischen Zeit kategorisch folget, und wie es vom griechischen zum hesperischen gehet, hingegen der heilige Nahmen, unter welchem das Höchste gefühlt wird oder geschiehet. Die Rede bezieht sich auf den Schwur des Kreon.

Nicht lang mehr brütest
In eifersüchtger Sonne du.

Auf der Erde, unter Menschen, kann die Sonne, wie sie relativ physisch wird, auch wirklich relativ im Moralischen werden.

Ich habe gehört, der Wüste gleich sei worden etc.

Wohl der höchste Zug an der Antigonä. Der erhabene Spott, so fern heiliger Wahnsinn höchste menschliche Erscheinung, und hier mehr Seele als Sprache ist, übertrifft alle ihre übrigen Äußerungen; und es ist auch nöthig, so im Superlative von der Schönheit zu sprechen, weil die Haltung unter anderem auch auf dem Superlative von menschlichem Geist und heroischer Virtuosität beruht.

Es ist ein großer Behelf der geheimarbeitenden Seele, daß sie auf dem höchsten Bewußtseyn dem Bewußtseyn ausweicht, und ehe sie wirklich der gegenwärtige Gott ergreift, mit kühnem oft sogar blasphemischem Worte diesem begegnet, und so die heilige lebende Möglichkeit des Geistes erhält.

In hohem Bewußtseyn vergleicht sie sich dann immer mit Gegenständen, die kein Bewußtseyn haben, aber in ihrem Schiksaal des Bewußtseyns Form annehmen. So einer ist ein wüst gewordenes Land, das in ursprünglicher üppiger Fruchtbarkeit die Wirkungen des Sonnenlichts zu sehr verstärkt, und darum dürre wird. Schiksaal der Phrygischen Niobe; wie überall Schiksaal der unschuldigen Natur, die überall in ihrer Virtuosität in eben dem Grade ins Allzuorganische gehet, wie der Mensch sich dem Aorgischen nähert, in heroischeren Verhältnissen, und Gemüthsbewegungen. Und Niobe ist dann auch recht eigentlich das Bild des frühen Genies.

Sie zählete dem Vater der Zeit
Die Stundenschläge, die goldnen.

significado de honestidade e de uma palavra independente pela qual tudo o mais se objetiva e transfigura.

Já o modo em que, no centro, sofre uma virada não pode ser alterado e nem tampouco o modo em que um determinado caráter segue, categoricamente, o tempo categórico e nem o modo em que se passa do grego para o hespérico⁶. Diverso acontece, porém, com os nomes sagrados pelos quais o mais elevado pode acontecer e ser percebido. A fala relaciona-se com a imprecação de Creonte.

Não, por muito tempo, serás o pai v. 807-809
Sob a inveja do sol, tu

Na terra, entre os homens, o sol assim como é relativo, do ponto de vista físico, também pode tornar-se, realmente, relativo, do ponto de vista moral.

Ouvi dizer que se tornou semelhante ao deserto v.823

De certo, o traço mais elevado da Antígona. O escárnio sublime, o desvario sagrado é a manifestação mais elevada do homem e, aqui, mais alma do que linguagem prevalece em todas as demais expressões. É preciso também que se fale da beleza nesse superlativo porque a atitude, dentre outras coisas, também repousa sobre o superlativo do espírito humano e da virtuosidade heróica.

Um grande recurso do trabalho que a alma realiza em segredo reside na perda da consciência precisamente na mais elevada consciência e, antes que o deus presente realmente a apreenda, ela o encontra com palavras audaciosas e até mesmo blasfematórias, resguardando a possibilidade viva e sagrada do espírito.

No seu auge, a consciência sempre se compara a objetos desprovidos de consciência mas que assumem, no seu destino, a forma da consciência. Trata-se, pois, de uma terra desertificada que, na efusão originária de sua fertilidade, reforça de tal maneira os efeitos da luz solar que se torna árida. Destino da Níobe frígia. Como, em toda parte, o destino da natureza inocente que, em sua virtuosidade, encaminha-se para o demasiado orgânico no mesmo grau em que o homem se aproxima do aórgico⁷, nas relações heróicas e nos movimentos do ânimo. Níobe é, por conseguinte e com toda justiça, a imagem do gênio prematuro.

statt: verwaltete dem Zevs das goldenströmende Werden. Um es unserer Vorstellungsart mehr zu nähern. Im Bestimmteren oder Unbestimmteren muß wohl Zevs gesagt werden. Im Ernste lieber: Vater der Zeit oder: Vater der Erde, weil sein Charakter ist, der ewigen Tendenz entgegen, das Streben aus dieser Welt in die andre zu kehren zu einem Streben aus einer andern Welt in diese. Wir müssen die Mythe nemlich überall beweisbarer darstellen. Das goldenströmende Werden bedeutet wohl die Stralen des Lichts, die auch dem Zevs gehören, in sofern die Zeit, die bezeichnet wird, durch solche Stralen berechenbarer ist. Das ist sie aber immer, wenn die Zeit im Leiden gezählt wird, weil dann das Gemüth vielmehr dem Wandel der Zeit mitführend folget, und so den einfachen Stundengang begreift, nicht aber der Verstand von Gegenwart auf die Zukunft schließt.

Weil aber dieses vesteste Bleiben vor der wandelnden Zeit diß heroische Eremitenleben das höchste Bewußtseyn wirklich ist, motivirt sich dadurch der folgende Chor, als reinste Allgemeinheit und als eigentlichster Gesichtspunkt, wo das Ganze angefaßt werden muß.

Nemlich dieser enthält, als Gegensatz gegen das Allzuinnige dieser vorhergegangenen Stelle, die höchste Unpartheilichkeit der zwei entgegengesetzten Charaktere, aus welchen die verschiedenen Personen des Dramas handeln.

Einmal das, was den Antitheos charakterisirt, wo einer, in Gottes Sinne, wie gegen Gott sich verhält, und den Geist des Höchsten gesezlos erkennt. Dann die fromme Furcht vor dem Schiksaal, hiemit das Ehren Gottes, als eines gesezten. Diß ist der Geist der beiden unpartheiisch gegen einander gestellten Gegensätze im Chore. Im ersten Sinne mehr Antigonä handelnd. Im zweiten Kreon. Beede, in sofern sie entgegengesetzt sind, nicht wie Nationelles und Antinationelles, hiemit Gebildetes, wie Ajax und Ulyss, auch nicht, wie Oedipus gegen die griechischen Landleute, und die antike Originalnatur, als Freigeist gegen getreue Einfalt, sondern gleich gegen einander abgewogen und nur der Zeit nach verschieden, so daß das eine vorzüglich darum verlieret, weil es anfängt, das andere gewinnt, weil es nachfolgt. In sofern passet der sonderbare Chor, von dem hier eben die Rede ist, aufs geschickteste zum Ganzen, und seine kalte Unpartheilichkeit ist Wärme, eben weil sie so eigenthümlich schiklich ist.

Ela contava ao pai do tempo
O soar das horas, das áureas.

ao invés de: o devir, em seu fluxo áureo, governou Zeus. No intuito de aproximar-se ainda mais de nosso modo de representar. De forma determinada ou indeterminada, é Zeus que deve ser dito. Preferencialmente, *na maior seriedade*: pai do tempo ou pai da terra, porque o seu caráter consiste, contrariamente à eterna tendência, em inverter *o ímpeto de abandonar esse mundo em direção ao outro no ímpeto de passar do outro mundo para esse*. É preciso, de fato, apresentar o mito sempre da forma mais *comprovável*. Em seu fluxo áureo, o devir significa, sem dúvida, os raios da luz que também pertencem a Zeus, pois o tempo, que haverá de ser invocado, pode ser contado por meio desses raios. Pode ser contado quando o tempo é contado em sofrimentos porque, assim, o ânimo pode seguir, com consentimento, a transformação do tempo e conceber a simplicidade do soar das horas, livre do entendimento que só conclui do presente para o futuro.

Sendo, no entanto, essa permanência sólida diante da transformação do tempo - essa vida heróica de eremita - a consciência mais elevada, o coro seguinte se vê motivado pela universalidade mais pura como o ponto de vista mais próprio para se apreender o todo.

Em contraposição ao excesso de intimidade da passagem supracitada, este coro contém, de fato, a imparcialidade mais elevada dos dois caracteres opostos a partir dos quais agem os vários personagens do drama.

De um lado, o que caracteriza o Antitéos quando um, no sentido dos deuses, se comporta como *contra* deus, não reconhecendo lei no espírito mais elevado. A seguir, o temor piedoso do destino e, com isso, a veneração ao deus enquanto o que é de lei. Esse é o espírito das oposições que se contrapõem imparcialmente no coro. No primeiro sentido, quem detém a ação é Antígona. No segundo, Creonte. Ambos contrapondo-se mas não como nacional e antinacional, que são resultados de uma formação como Ajax e Ulisses, e nem tampouco como Édipo contra os compatriotas gregos e a antiga natureza original, na liberdade do espírito contra a simplicidade confiante. Contrapõem sim, de modo igualmente sopesado, distinguindo-se apenas conforme o tempo de forma que um só chega a perder, sobretudo, porque *dá começo* e o outro a *ganhar* porque *dá prosseguimento*. Nessa medida, o estranho coro, aquele já mencionado, é o que mais, acuradamente, se

Die tragische Darstellung beruhet, wie in den Anmerkungen zum Oedipus angedeutet ist, darauf, daß der unmittelbare Gott, ganz Eines mit dem Menschen (denn der Gott eines Apostels ist mittelbarer, ist höchster Verstand in höchstem Geiste), daß die unendliche Begeisterung unendlich, das heißt in Gegensätzen, im Bewußtseyn, welches das Bewußtseyn aufhebt, heilig sich scheidend, sich faßt, und der Gott, in der Gestalt des Todes, gegenwärtig ist.

Deswegen, wie schon in den Anmerkungen zum Oedipus berührt ist, die dialogische Form, und der Chor im Gegensatz mit dieser, deswegen die gefährliche Form, in den Auftritten, die, nach griechischerer Art, nothwendig factisch in dem Sinne ausgehet, daß das Wort mittelbarer factisch wird, indem es den sinnlicheren Körper ergreift; nach unserer Zeit und Vorstellungsart, unmittelbarer, indem es den geistigeren Körper ergreift. Das griechischtragische Wort ist tödtlichfactisch, weil der Leib, den es ergreift, wirklich tödtet. Für uns, da wir unter dem eigentlicheren Zevs stehen, der nicht nur zwischen dieser Erde und der wilden Welt der Todten inne hält, sondern den ewig menschenfeindlichen Naturgang, auf seinem Wege in die andre Welt, entschiedener zur Erde zwinget, und da diß die wesentlichen und vaterländischen Vorstellungen groß ändert, und unsere Dichtkunst vaterländisch seyn muß, so daß ihre Stoffe nach unserer Weltansicht gewählt sind, und ihre Vorstellungen vaterländisch, verändern sich die griechischen Vorstellungen in sofern, als ihre Haupttendenz ist, sich fassen zu können, weil darin ihre Schwäche lag, da hingegen die Haupttendenz in den Vorstellungen unserer Zeit ist, etwas treffen zu können, Geschik zu haben, da das Schicksaallose, das dusemoralische, unsere Schwäche ist. Deswegen hat der Grieche auch mehr Geschik und Athletentugend, und muß diß, so paradox uns die Helden der Iliade erscheinen mögen, als eigentlichen Vorzug und als ernstliche Tugend haben. Bei uns ist diß mehr der Schiklichkeit subordinirt. Und so auch sind die griechischen Vorstellungsarten und poetischen Formen mehr den vaterländischen subordinirt.

Und so ist wohl das tödtlichfactische, der wirkliche Mord aus Worten, mehr als eigenthümlich griechische und einer vaterländischen Kunstform subordinirte Kunstform zu betrachten. Eine

adequa ao todo e a sua imparcialidade fria é calorosa justo por ser tão apropriadamente acurada.

3

Como já notamos nas observações sobre Édipo, a apresentação trágica consiste no fato de o deus imediato estar inteiramente unido ao homem (pois o deus de um apóstolo é mediado, sendo entendimento mais elevado no espírito mais elevado), de forma que, distinguindo-se de maneira salutar, o entusiasmo *infinito* deixa-se apreender *infinitamente* na consciência, ou seja, em contraposições, superadas pela consciência, e o deus se faz presente na figura da morte.

Como já assinalado nas observações sobre Édipo, daí provém a forma dialógica, o coro que a ela se contrapõe, daí a forma perigosa nas cenas que, de acordo com o modo grego, culminam, necessariamente, no fato do sentido, onde a palavra se torna *mediatamente um fato*, ao atingir o corpo mais sensível. Segundo o nosso tempo e o nosso modo de representar, porém, isso se dá imediatamente ao atingir o corpo mais espiritual. A palavra trágica dos gregos é *mortalmente fática* porque o corpo por ela atingido realmente mata. Nós, porém, encontramos-nos sob o domínio mais próprio de Zeus, o Zeus que não só se *mantém profundamente* entre essa terra e o mundo selvagem dos mortos mas que ainda força, *de forma decisiva* para o fundo da terra, o curso da natureza, esse que é eterno inimigo do homem, encaminhando-se para o outro mundo. Isso altera imensamente as representações essenciais e pátrias. A nossa arte poética deve guardar, portanto, o caráter pátrio⁸ de modo que a sua matéria seja escolhida de acordo com a nossa visão de mundo e as suas representações devem ser no modo do pátrio. As representações gregas se distinguem pela sua tendência principal de poder apreender a si mesmas porque isso constituía a sua fraqueza enquanto que a tendência principal de nosso tempo é poder atingir uma outra coisa, é ter destinação, já que ser sem o destino, esse *dusmoron*⁹, é a nossa fraqueza. O grego possui, assim, mais destino e mais virtude atlética e deve possuí-los por mais paradoxais que os heróis da *Ilíada* possam nos parecer. Pois isso é o que lhes confere o privilégio e a virtude mais honesta. Entre nós, isso está mais subordinado à habilidade. Já os modos gregos de representação e as formas poéticas estão mais subordinados ao pátrio.

vaterländische mag, wie wohl beweislich ist, mehr tödtendfactisches, als tödtlichfactisches Wort seyn; nicht eigentlich mit Mord oder Tod endigen, weil doch hieran das Tragische muß gefaßt werden, sondern mehr im Geschmake des Oedipus auf Kolonos, so daß das Wort aus begeistertem Munde schrecklich ist, und tödtet, nicht griechisch faßlich, in athletischem und plastischem Geiste, wo das Wort den Körper ergreift, daß dieser tödtet.

So beruhet griechischer oder hesperischer die tragische Darstellung auf gewaltsamerem oder unaufhaltsamerem Dialog und Chören, haltend oder deutend für den Dialog, die dem unendlichen Streite die Richtung oder die Kraft geben, als leidende Organe des göttlichringenden Körpers, die nicht wohl fehlen können, weil auch in tragisch-unendlicher Gestalt der Gott dem Körper sich nicht absolut unmittelbar mittheilen kann, sondern verständlich gefaßt, oder lebendig zugeeignet werden muß; vorzüglich aber bestehet die tragische Darstellung in dem factischen Worte, das, mehr Zusammenhang, als ausgesprochen, schiksaalsweise, vom Anfang bis zu Ende gehet; in der Art des Hergangs, in der Gruppierung der Personen gegeneinander, und in der Vernunftform, die sich in der furchtbaren Muße einer tragischen Zeit bildet, und so wie sie in Gegensätzen sich darstellte, in ihrer wilden Entstehung, nachher, in humaner Zeit, als feste aus göttlichem Schiksaal geborene Meinung gilt.

Die Art des Hergangs in der Antigonä ist die bei einem Aufruhr, wo es, so fern es vaterländische Sache ist, darauf ankommt, daß jedes, als von unendlicher Umkehr ergriffen, und erschüttert, in unendlicher Form sich fühlt, in der es erschüttert ist. Denn vaterländische Umkehr ist die Umkehr aller Vorstellungsarten und Formen. Eine gänzliche Umkehr in diesen ist aber, so wie überhaupt gänzliche Umkehr, ohne allen Halt, dem Menschen, als erkennendem Wesen unerlaubt. Und in vaterländischer Umkehr, wo die ganze Gestalt der Dinge sich ändert, und die Natur und Nothwendigkeit, die immer bleibt, zu einer andern Gestalt sich neiget, sie gehe in Wildniß über oder in neue Gestalt, in einer solchen Veränderung ist alles bloß Nothwendige partheiisch für die Veränderung, deswegen kann, in Möglichkeit solcher Veränderung, auch der Neutrale, nicht nur, der gegen die vaterländische Form ergriffen ist, von einer Geistesgewalt der Zeit; gezwungen werden, patriotisch, gegenwärtig zu seyn, in unendlicher Form, der religiösen, politischen und moralischen seines Vaterlands. (προφανήθι

Deve-se, por conseguinte, considerar o mortalmente fático, a morte real pela palavra como uma forma de arte propriamente grega, subordinada a uma forma de arte pátria. Uma forma pátria, como se pode comprovar, é aquela em que a palavra é mais mortalmente fática do que o fato mortal da palavra. Trata-se de uma forma que não finaliza com assassinato ou morte porque nisso é que se apreenderia o trágico. A forma pátria obedece sobretudo ao gosto de Édipo em Colona, em que a palavra que sai de uma boca entusiasta mostra-se terrível, chegando a matar, só que não mais no modo de apreensão grega, ou seja, com espírito atlético e plástico, esse em que a palavra atinge o corpo a ponto de matar.

No modo grego ou hespérico, a apresentação trágica reside no diálogo, ora mais violento, ora mais insustentável e nos coros, que mantêm ou interpretam o diálogo. Diálogo e coro conferem direção e força à luta infinita enquanto *órgãos sofridos* do corpo, no seu embate com o divino. Órgãos que, sem dúvida, não podem faltar porque, mesmo na configuração infinitamente trágica, o deus não pode compartilhar-se com o corpo de forma absoluta e imediata, tendo de ser apreendido pelo entendimento ou apropriado com vitalidade. De maneira privilegiada, porém, a apresentação trágica consiste no fato da palavra, que sendo mais nexa do que expressão, atravessa do começo ao fim, ao modo do destino. Consiste na forma do encaminhamento, no agrupamento das pessoas umas frente às outras e na forma racional, formada no ócio tenebroso de um tempo trágico e apresentada nas oposições, no surgimento selvagem, valendo, depois, num tempo humano como uma opinião nascida do destino divino.

Na "Antígona", o modo de encaminhamento corresponde a um tumulto, onde em se tratando de questão pátria, importa que cada um, ao ser atingido e massacrado pela progressão infinita, sinta-se na forma infinita em que é massacrado. O retorno ao pátrio é o retorno de todos os modos de representação e de todas as formas. Mas um retorno total, como ademais todo retorno total, ou seja, sem nenhum amparo, não cabe ao homem enquanto ser do conhecimento. E no retorno à pátria em que se altera toda a configuração das coisas, em que tanto a natureza como a necessidade de sempre se tender para uma outra configuração, seja superando-se no selvagem ou em uma nova configuração, numa alteração dessa ordem, tudo o que é meramente necessário torna-se parcial. Por isso, na possibilidade de uma tal

θεός.) Es sind auch solche ernstliche Bemerkungen nothwendig zum Verständnisse der griechischen, wie aller ächten Kunstwerke. Die eigentliche Verfahrungsart nun bei einem Aufruhr, (die freilich nur Eine Art vaterländischer Umkehr ist, und noch bestimmteren Charakter hat) ist eben angedeutet.

Ist ein solches Phänomen tragisch, so gehet es durch Reaction, und das unförmliche entzündet sich an allzuförmlichem. Das Charakteristische dabei ist deswegen das, daß die in solchem Schiksaal begriffenen Personen, nicht wie im Oedipus, in Ideengestalt, als streitend um die Wahrheit, stehen, und wie eines, das sich des Verstandes wehret, auch nicht, wie eines, das sich des Lebens oder Eigenthums oder der Ehre wehret, wie die Personen im Ajax, sondern daß sie als Personen im engeren Sinne, als Standespersonen gegeneinander stehen, daß sie sich formalisiren.

Die Gruppierung solcher Personen, ist, wie in der Antigonä, mit einem Kampfspiele von Läufern zu vergleichen, wo der, welcher zuerst schwer Othem holt und sich am Gegner stößt, verloren hat, da man das Ringen im Oedipus mit einem Faustkampf, das im Ajax mit einem Fechtspiele vergleichen kann.

Die Vernunftform, die hier tragisch sich bildet, ist politisch und zwar republikanisch, weil zwischen Kreon und Antigonä, förmlichem und gegenförmlichem, das Gleichgewicht zu gleich gehalten ist. Besonders zeigt sich diß am Ende, wo Kreon von seinen Knechten fast gemäßhandelt wird.

Sophokles hat Recht. Es ist diß Schiksaal seiner Zeit und Form seines Vaterlandes. Man kann wohl idealisiren, z. B. den besten Moment wählen, aber die vaterländischen Vorstellungsarten dürfen, wenigstens der Unterordnung nach, vom Dichter, der die Welt im verringerten Maasstab darstellt, nicht verändert werden. Für uns ist eine solche Form gerade tauglich, weil das Unendliche, wie der Geist der Staaten und der Welt, ohnehin nicht anders, als aus linkischem Gesichtspunkt kann gefaßt werden. Die vaterländischen Formen unserer Dichter, wo solche sind, sind aber dennoch vorzuziehen, weil solche nicht blos da sind, um den Geist der Zeit verstehen zu lernen, sondern ihn festzuhalten und zu fühlen, wenn er einmal begriffen und gelernt ist.

alteração, também o neutro (não só o que é atingido *contra* a forma do pátrio por uma força espiritual do tempo) pode ser forçado a se tornar infinitamente presente para a sua pátria, na religião, na política, na moral (προφωνηθι θεος¹⁰). A seriedade dessas observações é também necessária não só para a compreensão das obras de arte gregas como de todas as obras de arte autênticas. Acabamos, pois, de discutir o modo próprio de se proceder numa revolução (que, de certo, é somente uma maneira de retorno ao pátrio e que possui ainda um caráter mais determinado).

Sendo trágico, um tal fenômeno procede por reação e o que não tem forma inflama-se numa formação ubíqua. O característico é, portanto, o fato de as pessoas concebidas num *tal* destino não se acharem, como no caso do Édipo, numa configuração ideal, lutando pela verdade na defesa do entendimento e nem tampouco na defesa da vida, do patrimônio ou da honra como os personagens no Ajax. Ao contrário, elas se acham umas contra as outras, em sentido estrito, como personagens típicos, que se formalizam.

O agrupamento desses personagens deve ser comparado, como na Antígona, a uma competição entre corredores onde perde o primeiro que esgota o fôlego e se encosta no adversário. Em Édipo, a luta pode ser comparada a uma queda de braços e, em Ajax, a uma luta de esgrima.

A forma racional, que aqui se constrói tragicamente, é política e, na verdade, republicana porque entre Creonte e Antígona, no encontro entre o formal e o que se furta à forma, o equilíbrio se sustenta com demasiada igualdade. Isso se mostra especialmente no final, quando Creonte é quase que maltratado pelos seus criados.

Sófocles tem razão. Esse é o destino de seu tempo e a forma de sua pátria. Pode-se, sem dúvida, idealizar e escolher, por exemplo, o melhor momento. Mas ao apresentar o mundo numa medida reduzida, o poeta não deve alterar os modos de representação pátrios, ao menos no tocante à subordinação. Para nós, uma forma assim cabe com precisão, porque o infinito, enquanto espírito do estado e do mundo, só pode, ademais, ser apreendido de um ponto de vista desarticulado. As formas pátrias de nossos poetas, se é que existem, devem receber preferência porque não se dão simplesmente no intuito de aprender a compreender o espírito do tempo mas de sustentá-lo e acolhê-lo, uma vez aprendido e concebido.

BRIEFE

BRIEFE AN CASIMIR ULRICH BÖHLENDORFF

Nürtingen bei Stutgard.
d. 4 Dec. 1801.

Mein theurer Böhlendorf!

Deine gütigen Worte, und Deine Gegenwart in ihnen haben mich sehr erfreut.

Dein Fernando hat mir die Brust um ein gutes erleichtert. Der Fortschritt meiner Freunde ist mir so ein gutes Zeichen. Wir haben ein Schiksaal. Gehet es mit dem einen vorwärts, so wird auch der andere nicht liegen bleiben.

Mein Lieber! Du hast an Präzision und tüchtiger Gelenksamkeit so sehr gewonnen und nichts an Wärme verloren, im Gegentheil, wie eine gute Klinge, hat sich die Elastizität Deines Geistes in der beugenden Schule nur um so kräftiger erwiesen. Diß ists wozu ich Dir vorzüglich Glück wünsche. Wir lernen nichts schwerer als das Nationelle frei gebrauchen. Und wie ich glaube, ist gerade die Klarheit der Darstellung uns ursprünglich so natürlich wie den Griechen das Feuer vom Himmel. Eben deßwegen werden diese eher in schöner Leidenschaft, die Du Dir auch erhalten hast, als in jener homerischen Geistesgegenwart und Darstellungsgaabe zu übertreffen seyn.

Es klingt paradox. Aber ich behaupt' es noch einmal, und stelle es Deiner Prüfung und Deinem Gebrauche frei; das eigentliche nationale wird im Fortschritt der Bildung immer der geringere Vorzug werden. Deßwegen sind die Griechen des heiligen Pathos weniger Meister, weil es ihnen angeboren war, hingegen sind sie vorzüglich in Darstellungsgaabe, von Homer an, weil dieser außerordentliche Mensch seelenvoll genug war, um die abendländische Junonische Nüchternheit für sein Apollonsreich zu erbeuten, und so wahrhaft das fremde sich anzueignen.

Bei uns ists umgekehrt. Deßwegen ists auch so gefährlich sich die Kunstregeln einzig und allein von griechischer Vortreflichkeit zu

CARTAS¹¹

CARTA A CASIMIR ULRICH BÖHLENDORFF¹²

Nuertigen em
Stuttgart,
4 de dezembro de 1801

Meu caro Böhlendorff,

As tuas palavras e, nelas, a tua presença muito me alegraram.

O teu *Fernando* me aliviou bastante. O progresso de meus amigos é, para mim, um bom presságio. Possuímos um destino. E quando alguém dá um passo adiante o outro não fica para trás.

Meu caro! Ganhaste tanto em precisão e em habilidade de articulação, sem nada perder em calor. Ao contrário, como uma boa lâmina, a elasticidade de teu espírito comprovou-se ainda mais forte na escola da retração. É, sobretudo, por isso que te felicito. Nada é mais difícil de aprender do que o livre uso do nacional. Acredito que, para nós, a clareza da apresentação é, originariamente, tão natural como foi, para os gregos, o fogo do céu. Por isso também é que os gregos se deixam *ultrapassar* mais pela bela comoção¹³, que conseguiste manter, do que pela presença do espírito homérico e seu dom de apresentação.

Isso soa como um paradoxo. Mas afirmo, ainda uma vez, e entrego, com liberdade, à tua compreensão e uso: no progresso da formação cultural, o propriamente nacional será o menos privilegiado. Por isso, os gregos não são tanto mestres do *pathos* sagrado já que este lhes era inato. Foram, ao contrário, desde Homero, exímios quanto ao dom da apresentação, pois esse homem extraordinário possuía uma alma suficientemente plena para apresar, em seu reino apolíneo, a sobriedade ocidental de Juno e, assim, apropriar-se verdadeiramente do estranho.

Conosco dá-se o inverso. Daí ser tão perigoso abstrair as nossas regras artísticas, única e exclusivamente, da excelência grega. Tenho elaborado, já desde um bom tempo, essa questão e sei agora que não

abstrahiren. Ich habe lange daran laborirt und weiß nun daß außer dem, was bei den Griechen und uns das höchste seyn muß, nemlich dem lebendigen Verhältniß und Geschik, wir nicht wohl etwas gleich mit ihnen haben dürfen.

Aber das eigene muß so gut gelernt seyn, wie das Fremde. Deßwegen sind uns die Griechen unentbehrlich. Nur werden wir ihnen gerade in umserm Eigenen, Nationellen nicht nachkommen, weil, wie gesagt, der freie Gebrauch des Eigenen das schwerste ist.

Das hat Dein guter Genius Dir eingegeben, wie mir dünkt, daß Du das Drama epischer behandelt hast. Es ist, im Ganzen, eine ächte moderne Tragödie. Denn das ist das tragische bei uns, daß wir ganz stille in irgend einem Behälter eingepakt vom Reiche der Lebendigen hinweggehn, nicht daß wir in Flammen verzehrt die Flamme büßen, die wir nicht zu bändigen vermochten.

Und wahrlich! das erste bewegt so gut die innerste Seele, wie das letzte. Es ist kein so imponantes, aber ein tieferes Schiksaal und eine edle Seele geleitet auch einen solchen Sterbenden unter Furcht und Mitleiden, und hält den Geist im Grimm empor. Der herrliche Jupiter ist denn doch der letzte Gedanke beim Untergange eines Sterblichen, er sterbe nach unserem oder nach antiquem Schiksaal, wenn der Dichter dieses Sterben dargestellt hat, wie er sollte, und wie Du es sichtbar gewollt, und im Ganzen und besonders in einigen meisterhaften Zügen geleistet hast.

»Ein enger Weg führt in ein dunkles Thal,

»Dahin hat ihn Verrätherey gezwungen.

und sonst. - Du bist auf gutem Wege, behalt ihn. Ich will aber Deinen Fernando erst recht studiren und zu Herzen nehmen, und dann vielleicht Dir etwas interessanteres davon sagen. In keinem Falle genug!

Von mir selber und wie es mir gegangen ist bisher, wie weit ich Dein und meiner Freunde werth geblieben und geworden bin, auch was ich treibe und bringen werde, so wenig es ist, davon will ich mit nächstem Dir aus der Nachbarschaft Deines Spaniens, nämlich aus Bordeaux schreiben, wohin ich als Hauslehrer und Privatprediger in einem deutsch evangelischen Hauße nächste Woche abreise. Ich werde den Kopf ziemlich beisammen halten müssen, in Frankreich, in Paris; auf den Anblick des Meeres, auf die Sonne der Provence freue ich mich auch.

devemos tentar igualar nada aos gregos, a não ser o que, tanto para os gregos como para nós, deve constituir o mais elevado, a saber, a relação de vida e destino¹⁴.

Mas o próprio deve ser tão aprendido como o estranho. Os gregos são imprescindíveis para nós. Todavia, justo no que é, para nós, o próprio e o nacional não podemos estabelecer com os gregos uma descendência, pois, como já dissemos, o mais difícil é *o livre uso do próprio*.

O teu bom gênio, como me parece, permitiu que conferisses um tratamento épico ao drama. No todo, trata-se de uma tragédia moderna. Pois, para nós, o trágico consiste no fato de nos afastarmos do reino dos vivos, de modo inteiramente silencioso, empacotados numa caixa qualquer, e não em sermos devorados pelas chamas como expiação por não termos sabido controlá-las.

Na verdade, a alma mais íntima movimenta-se muito bem, tanto no primeiro caso como no segundo. Não se trata de um destino tão imponente mas sim de maior profundidade, e uma alma nobre também sabe acompanhar, com temor e compaixão, o que assim está à morte, e erguer o espírito em sua cólera. A magnificência de Júpiter é, portanto, o último pensamento quando sucumbe quem está à morte, seja morrendo segundo o nosso destino ou conforme o destino antigo, desde que o poeta tenha apresentado essa morte como deveria e como tu, visivelmente, pretendeste e cumpriste, no todo, e também particularmente em algumas passagens magistrais.

"Um caminho estreito conduz ao vale obscuro.

Para lá obrigou-o a traição."

e assim por diante. Estás no bom caminho e aí deves permanecer. Quero, no entanto, estudar, com cuidado o teu *Fernando* e trazê-lo ao coração a fim de dizer algo mais interessante. O que, de modo algum, poderá esgotá-lo!

Sobre mim mesmo e como ando passando, como permaneci e tornei-me digno de ti e dos demais amigos e, também, sobre o que venho fazendo e pretendendo, por menos que seja, sobre isso espero escrever-te logo que chegar na proximidade da tua Espanha, ou seja, em *Bordeaux*, para onde parto na próxima semana a fim de assumir o encargo de preceptor e pregador privado numa casa de protestantes. Tenho que tentar não perder a cabeça na França, em Paris. Alegro-me, igualmente, pela perspectiva do mar e do sol da Provença.

O Freund! die Welt liegt heller vor mir, als sonst, und ernster. Ja! es gefällt mir, wie es zugeht, gefällt mir, wie wenn im Sommer "der alte heilige Vater mit gelassener Hand aus röthlichen Wolken seegnende Blize schüttelt". Denn unter allem, was ich schauen kann von Gott, ist dieses Zeichen mir das auserkorene geworden. Sonst konnt' ich jauchzen über eine neue Wahrheit, seine bessere Ansicht deß, das über uns und um uns ist, jezt fürcht' ich, daß es mir nicht geh' am Ende, wie dem alten Tantalus, dem mehr von Göttern ward, als er verdauen konnte.

Aber ich thue, was ich kann, so gut ichs kann, und denke, wenn ich sehe, wie ich auf meinem Wege auch dahin muß wie die andern, daß es gottlos ist und rasend, einen Weg zu suchen, der vor allem Anfall sicher wäre, und daß für den Tod kein Kraut gewachsen ist.

Und nun leb wohl, mein Theurer! bis auf weiteres. Ich bin jezt voll Abschieds. Ich habe lange nicht geweint. Aber es hat mich bittre Thränen gekostet, da ich mich entschloß, mein Vaterland noch jezt zu verlassen, vielleicht auf immer. Denn was hab' ich lieberes auf der Welt? Aber sie können mich nicht brauchen. Deutsch will und muß ich übrigens bleiben, und wenn mich die Herzens- und die Nahrungsnoth nach Otaheiti triebe.

Grüße unsern Morbek. Wie lebt er? Er erhält sich gewiß. Er bleibt uns. Verzeiht mir den Undank. Ich hatte euch erkannt, ich sah euch, aber doch durch eine gelbe Brille. Ich hätte euch so vieles zu sagen, ihr Guten! Ihr wohl mir auch. Wo wirst Du künftig bleiben, mein Böhlendorf? Doch das sind Sorgen. Wenn Du an mich schreibst, so adressire den Brief an Kaufmann Landauer in Stutgard. Er schikt mir ihn sicher zu. Schreibe mir auch Deine Adresse.

Dein
H.

Meu amigo! O mundo se mostra, para mim, mais luminoso do que outrora e com maior honestidade. Sim! Agrada-me o que acontece como, no verão, "das nuvens encarnadas o divino pai ancião lança, com mão serena, raios de benção"¹⁵. Antigamente, era-me possível exultar diante de uma nova verdade, de uma melhor concepção a respeito do que se encontra acima e em torno de nós. Agora, temo o destino do antigo Tântalo, o de receber dos deuses mais do que poderia suportar.

Faço o que posso, tão bem quanto posso e quando vejo que a minha via culmina no mesmo ponto que a dos outros, penso que seria delirante e contrário aos deuses buscar um caminho seguro contra todo ataque, onde, para a morte, não houvesse remédio algum.

Adeus, meu caro! Até a próxima. Acho-me em plena despedida. Há muito que não choro. Custou-me, porém, lágrimas muito amargas a decisão de abandonar, mais uma vez, a terra natal, talvez para sempre. Ademais quero e haverei de permanecer alemão mesmo que a penúria do coração e da sobrevivência me obrigue ao Taiti.

Não deixe de enviar minhas saudações a Muhrbeck. Como ele está? Ele se sustenta, certamente. Ele permanece um dos nossos. Perdoa-me a ingratidão. Eu vos conheci e vi mas somente através de lentes amareladas. Teria tanto a vos dizer, meus bons amigos! É provável que também me quereis bem. Aonde pretendes viver no futuro, meu Böhlendorff? Preocupações. Quando puderes escrever, endereça a carta ao comerciante Landauer, em Stuttgart. Ele me remeterá com certeza. Anota também o teu endereço.

Teu
Hölderlin

BRIEF AN CASIMIR ULRICH BÖHLENDORFF

Mein Theurer!

Ich habe Dir lange nicht geschrieben, bin indeß in Frankreich gewesen und habe die traurige einsame Erde gesehn; die Hirten des südlichen Frankreichs und einzelne Schönheiten, Männer und Frauen, die in der Angst des patriotischen Zweifels und des Hungers erwachsen sind.

Das gewaltige Element, das Feuer des Himmels und die Stille der Menschen, ihr Leben in der Natur, und ihre Eingeschränktheit und Zufriedenheit, hat mich beständig ergriffen, und wie man Helden nachspricht, kann ich wohl sagen, daß mich Apollo geschlagen.

In den Gegenden, die an die Vendée gränzen, hat mich das wilde kriegerische interessirt, das rein männliche, dem das Lebenslicht unmittelbar wird in den Augen und Gliedern und das im Todesgeföhle sich wie in einer Virtuosität fühlt, und seinen Durst, zu wissen, erfüllt.

Das Athletische der südlichen Menschen, in den Ruinen des antiken Geistes, machte mich mit dem eigentlichen Wesen der Griechen bekannter; ich lernte ihre Natur und ihre Weisheit kennen, ihren Körper, die Art, wie sie in ihrem Klima wuchsen, und die Regel, womit sie den übermüthigen Genius vor des Elements Gewalt behüteten.

Diß bestimmte ihre Popularität, ihre Art, fremde Naturen anzunehmen und sich ihnen mitzutheilen, darum haben sie ihr Eigentümlichindividuelles, das lebendig erscheint, so fern der höchste Verstand im griechischen Sinne Reflexionskraft ist, und diß wird uns begreiflich, wenn wir den heroischen Körper der Griechen begreifen; sie ist Zärtlichkeit, wie unsere Popularität.

Der Anblik der Antiquen hat mir einen Eindruck gegeben, der mir nicht allein die Griechen verständlicher macht, sondern überhaupt das Höchste der Kunst, die auch in der höchsten Bewegung und Phänomenalisierung der Begriffe und alles Ernstlichgemeinten dennoch alles stehend und für sich selbst erhält, so daß die Sicherheit in diesem Sinne die höchste Art des Zeichens ist.

Es war mir nöthig, nach manchen Erschütterungen und Rührungen der Seele mich vestzusezen, auf einige Zeit, und ich lebe indessen in meiner Vaterstadt.

CARTA A CASIMIR ULRICH BÖHLENDORFF

Meu caro!

Há muito tempo não te escrevo. Estive, nesse meio tempo, na França e vi a solidão e a tristeza da terra. Os pastores do sul da França e as belezas isoladas, homens e mulheres, que cresceram na angústia da dúvida patriótica e da fome.

O elemento violento, o fogo do céu e o silêncio dos homens, a sua vida na natureza, a restrição e o contentamento me assolaram com insistência e, como se costuma referir aos heróis, posso bem dizer que Apolo me acertou.

Nos campos que limitam a *Vendée*, interessei-me pelo guerreiro e selvagem, pelo elemento puramente viril, para o qual a luz da vida se dá imediatamente nos olhos e nos membros, que na sensação da morte sente-se como num ato virtuoso, satisfazendo a sua sede de saber.

O caráter atlético dos homens do sul, nas ruínas do espírito antigo, familiarizou-me ainda mais com a essência própria dos gregos. Aprendi a conhecer a sua natureza e a sua sabedoria, os seus corpos, o modo em que cresceram em seu clima, as regras segundo as quais protegeram a violência contra a pretensão do gênio.

Foi o que determinou a sua popularidade, o seu modo de assimilar naturezas estranhas e nelas compartilhar a si mesmo. Assim, eles manifestaram a sua individualidade característica, a sua vivacidade uma vez que, em sentido grego, o entendimento mais elevado é força de reflexão. Isso se torna mais facilmente compreensível quando concebemos o corpo heróico dos gregos: essa força é ternura como a nossa é a popularidade.

A visão dos antigos me causou uma impressão que não apenas propiciou uma maior compreensão dos gregos, mas, sobretudo, do mais elevado que, mesmo no mais elevado movimento e na fenomenalização dos conceitos e de toda opinião honesta, mantém tudo de pé e para si mesmo de tal maneira que a segurança assim entendida constitui o modo mais elevado do signo.

Após muitos abalos e comoções, tive de fixar-me, por algum tempo, e vivo, desde então, em minha cidade natal.

Die heimathliche Natur ergreift mich auch um so mächtiger, je mehr ich sie studire. Das Gewitter, nicht blos in seiner höchsten Erscheinung, sondern in eben dieser Ansicht, als Macht und als Gestalt, in den übrigen Formen des Himmels, das Licht in seinem Wirken, nationell und als Prinzip und Schicksaalsweise bildend, daß uns etwas heilig ist, sein Drang im Kommen und Gehen, das Charakteristische der Wälder und das Zusammentreffen in einer Gegend von verschiedenen Charakteren der Natur, daß alle heiligen Orte der Erde zusammen sind um einen Ort und das philosophische Licht um mein Fenster ist jezt meine Freude; daß ich behalten möge, wie ich gekommen bin, bis hieher!

Mein Lieber! ich denke, daß wir die Dichter bis auf unsere Zeit nicht commentiren werden, sondern daß die Sangart überhaupt wird einen andern Charakter nehmen, und daß wir darum nicht aufkommen, weil wir, seit den Griechen, wieder anfangen, vaterländisch und natürlich, eigentlich originell zu singen.

Schreibe doch nur mir bald. Ich brauche Deine reinen Töne. Die Psyche unter Freunden, das Entstehen des Gedankens im Gespräch und Brief ist Künstlern nöthig. Sonst haben wir keinen für uns selbst; sondern er gehöret dem heiligen Bilde, das wir bilden. Lebe recht wohl.

Dein
H.

Quanto mais estudo a natureza de minha terra natal, mais poderosamente ela se assenhora de mim. A tempestade, não somente em sua manifestação mais elevada, mas justo a concepção de potência e configuração, dentre as demais formas do céu, a luz em seus efeitos como o princípio de formação nacional, os princípios e modos do destino a fim de que possamos ter um sagrado, a inclinação súbita no ir e vir, o característico das florestas e a coincidência numa mesma região de diversos caracteres da natureza, de maneira que todos os lugares sagrados da terra confluam a um lugar e a luz filosófica em minha janela, eis o que constitui, agora, a minha alegria. Que eu possa sustentar o estado em que voltei e me encontro até agora!

Meu caro! acho que não haveremos de comentar os poetas que nos precederam. O modo de cantar é que deverá assumir um caráter diverso e se não conseguimos êxito é porque, depois dos gregos, nós é que começamos agora a cantar conforme a pátria e a natureza, de modo propriamente original.

Escreve-me tão logo possas. Preciso da pureza de teus tons. Para o artista, é necessário que a *Psyche* se guarde entre amigos e que o pensamento surja nas conversas e correspondências. Do contrário, não possuiremos nenhum pensamento. Este pertence à imagem sagrada que formamos. Tudo de bom,

Teu
Hölderlin

BRIEF AN FRIEDRICH WILMANS

Nürtingen bei Stutgard. d. 28 Sept. 1803.

Wohlgebohrner
Insonders hochgeehrtester Herr!

Ich danke Ihnen recht sehr, daß Sie an der Übersezung der Sophokleischen Tragödien den gütigen Antheil genommen haben.

Da ich noch von meinem Freunde Schelling, der sie an das Weimarische Theater besorgen wollte, keine Nachricht habe, so geh ich lieber den sicheren Weg, und mache von Ihrem gütigen Anerbieten Gebrauch.

Ich bin es zufrieden, daß der erste Band erst in der Jubilatemesse erscheint, um so mehr, da ich hinlänglichen Stoff habe, eine Einleitung zu den Tragödien vor auszuschicken, die ich wohl diesen Herbst noch ausführen können werde.

Ich hoffe, die griechische Kunst, die uns fremd ist, durch Nationalkonvenienz und Fehler, mit denen sie sich immer herum beholfen hat, dadurch lebendiger, als gewöhnlich dem Publikum darzustellen, daß ich das Orientalische, das sie verläugnet hat, mehr heraushebe, und ihren Kunstfehler, wo er vorkommt, verbessere.

Ich werde Ihnen immer danken, daß Sie mit Ihrer gütigen Zuschrift so mich getroffen haben, weil Sie zur Äußerung mir eine Freiheit machen, jezt, da ich mehr aus dem Sinne der Natur und mehr des Vaterlandes schreiben kann als sonst.

Ich bin mit wahrhaftiger Hochachtung
Euer Wohlgebohren

gehorsamster Diener
Friedrich Hölderlin.

CARTA A FRIEDRICH WILMANS¹⁶

Nuertigen em Stuttgart, 28 de setembro de 1803

Excelentíssimo e
muito honrado senhor,

Agradeço imensamente o vosso empenho junto à tradução das tragédias de Sófocles.

Não tenho nenhuma resposta de meu amigo Schelling, que pensou em recomendá-la ao Teatro de Weimar. Escolho, então, o caminho mais seguro, valendo-me de vossa benevolente proposta.

Ficaria satisfeito se o primeiro volume fosse publicado, por ocasião da Feira de *Jubilate*, porque já detenho o material suficiente para adiantar a introdução às tragédias, que pretendo elaborar ainda nesse outono.

Espero poder apresentar para o público, com vida ainda maior do que habitualmente, a arte grega, que, por conveniência nacionalista e em virtude das faltas com que sempre foi tratada, permanece-nos estranha. Para tanto, devo relevar ainda mais o caráter oriental que ela renegou e aprimorar o erro artístico, onde ele se pronuncia.

Ser-vos-ei sempre grato pela compreensão de vossa carta, que demonstrou ter alcançado meu esforço e que me permitiu uma expressão mais livre agora em que, mais do que outrora, escrevo a partir da natureza e do sentido pátrio.

O vosso mais fiel servidor.

Friedrich Hölderlin

Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback

- ¹ A palavra grega mekhané, μηχανή, que o latim traduziu como *machina*, significa habilidade, engenhosidade na construção, na montagem. (N. da T.)
- ² A expressão usada por Hölderlin é *Empfindungssystem*. Trata-se de um termo da filosofia de Kant que expressa a estrutura da capacidade receptiva enquanto condição de possibilidade do conhecimento. (N. da T.)
- ³ Bettina von Arnim fez o seguinte comentário acerca do termo cesura usado por Hölderlin nas observações ao Édipo: "A cesura é, precisamente, o suspense vivo do espírito humano onde reside a fulguração do divino" in *Die Götterode*. 1840 (N. da T.)
- ⁴ A palavra latina *nefas* é uma negação - *ne fas* - sem direito divino, contrário à vontade divina, às leis religiosas e da natureza, ou seja, nefasto, ímpio, sacrílego, injusto, criminoso. Cf. Virgílio, *Eneida*, 10, 673. A tradução manteve a palavra latina usada por Hölderlin. (N. da T.)
- ⁵ Της φύσεως γραμματεὺς ἐν τῷ χαλαμῷ ἀποβρεχῶν εὐνοῦν. Essa frase encontra-se numa enciclopédia bizantina do século 10 d.C, tendo sido erroneamente atribuída a Suidas. Trata-se de uma alusão a Aristóteles e diz: "gramático da natureza, mergulhando o cálam (do) bom sentido". Hölderlin escreve εὐνοῦν (bom sentido) em vez de εὖς νοῦν (no sentido), "...o cálam mergulhando no sentido". Um comentário sobre essa citação pode ser encontrado na *Paulys Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: Druckenmüller Verlag, 1931, segunda série, vol VII, p. 675-717.
- ⁶ Hölderlin chama de hespérico o destino do homem moderno, que ele opõe ao grego. O grego significa, para Hölderlin, uma resposta à "relação de vida e destino" caracterizada pela clareza da apresentação. O grego responde ao fogo oriental, à sua natureza, com a sobriedade e a clareza. Nós, os modernos, somos os hespéricos, ou seja, aqueles que se encontram à espera de um começo. (A palavra hespérico é derivada da palavra grega ἡσπερα, isto é, véspera, ocaso). Para nós, o fogo, a nossa natureza, não é mais o oriental mas a sobriedade ocidental ela mesma. Essa relação entre o grego e o hespérico é, na verdade, uma proporção entre o modo de o grego responder à relação de vida e destino e o nosso de responder a essa relação. Em ambos os modos, a resposta é sempre um risco de perder a pergunta motivadora, a pergunta que a realidade ela mesma apresenta ao destino do homem.
- ⁷ A distinção feita por Hölderlin entre o orgânico e o aórgico deve ser entendida com base no conceito romântico de natureza. O termo aórgico nada tem a ver com inorgânico. Está para o orgânico assim como a natureza está para a arte. O aórgico exprime a necessária falta de ordem que se mantém em toda ordem, em toda forma. A falta, a privação expressas nesse "a" privativo de aórgico é o mais positivo, é o ímpeto de vida e transformação que precisa manter-se como ímpeto em toda realização. Cf. Beda Allemann. *Hölderlin und Heidegger*, em especial o capítulo sobre Empédocles e a morte.
- ⁸ O sentido da palavra *vaterländisch* deve ser entendido etimologicamente, como uma relação de pertencimento, como o pertencimento que dimensiona a existência como o seu elemento. A "terra" de pertencimento é dimensionada por Hölderlin como um expatriamento, como um não-lugar. O conceito de pátrio está bem próximo da idéia de desenraizamento em Paul Celan e da noção de *placelessness* em Beckett. O pátrio de Hölderlin é na verdade um exílio, o périplo de uma vida ex-cêntrica.
- ⁹ A palavra grega δυσμορον significa má sorte, destino desafortunado.

- ¹⁰ προφανεῖθι θεο, significa: mostra-te, deus.
- ¹¹ As cartas a Casimir von Böhlendorff e a Friedrich Willmans correspondem às cartas editadas por Friedrich Beissner sob os números 236, 240 e 241 da Grosse Stuttgarter Ausgabe, Stuttgart, 1954, vol. 6.1. Além do volume editado por Beissner contendo a correspondência de Hölderlin, foi descoberto no Arquivo de Nuertigen, em 1993, um rolo de documentos, contendo cartas de Hölderlin, escritas nos últimos anos de sua vida. Esse conjunto de documentos foi editado sob o título: *Hölderlin: der Pflegsohn*, ed. J.B. Metzler, Stuttgart, a cura de Gregor Wittkop.
- ¹² Casimir Ulrich Böhlendorff (1775-1825), amigo de Hölderlin e Sinclair, estudou direito em Iena. Escreveu ensaios dramáticos e poemas.
- ¹³ A palavra *Leidenschaft* apresenta várias dificuldades de tradução. A versão comum por paixão é, ao nosso ver, mais problemática do que elucidativa. Ela traduz o caráter de arrebatamento mas não o de onde e para onde se dá o seu próprio arrebatamento. O dicionário etimológico de língua alemã, elaborado pelos irmãos Grimm, define *Leidenschaft* como *motus animi, motus cordis, passio, affectus*. Trata-se do movimento do coração. Esse movimento é o que os gregos chamaram de *pathos*, a capacidade de deixar-se comover, de deixar-se tomar sem o que não pode haver nenhum acolhimento, nenhuma escuta do que nos ultrapassa. Essa condição de todo encontro, ter de deixar-se comover pelo que nos ultrapassa de modo a poder acolhê-lo, foi sentida historicamente como dor e tristeza frente à impossibilidade do imediato. A leitura atentamente poética e filosófica da obra de Hölderlin nos obriga a tentar liberar a conotação pregnante de dor e tristeza, geradas pela inaceitação da possibilidade limitada do homem e de seu coração, uma vez que toda a sua obra é uma ode à alegria e à ternura do coração enquanto o lugar de acolhimento dessa condição de limite, o único lugar, portanto, em que se dá, com generosidade, a possibilidade do homem engrandecer-se. Alegria e ternura do coração são os movimentos do amor. E dificilmente a experiência latina da "paixão", no duplo sentido de desejo incontido e padecimento pode corresponder ao rigor do coração, esse que, seguindo os movimentos da alegria e da ternura, pode abnegar-se, pode desprender-se, pode deixar-ser. Para nos aproximarmos do sentido poético de *Leidenschaft* optamos por *comoção*, *comover-se*, ressaltando o sentido da emoção do movimento que, para ser, precisa deixar ser.
- ¹⁴ A expressão usada por Hölderlin é *das lebendige Verhältnis und Geschick*. Essa expressão concentra o sentido nuclear da poética e da teoria da tradução elaborada por Hölderlin. O retorno ao grego apresenta-se para Hölderlin como um retorno à "relação de vida e destino" e não mais às formas pelas quais o grego respondeu e correspondeu a essa relação. Trata-se de um retorno à tensão geradora da criação e não a um tipo de produção cultural.
- ¹⁵ Citação livre do poema de Goethe "Grenzen der Menschheit".
- ¹⁶ Wilmans (1764-1830) foi editor dos românticos em Frankfurt e quem publicou as traduções de Sófocles feitas por Hölderlin.

ARTHUR SCHOPENHAUER

ÜBER SPRACHE UND WORTE

SOBRE LÍNGUA E PALAVRAS

ARTHUR SCHOPENHAUER

ÜBER SPRACHE UND WORTE

Das folgende Stück findet sich als § 309 in dem Kapitel XXV *Ueber Sprache und Worte* der *Parerga und Paralipomena*. Wiedergegeben ist es nach: *Arthur Schopenhauer's sämtliche Werke*, herausgegeben von Julius Frauenstädt, 2. Aufl., Bd. 6, Leipzig (Brockhaus) 1891, S. 601-607

Die Erlernung mehrerer Sprachen ist nicht allein ein mittelbares, sondern auch ein unmittelbares, tief eingreifendes, geistiges Bildungsmittel. Daher der Ausspruch Karls V.: "so viele Sprachen Einer kann, so viele Mal ist er ein Mensch." (*Quot linguas quis callet, tot homines valet.*) – Die Sache selbst beruht auf Folgendem.

Nicht für jedes Wort einer Sprache findet sich in jeder andern das genaue Aequivalent. Also sind nicht sämmtliche Begriffe, welche durch die Worte der einen Sprache bezeichnet werden, genau die selben, welche die der andern ausdrücken; wenn gleich Dieses meistens, bisweilen sogar auffallend genau, wie z. B. bei *συλληψις* und *conceptio*, *Schneider* und *tailleur*, der Fall ist; sondern oft sind es bloß ähnliche und verwandte, jedoch durch irgend eine Modifikation verschiedene Begriffe. Deutlich zu machen was ich meyne mögen einstweilen folgende Beispiele dienen:

απειθευτος, *rudis*, roh.
δρυη, *impetus*, Andrang.
μηχανη, *Mittel*, *medium*.
seccatore, *Quälgeist*, *importun*.
ingénieux, *sinnreich*, *clever*.
Geist, *esprit*, *wit*.
Witzig, *facetis*, *plaisant*.
Malice, *Bosheit*, *wickedness*.

zu welchen sich unzählige andere und gewiß noch treffendere werden fügen lassen. Bei der in der Logik üblichen Versinnlichung der Begriffe durch Kreise, könnte man diese Paenidentität durch sich

ARTHUR SCHOPENHAUER

SOBRE LÍNGUA E PALAVRAS

O texto que se segue se encontra sob identificação § 309, no capítulo XXV “Ueber Sprache und Worte” de *Parerga e Paralipomena*. O mesmo foi re-editado em: *Arthur Schopenhauer's sämtliche Werke*, organizado por Julius Frauenstädt, 2ª ed., v. 6, Leipzig, (Brockhaus), 1891, pp. 601-607.

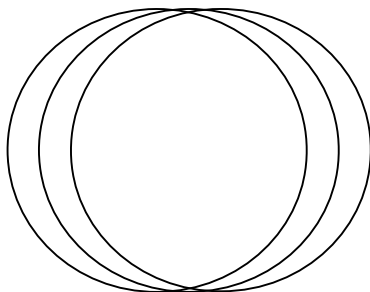
O aprendizado de mais de uma língua não é apenas um meio indireto de formação intelectual, mas também um meio direto, profundamente operante. Corroborar para tanto a afirmação de Carlos V: “tantas línguas alguém domine, tantas vezes ele é um homem” (*Quot linguas quis callet, tot homines valet*). O fato em si reside no que se segue.

Não se encontra para cada palavra de uma língua um equivalente exato em cada uma das demais línguas. Portanto, vários conceitos, que são designados pelas palavras de determinada língua, não serão exatamente os mesmos que aqueles expressos pelas palavras da outra língua. Embora esse normalmente seja o caso, por vezes até surpreendentemente igual, como por exemplo em συλληψις e *conceptio*, *Schneider* e *tailleur*. Muitas vezes, no entanto, trata-se de conceitos apenas parecidos ou familiares que, por alguma modificação, são, na verdade, conceitos diferentes. Para ilustrar o que desejo dizer, cito alguns exemplos.

απειδυτος, rudis, roh.
δρνη, impetus, Andrang.
μηχανη, Mittel, medium.
seccatore, Quälgeist, importun.
ingénieux, sinnreich, clever.
Geist, esprit, wit.
Witzig, facetus, plaisant.
Malice, Bosheit, wickedness.

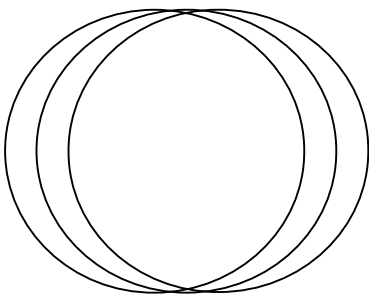
A estes se podem acrescentar inúmeros outros, passíveis, inclusive, de maior representatividade. Na visualização gráfica por intermédio

ungefähr deckende, jedoch nicht ganz concentrische Kreise ausdrücken, wie



Bisweilen fehlt in einer Sprache das Wort für einen Begriff, während es sich in den meisten, wohl gar in allen andern findet: ein höchst skandalöses Beispiel hievon liefert im Französischen der Mangel des Verbi "*stehn*". Für einige Begriffe wiederum findet sich bloß in *einer* Sprache ein Wort, welches alsdann in die andern übergeht: so das lateinische "*Affekt*", das französische "*naiv*", das englische *comfortable*, *disappointment*, *gentleman* und viele andere. Bisweilen auch drückt eine fremde Sprache einen Begriff mit einer Nüance aus, welche unsere eigene ihm nicht giebt und mit der wir ihn jetzt gerade denken: dann wird Jeder, dem es um einen genauen Ausdruck seiner Gedanken zu thun ist, das Fremdwort gebrauchen, ohne sich an das Gebelle pedantischer Puristen zu kehren. In allen Fällen, wo in einer Sprache nicht genau der selbe Begriff durch ein bestimmtes Wort bezeichnet wird, wie in der andern, giebt das Lexikon dieses durch mehrere einander verwandte Ausdrücke wieder, welche alle die Bedeutung desselben, jedoch nicht concentrisch, sondern in verschiedenen Richtungen daneben, wie in der obigen Figur, treffen, wodurch die Gränzen abgesteckt werden, zwischen denen er liegt: so wird man z. B. das lateinische *honestum* durch *wohlanständig*, *ehrenwerth*, *ehrenvoll*, *ansehnlich*, *tugendhaft* u.s.w. umschreiben, auch das griechische *σωφρων* auf analoge Weise¹. Hierauf beruht das nothwendig Mangelhafte aller Uebersetzungen. Fast nie kann man irgend eine charakteristische, prägnante, bedeutsame Periode aus einer Sprache in die andere so übertragen, daß sie genau und vollkommen die selbe Wirkung thäte. – Sogar in bloßer Prosa wird die allerbeste

de círculos, comumente utilizada pela lógica, poder-se-ia representar essa identidade por círculos parcialmente coincidentes, mas não exatamente concêntricos.



Por vezes, acontece de faltar em determinada língua uma palavra para certo conceito enquanto que, na maioria das outras, ou até em todas as demais, ela já está disponível: um exemplo gritante do fato acontece no francês onde não existe o verbo *stehn* (ficar de/em pé). No entanto, para alguns outros conceitos, somente *uma* língua possui uma palavra, que então é transferida para as demais: assim, por exemplo, *Affekt* do latim, *naiv* do francês, *comfortable*, *disappointment*, *gentleman* do inglês e tantas outras. Pode acontecer também que uma língua estrangeira expressa um conceito com determinada nuance, que a nossa própria língua não lhe confere e com a qual nós agora justamente o pensamos. Assim sendo, cada qual que desejar expressar exatamente o que lhe vai no pensamento irá valer-se da palavra estrangeira, sem se importar com os faniquitos de puristas pedantes. Em todos os casos em que numa determinada língua um determinado conceito não é designado por uma palavra específica, tal como acontece em uma outra, o léxico se encarrega de oferecer várias outras expressões semelhantes entre si, não de forma concêntrica, mas em várias direções paralelas conforme demonstrado graficamente acima. Ele se encarregará também de demonstrar onde se encontram os limites do paralelismo. Por exemplo, para *honestum* em latim, em alemão o léxico apresentaria *wohlanständig*, *ehrenwerth*, *ehrevoll*, *ansehnlich*, *tugendhaft* etc., também o grego *σωφρων* de modo análogo¹. A deficiência inevitável de todas as traduções consiste nisso. Quase nunca se consegue transpor uma frase característica, concisa, significativa de uma língua para outra de tal modo que ela surta exata

Uebersetzung sich zum Original höchstens so verhalten, wie zu einem gegebenen Musikstück dessen Transposition in eine andere Tonart. Musikverständige wissen, was es damit auf sich hat. – Daher bleibt jede Uebersetzung todt und ihr Stil gezwungen, steif, unnatürlich: oder aber sie wird frei, d. h. begnügt sich mit einem *à peu près*, ist also falsch. Eine Bibliothek von Uebersetzungen gleicht einer Gemäldegallerie von Kopien. Und nun gar die Uebersetzungen der Schriftsteller des Alterthums sind für dieselben ein Surrogat, wie der Cichorienkaffee es für den wirklichen ist. – *Gedichte* kann man nicht übersetzen, sondern bloß umdichten, welches allezeit mißlich ist. –

Demgemäß liegt, bei Erlernung einer Sprache, die Schwierigkeit vorzüglich darin, jeden Begriff, für den sie ein Wort hat, auch dann kennen zu lernen, wann die eigene Sprache kein diesem genau entsprechendes Wort besitzt, welches oft der Fall ist. Daher also muß man, bei Erlernung einer fremden Sprache, mehrere ganz neue Sphären von Begriffen in seinem Geiste abstecken: mithin entstehen Begriffssphären wo noch keine waren. Man erlernt also nicht bloß Worte, sondern erwirbt Begriffe. Dies ist vorzüglich bei Erlernung der alten Sprachen der Fall; weil die Ausdrucksweise der Alten von der unsrigen viel verschiedener ist, als die der modernen Sprachen von einander; welches sich daran zeigt, daß man, beim Uebersetzen ins Lateinische, zu ganz anderen Wendungen, als die das Original hat, greifen muß. Ja, man muß meistens den lateinisch wiederzugebenden Gedanken ganz umschmelzen und umgießen; wobei er in seine letzten Bestandtheile zerlegt und wieder rekonponirt wird. Gerade hierauf beruht die große Förderung, die der Geist von der Erlernung der alten Sprachen erhält. – Erst nachdem man alle Begriffe, welche die zu erlernende Sprache durch einzelne Worte bezeichnet, richtig gefaßt hat und bei jedem Worte derselben genau den ihm entsprechenden Begriff unmittelbar denkt, nicht aber erst das Wort in eines der Muttersprache übersetzt und dann den durch dieses bezeichneten Begriff denkt, als welcher nicht immer dem ersteren genau entspricht, und ebenso hinsichtlich ganzer Phrasen; – erst dann hat man den *Geist* der zu erlernenden Sprache gefaßt und damit einen großen Schritt zur Kenntniß der sie sprechenden Nation gethan: denn wie der Stil zum Geiste des Individuums, so verhält sich die Sprache zu dem der Nation². Vollkommen inne aber hat man eine Sprache erst, wenn man fähig ist, nicht etwan Bücher, sondern *sich selbst* in sie zu übersetzen;

e integralmente o mesmo efeito. Até na simples prosa, a melhor das traduções só se comportará, em relação ao original, do mesmo modo que uma dada peça musical quando transposta para outro tom. Os entendidos em música sabem muito bem o que se quer dizer com isso. Assim, cada tradução permanece morta e o seu estilo será forçado, rígido, não natural; ou então ela fica livre, quer dizer, satisfaz-se com um *à peu près*, sendo portanto falsa. Uma biblioteca de traduções se iguala a uma galeria de pinturas constituída apenas de cópias. E particularmente as traduções dos escritores da Antigüidade estabelecem com aqueles uma relação do tipo que o café de cevada estabelece com o café verdadeiro. *Poemas* não podem ser traduzidos, mas apenas re-poetizados, o que sempre é delicado.

Assim, a dificuldade maior no aprendizado de uma língua é conhecer cada conceito para o qual esta língua tenha uma palavra, mesmo se a própria língua não tiver uma que corresponda exatamente àquela; o que muitas vezes é o caso. Deve-se, pois, ao aprender uma nova língua, delimitar na própria mente várias esferas inéditas de conceitos: surgem daí esferas de conceitos onde as mesmas não existiam. Assim, não se aprende apenas palavras, mas se adquire conceitos. Este é particularmente o caso no aprendizado de línguas antigas, já que os modos de expressão dos antigos diferem bem mais dos nossos do que os modos de expressão nas diversas línguas novas entre si. Uma prova disso: na tradução para o latim deve-se valer de expressões ou locuções bem diferentes do que as existentes no original. É verdade, para se conseguir reproduzir o pensamento em latim, na maioria das vezes deve-se primeiro detê-lo e então refundi-lo integralmente, processo este em que o decompomos em seus constituintes mínimos e o recompomos novamente. Exatamente nisto consiste o grande estímulo que o espírito recebe quando do aprendizado das línguas antigas. Somente depois que se compreende corretamente todos os conceitos que a língua a ser aprendida designa por palavras individuais e que o conceito correspondente a elas é pensado sem mediação, quer dizer, sem necessidade de tradução da palavra para a língua materna para daí se pensar o conceito por ela designado, já que este nem sempre corresponde exatamente àquela (o que vale também para frases inteiras), só então se atingiu o *espírito* desta língua. E com isto também se deu um grande passo em direção ao conhecimento da nação subjacente a ela. Pois, do mesmo modo como o estilo está para o

so daß man, ohne einen Verlust an seiner Individualität zu erleiden, sich unmittelbar in ihr mitzutheilen vermag, also Ausländern jetzt eben so genießbar ist, wie Landsleuten.

Menschen von geringen Fähigkeiten werden auch nicht leicht eine fremde Sprache sich eigentlich aneignen; sie erlernen wohl die Worte derselben, gebrauchen sie jedoch stets nur in der Bedeutung des ungefähren Aequivalents derselben in ihrer Muttersprache und behalten auch immer die dieser eigenthümlichen Wendungen und Phrasen bei. Sie vermögen eben nicht den *Geist* der fremden Sprache sich anzueignen, welches eigentlich daran liegt, daß ihr Denken selbst nicht aus eigenen Mitteln vor sich geht, sondern, zum größten Theil, von ihrer Muttersprache erborgt ist, deren gangbare Phrasen und Wendungen ihnen die Stelle der eigenen Gedanken vertreten; daher eben sie auch in der eigenen Sprache sich stets nur abgenutzter Redensarten (*hackney'd phrases; phrases banales*) bedienen, welche selbst sogar sie so ungeschickt zusammenstellen, daß man merkt, wie unvollkommen sie sich des Sinnes derselben bewußt sind und wie wenig ihr ganzes Denken über die Worte hinausgeht, so daß es nicht gar viel mehr, als Papageieengeplapper ist. Aus dem entgegengesetzten Grunde ist die Originalität der Wendungen und individuelle Angemessenheit jedes Ausdrucks, den Einer gebraucht, ein unfehlbares Symptom überwiegenden Geistes.

Aus diesem Allen nun also erhellt, daß bei der Erlernung jeder fremden Sprache sich neue Begriffe bilden, um neuen Zeichen Bedeutung zu geben; daß Begriffe auseinandertreten, die sonst nur gemeinschaftlich einen weiteren, also unbestimmteren ausmachen, weil eben nur Ein Wort für sie da war; daß Beziehungen, die man bis dahin nicht gekannt hatte, entdeckt werden, weil die fremde Sprache den Begriff durch einen ihr eigenthümlichen Tropus, oder Metapher bezeichnet; daß demnach unendlich viele Nüancen, Aehnlichkeiten, Verschiedenheiten, Beziehungen der Dinge, mittelst der neu erlernten Sprache ins Bewußtsein treten; daß man also eine vielseitige Ansicht von allen Dingen erhält. Hieraus nun folgt, daß man in jeder Sprache anders denkt, mithin unser Denken durch die Erlernung einer jeden eine neue Modifikation und Färbung erhält, daß folglich der Polyglottismus, neben seinem vielen *mittelbaren* Nutzen, auch ein *direktes Bildungsmittel* des Geistes ist, indem er unsre Ansichten, durch hervortretende Vielseitigkeit und Nüancierung der Begriffe, berichtigt

espírito do indivíduo, assim também se comporta a língua em relação ao espírito da nação². A língua totalmente interiorizada só é uma realidade quando, sem se sofrer nenhuma perda em sua própria individualidade, se possui a capacidade, não de traduzir livros, mas de se traduzir *a si próprio* nela, até o ponto em que se consiga comunicar tão espontaneamente na mesma, tornando-se agradável a estrangeiros do mesmo modo que a conterrâneos.

Pessoas pouco capazes também não adquirirão fácil e apropriadamente uma língua estrangeira: elas até aprenderão as palavras da mesma, mas as utilizarão apenas no significado do equivalente aproximado em sua própria língua, conservando sempre as expressões e as frases características desta. Elas não têm a capacidade de adquirir o *espírito* da língua estrangeira, cuja razão reside no fato de que seu pensamento não advém de recursos próprios, mas, em grande parte, é emprestado da própria língua materna, cujas frases e expressões correntes passam a representar os próprios pensamentos. Resulta daí que essas pessoas se servem na língua materna apenas, e sempre, de expressões banais (*hackney'd phrases; phrases banales*). E fazem este uso de maneira tão desajeitada, que se percebe de imediato a limitada consciência que elas têm do real sentido das mesmas e quão pouco todo o seu pensamento extrapola o limite das palavras, resultando em algo que não vai muito além da mera tagarelice. Por outro lado, a originalidade de expressões e a pertinência individual de cada locução utilizada são indícios inquestionáveis de um espírito elevado.

Esclareceram-se, assim, alguns pontos: que na aprendizagem de qualquer língua estrangeira se formam novos conceitos para dar significado a novos signos; que conceitos, que de outro modo constituíam um único, mais indefinido, se diferenciam, já que só existia uma palavra para eles; que são descobertas relações até então desconhecidas, pois a língua estrangeira designa o conceito por um tropo que lhe é particular, ou por uma metáfora; que em função disso, por intermédio da nova língua aprendida, torna-se consciente uma infinidade de nuances, similaridades, diferenças e relações entre as coisas; que se adquire, portanto, uma visão multifacetada das coisas. Disso resulta que se pensa diferentemente em cada língua, e que o nosso pensar, pelo aprendizado de cada nova língua, adquire uma nova modificação e matiz, que, conseqüentemente, o políglotismo,

und vervollkommnet, wie auch die Gewandtheit des Denkens vermehrt, indem durch die Erlernung vieler Sprachen sich immer mehr der Begriff vom Worte ablöst. Ungleich mehr leisten Dies die alten, als die neuen Sprachen, vermöge ihrer großen Verschiedenheit von den unsrigen, die nicht zuläßt, daß wir Wort durch Wort wiedergeben, sondern verlangt, daß wir unsern ganzen Gedanken umschmelzen und ihn in eine andere Form gießen. Oder (mir ein chemisches Gleichniß zu erlauben), während das Uebersetzen aus einer neuen Sprache in die andere höchstens erfordert, daß die zu übersetzende Periode in ihre *nächsten* Bestandtheile zersetzt und aus diesen rekonponirt werde, erfordert das Uebersetzen in's Lateinische sehr oft eine Zersetzung in ihre fernsten und *letzten* Bestandtheile, (den reinen Gedankeninhalt), aus welchen sie sodann in ganz andern Formen regenerirt wird; so daß z. B. was dort durch Substantiva hier durch Verba ausgedrückt wird, oder umgekehrt, u. dgl. m. Der selbe Prozeß findet Statt beim Uebersetzen aus den alten Sprachen in die neuen; woraus schon abzusehen ist, wie entfernt die Bekanntschaft mit den alten Autoren ist, welche mittelst solcher Uebersetzungen sich machen läßt.

Den Vortheil des Sprachstudiums entbehrten die Griechen; wodurch sie zwar viel Zeit ersparten, mit der sie dann aber auch weniger ökonomisch umgingen; wie das tägliche lange Herumschlendern der Freien auf der agora bezeugt, welches sogar an die Lazzaroni und das ganze italiänische Treiben in piazza erinnert.

Endlich ist aus dem Gesagten leicht abzusehn, daß die Nachbildung des Stiles der Alten, in ihren eigenen, an grammatischer Vollkommenheit die unsrigen weit übertreffenden Sprachen, das allerbeste Mittel ist, um sich zum gewandten und vollkommenen Ausdrücke seiner Gedanken in der Muttersprache vorzubereiten. Um ein großer Schriftsteller zu werden, ist es sogar unerläßlich; – eben, wie es für den angehenden Bildhauer und Maler nothwendig ist, sich durch Nachahmung der Muster des Alterthums heranzubilden, ehe er zu eigener Komposition schreitet. Durch das Lateinschreiben allein lernt man die Diktion als ein Kunstwerk behandeln, dessen Stoff die Sprache ist, welche daher mit größter Sorgfalt und Behutsamkeit behandelt werden muß. Demnach richtet sich jetzt eine geschärfte Aufmerksamkeit auf die Bedeutung und den Werth der Worte, ihrer Zusammenstellung und der grammatikalischen Formen; man lernt

paralelo aos seus vários benefícios *indiretos*, também constitui um *meio direto de formação intelectual* do espírito, na medida em que, através de uma diversidade nítida e de um refinamento dos conceitos, corrige e aperfeiçoa as nossas visões e aumenta a agilidade do pensar, conquanto, pelo aprendizado de várias línguas, o conceito passa a se desligar cada vez mais da palavra. Isso é mais característico nas línguas antigas do que nas novas em virtude da grande diferenciação delas em relação às nossas línguas, diferenciação esta que não nos permite traduzir palavra por palavra, mas que nos exige uma completa refundição de todo o nosso pensamento e uma remodelação do mesmo em outra forma. Ou ainda (permitindo-me uma comparação com a química): enquanto a tradução de uma língua nova para outra exige, no máximo, que o trecho a ser traduzido seja desagregado em seus componentes *próximos* e recomposto a partir destes, a tradução para o latim, muitas vezes, demanda uma desagregação em seus componentes *mínimos* mais distantes (o conteúdo mental puro), e a sua regeneração a partir destes em forma totalmente inédita, de tal modo que, por exemplo, o que lá era expresso por um substantivo, aqui o é por um verbo, ou vice-versa etc. O mesmo processo acontece na tradução das línguas antigas para as novas, donde já é possível ver quão distante é a relação com os autores antigos, passível de ser estabelecida por intermédio dessas traduções.

Os gregos renunciaram à vantagem de se estudar línguas estrangeiras. Com isso eles economizavam bastante tempo, tempo este, no entanto, que também não passava a ser bem aplicado. As pessoas livres, por exemplo, diariamente passavam horas a fio passeando na ágora, fato este que lembra inclusive os Lazzaroni e toda a função em torno dos passeios dos italianos na *piazza*.

De tudo que foi dito pode-se facilmente deduzir que a tentativa de copiar o estilo dos antigos nas línguas deles, que, aliás, na sua perfeição gramatical superam em muito nossas línguas, é o melhor meio de se preparar para expressar o próprio pensamento de maneira hábil e perfeita na língua materna. Para se tornar um grande escritor, isso é até imprescindível. Do mesmo modo que o escultor e o pintor, antes de realizarem a própria composição, devem, necessariamente, constituir a sua formação copiando os modelos da Antigüidade. Só através da própria escrita em latim é que se aprende a tratar o que foi escrito como uma obra de arte, cuja matéria é a língua, que, portanto,

diese genau abwägen und so das kostbare Material handhaben, welches geeignet ist, dem Ausdruck und der Erhaltung werthvoller Gedanken zu dienen, man lernt Respekt haben vor der Sprache, in der man schreibt, so daß man nicht nach Willkür und Laune mit ihr umspringt, um sie umzumodeln. Ohne diese Vorschule artet die Schreiberei leicht in bloßes Gewäsche aus.

Der Mensch, welcher *kein Latein* versteht, gleicht Einem, der sich in einer schönen Gegend bei nebligem Wetter befindet: sein Horizont ist äußerst beschränkt: nur das Nächste sieht er deutlich, wenige Schritte darüber hinaus verliert es sich ins Unbestimmte. Der Horizont des Lateiners hingegen geht sehr weit, durch die neueren Jahrhunderte, das Mittelalter, das Alterthum. – Griechisch, oder gar noch Sanskrit, erweitern freilich den Horizont noch um ein Beträchtliches. – Wer *kein Latein* versteht, gehört zum Volke, auch wenn er ein großer Virtuose auf der Elektrisirmaschine wäre und das Radikal der Flußspathsäure im Tiegel hätte.

An euern Schriftstellern, die kein Latein verstehen, werdet ihr bald nichts Anderes, als schwadronirende Barbiergesellen haben. Sie sind schon auf gutem Wege mit ihren Gallicismen und leicht seyn wollenden Wendungen. Zur Gemeinheit, edele Germanen, habt ihr euch gewendet, und Gemeinheit werdet ihr finden. – Ein rechtes Aushängeschild der Faulheit und eine Pflanzschule der Unwissenheit sind die heut zu Tage sich an das Licht wagenden Editionen griechischer, ja sogar (*horribile dictu*) *lateinischer* Auktoren mit *deutschen* Noten! Welche Infamie! Wie soll doch der Schüler Latein lernen, wenn ihm immer in der Frau-Mutter-Sprache dazwischen geredet wird? Daher war *in schola nil nisi latine* eine gute alte Regel. Daß der Herr Professor nicht mit Leichtigkeit Latein schreiben kann, und der Schüler es nicht mit Leichtigkeit lesen kann, das ist der Humor der Sache; stellt euch wie ihr wollt. Also Faulheit und deren Tochter Unwissenheit stecken dahinter, sonst nichts. Und es ist eine Schande! Der Eine *hat* nichts gelernt, und der Andere *will* nichts lernen. Cigarrenrauchen und Kannegießern hat in unsern Tagen die Gelehrsamkeit vertrieben; wie Bilderbücher für große Kinder die Litteraturzeitungen ersetzt haben.

Auf *Gymnasien* sollte keine altdeutsche Literatur, *Nibelungen* und sonstige Poeten des Mittelalters gelehrt werden: diese Dinge sind

deve ser tratada com o maior cuidado e precaução. Assim sendo, a atenção passa a ser redobrada para o significado e valor das palavras, sua combinação e suas formas gramaticais. Aprende-se a ponderá-las com precisão e a manipular esse material precioso que serve para a expressão e a conservação de pensamentos preciosos. Aprende-se a ter respeito pela língua na qual se escreve, tanto é que não se brinca com ela arbitrariamente e a bel-prazer, com o propósito de remodelá-la. Sem essa pré-escola, a escritura tende a degenerar-se a mero palavreado.

A pessoa que *não entende latim* se iguala àquela que se encontra numa bela região em tempo nublado: seu horizonte é extremamente limitado; só o que está próximo ela consegue ver com clareza, alguns passos além já se perde no indefinido. O horizonte do latinista, por sua vez, vai muito longe: através dos séculos atuais, da Idade Média e da Antigüidade. Somando-se aí o grego ou ainda o sânscrito, ampliam-se consideravelmente os horizontes. Quem *não entende latim* pertence ao povo, mesmo que seja um grande especialista em máquina elétrica e tenha no cadinho o ácido fluorídrico.

Dos escritores que não entendem latim, vocês não terão mais nada além de conversa de comadre. Eles já estão em bom caminho com seus galicismos e expressões que tendem a ser leves. Nobres germanos, vocês se voltaram para o vulgar, e o vulgar irão encontrar. As atuais edições de autores gregos, inclusive (*horrible dictu*) de autores *latinos*, com suas notas em *alemão* são um exemplo vivo de preguiça, uma escola semeadora de ignorância! Quanta infâmia! Como é que o estudante vai aprender latim, se a “senhora língua-mãe” sempre lhe mete o bedelho no meio? Por isso existia uma boa velha norma: *in schola nil nisi latine*. Que o professor não possa escrever latim com leveza e que o aluno não possa ler latim com facilidade, essa é a graça do jogo. Posicionem-se à vontade! Portanto, só a preguiça e a sua alma gêmea, a ignorância, estão por trás disso, nada mais. E isso é uma vergonha! Um não *aprendeu nada*, o outro não *quer aprender*. Fumar charutos e o papo-furado político afugentaram a erudição, do mesmo modo como os livros ilustrados para crianças grandes substituíram as revistas literárias.

Não se deveria ensinar a literatura alemã antiga nos *colégios*, os *Nibelungos* ou qualquer outro poeta da Idade Média: essas coisas, embora extremamente notáveis, não contribuem, no entanto, para a

zwar höchst merkwürdig, auch lesenswerth, tragen aber nicht zur Bildung des Geschmacks bei und rauben die Zeit, welche der alten, wirklich klassischen Litteratur angehört. Wenn ihr, edle Germanen und deutsche Patrioten, an die Stelle der griechischen und römischen Klassiker altdeutsche Reimereien setzt; so werdet ihr nichts Anderes, als Bärenhäuter erziehn. Nun aber gar diese Nibelungen mit der Ilias zu vergleichen ist eine rechte *Blasphemie*, mit welcher die Ohren der Jugend, vor Allem, verschont bleiben sollen.

Anmerkungen

- ¹ Das griechische σοφοσύνη hat in keiner Sprache ein adäquates Aequivalent.
- ² Mehrere neuere Sprachen wirklich inne haben und in ihnen mit Leichtigkeit lesen ist ein Mittel, sich von der Nationalbeschränktheit zu befreien, die sonst Jedem anklebt.

formação do bom gosto. Além disso, roubam o tempo que pertence à literatura realmente clássica. Se vocês, nobres germanos e patriotas alemães, usarem rimas do antigo alemão no lugar de rimas dos clássicos gregos e romanos, nada mais estarão fazendo do que educar mandriões.³ Agora, comparar esses Nibelungos com a *Ilíada* é uma verdadeira *blasfêmia*, que não deveria nem chegar aos ouvidos dos jovens, sim, principalmente deles!

Tradução: Ina Emmel

Notas

- ¹ A palavra grega *σωφροσύνη* não possui nenhum equivalente adequado em qualquer língua.
- ² Dominar realmente várias línguas novas e conseguir ler nelas com facilidade é um meio para se libertar da limitação nacionalista, que de outro modo está grudada em cada indivíduo.
- ³ NT: O autor usou a palavra *Bärenhäuter* aqui, que no século XVI, baseado na obra de Tácito *Germânia*, Capítulo 15, sobre os modos de vida dos antigos germanos, significava “ser preguiçoso”, “vagabundear”.

FRIEDRICH NIETZSCHE

ZUM PROBLEM DES ÜBERSETZENS

SOBRE O PROBLEMA DA TRADUÇÃO

FRIEDRICH NIETZSCHE

ZUM PROBLEM DES ÜBERSETZENS

Die hier aufgenommenen zwei Stücke zum Problem der Übersetzung stammen aus: Friedrich Nietzsche, Werke in drei Bänden 3. Aufl., München (Hanser) 1962, Band 2. I. Die fröhliche Wissenschaft, § 83, S. 91f. II. Jenseits von Gut und Böse, § 28, S. 593f.

I.

Übersetzungen. – Man kann den Grad des historischen Sinns, welchen eine Zeit besitzt, daran abschätzen, wie diese Zeit *Übersetzungen* macht und vergangene Zeiten und Bücher sich einzuverleiben sucht. Die Franzosen Corneilles, und auch noch die der Revolution, bemächtigten sich des römischen Altertums in einer Weise, zu der wir nicht den Mut mehr hätten – dank unserm höhern historischen Sinne. Und das römische Altertum selbst: wie gewaltsam und naiv zugleich legte es seine Hand auf alles Gute und Hohe des griechischen ältern Altertums! Wie übersetzten sie in die römische Gegenwart hinein! Wie verwischten sie absichtlich und unbekümmert den Flügelstaub des Schmetterlings Augenblick! So übersetzte Horaz hier und da den Alcäus oder den Archilochus, so Properz den Callimachus und Philetas (Dichter gleichen Ranges mit Theokrit, wenn wir urteilen *dürfen*): was lag ihnen daran, daß der eigentliche Schöpfer dies und jenes erlebt und die Zeichen davon in sein Gedicht hineingeschrieben hatte! – als Dichter waren sie dem antiquarischen Spürgeiste, der dem historischen Sinne voranläuft, abhold; als Dichter ließen sie diese ganz persönlichen Dinge und Namen und alles, was einer Stadt, einer Küste, einem Jahrhundert als seine Tracht und Maske zu eigen war, nicht gelten, sondern stellten flugs das Gegenwärtige und das Römische an seine Stelle. Sie scheinen uns zu fragen: "Sollen wir das Alte nicht für uns neu machen und *uns* in ihm zurechtlegen? Sollen wir nicht unsere Seele diesem toten Leibe einblasen dürfen? denn tot ist er nun einmal: wie häßlich ist alles Tote!" – Sie kannten

SOBRE O PROBLEMA DA TRADUÇÃO

Os dois fragmentos aqui apresentados sobre o problema da tradução, são originários de: Friedrich Nietzsche, *Obras em três volumes* 3ª Edição, Munique (Hanser) 1962, volume 2. I. *A Gaia Ciência*, § 83, p. 91s. - II. *Além do Bem e do Mal*, § 28, pp. 593s.

I.

Traduções. – Pode-se avaliar o senso histórico de uma época pelo modo como nela são realizadas as *traduções* e pelo modo como se incorporam o passado e os livros. Os franceses da escola de Corneille, e também os da Revolução, se apropriaram da Antigüidade romana de um modo hoje inadmissível graças à nossa compreensão histórica superior. E mesmo a Antigüidade romana: de que modo, ao mesmo tempo violento e ingênuo, ela põe a mão sobre tudo de bom e elevado da Antigüidade grega! Como traduziam adentrando a atualidade romana! Como espanavam de propósito e sem cuidado o pó da asa do momento da borboleta! Assim Horácio traduziu aqui e acolá Alceu ou Arquilóquio, da mesma forma como Propércio e Calímaco e Filetas (poetas do mesmo nível de Teócrito, se nos é *permitido* julgar): o que lhes interessava que o verdadeiro autor tivesse vivenciado isto ou aquilo e que tivesse escrito sobre essas experiências no seu poema! – como poetas eles eram avessos aos espíritos perscrutores da Antigüidade que se antecipavam ao sentido histórico; como poetas eles deixavam de considerar as coisas muito pessoais, nomes e tudo mais que era próprio de uma cidade, de uma paragem, de um século, com roupagem e máscara próprias, colocando, porém, no seu lugar prontamente o que lhes era contemporâneo e romano. Eles parecem nos perguntar: «Será que não devemos renovar o antigo e *nos* inserirmos nele? Não nos deveria ser permitido dar a nossa alma a este corpo inerte? Pois morto está: como é feio tudo que está morto» – Eles não conheciam o prazer do sentido histórico; o passado e o que

den Genuß des historischen Sinns nicht; das Vergangene und Fremde war ihnen peinlich, und als Römern ein Anreiz zu einer römischen Eroberung. In der Tat, man eroberte damals, wenn man übersetzte – nicht nur so, daß man das Historische wegließ: nein, man fügte die Anspielung auf das Gegenwärtige hinzu, man strich vor allem den Namen des Dichters hinweg und setzte den eignen an seine Stelle – nicht im Gefühl des Diebstahls, sondern mit dem allerbesten Gewissen des *Imperium Romanum*.

II.

Was sich am schlechtesten aus einer Sprache in die andre übersetzen läßt, ist das Tempo ihres Stils: als welcher im Charakter der Rasse seinen Grund hat, physiologischer gesprochen, im Durchschnitts-Tempo ihres "Stoffwechsels". Es gibt ehrlich gemeinte Übersetzungen, die beinahe Fälschungen sind, als unfreiwillige Vergemeinerungen des Originals, bloß weil sein tapfres und lustiges Tempo nicht mit übersetzt werden konnte, welches über alles Gefährliche in Dingen und Worten wegspringt, weghilft. Der Deutsche ist beinahe des *presto* in seiner Sprache unfähig: also, wie man billig schließen darf, auch vieler der ergötzlichsten und verwegensten *nuances* des freien, freigeisterischen Gedankens. So gut ihm der Buffo und der Satyr fremd ist, in Leib und Gewissen, so gut ist ihm Aristophanes und Petronius unübersetzbar. Alles Gravitätische, Schwerflüssige, Feierlich-Plumpe, alle langwierigen und langweiligen Gattungen des Stils sind bei den Deutschen in überreicher Mannigfaltigkeit entwickelt, – man vergebe mir die Tatsache, daß selbst Goethes Prosa, in ihrer Mischung von Steifheit und Zierlichkeit, keine Ausnahme macht, als ein Spiegelbild der "alten guten Zeit", zu der sie gehört, und als Ausdruck des deutschen Geschmacks, zur Zeit, wo es noch einen "deutschen Geschmack" gab, der ein Rokoko-Geschmack war, *in moribus et artibus*. Lessing macht eine Ausnahme, dank seiner Schauspieler-Natur, die vieles verstand und sich auf vieles verstand: er, der nicht umsonst der Übersetzer Bayles war und sich gerne in die Nähe Diderots und Voltaires, noch lieber unter die römischen Lustspieldichter flüchtete – Lessing liebte auch im Tempo die Freigeisterei, die Flucht aus Deutschland. Aber wie vermöchte die deutsche Sprache, und sei es selbst in der Prosa eines Lessing, das Tempo Macchiavells nachzuahmen, der, in seinem *principe*, die

lhes era estranho lhes era constrangedor e, sendo romanos, viam-se estimulados à conquista romana. De fato, naquela época se conquistava, quando se traduzia – não somente deixando de lado o que era histórico: não, incluía-se uma insinuação à atualidade, eliminava-se antes de tudo o nome do poeta e colocava-se no seu lugar o próprio – não no sentido de um furto mas com a melhor das consciências do *Imperium Romanum*.

II.

O que há de pior para se traduzir de uma língua para a outra é o tempo do seu estilo: aquele baseado no caráter da raça, ou dito de modo mais fisiológico, no tempo médio do seu “metabolismo”. Existem traduções com intenções honestas que são quase falsificações e vulgarizações involuntárias do original, somente porque o seu alegre e corajoso tempo não pôde ser traduzido – tempo que, providencialmente omitido, supera tudo que é perigoso em coisas e palavras. O alemão é quase incapaz ao “*presto*” em sua língua: portanto, como se pode concluir de imediato também o é em relação às nuances variadas dos pensamentos mais prazerosos e ousados da liberdade de pensamento. Tal como lhe são estranhos o bufo e o sátiro, em corpo e consciência, assim também lhe são intraduzíveis Aristófanes e Petrónio. Tudo que é gravitacional, denso, celebradamente grosseiro, todas as variantes demoradas e tediosas do estilo estão desenvolvidas no alemão em excessiva diversidade – me perdoem o fato de que mesmo a prosa de Goethe, com sua mistura de rigidez e graça, não constitui exceção como um retrato “dos bons velhos tempos”, a que pertence, e como expressão do gosto alemão numa época em que ainda existia um “gosto alemão”, que era um gosto rococó, *in moribus et artibus*. Lessing constitui uma exceção, graças à sua natureza de ator que muito compreendia e que se fazia compreender: ele, que não era sem motivo o tradutor de Bayle e que gostava de se refugiar nos meios de Diderot e Voltaire e, ainda mais, entre os comediantes romanos – Lessing apreciava também, no seu tempo estilístico, a liberdade de pensamento, a fuga da Alemanha. Mas como seria possível para a língua alemã, mesmo através da prosa de um Lessing, imitar o tempo de Maquiavel, que faz respirar no seu *Príncipe* o ar fino e seco de Florença e não sabe como evitar a apresentação do assunto mais sério num *alegrissimo* indomado: talvez não sem um sentimento artístico malévolo, cujo

trockne, feine Luft von Florenz atmen läßt und nicht umhin kann, die ernsteste Angelegenheit in einem unbändigen *allegro* vorzutragen: vielleicht nicht ohne ein boshafte Artisten-Gefühl davon, welchen Gegensatz er wagt – Gedanken, lang, schwer, hart, gefährlich, und ein Tempo des Galopps und der allerbesten mutwilligen Laune. Wer endlich dürfte gar eine deutsche Übersetzung des Petronius wagen, der, mehr als irgendein großer Musiker bisher, der Meister des *presto* gewesen ist, in Erfindungen, Einfällen, Worten – was liegt zuletzt an allen Sümpfen der kranken, schlimmen Welt, auch der "alten Welt", wenn man, wie er, die Füße eines Windes hat, den Zug und Atem, den befreienden Hohn eines Windes, der alles gesund macht, indem er alles *laufen* macht! Und was Aristophanes angeht, jenen erklärenden, komplementären Geist, um dessentwillen man dem ganzen Griechentum *verzeiht*, daß es da war, gesetzt, daß man in aller Tiefe begriffen hat, *was* da alles der Verzeihung, der Erklärung bedarf – so wüßte ich nichts, was mich über *Platos* Verborgenheit und Sphinx-Natur mehr hat träumen lassen als jenes glücklich erhaltene *petit fait*: daß man unter dem Kopfkissen seines Sterbelagers keine "Bibel" vorfand, nichts Ägyptisches, Pythagoreisches, Platonisches – sondern den Aristophanes. Wie hätte auch ein Plato das Leben ausgehalten – ein griechisches Leben, zu dem er Nein sagte - ohne einen Aristophanes!

contraste ele ousa – pensamentos longos, pesados, duros, perigosos, e um tempo de galope e o melhor e mais alegre humor. Quem finalmente poderia ousar uma tradução alemã de Petrônio, aquele que foi mais do que qualquer grande músico, o mestre do *presto* em invenções, criatividade, palavras – o que, em última análise, está em todos os pântanos do mundo cruel e doentio, também do “mundo velho” quando, como ele, se possui a ligeireza do vento, a fluência e o fôlego, o escárnio libertador de um vento que torna tudo saudável quando coloca tudo em movimento! Quanto a Aristófanes, aquele espírito complementar e transfigurador, por quem se *perdoa* à cultura grega inteira, que ela tenha existido, pressupondo-se que se tenha compreendido em toda a profundidade tudo o que é necessário ao perdão e à transfiguração – assim, eu nada saberia sobre o que me fez sonhar mais com a obscuridade de Platão e sua natureza de esfinge, do que aquele *petit fait* felizmente obtido: que não havia sob o travesseiro do seu leito de morte nenhuma “Bíblia”, nada de egípcio, pitagórico, platônico – mas sim, Aristófanes. Como Platão teria suportado a vida – uma vida grega à qual disse não - sem um Aristófanes!

Tradução: Richard Zenker

WALTER BENJAMIN

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS

A TAREFA DO TRADUTOR

WALTER BENJAMIN

DIE AUFGABE DES ÜBERSETZERS

Der Aufsatz "Die Aufgabe des Übersetzers" erschien erstmalig in *Tableaux Parisiens*, deutsche Übertragung mit einem Vorwort über die Aufgabe des Übersetzers von Walter Benjamin, Heidelberg 1923, und ist hier wiedergegeben nach Walter Benjamins Schriften, Hrsg. v. Th. W. Adorno und Gretel Adorno unter Mitwirkung von Friedrich Podszus. Band 1, S. 40-54, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag 1955.

Nirgends erweist sich einem Kunstwerk oder einer Kunstform gegenüber die Rücksicht auf den Aufnehmenden für deren Erkenntnis fruchtbar. Nicht genug, daß jede Beziehung auf ein bestimmtes Publikum oder dessen Repräsentanten vom Wege abführt, ist sogar der Begriff eines "idealen" Aufnehmenden in allen kunsttheoretischen Erörterungen vom Übel, weil diese lediglich gehalten sind, Dasein und Wesen des Menschen überhaupt vorauszusetzen. So setzt auch die Kunst selbst dessen leibliches und geistiges Wesen voraus — seine Aufmerksamkeit aber in keinem ihrer Werke. Denn kein Gedicht gilt dem Leser, kein Bild dem Beschauer, keine Symphonie der Hörerschaft.

Gilt eine Übersetzung den Lesern, die das Original nicht verstehen? Das scheint hinreichend den Rangunterschied im Bereiche der Kunst zwischen beiden zu erklären. Überdies scheint es der einzig mögliche Grund, "Dasselbe" wiederholt zu sagen. Was "sagt" denn die Dichtung? Was teilt sie mit? Sehr wenig dem, der sie versteht. Ihr Wesentliches ist nicht Mitteilung, nicht Aussage. Dennoch könnte diejenige Übersetzung, welche vermitteln will, nichts vermitteln als die Mitteilung — also Unwesentliches. Das ist denn auch ein Erkennungszeichen der schlechten Übersetzungen. Was aber außer der Mitteilung in einer Dichtung steht — und auch der schlechte Übersetzer gibt zu, daß es das Wesentliche ist —, gilt es nicht allgemein als das Unfaßbare, Geheimnisvolle, "Dichterische"? Daß der Übersetzer nur wiedergeben kann, indem er auch

WALTER BENJAMIN

A TAREFA DO TRADUTOR¹

O ensaio “A Tarefa do Tradutor” foi publicado pela primeira vez em Charles Baudelaire, *Tableaux Parisiens*. Tradução para o alemão e prefácio de Walter Benjamin, Heidelberg: Verlag von Richard Weissbach, 1923. A presente versão foi extraída de: Benjamin, Walter. *Gesammelte Schriften. Kleine Prosa. Baudelaire Übertragungen*. (eds. Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser com a colaboração de Theodor W. Adorno e Gershom Scholem) Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991, vol. 4 (1), pp. 7-21 (ed. Tillman Rexroth).

Nunca, levar em consideração o receptor de uma obra de arte ou de uma forma artística revela-se fecundo para o seu conhecimento. Não apenas o fato de estabelecer uma relação com determinado público ou seus representantes constitui um desvio; o próprio conceito de um receptor “ideal” é nefasto em quaisquer indagações de caráter estético, porque estas devem pressupor unicamente a existência e a essência do homem em geral. Da mesma forma, também a arte pressupõe a essência corporal e espiritual do homem; mas, em nenhuma de suas obras, pressupõe sua atenção. Nenhum poema dirige-se, pois, ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia, aos ouvintes.

E uma tradução? Será ela dirigida a leitores que não compreendem o original? Essa questão parece explicar suficientemente a diferença de nível entre ambos no âmbito da arte. Além disso, parece ser este o único motivo possível para se dizer “a mesma coisa” repetidas vezes. O que “diz” uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é comunicação, não é enunciado. E, no entanto, a tradução que pretendesse comunicar algo não poderia comunicar nada que não fosse comunicação, portanto, algo de inessencial. Pois essa é mesmo uma característica distintiva das más traduções. Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado — e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial — não será isto o que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao

ichtet? Daher rührt in der Tat ein zweites Merkmal der schlechten Übersetzung, welche man demnach als eine ungenaue Übermittlung eines unwesentlichen Inhalts definieren darf. Dabei bleibt es, solange die Übersetzung sich anheischig macht, dem Leser zu dienen. Wäre sie aber für den Leser bestimmt, so müßte es auch das Original sein. Besteht das Original nicht um dessentwillen, wie ließe sich dann die Übersetzung aus dieser Beziehung verstehen?

Übersetzung ist eine Form. Sie als solche zu erfassen, gilt es zurückzugehen auf das Original. Denn in ihm liegt deren Gesetz als in dessen Übersetzbarkeit beschlossen. Die Frage nach der Übersetzbarkeit eines Werkes ist doppelsinnig. Sie kann bedeuten: ob es unter der Gesamtheit seiner Leser je seinen zulänglichen Übersetzer finden werde? Oder, und eigentlicher: ob es seinem Wesen nach Übersetzung zulasse und demnach — der Bedeutung dieser Form gemäß — auch verlange. Grundsätzlich ist die erste Frage nur problematisch, die zweite apodiktisch zu entscheiden. Nur das oberflächliche Denken wird, indem es den selbständigen Sinn der letzten leugnet, beide für gleichbedeutend erklären. Ihm gegenüber ist darauf hinzuweisen, daß gewisse Relationsbegriffe ihren guten, ja vielleicht besten Sinn behalten, wenn sie nicht von vorneherein ausschließlich auf den Menschen bezogen werden. So dürfte von einem unvergeßlichen Leben oder Augenblick gesprochen werden, auch wenn alle Menschen sie vergessen hätten. Wenn nämlich deren Wesen es forderte, nicht vergessen zu werden, so würde jenes Prädikat nichts Falsches, sondern nur eine Forderung, der Menschen nicht entsprechen, und zugleich auch wohl den Verweis auf einen Bereich enthalten, in dem ihr entsprochen wäre: auf ein Gedenken Gottes. Entsprechend bliebe die Übersetzbarkeit sprachlicher Gebilde auch dann zu erwägen, wenn diese für die Menschen unübersetzbar wären. Und sollten sie das bei einem gewissen Begriff von Übersetzung nicht wirklich bis zu einem gewissen Grade sein? — In solcher Loslösung ist die Frage zu stellen, ob Übersetzung bestimmter Sprachgebilde zu fordern sei. Denn es gilt der Satz: Wenn Übersetzung eine Form ist, so muß Übersetzbarkeit gewissen Werken wesentlich sein.

Übersetzbarkeit eignet gewissen Werken wesentlich — das heißt nicht, ihre Übersetzung ist wesentlich für sie selbst, sondern will besagen, daß eine bestimmte Bedeutung, die den Originalen

tornar-se, ele mesmo, um poeta? De fato, daí deriva uma segunda característica da má tradução, que se pode definir, conseqüentemente, como uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial. E assim é, sempre que a tradução se compromete a servir ao leitor. Mas se ela fosse destinada ao leitor, também o original o deveria ser. Se o original não existe em função do leitor, como poderíamos compreender a tradução a partir de uma relação dessa espécie?

A tradução é uma forma. Para apreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade. A questão da traduzibilidade de uma obra possui um duplo sentido. Ela pode significar: encontrará a obra alguma vez, dentre a totalidade de seus leitores, seu tradutor adequado? Ou então, mais propriamente: admitirá ela, em conformidade com sua essência, tradução e — em consonância com o significado dessa forma — conseqüentemente a exigirá também? Por princípio, a primeira questão só admite uma solução problemática, sendo a da segunda apodíctica. Somente um pensamento superficial irá declarar ambas equivalentes, negando o sentido autônomo da segunda. Diante disso deve-se assinalar que certos conceitos de relação preservam todo o seu sentido, aliás, talvez mesmo seu melhor sentido, quando não são referidos *a priori* exclusivamente ao ser humano. Assim, seria possível falar de uma vida ou de um instante inesquecível, mesmo que todos os homens o tivessem esquecido. Pois se sua essência exigisse não serem esquecidos, aquele predicado não conteria nada de falso, apenas uma exigência à qual os homens não correspondem e, ao mesmo tempo, também a referência a uma esfera, na qual essa exigência fosse correspondida: a uma rememoração de Deus. De maneira análoga, a traduzibilidade de criações de linguagem [*Sprachgebilde*]² deveria ser levada em consideração, ainda que elas fossem intraduzíveis para os homens. E, não seriam elas, até certo ponto, de fato intraduzíveis, se partirmos de um conceito rigoroso de tradução? E é a partir de uma tal dissociação que se deve questionar, se a tradução de determinadas composições de linguagem deve ou não ser exigida. Pois vale o princípio: se a tradução é uma forma, a traduzibilidade deve ser essencial a certas obras.

A traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras — o que não quer dizer que a tradução seja essencial para elas, mas que uma determinada significação contida nos originais se exprime em

innewohnt, sich in ihrer Übersetzbarkeit äußere. Daß eine Übersetzung niemals, so gut sie auch sei, etwas für das Original zu bedeuten vermag, leuchtet ein. Dennoch steht sie mit diesem kraft seiner Übersetzbarkeit im nächsten Zusammenhang. Ja, dieser Zusammenhang ist um so inniger, als er für das Original selbst nichts mehr bedeutet. Er darf ein natürlicher genannt werden, und zwar genauer ein Zusammenhang des Lebens. So wie die Äußerungen des Lebens innigst mit dem Lebendigen zusammenhängen, ohne ihm etwas zu bedeuten, geht die Übersetzung aus dem Original hervor. Zwar nicht aus seinem Leben so sehr denn aus seinem "Überleben". Ist doch die Übersetzung später als das Original, und bezeichnet sie doch bei den bedeutenden Werken, die da ihre erwählten Übersetzer niemals im Zeitalter ihrer Entstehung finden, das Stadium ihres Fortlebens. In völlig unmetaphorischer Sachlichkeit ist der Gedanke vom Leben und Fortleben der Kunstwerke zu erfassen. Daß man nicht der organischen Leiblichkeit allein Leben zusprechen dürfe, ist selbst in Zeiten des befangensten Denkens vermutet worden. Aber nicht darum kann es sich hier handeln, unter dem schwachen Szepter der Seele dessen Herrschaft auszudehnen, wie es Fechner versuchte; geschweige, daß Leben aus den noch weniger maßgeblichen Momenten des Animalischen definiert werden könnte, wie aus Empfindung, die es nur gelegentlich kennzeichnen kann. Vielmehr nur, wenn allem demjenigen, wovon es Geschichte gibt und was nicht allein ihr Schauplatz ist, Leben zuerkannt wird, kommt dessen Begriff zu seinem Recht. Denn von der Geschichte, nicht von der Natur aus, geschweige von so schwankender wie Empfindung und Seele, ist zuletzt der Umkreis des Lebens zu bestimmen. Daher entsteht dem Philosophen die Aufgabe, alles natürliche Leben aus dem umfassenderen der Geschichte zu verstehen. Und ist nicht wenigstens das Fortleben der Werke unvergleichlich viel leichter zu erkennen als dasjenige der Geschöpfe? Die Geschichte der großen Kunstwerke kennt ihre Deszendenz aus den Quellen, ihre Gestaltung im Zeitalter des Künstlers und die Periode ihres grundsätzlich ewigen Fortlebens bei den nachfolgenden Generationen. Dieses letzte heißt, wo es zutage tritt, Ruhm. Übersetzungen, die mehr als Vermittlungen sind, entstehen, wenn im Fortleben ein Werk das Zeitalter seines Ruhmes erreicht hat. Sie dienen daher nicht sowohl diesem, wie schlechte

sua traduzibilidade. É mais do que evidente que uma tradução, por melhor que seja, jamais poderá significar algo para o original. Entretanto, graças à traduzibilidade do original, a tradução se encontra com ele em íntima conexão. E, aliás, essa conexão é tanto mais íntima quanto, para o próprio original, ela nada mais significa. É lícito chamá-la de natural ou, mais precisamente, de conexão de vida. Como as manifestações da vida estão intimamente ligadas ao ser vivo, sem significarem nada para ele, assim a tradução procede do original. Na verdade, ela não deriva tanto de sua vida quanto de sua “sobrevivência” [*Überleben*]³. Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio de sua pervivência [*Fortleben*]. A idéia da vida e da pervivência [*Fortleben*] das obras de arte deve ser entendida em sentido inteiramente objetivo, não metafórico. O fato de que não seja possível atribuir vida unicamente à corporeidade orgânica foi intuído mesmo por épocas em que o pensamento era dos mais preconceituosos. Mas não por isso se trata de estender o império da vida sob o débil cetro da alma, da maneira tentada por Fechner; menos ainda, trata-se de poder definir a vida a partir de aspectos da animalidade, ainda menos propícios a servirem de medida, como a sensação [*Empfindung*], que apenas ocasionalmente é capaz de caracterizá-la. É somente quando se reconhece vida a tudo aquilo que possui história e que não constitui apenas um cenário para ela, que o conceito de vida encontra sua legitimação. Pois é a partir da história (e não da natureza — muito menos de uma natureza tão imprecisa quanto a sensação ou a alma) que pode ser determinado, em última instância, o domínio da vida. Daí deriva, para o filósofo, a tarefa: compreender toda vida natural a partir da vida mais vasta que é a história. E não será ao menos a pervivência das obras incomparavelmente mais fácil de reconhecer do que a das criaturas? A história das grandes obras de arte conhece sua descendência a partir das fontes, sua configuração na época do artista, e o período de sua pervivência, em princípio eterna, nas gerações posteriores. Quando surge, essa continuação da vida das obras recebe o nome de glória. Traduções que são algo mais do que meras transmissões surgem quando uma obra tiver chegado, na sua pervivência, à época de sua glória. Por isso, elas não estão tanto a serviço de sua glória (como costumam alegar os

Übersetzer es für ihre Arbeit zu beanspruchen pflegen, als daß sie ihm ihr Dasein verdanken. In ihnen erreicht das Leben des Originals seine erneute späteste und umfassendste Entfaltung.

Diese Entfaltung ist als die eines eigentümlichen und hohen Lebens durch eine eigentümliche und hohe Zweckmäßigkeit bestimmt. Leben und Zweckmäßigkeit — ihr scheinbar handgreiflicher und doch fast der Erkenntnis sich entziehender Zusammenhang erschließt sich nur, wo jener Zweck, auf den alle einzelnen Zweckmäßigkeiten des Lebens hinwirken, nicht wiederum in dessen eigener Sphäre, sondern einer höheren gesucht wird. Alle zweckmäßigen Lebenserscheinungen wie ihre Zweckmäßigkeit überhaupt sind letzten Endes zweckmäßig nicht für das Leben, sondern für den Ausdruck seines Wesens, für die Darstellung seiner Bedeutung. So ist die Übersetzung zuletzt zweckmäßig für den Ausdruck des innersten Verhältnisses der Sprachen zueinander. Sie kann dieses verborgene Verhältnis selbst unmöglich offenbaren, unmöglich herstellen; aber darstellen, indem sie es keimhaft oder intensiv verwirklicht, kann sie es. Und zwar ist diese Darstellung eines Bedeuteten durch den Versuch, den Keim seiner Herstellung ein ganz eigentümlicher Darstellungsmodus, wie er im Bereich des nicht sprachlichen Lebens kaum angetroffen werden mag. Denn dieses kennt in Analogien und Zeichen andere Typen der Hindeutung als die intensive, das heißt vorgreifende, andeutende Verwirklichung. — Jenes gedachte, innerste Verhältnis der Sprachen ist aber das einer eigentümlichen Konvergenz. Es besteht darin, daß die Sprachen einander nicht fremd, sondern a priori und von allen historischen Beziehungen abgesehen einander in dem verwandt sind, was sie sagen wollen.

Mit diesem Erklärungsversuch scheint allerdings die Betrachtung auf vergeblichen Umwegen wieder in die herkömmliche Theorie der Übersetzung einzumünden. Wenn in den Übersetzungen die Verwandtschaft der Sprachen sich zu bewähren hat, wie könnte sie das anders, als indem jene Form und Sinn des Originals möglichst genau übermitteln? Über den Begriff dieser Genauigkeit wüßte sich jene Theorie freilich nicht zu lassen, könnte also zuletzt doch keine Rechenschaft von dem geben, was an Übersetzungen wesentlich ist. In Wahrheit aber bezeugt sich die Verwandtschaft der Sprachen in einer Übersetzung weit tiefer und bestimmter als in der ober-

maus tradutores em favor de seu trabalho) quanto lhe devem sua existência. Nelas, a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais vasto desdobramento.

Enquanto desdobramento de uma peculiar vida elevada esse desdobramento é determinado por uma finalidade [*Zweckmässigkeit*]⁴ peculiar e elevada. Vida e finalidade: seu nexos, aparentemente mais tangível, mas que praticamente se subtrai ao conhecimento, é descoberto apenas onde aquele fim, para o qual convergem todas as finalidades da vida, deixa de ser, por sua vez, buscado na esfera própria dessa vida, para ser procurado numa esfera mais elevada. Todas as manifestações finalistas da vida, bem como sua finalidade em geral, não estão, afinal, em conformidade com as finalidades da vida, mas com a expressão de sua essência, com a exposição de seu significado. Desse modo, a finalidade da tradução consiste, em última instância, em expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si. Ela própria não é capaz de revelar, nem é capaz de instituir essa relação oculta; pode, porém, apresentá-la, realizando-a em germe ou intensivamente. E essa apresentação de um objeto significado pela tentativa, pelo germe de sua produção, é um modo muito peculiar de apresentação, o qual dificilmente pode ser encontrado no âmbito da vida não-linguística. Pois esta última conhece, nas analogias e nos signos, outros tipos de referência, além da realização intensiva, isto é, alusiva, antecipatória. Mas aquela relação muito íntima entre as línguas, na qual se pensou, é de uma convergência muito particular. Consiste no fato de que as línguas não são estranhas umas às outras, sendo *a priori* — e abstraindo de todas as ligações históricas — afins naquilo que querem dizer.

Mas com essa tentativa de explicação, o pensamento parece desembocar novamente, depois de rodeios inúteis, na teoria tradicional da tradução. Se for a afinidade entre as línguas o que deve se verificar nas traduções, como poderiam elas fazê-lo, senão pela transposição mais exata possível da forma e do sentido do original? Tal teoria não saberia por certo manifestar-se a respeito de como tal exatidão seria concebida e, finalmente, não poderia dar conta daquilo que é essencial em traduções. Na verdade, porém, numa tradução, a afinidade entre as línguas demonstra-se muito mais profunda e determinada do que na semelhança superficial e vaga entre duas obras poéticas. Para compreender a autêntica relação existente entre original e tradução

flächlichen und undefinierbaren Ähnlichkeit zweier Dichtungen. Um das echte Verhältnis zwischen Original und Übersetzung zu erfassen, ist eine Erwägung anzustellen, deren Absicht durchaus den Gedankengängen analog ist, in denen die Erkenntniskritik die Unmöglichkeit einer Abbildtheorie zu erweisen hat. Wird dort gezeigt, daß es in der Erkenntnis keine Objektivität und sogar nicht einmal den Anspruch darauf geben könnte, wenn sie in Abbildern des Wirklichen bestünde, so ist hier erweisbar, daß keine Übersetzung möglich wäre, wenn sie Ähnlichkeit mit dem Original ihrem letzten Wesen nach anstreben würde. Denn in seinem Fortleben, das so nicht heißen dürfte, wenn es nicht Wandlung und Erneuerung des Lebendigen wäre, ändert sich das Original. Es gibt eine Nachreife auch der festgelegten Worte. Was zur Zeit des Autors Tendenz seiner dichterischen Sprache gewesen sein mag, kann später erledigt sein, immanente Tendenzen vermögen neu aus dem Geformten sich zu erheben. Was damals jung, kann später abgebraucht, was damals gebräuchlich, später archaisch klingen. Das Wesentliche solcher Wandlungen wie auch der ebenso ständigen des Sinnes in der Subjektivität der Nachgeborenen statt im eigensten Leben der Sprache und ihrer Werke zu suchen, hieße — zugestanden selbst den krudesten Psychologismus — Grund und Wesen einer Sache verwechseln, strenger gesagt aber, einen der gewaltigsten und fruchtbarsten historischen Prozesse aus Unkraft des Denkens leugnen. Und wollte man auch des Autors letzten Federstrich zum Gnadenstoß des Werkes machen, es würde jene tote Theorie der Übersetzung doch nicht retten. Denn wie Ton und Bedeutung der großen Dichtungen mit den Jahrhunderten sich völlig wandeln, so wandelt sich auch die Muttersprache des Übersetzers. Ja, während das Dichterwort in der seinigen überdauert, ist auch die größte Übersetzung bestimmt, in das Wachstum ihrer Sprache ein — , in der erneuten unterzugehen. So weit ist sie entfernt, von zwei erstorbenen Sprachen die taube Gleichung zu sein, daß gerade unter allen Formen ihr als Eigenstes es zufällt, auf jene Nachreife des fremden Wortes, auf die Wehen des eigenen zu merken.

Wenn in der Übersetzung die Verwandtschaft der Sprachen sich bekundet, so geschieht es anders als durch die vage Ähnlichkeit von Nachbildung und Original. Wie es denn überhaupt einleuchtet, daß Ähnlichkeit nicht notwendig bei Verwandtschaft sich einfinden muß.

cabe fazer um exame, cujo propósito é absolutamente análogo ao dos argumentos com os quais a crítica epistemológica deve comprovar a impossibilidade de uma teoria da cópia ou da reprodução do objeto. Se nesse caso se demonstra não ser possível haver objetividade (nem mesmo a pretensão a ela) no processo do conhecimento, se este consistisse apenas de cópias do real, em nosso caso pode-se também comprovar não ser possível existir uma tradução, se esta, em sua essência última, ambicionasse alcançar alguma semelhança com o original. Pois na sua pervivência [*Fortleben*] (que não mereceria tal nome, se não fosse transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica. Existe uma maturação póstuma mesmo das palavras que já se fixaram: o que à época do autor pode ter obedecido a uma tendência de sua linguagem poética, poderá mais tarde esgotar-se; tendências implícitas podem surgir como novas da forma criada [*Geformten*]. Aquilo que antes era novo, mais tarde poderá soar gasto; o que antes era de uso corrente pode vir a soar arcaico. Procurar o essencial de tais mudanças (bem como das igualmente constantes modificações do sentido) na subjetividade dos pósteros, em vez de buscá-lo na vida mais íntima da linguagem e de suas obras, seria, mesmo se admitirmos o mais tosco psicologismo, confundir fundamento e essência de um objeto; expresso de modo mais rigoroso: seria negar um dos processos históricos mais poderosos e produtivos por impotência do pensamento. E mesmo se se pretendesse transformar o ponto final do autor no tiro de misericórdia da obra — isso não salvaria aquela defunta teoria da tradução. Assim como tom e significação das grandes obras poéticas se transformam completamente ao longo dos séculos, assim também a língua materna do tradutor se transforma. E enquanto a palavra do poeta perdura em sua língua materna, mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução de sua língua e a soçobrar em sua renovação. Tão longe a tradução está de ser a equação estéril entre duas línguas mortas que, precisamente a ela, dentre todas as formas, mais propriamente compete atentar para aquela maturação póstuma da palavra estrangeira, e para as dores do parto de sua própria palavra.

Se a afinidade entre as línguas se anuncia na tradução, isso ocorre de modo distinto da vaga semelhança entre cópia e original. Como também é evidente, em geral, que afinidade não implica necessariamente semelhança. É também nessa medida que o conceito

Und auch insofern ist der Begriff der letzten in diesem Zusammenhang mit seinem engern Gebrauch einstimmig, als er durch Gleichheit der Abstammung in beiden Fällen nicht ausreichend definiert werden kann, wiewohl freilich für die Bestimmung jenes engern Gebrauchs der Abstammungsbegriff unentbehrlich bleiben wird. — Worin kann die Verwandtschaft zweier Sprachen, abgesehen von einer historischen, gesucht werden? In der Ähnlichkeit von Dichtungen jedenfalls ebenso wenig wie in derjenigen ihrer Worte. Vielmehr beruht alle überhistorische Verwandtschaft der Sprachen darin, daß in ihrer jeden als ganzen jeweils eines, und zwar dasselbe gemeint ist, das dennoch keiner einzelnen von ihnen, sondern nur der Allheit ihrer einander ergänzenden Intentionen erreichbar ist: die reine Sprache. Während nämlich alle einzelnen Elemente, die Wörter, Sätze, Zusammenhänge von fremden Sprachen sich ausschließen, ergänzen diese Sprachen sich in ihren Intentionen selbst. Dieses Gesetz, eines der grundlegenden der Sprachphilosophie, genau zu fassen, ist in der Intention, vom Gemeinten die Art des Meinens zu unterscheiden. In "Brot" und "pain" ist das Gemeinte zwar dasselbe, die Art, es zu meinen, dagegen nicht. In der Art des Meinens nämlich liegt es, daß beide Worte dem Deutschen und Franzosen je etwas Verschiedenes bedeuten, daß sie für beide nicht vertauschbar sind, ja sich letzten Endes auszuschließen streben; am Gemeinten aber, daß sie, absolut genommen, das Selbe und Identische bedeuten. Während dergestalt die Art des Meinens in diesen beiden Wörtern einander widerstrebt, ergänzt sie sich in den beiden Sprachen, denen sie entstammen. Und zwar ergänzt sich in ihnen die Art des Meinens zum Gemeinten. Bei den einzelnen, den unergänzten Sprachen nämlich ist ihr Gemeintes niemals in relativer Selbständigkeit anzutreffen, wie bei den einzelnen Wörtern oder Sätzen, sondern vielmehr in stetem Wandel begriffen, bis es aus der Harmonie all jener Arten des Meinens als die reine Sprache herauszutreten vermag. So lange bleibt es in den Sprachen verborgen. Wenn aber diese derart bis ans messianische Ende ihrer Geschichte wachsen, so ist es die Übersetzung, welche am ewigen Fortleben der Werke und am unendlichen Aufleben der Sprachen sich entzündet, immer von neuem die Probe auf jenes heilige Wachstum der Sprachen zu machen: wie weit ihr Verborgenes von der Offen-

de afinidade está em consonância, nesse contexto, com seu emprego mais restrito, sendo que em ambos os casos, ele não pode ser definido de maneira satisfatória por meio de uma identidade de proveniência, não obstante o conceito de proveniência permaneça indispensável para a definição daquele emprego mais restrito. Onde se deveria buscar a afinidade entre duas línguas, abstraindo-se de um parentesco histórico? Certamente não na semelhança entre obras poéticas, nem tampouco na semelhança entre suas palavras. Toda afinidade supra-histórica entre as línguas repousa no fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é visada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas, isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: a pura língua ou linguagem [*Sprache*]. Pois enquanto todos os elementos isolados — as palavras, frases, nexos sintáticos — das línguas estrangeiras se excluem, essas línguas se complementam em suas intenções mesmas. Compreender com exatidão essa lei (uma das fundamentais da filosofia da linguagem) significa diferenciar, na intenção, o visado [*das Gemeinte*] do modo de visar [*die Art des Meinens*]. Em “Brot” e “pain” o visado é o mesmo; mas o modo de visar, ao contrário, não o é. Está implícito, pois, no modo de visar, o fato de que ambas as palavras significam algo diferente para um alemão e um francês, respectivamente; que, para eles, elas não são intercambiáveis e que, aliás, em última instância, almejem excluir-se mutuamente; quanto ao objeto visado, porém, tomadas em termos absolutos, elas significam a mesma e idêntica coisa. De tal forma, o modo de visar nessas duas palavras se opõe, ao passo que ele se complementa nas duas línguas às quais elas pertencem. É o que se complementa nelas é o modo de visar convergindo para o que é visado. Pois, nas línguas tomadas isoladamente, incompletas, aquilo que é visado nunca se encontra de maneira relativamente autônoma, como nas palavras e frases tomadas isoladamente; encontra-se em constante transformação, até que da harmonia de todos aqueles modos de visar ele consiga emergir como pura linguagem. Até então, permanece oculto nas línguas. Entretanto, quando crescerem de tal forma a ponto de alcançar ao fim messiânico de sua história, será à tradução — que se inflama na eterna pervivência das obras e no infinito reviver das línguas — que tocará pôr novamente à prova aquele crescimento sagrado das línguas: a que distância está da Revelação aquilo que elas

barung entfernt sei, wie gegenwärtig es im Wissen um diese Entfernung werden mag.

Damit ist allerdings zugestanden, daß alle Übersetzung nur eine irgendwie vorläufige Art ist, sich mit der Fremdheit der Sprachen auseinanderzusetzen. Eine andere als zeitliche und vorläufige Lösung dieser Fremdheit, eine augenblickliche und endgültige, bleibt den Menschen versagt oder ist jedenfalls unmittelbar nicht anzustreben. Mittelbar aber ist es das Wachstum der Religionen, welches in den Sprachen den verhüllten Samen einer höhern reift. Übersetzung also, wiewohl sie auf Dauer ihrer Gebilde nicht Anspruch erheben kann und hierin unähnlich der Kunst, verleugnet nicht ihre Richtung auf ein letztes, endgültiges und entscheidendes Stadium aller Sprachfügung. In ihr wächst das Original in einen gleichsam höheren und reineren Luftkreis der Sprache hinauf, in welchem es freilich nicht auf die Dauer zu leben vermag, wie es ihn auch bei weitem nicht in allen Teilen seiner Gestalt erreicht, auf den es aber dennoch in einer wunderbar eindringlichen Weise wenigstens hindeutet als auf den vorbestimmten, versagten Versöhnungs — und Erfüllungsbereich der Sprachen. Den erreicht es nicht mit Stumpf und Stiel, aber in ihm steht dasjenige, was an einer Übersetzung mehr ist als Mitteilung. Genauer läßt sich dieser wesenhafte Kern als dasjenige bestimmen, was an ihr selbst nicht wiederum übersetzbar ist. Mag man nämlich an Mitteilung aus ihr entnehmen, soviel man kann, und dies übersetzen, so bleibt dennoch dasjenige unberührbar zurück, worauf die Arbeit des wahren Übersetzers sich richtete. Es ist nicht übertragbar wie das Dichterwort des Originals, weil das Verhältnis des Gehalts zur Sprache völlig verschieden ist in Original und Übersetzung. Bilden nämlich diese im ersten eine gewisse Einheit wie Frucht und Schale, so umgibt die Sprache der Übersetzung ihren Gehalt wie ein Königsmantel in weiten Falten. Denn sie bedeutet eine höhere Sprache als sie ist und bleibt dadurch ihrem eigenen Gehalt gegenüber unangemessen, gewaltig und fremd. Diese Gebrochenheit verhindert jene Übertragung, wie sie sie zugleich erübrigt. Denn jede Übersetzung eines Werkes aus einem bestimmten Zeitpunkt der Sprachgeschichte repräsentiert hinsichtlich einer bestimmten Seite seines Gehaltes diejenigen in allen übrigen Sprachen, Übersetzung verpflanzt also das Original in einen wenigstens insofern — ironisch — endgül-

ocultam? Em que medida pode, ciente dessa distância, o elemento oculto tornar-se presente?

Admite-se com isso, evidentemente, que toda tradução é apenas uma forma, de algum modo provisória, de lidar com a estranheza das línguas. Permanece vedada aos homens (ou pelo menos não pode ser aspirada imediatamente) solução não temporal e provisória para essa estranheza, uma solução instantânea e definitiva. De maneira mediada, contudo, é o crescimento das religiões o responsável pelo amadurecimento da semente encoberta de uma língua⁵ mais elevada. Portanto, a tradução, embora não possa pretender que suas obras perdurem — e nisso diferencia-se da arte — não nega seu direcionamento a um estágio último, definitivo e decisivo de toda construção de linguagem [*Sprachfügung*]. Na tradução, o original cresce e se alça a uma atmosfera por assim dizer mais elevada e mais pura da língua, onde, é claro, não poderá viver por muito tempo, da mesma forma como o original sequer alcança tal atmosfera com todas as partes de sua composição, mas à qual, de modo prodigiosamente insistente, ele ao menos alude, indicando o âmbito predestinado e interdito da reconciliação e plenitude das línguas. Jamais ele o alcança de uma vez por todas: mas nele está o que numa tradução ultrapassa a comunicação. Em termos mais precisos, pode-se definir esse núcleo essencial como aquilo que numa tradução não pode ser re-traduzido. Subtraia-se da tradução o que se puder em termos de informação e tente-se traduzi-lo; ainda assim, restará intocável no texto aquilo a que se dirigia o trabalho do verdadeiro tradutor. Não pode ser transposto como a palavra poética do original, pois a relação que o teor interno [*Gehalt*]⁶ estabelece com a língua é completamente diversa no original e na tradução. Pois, se no original eles formam certa unidade, como casca e fruto, na tradução, a língua recobre seu teor em amplas pregas, como um manto real. Pois ela alude a uma língua superior a si mesma, permanecendo com isso inadequada a seu próprio teor — poderosa e estranha. Essa fratura impede qualquer transposição e, ao mesmo tempo, a torna dispensável. Pois cada tradução de uma obra representa, a partir de um determinado período da história da língua e relativamente a determinado aspecto de seu teor, tal período e tal aspecto em todas as outras línguas. A tradução transplanta, portanto, o original para um domínio — ironicamente — mais definitivo da língua, mais definitivo ao menos na medida em que não

tigeren Sprachbereich, als es aus diesem durch keinerlei Übertragung mehr zu versetzen ist, sondern in ihm nur immer von neuem und an anderen Teilen erhoben zu werden vermag. Nicht umsonst mag hier das Wort "ironisch" an Gedankengänge der Romantiker erinnern. Diese haben vor andern Einsicht in das Leben der Werke besessen, von welchem die Übersetzung eine höchste Bezeugung ist. Freilich haben sie diese als solche kaum erkannt, vielmehr ihre ganze Aufmerksamkeit der Kritik zugewendet, die ebenfalls ein wenn auch geringeres Moment im Fortleben der Werke darstellt. Doch wenn auch ihre Theorie auf Übersetzung kaum sich richten mochte, so ging doch ihr großes Übersetzungswerk selbst mit einem Gefühl von dem Wesen und der Würde dieser Form zusammen. Dieses Gefühl — darauf deutet alles hin — braucht nicht notwendig im Dichter am stärksten zu sein; ja es hat in ihm als Dichter vielleicht am wenigsten Raum. Nicht einmal die Geschichte legt das konventionelle Vorurteil nahe, demzufolge die bedeutenden Übersetzer Dichter und unbedeutende Dichter geringe Übersetzer wären. Eine Reihe der größeren, wie Luther, Voss, Schlegel, sind als Übersetzer ungleich bedeutender denn als Dichter, andere unter den größten, wie Hölderlin und George, nach dem ganzen Umfang ihres Schaffens unter dem Begriff des Dichters allein nicht zu fassen. Zumal nicht als Übersetzer. Wie nämlich die Übersetzung eine eigene Form ist, so läßt sich auch die Aufgabe des Übersetzers als eine eigene fassen und genau von der des Dichters unterscheiden.

Sie besteht darin, diejenige Intention auf die Sprache, in die übersetzt wird, zu finden, von der aus in ihr das Echo des Originals erweckt wird. Hierin liegt ein vom Dichtwerk durchaus unterscheidender Zug der Übersetzung, weil dessen Intention niemals auf die Sprache als solche, ihre Totalität, geht, sondern allein unmittelbar auf bestimmte, sprachliche Gehaltszusammenhänge. Die Übersetzung aber sieht sich nicht wie die Dichtung gleichsam im innern Bergwald der Sprache selbst, sondern außerhalb desselben, ihm gegenüber, und ohne ihn zu betreten, ruft sie das Original hinein, an denjenigen einzigen Ort hinein, wo jeweils das Echo in der eigenen den Widerhall eines Werkes der fremden Sprache zu gehen vermag. Ihre Intention geht nicht allein auf etwas anderes als die der Dichtung, nämlich auf eine Sprache im ganzen von einem einzelnen Kunstwerk in einer fremden aus, sondern sie ist auch selbst eine andere: die des

poderá mais ser transferido de lá para parte alguma por qualquer outra transposição [*Übertragung*]⁷; poderá apenas ser alçado a ele, sempre de novo e em outras partes. Não por acaso, a palavra “ironicamente” faz lembrar argumentações dos românticos. Eles possuíram, antes de outros, uma consciência da vida das obras, cujo mais alto testemunho é dado pela tradução. Sem dúvida, eles praticamente não a reconheciam enquanto tal, dirigindo toda a sua atenção à crítica literária, a qual também representa um momento, ainda que menor, na pervivência [*Fortleben*] das obras. Embora sua teoria praticamente não tenha se dirigido à tradução, sua grande obra de tradutores implicava um sentimento da essência e da dignidade dessa forma. Tudo leva a crer que esse sentimento não necessariamente seja mais forte no escritor⁸; aliás, talvez encontre até, no escritor, menos espaço. Nem mesmo a história sustenta o preconceito tradicional, segundo o qual todos os tradutores importantes seriam escritores, e os escritores menores, maus tradutores. Uma série de grandes nomes, como Lutero, Voss, Schlegel, são incomparavelmente mais importantes como tradutores do que como poetas, e outros, dentre os maiores, como Hölderlin e George, não podem ser entendidos, em toda a abrangência de sua criação, unicamente como . Pelo menos não como os tradutores que foram. Pois assim como a tradução é uma forma própria, também a tarefa do tradutor pode ser entendida como uma tarefa própria, podendo ser diferenciada com precisão da do escritor.

Essa tarefa consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado. Aqui está um traço que distingue tradução e obra poética, pois a intenção desta nunca se dirige à língua enquanto tal, à sua totalidade, mas unicamente e sem qualquer mediação, a determinadas relações de teor lingüístico. Porém, a tradução não se vê como a obra literária, mergulhada, por assim dizer, no interior da mata da linguagem, mas vê-se fora dela, diante dela e, sem penetrá-la, chama o original para que adentre aquele único lugar, no qual, a cada vez, o eco é capaz de reproduzir na própria língua a ressonância de uma obra da língua estrangeira. Sua intenção não só se dirige a algo diverso da obra literária, ou seja, a uma língua como um todo, partindo de uma obra de arte isolada, escrita numa língua estrangeira; mas sua própria intenção é outra: a intenção do escritor é ingênua, primeira, intuitiva; a do tradutor, derivada, última, ideativa. Pois é o grande tema da

Dichters ist naive, erste, anschauliche, die des Übersetzers abgeleitete, letzte, ideenhafte Intention. Denn das große Motiv einer Integration der vielen Sprachen zur einen wahren erfüllt seine Arbeit. Dies ist aber jene, in welcher zwar die einzelnen Sätze, Dichtungen, Urteile sich nie verständigen — wie sie denn auch auf Übersetzung angewiesen bleiben —, in welcher jedoch die Sprachen selbst miteinander, ergänzt und versöhnt in der Art ihres Meinens, übereinkommen. Wenn anders es aber eine Sprache der Wahrheit gibt, in welcher die letzten Geheimnisse, um die alles Denken sich müht, spannungslos und selbst schweigend aufbewahrt sind, so ist diese Sprache der Wahrheit — die wahre Sprache. Und eben diese, in deren Ahnung und Beschreibung die einzige Vollkommenheit liegt, welche der Philosoph sich erhoffen kann, sie ist intensiv in den Übersetzungen verborgen. Es gibt keine Muse der Philosophie, es gibt auch keine Muse der Übersetzung. Banausisch aber, wie sentimentale Artisten sie wissen wollen, sind sie nicht. Denn es gibt ein philosophisches Ingenium, dessen eigenstes die Sehnsucht nach jener Sprache ist, welche in der Übersetzung sich bekundet.

Les langues imparfaites en cela que plusieurs, manque la suprême: penser étant écrire sans accessoires, ni chuchotement mais tacite encore l'immortelle parole, la diversité, sur terre, des idiomes empêche personne de préférer les mots qui, sinon se trouveraient, par une frappe unique, elle-même matériellement la vérité.

Wenn, was in diesen Worten Mallarmé gedenkt, dem Philosophen streng ermeßbar ist, so steht mit ihren Keimen solcher Sprache die Übersetzung mitten zwischen Dichtung und der Lehre. Ihr Werk steht an Ausprägung diesen nach, doch es prägt sich nicht weniger tief ein in die Geschichte.

Erscheint die Aufgabe des Übersetzers in solchem Licht, so drohen die Wege ihrer Lösung sich um so undurchdringlicher zu verfinstern. Ja diese Aufgabe: in der Übersetzung den Samen reiner Sprache zur Reife zu bringen, scheint niemals lösbar, in keiner Lösung bestimmbar. Denn wird einer solchen nicht der Boden entzogen, wenn die Wiedergabe des Sinnes aufhört, maßgebend zu sein? Und nichts anderes ist ja — negativ gewendet — die Meinung alles Vorstehenden. Treue und Freiheit — Freiheit der sinngemäßen Wiedergabe und in ihrem Dienst Treue gegen das Wort — sind die

integração das várias línguas em uma única, verdadeira, que acompanha o seu trabalho. Essa língua, porém, em que as frases, obras e juízos isolados jamais se entendem — razão pela qual permanecem dependentes de tradução — é aquela na qual, entretanto, as línguas coincidem entre si, completas e reconciliadas no seu modo de visar. No entanto, se, ao contrário, existir uma língua da verdade, na qual os segredos últimos, que o pensamento se esforça por perseguir, estão guardados sem tensão e mesmo tacitamente, então essa língua da verdade é: a verdadeira linguagem. E é precisamente essa língua, cujo pressentimento e descrição constituem a única perfeição que o filósofo pode esperar, que se encontra oculta, de modo intensificado, nas traduções. Não existe uma musa da filosofia; nem existe uma musa da tradução. Entretanto, elas não são banalidades, como querem alguns pseudo-artistas sentimentais. Pois há um engenho filosófico, cujo mais íntimo desejo é alcançar aquela língua que se anuncia na tradução:

*Les langues imparfaites en cela que plusieurs, manque la suprême: penser étant écrire sans accessoires, ni chuchotement, mais tacite encore l'immortelle parole, la diversité, sur terre, des idiomes empêche personne de proférer les mots qui, sinon se trouveraient, par une frappe unique, elle-même matériellement la vérité.*⁹

Se aquilo que se pensa nessas palavras de Mallarmé for rigorosamente aplicável ao filósofo, a tradução encontra-se, com seus germes de uma tal língua, a meio caminho entre obra poética e doutrinal [*Lehre*]. Sua obra possui menor relevo do que ambas, embora imprima marcas igualmente profundas na história.

Do momento em que a tarefa do tradutor aparece sob essa luz, as vias para sua resolução ameaçam obscurecer-se de maneira ainda mais impenetrável. E mais: essa tarefa, de fazer amadurecer na tradução a semente da pura língua, parece absolutamente insolúvel, incapaz de ser definida por qualquer solução. Pois não se subtrai o chão à resolução dessa tarefa, quando a reprodução do sentido cessa de ser determinante? Pois não é outro, dito de maneira negativa, o significado de tudo o que foi exposto precedentemente. Fidelidade e liberdade — liberdade na reprodução do sentido e, a serviço dessa liberdade, fidelidade à palavra — são os velhos e tradicionais conceitos presentes em qualquer discussão sobre traduções. Eles parecem não mais servir para uma teoria que procura na tradução algo diferente da mera

althergebrachten Begriffe in jeder Diskussion von Übersetzungen. Einer Theorie, die anderes in der Übersetzung sucht als Sinnwiedergabe, scheinen sie nicht mehr dienen zu können. Zwar sieht ihre herkömmliche Verwendung diese Begriffe stets in einem unauflöslichen Zwiespalt. Denn was kann gerade die Treue für die Wiedergabe des Sinnes eigentlich leisten? Treue in der Übersetzung des einzelnen Wortes kann fast nie den Sinn voll wiedergeben, den es im Original hat. Denn dieser erschöpft sich nach seiner dichterischen Bedeutung fürs Original nicht in dem Gemeinten, sondern gewinnt diese gerade dadurch, wie das Gemeinte an die Art des Meinens in dem bestimmten Worte gebunden ist. Man pflegt dies in der Formel auszudrücken, daß die Worte einen Gefühlston mit sich führen. Gar die Wörtlichkeit hinsichtlich der Syntax wirft jede Sinneswiedergabe vollends über den Haufen und droht geradenwegs ins Unverständliche zu führen. Dem neunzehnten Jahrhundert standen Hölderlins Sophokles-Übersetzungen als monströse Beispiele solcher Wörtlichkeit vor Augen. Wie sehr endlich Treue in der Wiedergabe der Form die des Sinnes erschwert, versteht sich von selbst. Demgemäß ist die Forderung der Wörtlichkeit unableitbar aus dem Interesse der Erhaltung des Sinnes. Dieser dient weit mehr — freilich der Dichtung und Sprache weit weniger — die zuchtlose Freiheit schlechter Übersetzer. Notwendigerweise muß also jene Forderung, deren Recht auf der Hand, deren Grund sehr verborgen liegt, aus triftigern Zusammenhängen verstanden werden. Wie nämlich Scherben eines Gefäßes, um sich zusammenfügen zu lassen, in den kleinsten Einzelheiten einander zu folgen, doch nicht so zu gleichen haben, so muß, anstatt dem Sinn des Originals sich ähnlich zu machen, die Übersetzung liebend vielmehr und bis ins einzelne hinein dessen Art des Meinens in der eigenen Sprache sich anbidden, um so beide wie Scherben als Bruchstück eines Gefäßes, als Bruchstück einer größeren Sprache erkennbar zu machen. Eben darum muß sie von der Absicht, etwas mitzuteilen, vom Sinn in sehr hohem Maße absehen, und das Original ist ihr in diesem nur insofern wesentlich, als es der Mühe und Ordnung des Mitzuteilenden den Übersetzer und sein Werk schon enthoben hat. Auch im Bereiche der Übersetzung gilt: *εν αρχη ην ο λογοζ*, im Anfang war das Wort. Dagegen kann, ja muß dem Sinn gegenüber ihre Sprache sich gehenlassen, um nicht dessen intentio als

reprodução do sentido. É verdade que seu emprego tradicional vê esses conceitos sempre numa clivagem indissolúvel. De fato, que aporte pode trazer a fidelidade para a reprodução do sentido? A fidelidade na tradução de cada palavra isolada quase nunca é capaz de reproduzir plenamente o sentido que ela possui no original. Pois, segundo sua significação literária para o original, o sentido não se esgota no visado; ele adquire essa significação precisamente pela maneira como o visado se liga, em cada palavra específica, ao modo de visar. Costuma-se expressar isso com a fórmula: as palavras carregam uma tonalidade afetiva. Precisamente a literalidade com relação à sintaxe destrói toda e qualquer possibilidade de reprodução do sentido, ameaçando conduzir diretamente à ininteligibilidade. Aos olhos do século XIX, as traduções hölderlinianas de Sófocles eram exemplos monstruosos de tal literalidade. Enfim, o quanto a fidelidade na reprodução da forma dificulta a reprodução do sentido é algo evidente. Em consequência disso, a exigência de literalidade não pode ser derivada do interesse na manutenção do sentido. A esta última serve muito mais — mesmo que muito menos à literatura e à língua — a indisciplinada liberdade dos maus tradutores. Portanto, essa exigência, cuja legitimidade é patente, mas cuja motivação se acha muito encoberta, deve necessariamente ser compreendida a partir de contextos mais pertinentes. Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem seguir-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se cuidadosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso. E precisamente por isso, ela deve abstrair, em larga medida, abstrair do sentido, da intenção de comunicar, sendo-lhe o original essencial apenas pelo fato de já ter eliminado para o tradutor e sua obra o esforço e a ordem necessários à obrigação de comunicar. Também no âmbito da tradução vale: *εν αρχη ην ο λογοζ*, no princípio era o Verbo. Diante do sentido, a língua da tradução tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de *intentio* enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua *intentio* enquanto reprodução do sentido. Por isso, o maior elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu

Wiedergabe, sondern als Harmonie, als Ergänzung zur Sprache, in der diese sich mitteilt, ihre eigene Art der intentio ertönen zu lassen. Es ist daher, vor allem im Zeitalter ihrer Entstehung, das höchste Lob einer Übersetzung nicht, sich wie ein Original ihrer Sprache zu lesen. Vielmehr ist eben das die Bedeutung der Treue, welche durch Wörtlichkeit verbürgt wird, daß die große Sehnsucht nach Sprachergänzung aus dem Werke spreche. Die wahre Übersetzung ist durchscheinend, sie verdeckt nicht das Original, steht ihm nicht im Licht, sondern läßt die reine Sprache, wie verstärkt durch ihr eigenes Medium, nur um so voller aufs Original fallen. Das vermag vor allem Wörtlichkeit in der Übertragung der Syntax, und gerade sie erweist das Wort, nicht den Satz als das Urelement des Übersetzers. Denn der Satz ist die Mauer vor der Sprache des Originals, Wörtlichkeit die Arkade.

Wenn Treue und Freiheit der Übersetzung seit jeher als widerstrebende Tendenzen betrachtet wurden, so scheint auch diese tiefere Deutung der einen beide nicht zu versöhnen, sondern im Gegenteil alles Recht der andern abzusprechen. Denn worauf bezieht Freiheit sich, wenn nicht auf die Wiedergabe des Sinnes, die aufhören soll, gesetzgebend zu heißen? Allein wenn der Sinn eines Sprachgebildes identisch gesetzt werden darf mit dem seiner Mitteilung, so bleibt ihm ganz nah und doch unendlich fern, unter ihm verborgen oder deutlicher, durch ihn gebrochen oder machtvoller über alle Mitteilung hinaus ein Letztes, Entscheidendes. Es bleibt in aller Sprache und ihren Gebilden außer dem Mitteilbaren ein Nicht-Mitteilbares, ein, je nach dem Zusammenhang, in dem es angetroffen wird, Symbolisierendes oder Symbolisiertes. Symbolisierendes nur, in den endlichen Gebilden der Sprachen; Symbolisiertes aber im Werden der Sprachen selbst. Und was im Werden der Sprachen sich darzustellen, ja herzustellen sucht, das ist jener Kern der reinen Sprache selbst. Wenn aber dieser, ob verborgen und fragmentarisch, dennoch gegenwärtig im Leben als das Symbolisierte selbst ist, so wohnt er nur symbolisiert in den Gebilden. Ist jene letzte Wesenheit, die da die reine Sprache selbst ist, in den Sprachen nur an Sprachliches und dessen Wandlungen gebunden, so ist sie in den Gebilden behaftet mit dem schweren und fremden Sinn. Von diesem sie zu entbinden, das Symbolisierende zum Symbolisierten selbst zu machen, die reine Sprache gestaltet in der Sprachbewegung zurück-

aparecimento, não é poder ser lida como se fosse um original em sua língua. Antes, a significação dessa fidelidade, garantida pela literalidade, é precisamente esta: que o grande anelo por uma complementação entre as línguas se expresse na obra. A verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original. Esse efeito é obtido, sobretudo, por uma literalidade na transposição da sintaxe, sendo ela que justamente demonstra ser a palavra — e não a frase — o elemento originário do tradutor. Pois a frase constitui o muro que se ergue diante da língua do original e a literalidade, sua arcada.

Se fidelidade e liberdade na tradução desde sempre foram consideradas tendências opostas, mesmo essa interpretação mais profunda da primeira parece não ser capaz de conciliá-las; pelo contrário, parece retirar toda a legitimidade da segunda. Pois, a que se refere a liberdade senão à restituição do sentido, que deverá deixar de ser normativa? Mas se é lícito considerar o sentido de uma composição [*Gebilde*] de linguagem como idêntico ao sentido de sua comunicação, resta, para além de qualquer aspecto comunicativo, em extrema proximidade e, no entanto, infinitamente longe, velado por ele ou de modo mais claramente manifesto, fraturado por ele ou ainda mais potente, um elemento último, decisivo. Resta em todas as línguas e em suas composições, afora o elemento comunicável, um elemento não-comunicável, um elemento que — dependendo do contexto em que se encontra — é simbolizante ou simbolizado. Simbolizante apenas nas composições finitas das línguas; simbolizado, porém, no próprio devir das línguas. E o que busca expor-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é aquele núcleo da pura língua. Se esse núcleo, mesmo oculto ou fragmentário, todavia está presente na vida como o próprio Simbolizado, nas composições ele reside somente de modo simbolizado. E se essa essencialidade última, que é a pura língua mesma, está vinculada nas línguas apenas ao elemento lingüístico e suas transformações, nas composições ela se apresenta carregada com o sentido pesado e alheio. Desvinculá-la desse sentido, transformar o simbolizante no próprio simbolizado, recobrar a pura língua plasmada no movimento da linguagem — esse é o único e colossal poder da tradução. No interior dessa pura língua que nada mais visa e que nada mais expressa — mas que enquanto inexpressiva palavra

zugewinnen, ist das gewaltige und einzige Vermögen der Übersetzung. In dieser reinen Sprache, die nichts mehr meint und nichts mehr ausdrückt, sondern als ausdrucksloses und schöpferisches Wort das in allen Sprachen Gemeinte ist, trifft endlich alle Mitteilung, aller Sinn und alle Intention auf eine Schicht, in der sie zu erlöschen bestimmt sind. Und eben aus ihr bestätigt sich die Freiheit der Übersetzung zu einem neuen und höheren Rechte. Nicht aus dem Sinn der Mitteilung, von welchem zu emanzipieren gerade die Aufgabe der Treue ist, hat sie ihren Bestand. Freiheit vielmehr bewährt sich um der reinen Sprache willen an der eigenen. Jene reine Sprache, die in fremde gebannt ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk gefangene in der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers. Um ihretwillen bricht er morsche Schranken der eigenen Sprache: Luther, Voss, Hölderlin, George haben die Grenzen des Deutschen erweitert. — Was hiernach für das Verhältnis von Übersetzung und Original an Bedeutung dem Sinn verbleibt, läßt sich in einen Vergleich fassen. Wie die Tangente den Kreis flüchtig und nur in einem Punkte berührt und wie ihr wohl diese Berührung, nicht aber der Punkt, das Gesetz vorschreibt, nach dem sie weiter ins Unendliche ihre gerade Bahn zieht, so berührt die Übersetzung flüchtig und nur in dem unendlich kleinen Punkte des Sinnes das Original, um nach dem Gesetze der Treue in der Freiheit der Sprachbewegung ihre eigenste Bahn zu verfolgen. Die wahre Bedeutung dieser Freiheit hat, ohne sie doch zu nennen noch zu begründen, Rudolf Pannwitz in Ausführungen gekennzeichnet, die sich in der "Krisis der europäischen Kultur" finden und die neben Goethes Sätzen in den Noten zum "Divan" leicht das Beste sein dürften, was in Deutschland zur Theorie der Übersetzung veröffentlicht wurde. Dort heißt es:

unsere Übertragungen, auch die besten, gehn von einem falschen Grundsatz aus, sie wollen das indische, griechische, englische verdeutschen, anstatt das Deutsche zu verindischen, vergriechischen, verenglischen. Sie haben eine viel bedeutendere Ehrfurcht vor den eigenen Sprachgebräuchen als vor dem Geiste des fremden Werks ... der grundsätzliche Irrtum des Übertragenden ist, daß er den zufälligen Stand der eigenen Sprache festhält, anstatt sie durch die fremde gewaltig bewegen zu lassen. Er muß, zumal wenn er aus einer sehr fernen Sprache überträgt, auf die letzten Elemente der Sprache selbst,

criadora é o visado em todas as línguas —, toda comunicação, todo sentido e toda intenção atingem finalmente um mesmo estrato, no qual estão destinados a extinguir-se. E a partir dele precisamente a liberdade da tradução consolida para si uma nova e mais alta legitimidade. Essa liberdade não deve sua existência ao sentido da comunicação, do qual justamente a fidelidade tem a tarefa de se emancipar a tradução. Mais do que isso, essa liberdade se exerce, em nome da pura língua, na própria língua. A tarefa do tradutor é redimir na própria a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da recriação [*Umdichtung*]. Em nome da pura língua, o tradutor rompe as barreiras apodrecidas da sua própria língua: Lutero, Voss, Hölderlin, George ampliaram as fronteiras do alemão. Sendo assim, o que resta de significativo para o sentido na relação entre tradução e original pode ser apreendido numa comparação [*Gleichnis*]: da mesma forma como a tangente toca a circunferência de maneira fugidia e em um ponto apenas, sendo esse contato, e não o ponto, que determina a lei segundo a qual ela continua sua via reta para o infinito, a tradução toca fugazmente, e apenas no ponto infinitamente pequeno do sentido do original, para perseguir, segundo a lei da fidelidade, sua própria via no interior da liberdade do movimento da língua. O verdadeiro significado dessa liberdade foi caracterizado por Rudolf Pannwitz — se bem que sem nomeá-lo nem fundamentá-lo — em considerações que se encontram no seu *Crise da cultura européia* e que, juntamente com as sentenças de Goethe nas notas ao *Divã oriental-ocidental*, podem muito bem ser o que de melhor se publicou na Alemanha sobre teoria da tradução. Segundo Pannwitz:

nossas traduções (mesmo as melhores) partem de um falso princípio querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, ao invés de sanscritizar, grecizar, anglicizar o alemão. elas possuem um respeito muito maior diante dos próprios usos lingüísticos do que diante do espírito da obra estrangeira [...] o erro fundamental de quem traduz é conservar o estado fortuito da sua própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira. sobretudo quando traduz de uma língua muito distante ele deve remontar aos elementos últimos da língua mesma onde palavra imagem e som se tornam um só ele tem de ampliar e aprofundar sua língua por meio da língua estrangeira, não se tem noção de em que medida isso é possível, até que ponto cada

wo wort, bild, ton in eines geht, zurückdringen; er muß seine sprache durch die fremde erweitern und vertiefen, man hat keinen begriff, in welchem maße das möglich ist, bis zu welchem grade jede sprache sich verwandeln kann, sprache von sprache fast nur wie mundart von mundart sich unterscheidet, dieses aber nicht, wenn man sie allzu leicht, sondern wenn man sie schwer genug nimmt.

Wie weit eine Übersetzung dem Wesen dieser Form zu entsprechen vermag, wird objektiv durch die Übersetzbarkeit des Originals bestimmt. Je weniger Wert und Würde seine Sprache hat, je mehr es Mitteilung ist, desto weniger ist für die Übersetzung dabei zu gewinnen, bis das völlige Übergewicht jenes Sinnes, weit entfernt, der Hebel einer formvollen Übersetzung zu sein, diese vereitelt. Je höher ein Werk geartet ist, desto mehr bleibt es selbst in flüchtigster Berührung seines Sinnes noch übersetzbar. Dies gilt selbstverständlich nur von Originalen. Übersetzungen dagegen erweisen sich unübersetzbar nicht wegen der Schwere, sondern wegen der allzu großen Flüchtigkeit, mit welcher der Sinn an ihnen haftet. Hierfür wie in jeder andern wesentlichen Hinsicht stellen sich Hölderlins Übertragungen, besonders die der beiden Sophokleischen Tragödien, bestätigend dar. In ihnen ist die Harmonie der Sprachen so tief, daß der Sinn nur noch wie eine Äolsharfe vom Winde von der Sprache berührt wird. Hölderlins Übersetzungen sind Urbilder ihrer Form; sie verhalten sich auch zu den vollkommensten Übertragungen ihrer Texte als das Urbild zum Vorbild, wie es der Vergleich der Hölderlinschen und Borchardtschen Übersetzung der dritten pythischen Ode von Pindar zeigt. Eben darum wohnt in ihnen vor andern die ungeheure und ursprüngliche Gefahr aller Übersetzung: daß die Tore einer so erweiterten und durchwalteten Sprache zufallen und den Übersetzer ins Schweigen schließen. Die Sophokles-Übersetzungen waren Hölderlins letztes Werk. In ihnen stürzt der Sinn von Abgrund zu Abgrund, bis er droht, in bodenlosen Sprachtiefen sich zu verlieren. Aber es gibt ein Halten. Es gewährt es jedoch kein Text außer dem heiligen, in dem der Sinn aufgehört hat, die Wasserscheide für die strömende Sprache und die strömende Offenbarung zu sein. Wo der Text unmittelbar, ohne vermittelnden Sinn, in seiner Wörtlichkeit der wahren Sprache, der Wahrheit oder der Lehre angehört, ist er übersetzbar schlechthin. Nicht mehr freilich um seinen, sondern allein um der Sprachen

língua pode se transformar e uma língua se diferencia de outra língua quase que só como um dialeto de outro dialeto e não se tomando de modo demasiado¹⁰ leviano mas precisamente quando são tomadas em todo o seu peso.

Até que ponto uma tradução é capaz de corresponder à essência dessa forma, é determinado objetivamente pela traduzibilidade do original. Quanto menor o valor e a dignidade da língua do original, quanto mais este for comunicação, tanto menos a tradução tem a ganhar, até que o primado desse sentido, longe de constituir a alavanca de uma tradução formalmente acabada, a faça malogar. Quanto mais elevada for a qualidade de uma obra, tanto mais ela permanecerá — mesmo no contato mais fugidio com o seu sentido — ainda traduzível. Isso vale, é claro, apenas para os originais. Traduções, ao contrário, revelam-se intraduzíveis — não por seu peso, mas devido à excessiva fugacidade com que o sentido a elas adere. Disso, bem como de qualquer outro ponto de vista essencial, são uma confirmação as traduções de Hölderlin, especialmente as das duas tragédias de Sófocles. Nelas, a harmonia das línguas é tão profunda que o sentido só é tocado pela língua como uma harpa eólia pelo vento. As traduções de Hölderlin são protótipos de sua forma; elas se comportam, mesmo com relação às mais perfeitas traduções dos mesmos textos, como o protótipo em relação ao modelo, como demonstra a comparação entre as traduções de Hölderlin e de Borchardt da terceira *Ode pítica* de Píndaro. Precisamente por isso nelas reside, mais do que em outras, o monstruoso perigo originário de toda tradução: que se fechem as portas de uma língua tão ampliada e reelaborada, encerrando o tradutor no silêncio. As traduções de Sófocles foram a última obra de Hölderlin. Nelas, o sentido precipita-se de abismo em abismo, até arriscar perder-se no sem-fundo das profundezas da língua. Mas há um ponto de parada. Entretanto, este não é assegurado por nenhum outro texto que não o texto sagrado, no qual o sentido cessou de constituir o divisor de águas entre o fluxo da língua e o fluxo da Revelação. Ali onde o texto, diretamente, sem mediações, sem a intermediação de um sentido, pertencer, em sua literalidade, à língua verdadeira, à verdade ou à doutrina, ele é, por definição, traduzível. Não mais, certamente, em seu próprio nome, mas unicamente em nome das línguas. Diante disso, requer-se da tradução uma confiança

willen. Ihm gegenüber ist so grenzenloses Vertrauen von der Übersetzung gefordert, daß spannungslos wie in jenem Sprache und Offenbarung so in dieser Wörtlichkeit und Freiheit in Gestalt der Interlinearversion sich vereinigen müssen. Denn in irgendeinem Grade enthalten alle großen Schriften, im höchsten aber die heiligen, zwischen den Zeilen ihre virtuelle Übersetzung. Die Interlinearversion des heiligen Textes ist das Urbild oder Ideal aller Übersetzung.

tão ilimitada que, assim como no texto sagrado, língua e Revelação tiveram de se unificar, na tradução literalidade e liberdade devem obrigatoriamente unir-se, sem tensões, na forma da versão interlinear. Pois todos os grandes escritos contêm, em certa medida — em mais alto grau, porém, as Sagradas Escrituras —, a sua tradução virtual entre as linhas. A versão interlinear do texto sagrado é o protótipo ou ideal de toda tradução.

Tradução: Susana Kampff Lages

Notas

A presente tradução resulta da revisão do texto anteriormente publicado na primeira edição da *Antologia Clássicos em Tradução – Português/Alemão*. Ela contou com a cuidadosa revisão de Jeanne Marie Gagnebin e Alberto Martins, a quem agradeço. As sugestões dos revisores foram aqui aproveitadas quase que integralmente, a não ser por uma ou outra escolha diversa de minha parte. Essa tradução deverá ser publicada, em nova versão, em volume de textos de Walter Benjamin, a sair proximamente pela Editora 34.

- ¹ *Aufgabe* em alemão significa tanto tarefa como desistência, renúncia.
- ² *Gebilde*, que contém em si a palavra *Bild* (imagem, retrato, quadro), pode ser traduzida, a depender do contexto, como composição, formação, forma, construção, construto, configuração, figura, e, em combinação com o adjetivo *sprachlich* ou o substantivo *Sprache*, também como criação, produto ou produção linguístico/a ou de linguagem. Aqui optamos por uma dessas traduções a depender do sentido que nos pareceu adequado enfatizar contextualmente e de acordo com a interpretação do texto que favorecemos. A palavra *Bild* encontra-se na raiz de outras palavras relevantes neste ensaio: *Abbild* (imagem, retrato, reprodução, cópia) e *Urbild* (original, protótipo, modelo, arquétipo).
- ³ Benjamin joga com a forma e o significado das palavras *Leben*, *Überleben* e *Fortleben*, que significam, respectivamente, vida, sobrevivência e continuação da vida. Para dar conta dessa polissemia, Haroldo de Campos criou o neologismo *pervivência*, termo que adotamos aqui pela condensação eficiente da ideia da continuidade da vida numa única palavra que faz o *pendant* com a palavra sobrevivência.
- ⁴ *Zweckmäßigkeit*, Zweck=finalidade, meta; maßig=adequado, concordante. Termo utilizado por Hegel para indicar um processo de adequação e fins.
- ⁵ *Sprache* pode significar língua (língua natural: a língua alemã) e linguagem (fenômeno simbólico da comunicação humana).
- ⁶ Benjamin estabelece, em seu ensaio sobre o romance *As afinidades eletivas*, de Goethe, uma distinção entre *Gehalt* e *Inhalt*, palavras sinônimas que indicam conteúdo, teor. Para preservar a distinção, optamos sempre que possível pela palavra *teor*.

- ⁷ A palavra *Übertragung* é sinônima de *Übersetzung* e pode significar tradução, transposição, transmissão ou transferência (em psicanálise, por exemplo).
- ⁸ *Dichter*, significa poeta, escritor. O verbo *dichten* significa escrever texto de caráter poético-literário, ou também, imaginá-lo. O adjetivo *dichterisch* pode ser vertido por poético ou literário. E os substantivos *Dichtung* (1) e *Gedicht* (2) significam (1) poesia/literatura, criação poética/literária e (2) poema, composição poética do gênero lírico. Etimologicamente, provêm do germânico *dihton*, com influência do latim *dictare*, isto é, falar algo que posteriormente será registrado por escrito. A ligação por muitos afirmada com os homófonos *dicht*, *dichten*, [denso, tornar denso, condensar, como em *verdichten*] só pode ser aceita enquanto pseudo-etimologia poética. Por sua vez, a palavra *Umdichtung* significa tradução livre, recriação.
- ⁹ Em tradução literal: “*As línguas imperfeitas em seres muitas, faz falta a suprema: pensar sendo escrever sem acessórios, nem sussuros, mas tácita ainda a imortal palavra, a diversidade, sobre a terra, dos idiomas, impede alguém de proferir as palavras que, se não encontrariam, de um só golpe, a verdade ela mesmo material.*” Mallarmé, “Crise de vers”, in *Variations sur un sujet*, in *Ouvres complètes*, Henri Mondor et G. Jean-Aubry (orgs.), Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1945, p.363 ss.]
- ¹⁰ Como Stefan George, Pannwitz ignora as maiúsculas e as vírgulas, numa tentativa de aproximar o alemão da grafia dos substantivos em outras línguas.

HANS-GEORG GADAMER

AUS: WAHRHEIT UND METHODE

DE: VERDADE E MÉTODO

HANS-GEORG GADAMER

AUS: WAHRHEIT UND METHODE

Der folgende Text stammt aus Gadammers Hauptwerk "Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik" (Tübingen: J.C.B. Mohr [Paul Siebeck] 1960, S. 361-367) und gibt vom dritten Teil die Ausführungen wieder, die zu Beginn des ersten Abschnittes über "Sprache als Medium der hermeneutischen Erfahrung" gemacht werden. Obwohl nur voll verständlich im Zusammenhang des Buches, ist der Ausschnitt noch geeignet, den Leser zu einem philosophischen Aspekt des Übersetzungsproblems hinzuführen, dem Problem des Verstehens und des Verhältnisses von Sprache und Denken.

Alles Vorauszusetzende in der Hermeneutik ist nur Sprache
F. Schleiermacher

Wir sagen zwar, daß wir ein Gespräch 'führen', aber je eigentlicher ein Gespräch ist, desto weniger liegt die Führung desselben in dem Willen des einen oder anderen Partners. So ist das eigentliche Gespräch niemals das, das wir führen wollten. Vielmehr ist es im allgemeinen richtiger zu sagen, daß wir in ein Gespräch geraten, wenn nicht gar, daß wir uns in ein Gespräch verwickeln. Wie da ein Wort das andere gibt, wie das Gespräch seine Wendungen nimmt, seinen Fortgang und seinen Ausgang findet, das mag sehr wohl eine Art Führung haben, aber in dieser Führung sind die Partner des Gesprächs weit weniger die Führenden als die Geführten. Was bei einem Gespräch 'herauskommt', weiß keiner vorher. Die Verständigung oder ihr Mißlingen ist wie ein Geschehen, das sich an uns vollzogen hat. So können wir dann sagen, daß etwas ein gutes Gespräch war, oder auch, daß es unter keinem günstigen Stern stand. All das bekundet, daß das Gespräch seinen eigenen Geist hat, und daß die Sprache, die in ihm geführt wird, ihre eigene Wahrheit in sich trägt, d.h. etwas 'entbirgt' und heraustreten läßt, was fortan ist.

Wir sahen schon bei der Analyse der romantischen Hermeneutik, daß das Verstehen sich nicht auf ein Sichversetzen in den anderen, auf

HANS-GEORG GADAMER

DE: VERDADE E MÉTODO

A tradução de um trecho da obra prima de Hans-Georg Gadamer tem como base “Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik” (Tübingen: J.C.B. Mohr [Paul Siebeck] 1960, S. 361-367). Hans Joachim Störig comenta, na sua antologia “Das Problem des Übersetzens” de 1963, que o entendimento do texto apenas pode ser um entendimento parcial. Mesmo assim, a leitura permite uma primeira aproximação do aspecto filosófico do problema da tradução e do problema do entendimento e da relação entre língua e pensamento.

Só há um pressuposto na hermenêutica: a linguagem
F. Schleiermacher

Nós dizemos, é certo, que “levamos” uma conversa, porém, quanto mais autêntica vem a ser uma conversa, menos reside a sua condução na vontade de um ou de outro interlocutor. Assim, uma conversa genuína nunca é aquela que queríamos levar. Pelo contrário, é em geral mais exato dizer que incorremos, para não dizer nos enredamos, numa conversa. No modo como uma palavra puxa a outra, como uma conversa sofre alterações, encontra seu desenvolvimento e seu desfecho, pode muito bem haver um tipo de condução, mas nessa condução os interlocutores são, de longe, menos os condutores que os conduzidos. Ninguém sabe previamente o que pode “resultar” de uma conversa. O entendimento, ou a falta dele, é como um evento que em nós se completa. É assim que podemos dizer que aquela foi uma boa conversa, ou que não correu nada bem. Tudo isso indica que a conversa tem seu próprio espírito e que a língua, que nele se emprega, traz em si a sua própria verdade, isto é, descobre e faz aparecer o que passa a existir a partir de então.

Na análise da hermenêutica romântica vimos que a compreensão não se funda num transferir-se no outro, na participação imediata de um no outro. Compreender o que alguém diz significa chegar ao

eine unmittelbare Teilhabe des einen am anderen gründet. Verstehen, was einer sagt, ist, wie wir sahen, sich in der Sprache Verständigen und nicht, sich in einen anderen Versetzen und seine Erlebnisse Nachvollziehen. Wir hoben hervor, daß die Erfahrung von Sinn, die derart im Verstehen geschieht, stets Applikation einschließt. Jetzt beachten wir, *daß dieser ganze Vorgang ein sprachlicher ist*. Nicht umsonst ist die eigentliche Problematik des Verstehens und der Versuch seiner kunstmäßigen Beherrschung – das Thema der Hermeneutik – traditionellerweise dem Bereich der Grammatik und Rhetorik zugehörig. Die Sprache ist die Mitte, in der sich die Verständigung der Partner und das Einverständnis über die Sache vollzieht.

Es sind die gestörten und erschwerten Situationen der Verständigung, in denen die Bedingungen am ehesten bewußt werden, unter denen eine jede Verständigung steht. So wird der sprachliche Vorgang besonders aufschlußreich, in dem ein Gespräch in zwei einander fremden Sprachen durch Übersetzung und Übertragung ermöglicht wird. Der Übersetzer muß hier den zu verstehenden Sinn in den Zusammenhang hinübertragen, in dem der Partner des Gesprächs lebt. Das heißt bekanntlich nicht, daß er den Sinn verfälschen darf, den der andere meinte. Der Sinn soll vielmehr erhalten bleiben, aber da er in einer neuen Sprachwelt verstanden werden soll, muß er in ihr auf neue Weise zur Geltung kommen. Jede Übersetzung ist daher schon Auslegung, ja man kann sagen, sie ist immer die Vollendung der Auslegung, die der Übersetzer dem ihm vorgegebenen Wort hat angedeihen lassen.

Der Fall der Übersetzung macht also die Sprachlichkeit als das Medium der Verständigung dadurch bewußt, daß dieses erst durch eine ausdrückliche Vermittlung kunstvoll erzeugt werden muß. Solche kunstvolle Veranstaltung ist gewiß nicht der Normalfall für ein Gespräch. Übersetzung ist auch nicht der Normalfall unseres Verhaltens zu einer fremden Sprache. Vielmehr ist das auf Übersetzung Angewiesensein wie eine Selbstentmündigung der Partner. Wo es der Übersetzung bedarf, muß der Abstand zwischen dem Geist des ursprünglichen Wortlauts des Gesagten und dem der Wiedergabe in Kauf genommen werden, dessen Überwindung nie ganz gelingt. Verständigung geschieht daher in solchen Fällen nicht eigentlich zwischen den Partnern des Gesprächs, sondern zwischen den Dolmetschern, die in einer gemeinsamen Verständigungswelt sich wirklich

entendimento na linguagem e não transferir-se num outro e reviver as suas vivências. Já salientamos que a experiência do sentido, que se verifica na compreensão, envolve sempre aplicação. E agora observamos *que este processo inteiro é um processo linguístico*. Não sem razão, a problemática própria da compreensão e a tentativa de sua dominação técnica – o tema da hermenêutica – pertencem tradicionalmente ao ramo da gramática e da retórica. A linguagem é o centro no qual se alcança o entendimento entre interlocutores e se chega ao comum acordo sobre o assunto.

São as situações em que o entendimento é perturbado ou complicado que permitem mais facilmente tomar consciência das condições a que se submete todo entendimento. O processo linguístico é especialmente ilustrativo quando uma conversa em duas línguas estrangeiras torna-se possível através de tradução e transposição. Aí o tradutor deve transpor o sentido a ser entendido para o contexto em que vive o interlocutor. Isso não quer dizer, como se sabe, que ele pode falsear o sentido expresso pelo outro. O sentido deve ser mantido, mas por ter que ser entendido em um novo mundo linguístico, ele entrará em vigor de maneira nova. É por isso que toda tradução já é interpretação, e pode-se dizer, ela é sempre a consumação da interpretação que o tradutor fez da palavra a ele previamente dada.

O caso da tradução torna manifesta a linguagem como meio do entendimento, na medida em que este meio só poder ser criado artisticamente através de uma mediação explícita. Tal elaboração artística certamente não é o caso normal de uma conversa. A tradução também não é o caso normal da nossa relação com uma língua estrangeira. Antes depende esta relação de tradução, e isto é como colocarem-se os interlocutores de um diálogo sob tutela. Onde há necessidade de tradução, há que se conformar com a distância entre o espírito original da letra do que foi dito e aquele de sua nova versão, distância esta que nunca pode ser superada inteiramente. É por isso que, nesses casos, o entendimento não acontece propriamente entre os interlocutores, mas entre os intérpretes, que são capazes de encontrarem-se verdadeiramente em um mundo comum de entendimento. (Como se sabe, nada é mais difícil que um diálogo em duas línguas estrangeiras, no qual cada um dos interlocutores fala a sua língua, porque um até entende a língua do outro, mas não a fala fluentemente. Como que por uma força maior

zu begegnen vermögen. (Bekanntlich ist nichts schwieriger als ein Dialog in zwei fremden Sprachen, in dem der eine die eine, der andere die andere Sprache gebraucht, weil jeder der beiden die andere Sprache zwar versteht, aber nicht zu sprechen weiß. Wie durch eine höhere Gewalt sucht sich alsdann die eine der Sprachen vor der anderen als das Medium der Verständigung durchzusetzen).

Wo Verständigung ist, da wird nicht übersetzt, sondern gesprochen. Eine fremde Sprache verstehen bedeutet ja, sie nicht in die eigene Sprache übersetzen müssen. Wo einer eine Sprache wirklich beherrscht, bedarf es keiner Übersetzung mehr, ja erscheint jede Übersetzung möglich. Eine Sprache verstehen ist selbst noch gar kein wirkliches Verstehen und schließt keinen Interpretationsvorgang ein, sondern ist ein Lebensvollzug. Denn eine Sprache versteht man, indem man in ihr lebt – ein Satz, der bekanntlich nicht nur für lebende, sondern sogar für tote Sprachen gilt. Das hermeneutische Problem ist also kein Problem der richtigen Sprachbeherrschung, sondern der rechten Verständigung über die Sache, die im Medium der Sprache geschieht. Jede Sprache ist so erlernbar, daß ihr vollendeter Gebrauch einschließt, daß man nicht mehr aus seiner Muttersprache oder in seine Muttersprache übersetzt, sondern in der fremden Sprache denkt. Für die Verständigung im Gespräch ist solche Beherrschung der Sprache geradezu eine Vorbedingung. Jedes Gespräch macht die selbstverständliche Voraussetzung, daß die Redner die gleiche Sprache sprechen. Erst wo es möglich ist, sich durch das Miteinanderreden sprachlich zu verständigen, vermag das Verstehen und die Verständigung überhaupt zum Problem zu werden. Das Angewiesensein auf die Übersetzung des Dolmetschers ist ein Extremfall, der den hermeneutischen Vorgang, das Gespräch, verdoppelt: es ist das des Dolmetschers mit der Gegenseite und das eigene mit dem Dolmetscher.

Das Gespräch ist ein Vorgang der Verständigung. So gehört zu jedem echten Gespräch, daß man auf den anderen eingeht, seine Gesichtspunkte wirklich gelten läßt und sich insofern in ihn versetzt, als man ihn zwar nicht als diese Individualität verstehen will, wohl aber das, was er sagt. Was es zu erfassen gilt, ist das sachliche Recht seiner Meinung, damit wir in der Sache miteinander einig werden können. Wir beziehen also seine Meinung nicht auf ihn, sondern auf das eigene Meinen und Vermeinen zurück. Wo wir wirklich den anderen als Individualität im Auge haben, z. B. im therapeutischen

uma língua procura então impor-se à outra como o meio do entendimento.)

Onde há entendimento, há fala, e não tradução. Entender uma língua estrangeira de fato significa não precisar traduzi-la na própria língua. Quando alguém domina realmente uma língua, não há mais necessidade de tradução, e toda tradução parece possível. Entender uma língua ainda não significa compreender realmente e não envolve nenhum processo de interpretação, é apenas uma operação cotidiana. Entende-se uma língua quando se vive nela – uma frase que vale, como se sabe, não só para línguas vivas, mas até para línguas mortas. O problema hermenêutico não é, portanto, um problema de domínio correto da língua, mas do entendimento certo sobre o assunto que se dá por meio da linguagem. Toda língua pode ser aprendida ao ponto de se conquistar seu pleno uso, de forma que não se traduza mais da sua língua ou na sua língua, mas que se pense diretamente na língua estrangeira. Tal domínio é quase pré-condição para o entendimento no diálogo. Evidentemente, todo diálogo pressupõe que os interlocutores falem a mesma língua. Só quando é possível alcançar o entendimento linguisticamente através de um diálogo, a compreensão e o entendimento podem tornar-se de fato um problema. A necessidade de tradução por um tradutor-intérprete é um caso extremo que duplica o processo hermenêutico, o diálogo: é o diálogo do intérprete com a outra parte e o nosso com o intérprete.

O diálogo é um processo de se chegar ao entendimento. Todo diálogo autêntico implica, portanto, que um leve o outro em consideração, aceite de fato o seu ponto de vista como válido, que um se coloque no lugar do outro, não querendo entendê-lo como individualidade, mas sim o que diz. O que deve ser apreendido é o valor pragmático do seu pensamento, com o que podemos chegar juntos a um acordo sobre o assunto. Não é a ele, portanto, que remetemos sua opinião, mas àquilo que pensamos e presumimos. Quando temos em vista o outro realmente como individualidade, como, por exemplo, numa conversa terapêutica ou no interrogatório de um acusado, a situação de entendimento não se realiza efetivamente.¹

Esses aspectos todos que caracterizam a situação de entendimento no diálogo experimentam sua aplicação genuína na hermenêutica, em que se trata da *compreensão de textos*. Voltemos a falar do caso

Gespräch oder im Verhör des Angeklagten, ist die Situation der Verständigung gar nicht wahrhaft gegeben.¹

Das alles, was die Situation der Verständigung im Gespräch charakterisiert, nimmt nun seine eigentliche Wendung ins Hermeneutische, wo es sich um das *Verstehen von Texten* handelt. Wieder setzen wir bei dem extremen Fall der Übersetzung aus einer fremden Sprache ein. Hier kann niemand zweifeln, daß die Übersetzung eines Textes, mag der Übersetzer sich noch so sehr in seinen Autor eingelebt und eingefühlt haben, keine bloße Wiedererweckung des ursprünglichen seelischen Vorgangs des Schreibens ist, sondern eine Nachbildung des Textes, die durch das Verständnis des in ihm Gesagten geführt wird. Hier kann niemand zweifeln, daß es sich um Auslegung handelt und nicht um bloßen Mitvollzug. Es ist ein anderes neues Licht, das von der anderen Sprache her und für den Leser derselben auf den Text fällt. Die Forderung der Treue, die an die Übersetzung gestellt wird, kann die grundlegende Differenz der Sprachen nicht aufheben. Auch wenn wir noch so getreu sein wollen, werden wir vor mißliche Entscheidungen gestellt. Wenn wir in unserer Übersetzung einen uns wichtigen Zug am Original herausheben wollen, so können wir das nur, indem wir andere Züge in demselben zurücktreten lassen oder ganz unterdrücken. Das ist aber genau das Verhalten, das wir als Auslegen kennen. Übersetzung ist wie jede Auslegung eine Überhellung. Wer übersetzt, muß solche Überhellung auf sich nehmen. Er darf offenbar nichts offenlassen, was ihm selber unklar ist. Er muß Farbe bekennen. Zwar gibt es Grenzfälle, in denen im Original (und für den 'ursprünglichen Leser') etwas wirklich unklar ist. Aber gerade an solchen hermeneutischen Grenzfällen wird die Zwangslage deutlich, in der sich der Übersetzer immer befindet. Hier muß er resignieren. Er muß klar sagen, wie er versteht. Sofern er aber immer in der Lage ist, nicht allen Dimensionen seines Textes wirklich Ausdruck geben zu können, bedeutet das für ihn ständigen Verzicht. Jede Übersetzung, die ihre Aufgabe ernst nimmt, ist klarer und flacher als das Original. Auch wenn sie eine meisterhafte Nachbildung ist, muß ihr etwas von den Obertönen fehlen, die im Original mitschwingen. (In seltenen Fällen meisterhafter Nachschöpfung kann solcher Verlust ersetzt werden oder gar zu einem neuen Gewinn führen – ich denke etwa daran, wie Baudelaires Blumen des Bösen' in der Georgeschen

extremo da tradução de uma língua estrangeira. Ninguém pode duvidar que a tradução de um texto, mesmo tendo o tradutor se familiarizado com a vida e os sentimentos do autor, não é um simples re-despertar do processo psicológico original da escrita, mas uma recriação do texto, guiada pela compreensão do que está dito nele. Ninguém pode duvidar que aí se trata de uma interpretação e não de uma simples reprodução. É uma luz nova e diversa que, proveniente da língua que o traduz, e para o leitor da mesma, se projeta sobre o texto original. A exigência da fidelidade imposta à tradução não pode suprimir a diferença fundamental entre uma língua e outra. Mesmo quando queremos ser fiéis, somos colocados diante de decisões delicadas. Se queremos enfatizar na tradução um aspecto que consideramos importante no original, só podemos fazê-lo se deixarmos de lado outros aspectos importantes do mesmo ou os suprimirmos inteiramente. Este é exatamente o procedimento que conhecemos como interpretação. A tradução, como toda interpretação, é uma clarificação enfatizante. Quem traduz deve responsabilizar-se por essa clarificação. O tradutor não pode deixar em aberto o que a ele próprio permanece obscuro. Ele precisa definir sua posição. Existem, é certo, casos limites, nos quais o original contém de fato qualquer coisa de obscuro (mesmo para o “leitor original”). Mas é justamente nesses casos limites de interpretação que se torna claro o dilema em que vive constantemente o tradutor. Ele deve se resignar neste ponto e dizer claramente o que compreende. Como ele está numa posição em que nem sempre se pode dar efetivamente expressão a todas as dimensões do texto, isto significa para ele constante renúncia. Toda tradução que leva a sério sua tarefa é mais clara e mais superficial que o original. Mesmo quando ela é uma reprodução magistral deve-lhe faltar algo da ressonância que repercute no original. (Em casos raros de recriações magistrais, tais perdas podem ser recompostas ou mesmo levar a um ganho novo – eu penso, por exemplo, em como as “Flores do Mal” de Baudelaire parecem experimentar um novo vigor na tradução poética de Stefan George).

Não raro o tradutor toma consciência de modo doloroso da distância necessária que o separa do original. A sua relação com o texto tem, ela mesma, algo do esforço para atingir o entendimento em uma conversa. Só que aqui a situação é de um entendimento peculiarmente laborioso, no qual se reconhece, ao fim e ao cabo, a

Nachdichtung eine eigentümliche neue Gesundheit zu atmen scheinen.)

Der Übersetzer ist sich des notwendigen Abstandes vom Original oft schmerzlich bewußt. Sein Umgang mit dem Text hat selbst etwas von der Bemühung einer Verständigung im Gespräch. Nur daß die Situation hier die einer besonders mühsamen Verständigung ist, bei der man den Abstand der Gegenmeinung von seiner eigenen Meinung als letzten Endes unaufhebbar erkennt. Und wie im Gespräch, wo solche unaufhebbaren Differenzen bestehen, im Hin und Her einer Aussprache vielleicht ein Kompromiß gelingt, so wird auch der Übersetzer im Hin und Her des Wägens und Erwägens die beste Lösung suchen, die immer nur ein Kompromiß sein kann. Wie im Gespräch man sich zu diesem Zwecke in den anderen versetzt, um seinen Standpunkt zu verstehen, so sucht auch der Übersetzer sich ganz in seinen Autor zu versetzen. Aber weder ist im Gespräch dadurch Verständigung gegeben, noch ist für den Übersetzer solche Versetzung schon das Gelingen der Nachbildung. Die Strukturen sind offenbar ganz analoge. Verständigung im Gespräch schließt ein, daß die Partner für dieselbe bereit sind und versuchen, das Fremde und Gegnerische bei sich selber gelten zu lassen. Wenn das gegenseitig geschieht und jeder der Partner, indem er gleichzeitig seine eigenen Gründe festhält, die Gegengründe miterwägt, kann man schließlich in einer unmerklichen und unwillkürlichen Wechselübertragung der Gesichtspunkte (wir nennen das Austausch der Meinungen) zu einer gemeinsamen Sprache und einem gemeinsamen Spruch gelangen. Genauso muß der Übersetzer das Recht seiner eigenen Muttersprache, in die er übersetzt, selber festhalten und doch das Fremde, ja selbst Gegnerische des Textes und seiner Ausdrucksgebung bei sich gelten lassen. – Diese Beschreibung des Tuns des Übersetzers ist aber vielleicht schon zu sehr verkürzt. Selbst in solchen extremen Situationen, in denen von einer Sprache in eine andere übertragen werden soll, läßt sich die Sache von der Sprache kaum trennen. Nur ein solcher Übersetzer wird wahrhaft nachbilden, der die ihm durch den Text gezeigte Sache zur Sprache bringt, d. h. aber: eine Sprache findet, die nicht nur die seine, sondern auch die dem Original angemessene Sprache ist.² Die Lage des Übersetzers und die Lage des Interpreten ist also im Grunde die gleiche.

Das Beispiel des Übersetzers, der die Kluft der Sprachen zu überwinden hat, läßt die Wechselbeziehung besonders deutlich werden,

distância entre o que o outro quis dizer e aquilo que entendemos. Da mesma forma como em uma conversa, na qual existem essas diferenças insuperáveis, o vai-e-vem da discussão pode levar a um meio termo, também o tradutor tem de buscar no vai-e-vem da consideração e reconsideração a melhor solução, que não pode ser outra coisa que um meio termo. Da mesma forma que em uma conversa alguém se coloca no lugar do outro a fim de entender o seu ponto de vista, também o tradutor procura colocar-se inteiramente no lugar de seu autor. Mas assim não se dá o entendimento na conversa, nem para o tradutor tal transferência garante o sucesso da recriação. É evidente que as estruturas são inteiramente análogas. O entendimento na conversa implica que os interlocutores estejam dispostos a ele e procurem fazer valer em si mesmos o estrangeiro e o oposto. Se isto ocorre mutuamente, e cada um dos interlocutores expõe seus próprios argumentos e pondera em seguida os contra-argumentos, pode-se chegar finalmente, pela permuta recíproca e involuntária de pontos de vista (isto é o que chamamos de intercâmbio de idéias), a uma linguagem e a um juízo comuns. Igualmente deve o tradutor assegurar os direitos próprios à língua na qual traduz e ao mesmo tempo admitir o estrangeiro, e mesmo o oposto do texto, e fazer valer em si a maneira de se exprimir do texto original. – Essa descrição do trabalho do tradutor talvez esteja muito resumida. Mesmo nestas situações extremas, nas quais se deve transpor de uma língua à outra, não se pode em hipótese alguma separar o conteúdo da expressão linguística. Só o tradutor que traz para discussão o assunto proposto pelo texto poderá recriá-lo verdadeiramente, isto é, aquele que encontra uma linguagem que não é só a sua, mas também a linguagem correspondente ao original.² Portanto, traduzir um texto e interpretar um texto são, no fundo, as mesmas atividades.

O exemplo do tradutor, que tem de transpor o abismo que separa uma língua de outra, torna particularmente clara a relação mútua que está em jogo entre o intérprete e o texto, que corresponde à reciprocidade na conversa. Porque todo tradutor faz interpretação. A condição de língua estrangeira significa apenas um acréscimo na dificuldade hermenêutica, isto é, na distância que separa o estrangeiro do familiar e sua superação. Na verdade, todos os “objetos” com os quais a hermenêutica tradicional tem de lidar são estrangeiros no mesmo e exato sentido da palavra. A tarefa de recriação tocante ao tradutor não

die zwischen dem Interpreten und dem Text spielt und die der Wechselseitigkeit der Verständigung im Gespräch entspricht. Denn jeder Übersetzer ist Interpret. Die Fremdsprachlichkeit bedeutet nur einen gesteigerten Fall von hermeneutischer Schwierigkeit, d.h. von Fremdheit und Überwindung derselben. Fremd sind in dem gleichen, eindeutig bestimmten Sinne in Wahrheit alle 'Gegenstände', mit denen es die traditionelle Hermeneutik zu tun hat. Die Nachbildungsaufgabe des Übersetzers ist nicht qualitativ, sondern nur graduell von der allgemeinen hermeneutischen Aufgabe verschieden, die jeder Text stellt.

Gewiß heißt das nicht, daß die hermeneutische Situation gegenüber Texten der zwischen zwei Gesprächspersonen völlig gleicht. Handelt es sich doch bei Texten um 'dauernd fixierte Lebensäußerungen'³, die verstanden werden sollen, und das bedeutet, daß nur durch den einen der beiden Partner, den Interpreten, der andere Partner des hermeneutischen Gesprächs, der Text, überhaupt zu Worte komme. Nur durch ihn verwandeln sich die schriftlichen Zeichen zurück in ihren Sinn. Gleichwohl kommt durch diese Rückverwandlung in Verstehen die Sache selbst, von der der Text redet, ihrerseits zur Sprache. Es ist wie beim wirklichen Gespräch, daß die gemeinsame Sache es ist, die die Partner, hier den Text und den Interpreten, miteinander verbindet. So wie der Übersetzer als Dolmetsch die Verständigung im Gespräch nur dadurch ermöglicht, daß er an der verhandelten Sache teilnimmt, so ist auch gegenüber dem Text die unentbehrliche Voraussetzung für den Interpreten, daß er an seinem Sinn teilnimmt.

Es ist also ganz berechtigt, von einem *hermeneutischen Gespräch* zu reden. Dann folgt daraus aber, daß das hermeneutische Gespräch sich wie das wirkliche Gespräch eine gemeinsame Sprache erarbeiten muß und daß diese Erarbeitung einer gemeinsamen Sprache ebenso wenig wie beim Gespräch die Bereitung eines Werkzeuges für die Zwecke der Verständigung ist, sondern mit dem Vollzug des Verstehens und der Verständigung selbst zusammenfällt. Auch zwischen den Partnern dieses 'Gesprächs' findet wie zwischen zwei Personen eine Kommunikation statt, die mehr ist als bloße Anpassung. Der Text bringt eine Sache zur Sprache, aber daß er das tut, ist am Ende die Leistung des Interpreten. Beide sind daran beteiligt.

Was ein Text meint, ist daher nicht einem unverrückbar und eigenständig festgehaltenen Standpunkt zu vergleichen, der dem, der verstehen will, nur die eine Frage nahelegt, wie der andere zu einer so

difere de forma qualitativa, mas sim gradual da tarefa hermenêutica geral imposta por todo texto.

Isso não significa, é claro, que a situação hermenêutica de interpretação de textos iguale-se inteiramente a uma conversa entre duas pessoas. Textos são “expressões de vida fixadas permanentemente”³ que devem ser compreendidas, e isso significa que só através de um dos dois interlocutores, o intérprete, o outro interlocutor do diálogo hermenêutico, ou seja, o texto, ganha voz. Só através dele os sinais escritos convertem-se de novo no seu sentido. É pela reconversão em compreensão que o assunto do qual o texto fala ganha por seu turno expressão. É como numa conversa real, onde o assunto comum é que liga os interlocutores um ao outro, aqui o texto e o intérprete. Enquanto tradutor-intérprete, o tradutor só torna possível o entendimento no diálogo pelo fato de participar do assunto em questão. Da mesma forma, também na interpretação de textos é condição indispensável que o intérprete participe de seu sentido.

É legítimo falar, portanto, de um *diálogo hermenêutico*. Disso decorre, porém, que o diálogo hermenêutico precisa alcançar, como o diálogo real, uma linguagem comum, e essa elaboração de uma linguagem comum, tanto aqui como no diálogo verdadeiro, não é simplesmente um instrumento para o entendimento, mas coincide com o processo mesmo da compreensão. Também entre os interlocutores desse “diálogo”, como entre duas pessoas, tem lugar uma comunicação, que é mais que simples adequação. O texto dá expressão a um assunto, mas o fato de ele o fazer é no fim um êxito do intérprete. Ambos fazem parte do processo.

Por isso o significado de um texto não pode ser comparado a um ponto de vista imóvel e inexoravelmente fixado, que apenas coloque àquele que o quer entender uma única questão: como o outro pôde chegar a uma opinião assim absurda? Nesse sentido, na compreensão não se trata, com efeito, de uma “compreensão histórica”, que reconstrói as etapas de produção do texto. Pelo contrário, pretende-se *compreender o texto ele mesmo*. Isso significa que os próprios pensamentos do intérprete estão sempre inseridos no processo de reavivar o sentido do texto. Destarte, o horizonte do intérprete é determinante, mas não como um ponto de vista pessoal que se mantém ou se impõe, antes como uma opinião e uma possibilidade que entram em jogo e que ajudam a incorporar verdadeiramente o que está dito no texto. A esse

absurden Meinung kommen kann. In diesem Sinne handelt es sich im Verstehen ganz gewiß nicht um ein 'historisches Verständnis', das die Entsprechung des Textes rekonstruierte. Vielmehr meint man *den Text selbst zu verstehen*. Das bedeutet aber, daß die eigenen Gedanken des Interpreten in die Wiedererweckung des Textsinnes immer schon mit eingegangen sind. Insofern ist der eigene Horizont des Interpreten bestimmend, aber auch er nicht wie ein eigener Standpunkt, den man festhält oder durchsetzt, sondern mehr wie eine Meinung und Möglichkeit, die man ins Spiel bringt und aufs Spiel setzt und die mit dazu hilft, sich wahrhaft anzueignen, was in dem Texte gesagt ist. Wir haben das oben als Horizontverschmelzung beschrieben. Wir erkennen darin jetzt *die Vollzugsform des Gesprächs*, in welchem eine Sache zum Ausdruck kommt, die nicht nur meine oder die meines Autors, sondern eine gemeinsame Sache ist.

Die Voraussetzung für die systematische Bedeutung, die die Sprachlichkeit des Gesprächs für alles Verstehen besitzt, verdanken wir der deutschen Romantik. Sie hat uns gelehrt, daß Verstehen und Auslegen letzten Endes ein und dasselbe sind. Durch diese Erkenntnis erst rückt der Begriff der Interpretation, wie wir sahen, aus der pädagogisch-okkasionellen Bedeutung, die er im 18. Jahrhundert gehabt hatte, an einen systematischen Ort vor, der durch die Schlüsselstellung bezeichnet ist, die das Problem der Sprache für die philosophische Fragestellung überhaupt errungen hat.

Seit der Romantik kann man sich die Sache nicht mehr so denken, als ob die auslegenden Begriffe zum Verstehen hinzutreten, indem sie aus einem sprachlichen Vorratsraum, in dem sie schon bereitliegen, je nach Bedarf herbeigezogen werden, wenn die Unmittelbarkeit des Verstehens sonst ausbleibt. *Vielmehr ist die Sprache das universale Medium, in dem sich das Verstehen selber vollzieht. Die Vollzugsweise des Verstehens ist die Auslegung.* Diese Feststellung bedeutet nicht, daß es kein besonderes Problem des Ausdrucks gebe. Der Unterschied der Sprache eines Textes zur Sprache des Auslegers oder die Kluft, die den Übersetzer vom Original trennt, ist keineswegs eine sekundäre Frage. Im Gegenteil gilt, daß die Probleme des sprachlichen Ausdrucks in Wahrheit schon Probleme des Verstehens selber sind. Alles Verstehen ist Auslegen, und alles Auslegen entfaltet sich im Medium einer Sprache, die den Gegenstand zu Worte kommen lassen will und doch zugleich die eigene Sprache des Auslegers ist.

processo chamamos de fusão de horizontes. Neste ponto passamos a reconhecer *a forma como procede o diálogo*, no qual o assunto ganha expressão, e que não é só meu ou de meu autor, mas algo comum a ambos.

Devemos ao romantismo alemão o atentar para relevância sistemática que a natureza verbal do diálogo tem para todo o tipo de compreensão. Ele nos ensinou que compreender e interpretar são no fim uma e a mesma coisa. Só através desse reconhecimento o conceito de interpretação avança, como vimos, do significado pedagógico e ocasional, característico do século dezoito, para um lugar sistemático, como mostra a posição chave que o problema da linguagem adquiriu na investigação filosófica.

Desde o romantismo não podemos mais imaginar que os conceitos de que se serve a interpretação ajuntam-se à compreensão como coisas que se retira de um reservatório linguístico, onde se encontram prontos e à disposição, segundo a necessidade, caso não se verifique a compreensão imediata. *A linguagem é antes o meio universal no qual procede a compreensão mesma; e a forma pela qual procede a compreensão é a interpretação.* Essa afirmação não significa que não exista nenhum problema particular de expressão. A diferença entre a língua de um texto e a língua do intérprete, ou o abismo que separa o tradutor do original, não constitui de modo algum uma questão secundária. Ao contrário, é necessário dizer que os problemas da expressão linguística já são, na verdade, eles mesmos problemas de compreensão. Toda compreensão é interpretação, e toda interpretação se desdobra tendo como meio uma linguagem, que quer deixar o objeto exprimir-se, e que é ao mesmo tempo a própria linguagem do intérprete.

O fenômeno hermenêutico revela-se assim como caso especial da relação geral entre o pensar e o falar, cuja intimidade enigmática ocasiona o esconder-se da linguagem no pensamento. A interpretação é, como o diálogo, um círculo que se fecha na dialética de pergunta e resposta. É uma autêntica e histórica relação de vida, que se realiza no *medium* da linguagem, e é por isso que podemos chamar o caso da interpretação de textos também de um diálogo. O caráter linguístico da compreensão é *a concreção da consciência efetivada historicamente.*

A relação essencial entre linguagem e compreensão mostra em primeiro lugar que a essência da tradução é existir no *medium* da

Damit erweist sich das hermeneutische Phänomen als Sonderfall des allgemeinen Verhältnisses von Denken und Sprechen, dessen rätselhafte Innigkeit eben die Verbergung der Sprache im Denken bewirkt. Die Auslegung ist wie das Gespräch ein in die Dialektik von Frage und Antwort geschlossener Kreis. Es ist ein echtes geschichtliches Lebensverhältnis, das sich im Medium der Sprache vollzieht und das wir daher auch im Falle der Auslegung von Texten ein Gespräch nennen können. Die Sprachlichkeit des Verstehens ist *die Konkretion des wirkungsgeschichtlichen Bewußtseins*.

Der Wesensbezug zwischen Sprachlichkeit und Verstehen zeigt sich zunächst in der Weise, daß es das Wesen der Überlieferung ist, im Medium der Sprache zu existieren, so daß der bevorzugte *Gegenstand* der Auslegung sprachlicher Natur ist.

- ¹ Dem Sich-Versetzen, das den anderen und nicht sein sachliches Recht meint, entspricht die in *Wahrheit und Methode* S. 345f. charakterisierte Unechtheit der in solchem Gespräch gestellten Fragen.
- ² Es entsteht hier das Problem der 'Verfremdung', worüber Schadewaldts Nachwort zu seiner Odysseeübersetzung (RoRoRo-Klassiker 1958, S. 324) Wichtiges bemerkt.
- ³ Droysen, Historik ed. Hübner 1937, S. 63.

linguagem, de forma que o *objeto* privilegiado da interpretação é de natureza linguística.

Tradução: Fabrício Coelho

Notas

- ¹ A este transferir-se, que objetiva o outro e não o valor pragmático de seu pensamento, corresponde a inautenticidade de questões colocadas em tal conversa.
- ² Aqui se coloca o problema da “estrangeirização”, sobre o qual Schadewaldt faz importantes considerações no posfácio à sua tradução da *Odyssee* (RoRoRo-Klassiker, 1958, p. 324).
- ³ Droysen, *Historik* ed. Hübner, 1937, p. 63.

EUGENIO COSERIU

**FALSCH UND RICHTIGE
FRAGESTELLUNGEN IN DER
ÜBERSETZUNGSTHEORIE**

**O FALSO E O VERDADEIRO
NA TEORIA DA TRADUÇÃO**

FALSCHES UND RICHTIGE FRAGESTELLUNGEN IN DER ÜBERSETZUNGSTHEORIE

L. Grähs/ G. Korlén/ B. Malmberg (Hrsg.), *Theory and Practice of Translation*. Nobel Symposium 39, Stockholm, September 6-10, 1976, Bern/Frankfurt a. M./Las Vegas: Lang 1978, S. 17-32.

1.1 Der Titel dieses Beitrags könnte provokativ klingen, er ist aber nicht provokativ gemeint. Es handelt sich um das, was einen Sprachtheoretiker beim Lesen von nicht wenigen Büchern und Aufsätzen zur Übersetzungstheorie gerade in theoretischer Hinsicht stört, und um einige Überlegungen zur Überwindung dieser störenden Aspekte. Freilich hätte ich diesen Beitrag ebenso gut „Leistungen und Grenzen der Übersetzung“ oder „Übersetzbarkeit und Unübersetzbarkeit“ betiteln können, denn darum geht es letzten Endes in „sachlicher“, d.h. objektbezogener Hinsicht. Der Klarheit halber habe ich es jedoch vorgezogen, die Hauptpunkte einer kohärenten und ihrem Gegenstand angemessenen Übersetzungstheorie vom Gesichtspunkt der entsprechenden Fragestellungen aus darzulegen. Mit „in der Übersetzungstheorie“ meine ich übrigens nicht etwa eine bestimmte Übersetzungstheorie und auch nicht alle Übersetzungstheorien, sondern die Übersetzungstheorie als Forschungsbereich. In diesem Sinne kann man wohl, wie ich glaube, behaupten, daß man in der Übersetzungstheorie, auch in der jüngsten, immer wieder falschen Fragestellungen begegnet, die auf Verwechslungen bzw. auf Nichtunterscheidungen beruhen. Zwar begegnet man in der Übersetzungstheorie sehr oft auch vollkommen richtigen Fragestellungen und sogar auch eben den Fragestellungen, die ich hier als „richtig“ vertreten möchte. Dennoch gibt es einerseits ganze Bücher, die zwar als „Übersetzungstheorie“ auftreten, die aber die eigentlichen theoretischen Probleme der Übersetzung m. E. überhaupt nicht bzw. nur verkehrt stellen. Andererseits findet man in keinem mir bekannten Werk zur Übersetzungstheorie alle „richtigen“ Fragestellungen zusammen und zugleich

**O FALSO E O VERDADEIRO
NA TEORIA DA TRADUÇÃO**

L. Grähs/G. Korlén B. Malmberg (orgs.), *Theory and Practice of Translation*. Nobel Symposium 39, Stockholm, September 6-10, 1976, Bern/Frankfurt a. M./Las Vegas: Lang 1978, pp. 17-32.

1.1 O título deste trabalho poderia soar como uma provocação, mas o intuito não é, seguramente, este. Trata-se, sobretudo sob ponto de vista teórico, daquilo que incomoda um linguista na leitura de um número considerável de textos no âmbito da teoria da tradução, e também de algumas considerações para superação destes aspectos incômodos. Sem dúvida poderia ter intitulado este artigo “Limites e Possibilidades da Tradução” ou “Traduzibilidade e Intraduzibilidade”, pois, afinal de contas, é este o nosso problema aqui, no que concerne ao objeto da teoria. Por motivos de clareza, entretanto, dei preferência a expor os pontos principais de uma teoria da tradução coerente, a partir da discussão crítica dos correspondentes questionamentos falsos. Já por “na teoria da tradução” não entendo uma teoria da tradução específica e também não todas as teorias da tradução, mas sim, a teoria como campo de pesquisa. Neste sentido, parece-me correto afirmar que, vez ou outra, encontra-se na teoria da tradução, incluindo as concepções mais recentes, questionamentos falsos que estão fundamentados em enganos ou em distinções que não foram propriamente estabelecidas. Ainda assim, muitas vezes nos deparamos nela também com questionamentos perfeitamente pertinentes e, inclusive, com aqueles questionamentos, que aqui represento como “certos”. Todavia, existem livros inteiramente dedicados alegadamente à teoria da tradução, mas que, a meu ver, ou não mostram os problemas teóricos específicos da tradução, ou o fazem de maneira errônea. Por outro lado, não se encontra em nenhuma obra sobre teoria da tradução que eu conheça todos os questionamentos “certos” integrados e devidamente organizados. Muito mais se

organisch und zusammenhängend be-gründet; vielmehr begegnet man diesen Fragestellungen nur vereinzelt, einmal der einen und einmal der anderen, und aus richtigen und richtig formulierten Prinzipien werden oft auch nicht mit voller Kohärenz alle notwendigen Konsequenzen gezogen.

1.2 Dies ist freilich auch nicht leicht, und zwar weder vom Objekt noch vom Stand der Forschung her. Wie beim Sprechen überhaupt, hängt auch beim Übersetzen – das ja eine besondere Art des Sprechens ist – alles mit allem zusammen, so daß jede Formulierung eines Prinzips einer Partialisierung gleichkommt. Und vom Stand der Forschung her ist die angedeutete Aufgabe deshalb nicht leicht, weil die Übersetzungstheorie eigentlich eine Sektion der Textlinguistik sein müßte, und diese befindet sich trotz der Fortschritte der letzten Jahre immer noch in ihren Anfängen: Ja, es ist der Textlinguistik bisher noch nicht gelungen, ihren Gegenstand genau abzugrenzen und all ihre „Kategorien“ zu identifizieren und sinnvoll zu ordnen.

1.3 Auch wir werden uns hier auf einige Hauptpunkte beschränken müssen, allerdings auf diejenigen, die uns wesentlich scheinen und weitentwickelt werden können; dies sogar auf die Gefahr hin, daß wir z.T. auch Bekanntes und mehr oder weniger allgemein Angenommenes wiederholen. Es sei auch von Anfang an bemerkt, daß die guten Übersetzer die theoretischen Probleme ihrer Tätigkeit intuitiv richtig stellen und in praktischer Hinsicht lösen: So wie man für die Theorie des Sprechens die Sprecher beobachten muß, müßte man für die Übersetzungstheorie die Übersetzer beobachten.

2.1 Die auffallendsten unter den Fragestellungen, die ich für falsch halte, sind folgende:

(1) Die Problematik der Übersetzung und des Übersetzens wird als eine die Einzelsprachen (die < langues >) betreffende Problematik angegangen.

(2) Es wird von der Übersetzung (bzw. von der „idealen“, aber theoretisch schon „unmöglichen“ Übersetzung) wenigstens implizite verlangt, daß sie alles in den Originaltexten Gemeinte und durch diese Texte als gemeint Verstandene mit den Mitteln der Zielsprache wiedergibt; sie könne dies aber nicht, und deshalb sei sie schon ihrem Wesen nach „unvollkommen“, wenn auch praktisch notwendig.

(3) Die Übersetzung als einzelsprachlich bezogene Technik („Übertragung“) wird dem Übersetzen (d.h. der Tätigkeit der Über-

encontra os mesmos isoladamente, uma vez um, outra vez o outro, e dos princípios certos e formulados corretamente, muitas vezes, não se extraem, com total coerência, todas as consequências necessárias.

1.2 Isto seguramente também não é fácil, tanto sob ponto de vista do objeto, como do estado da pesquisa. Tanto no dizer, como no traduzir, que nada mais é do que uma especificidade do dizer, tudo se relaciona com tudo, de modo que toda formulação de princípios equivale a uma fragmentação. E, sob ponto de vista do estado da pesquisa, a tarefa citada acima não é fácil, pois a teoria da tradução deveria ser um ramo da linguística textual que, apesar de progressos nos últimos anos, se encontra ainda em seus primórdios. Com efeito, a linguística textual até hoje ainda não conseguiu delimitar exatamente o seu objeto, nem tampouco conseguiu identificar e organizar coerentemente todos os seus princípios fundantes.

1.3 Também teremos que nos restringir aqui a determinados pontos principais, mais especificamente, àqueles que nos parecem essenciais e que podem continuar sendo desenvolvidos, mesmo sob o risco de repetirmos coisas em parte já conhecidas ou de modo geral óbvias. Ressalte-se de início que intuitivamente os bons tradutores formulam os problemas teóricos de sua atividade de modo correto e os solucionam na prática. Vale lembrar também que, do mesmo modo como na teoria da fala se deve observar os falantes, dever-se-ia observar os tradutores na teoria da tradução.

2.1 Entre os questionamentos, os que considero destacadamente falsos são os seguintes:

(1) A problemática da tradução e do traduzir é abordada como problemática que se refere às línguas em si (as “*langues*”).

(2) Exige-se da tradução (mais precisamente da tradução “ideal”, desde já teoricamente impossível), pelo menos implicitamente, que ela reproduza com os meios da língua alvo, tudo o que foi intencionado no texto original e tudo que é entendido como intenção nestes textos. Mas sendo esta uma tarefa reconhecidamente impossível para ela, a tradução já seria por isso insatisfatória em sua essência, se bem que necessária na prática.

(3) A tradução como técnica puramente mono-linguística (“transposição”) é igualada ao traduzir (ou seja, à atividade do tradutor). Entre outras coisas isso leva ao paradoxo da tradução como impossibilidade teórica, mas com realidade empírica.

setzer) gleichgesetzt. Dies führt u.a. zu dem Paradoxon, daß Übersetzung zwar theoretisch unmöglich, empirisch jedoch eine Realität sei.

(4) Es wird eine abstrakte optimale Invarianz für die Übersetzung überhaupt angenommen.

2.2 Wie diese vier Fragestellungen – und vor allem die ihnen entgegengesetzten – miteinander zusammenhängen, wird sich im folgenden zeigen. Dazu wollen wir diese Fragestellungen ihrer Reihe nach im einzelnen erörtern.

3.1.1 Die Problematik der Übersetzung wird also zunächst sehr oft vom Gesichtspunkt der Einzelsprachen aus gestellt, d.h. als Problematik, die das Verhältnis Ausgangssprache – Zielsprache betreffen würde, womit auch die Übersetzungstheorie als ein Sonderfall der „Linguistik der Sprachen“, nämlich der konfrontativen Linguistik, angesehen wird. Insbesondere wird diese Problematik vom Gesichtspunkt der einzelsprachlichen Bedeutungen und ihres kontrastiven Vergleichs aus angegangen.

3.1.2 Zwar haben wir es dabei nicht mehr mit der älteren bzw. populären (von den guten Übersetzern übrigens nie geteilten) Auffassung zu tun, gemäß der die einzelsprachlichen Inhalte einfach die gleichen wären, wodurch die Übersetzung einer Ersetzung auf der Ausdrucksebene gleichkäme. Zumindest seit Schleiermacher weiß man auch reflektiert und explizite das, was die guten Übersetzer und die zwei- und mehrsprachigen Sprecher immer schon intuitiv gewußt haben, nämlich daß die Inhalte zweier verschiedener Sprachen – abgesehen vom terminologischen Wortschatz – oft nicht nur nicht in einem Verhältnis 1 zu 1 und nicht nur nicht in einem „rationalen“ Verhältnis vom Typ 1 zu 2 (bzw. 1 zu 3, 1 zu 4 usw.) – wie im Falle von engl. *to know* – frz. *savoir* / *connaître*, it. *scare* – dt. *Treppe* / *Leiter*, frz. *fleur* – dt. *Blume* / *Blüte* usw. –, sondern einfach in einem „irrationalen“ Verhältnis zueinander stecken, so daß gewisse Inhalte der Sprache A nur z.T. gewissen Inhalten der Sprache B entsprechen, die ihrerseits auch anderen Inhalten der Sprache A entsprechen, die wiederum auch anderen Inhalten der Sprache B entsprechen usw., so daß sehr viele Inhalte zweier Sprachen „inkommensurabel“ sind. Zugleich aber betrachtet man gerade diese Verschiedenheit der einzelsprachlichen Gestaltung der Bedeutungen als das Hauptproblem der Übersetzungstheorie bzw. als die Hauptschwierigkeit des Übersetzens, man fragt, wie man diesen oder jenen isolierten

(4) Assume-se uma invariância abstrata ideal para a tradução em si.

2.2 Como estes quatro questionamentos e, acima de tudo, aqueles que se lhes contrapõem estão relacionados entre si, será demonstrado em seguida. Para tanto passamos a esclarecer sequencialmente cada um deles.

3.1.1 A problemática da tradução costuma ser formulada sob a ótica de cada língua individual, isto é, como problemática concernente apenas à relação língua fonte – língua alvo, através do que também a teoria da tradução seria vista como caso especial da “linguística das línguas”, mais precisamente, da linguística comparada. A problemática é tematizada especialmente sob a ótica dos significados expressos por cada língua, mediante sua confrontação.

3.1.2 Neste caso, não se trata mais da velha, ou melhor, popular concepção, segundo a qual os conteúdos linguísticos simplesmente seriam os mesmos nas duas línguas (concepção esta, aliás, nunca partilhada pelos bons tradutores) e segundo a qual a tradução equivaleria a uma substituição no plano expressivo. Pelo menos desde Schleiermacher sabemos também, refletida e explicitamente, aquilo que os bons tradutores e os falantes de duas ou mais línguas já sabiam sempre intuitivamente, ou seja, que os conteúdos de duas línguas, exceto pelo vocabulário terminológico, muitas vezes, não estão entre si numa relação de 1 para 1, como sequer se encontram numa relação “racional” do tipo 1 para 2 (ou ainda 1 para 3, 1 para 4 etc.), como, por exemplo, *to know* (inglês) e *savoir/connaitre* (francês), *scala* (italiano) e *Treppe/Leiter* (alemão), *fleur* (francês) e *Blume/Blüte* (alemão) etc., mas simplesmente estão numa relação “irracional” um com o outro. Tanto é que alguns conteúdos da língua A só correspondem em parte aos conteúdos da língua B, os quais, por sua vez, também correspondem a outros conteúdos da língua A, os quais novamente correspondem a bem outros conteúdos da língua B e assim por diante, até o ponto em que muitos conteúdos de duas línguas sejam “incomensuráveis”. Ao mesmo tempo observa-se, porém, ser exatamente a discrepância na constituição dos significados de cada língua o problema principal da teoria da tradução, ou melhor, a dificuldade maior do traduzir. Pergunta-se como traduzimos uma expressão isolada “para o francês” ou “para o alemão”, falamos de “palavras intraduzíveis” como, por exemplo, *gemütlich*, *Leistung*, *Sehnsucht*, *gönnen* (do alemão), *saudade* (do português), e *dor* (do

Ausdruck „ins Französische“ oder „ins Deutsche“ übersetzt, man spricht von „unübersetzbaren Wörtern“ wie dt. *gemütlich*, *Leistung*, *Sehnsucht*, *gönnen*, port. *saudade*, rum. *dor*. Nun – in der Hinsicht, in der *gemütlich* „unübersetzbar“ ist, sind eigentlich fast alle Wörter des primären, nichtterminologischen Wortschatzes in nicht historisch oder kulturell eng zusammenhängenden Sprachen (und oft auch in diesen) „unübersetzbar“. Frz. *porter* kann man nicht in dieser Hinsicht ins Italienische „übersetzen“, da *porter* die Angabe einschließt, daß das sekundär Fortbewegte sich nicht zugleich selbsttätig fortbewegt, eine Angabe, die hingegen bei it. *portare* fehlt. Sp. *venir* („Bewegung in Richtung auf den Ort der 1. Person zu“) kann man nicht ins Italienische übersetzen (it. *venire* bedeutet Bewegung in Richtung auf den Ort der 1. und der 2. Person zu). Schw. *leka* kann nicht ins Deutsche „übersetzt“ werden, da das Deutsche das Spielen der Kinder nicht vom Spielen der Erwachsenen unterscheidet; man könnte es ins Italienische, besser gesagt, ins Toskanische „übersetzen“, da das Toskanische zufällig eine ähnliche Opposition wie *spela* / *leka* kennt (*giocare* / *baloccarsi*), aber auch in diesem Fall ist der Status der Opposition in den beiden Sprachen nicht völlig gleich. Der Fall der Wörter wie *gemütlich*, *Leistung* usw. ist nur insofern anders, als man es bei diesen Wörtern mit eindeutiger „Irrationalität“ bzw. mit einer höheren „Inkommensurabilität“ des Verhältnisses zu tun hat.

3.1.3 Die moderne Theorie der Übersetzung bemerkt hierzu (wie übrigens schon die ältere), daß „Wörter“ nicht übersetzt werden. Man weiß wohl, was damit gemeint und was daran richtig ist (vgl. w.u., 3.1.4.). Die Formulierung ist allerdings nicht besonders glücklich, denn einerseits werden in gewisser Hinsicht auch „Wörter“ übersetzt, andererseits werden aber in der Hinsicht, in der Wörter nicht übersetzt werden, auch Konstruktionen und Sätze nicht übersetzt. In dieser Hinsicht kann man auch einen so einfachen schwedischen Satz wie *Jag vet inte* z. B. ins Italienische nicht „übersetzen“, da der schwedische Satz eine besondere Art der Negierung enthält und das Italienische den Unterschied zwischen der Negierung mit *inte* und der Negierung mit *icke* bzw. mit *ej* nicht kennt. Ebenso entspricht schw. *tack så mycket* nicht dt. *danke sehr*, *besten Dank* usw.: Eine bessere Entsprechung wäre wohl it. *grazie tante*, was aber auch nicht genau das gleiche wie der schwedische Ausdruck bedeutet. Schw. *var så god* ist ebenfalls nicht „übersetzbar“ (die Entsprechungen wären z.B. dt. *bitte*, it. *per*

romeno). Agora, da mesma maneira como *gemütlich* é “intraduzível”, também o são quase todas as palavras do vocabulário básico, não-terminológico, de línguas que não possuem fortes relações históricas ou culturais, embora, muitas vezes, nem mesmo essa proximidade garanta o livre trânsito tradutório. A palavra francesa *porter* sob esta perspectiva não pode ser “traduzida” para o italiano, pois *porter* engloba a informação de que, o que se movimenta secundariamente, não se movimenta ao mesmo tempo espontaneamente, uma informação que, por sua vez, falta no italiano *portare*. O espanhol *venir* (“movimento em direção da localização da 1ª pessoa”) não se pode traduzir para o italiano (*venire* em italiano significa movimento em direção da localização da 1ª e da 2ª pessoa). A palavra sueca *leka* não pode ser “traduzida” para o alemão, já que brincar/jogar no alemão não faz diferença entre a criança que brinca e o adulto que joga. Poder-se-ia “traduzi-la” para o italiano, melhor dizendo, para o toscano, pois o toscano, por mera coincidência, possui uma oposição similar como *spela* / *leka*. Mas também neste caso o *status* da oposição nas duas línguas não é exatamente o mesmo. O caso de palavras como *gemütlich*, *Leistung* etc., só é diferente na medida em que nestas palavras se trata de uma inconfundível “irracionalidade”, ou melhor, de uma “incomensurabilidade” mais elevada da relação.

3.1.3 A moderna teoria da tradução com respeito a isto observa que “palavras” não são traduzidas. Aliás, isso também já dizia a teoria antiga. Bem se sabe o que se quer dizer com isto e o que é correto nesta afirmação (veja, para tanto, 3.1.4). Sem dúvida, a formulação não é muito feliz, pois, por um lado, de certo modo, também “palavras” são traduzidas. Assim, do mesmo modo como não se traduzem palavras, tampouco se traduzem expressões e sentenças. Sob essa perspectiva, não se pode “traduzir” para o italiano uma simples oração sueca como *Jag vet inte*, por exemplo, já que a mesma contém uma forma especial de negação e o italiano não conhece a diferença da negação com *inte* e da negação com *iche*, ou melhor, com *ej*. Assim também *tack så mycket* em sueco não corresponde ao *danke sehr* e *besten Dank* etc. em alemão: uma correspondência melhor seria, talvez, *grazie tante* do italiano, mas que, por sua vez, não significaria o mesmo que a expressão sueca. Igualmente “não-traduzível” é *var så god* em sueco (a correspondência seria, por exemplo, *bitte* (alemão), *per piacere*, *prego* (italiano), *por favor* (espanhol e português), os quais, por sua

piacere, prego, sp. por favor, die aber jeweils etwas anderes bedeuten); tosk. *Buona sera* kann man ins Deutsche trotz der Bedeutung der beiden Wörter nicht mit *Guten Abend* „übersetzen“, da die Toskaner schon nach 13 Uhr *Buona sera* sagen; und dt. *Guten Morgen* kann man ins Französische, Italienische oder Spanische gar nicht „übersetzen“, da die Bedeutungsentsprechungen *Bon matin, Buon mattino, Buena mañana* überhaupt nicht gesagt werden.

3.1.4 Ausgehend von einem so einfachen Beispiel wie dt. *Guten Morgen* kann man eindeutig feststellen, worin die Aufgabe der Übersetzung eigentlich besteht. Die Bedeutung -der einzelsprachliche Inhalt- des deutschen Ausdrucks entspricht sicherlich <<Bon matin>>, <<Buon mattino>>, <<Buena mañana>>, seine richtige Übersetzung ist jedoch *Bonjour, Buon giorno, Buen día (Buenos días)*, d. h. nicht anders als für Guten Tag. Es geht also nicht einfach darum, daß „Wörter“ nicht übersetzt werden. Man muß vielmehr sagen, daß einzelsprachliche Inhalte als solche nicht „übersetzt“ werden; mehr noch: daß die Übersetzung überhaupt nicht die Ebene der Einzelsprachen, sondern die Ebene der Texte betrifft (auch *Guten Tag* ist ein „Text“). Nur Texte werden übersetzt; und die Texte werden nicht mit sprachlichen Mitteln allein erzeugt, sondern zugleich, in verschiedenem Maß, auch mit Hilfe von außersprachlichen Mitteln. Dies ist das Grundprinzip, von dem alles übrige bei der Übersetzung (und daher auch in der Übersetzungstheorie) abhängt.

3.2.1 Es geht in der Übersetzung darum, „einen gleichen Textinhalt“ in verschiedenen Sprachen auszudrücken. Da nun die einzelsprachlichen Inhalte verschieden sind, der „übersetzte“ Inhalt aber „der gleiche“ sein muß, kann dieser Inhalt auch nicht einzelsprachlich, sondern nur übereinzelsprachlich sein.

3.2.2 Welches ist aber dieser „übereinzelsprachliche“ Inhalt, wenn er gerade nicht die einzelsprachliche Bedeutung sein kann? Man muß drei Hauptarten des sprachlichen Inhalts unterscheiden: Bezeichnung, Bedeutung und Sinn.

Die Bedeutung ist der jeweils einzelsprachlich – und zwar ausschließlich durch die Einzelsprache als solche – gegebene Inhalt. Die Bezeichnung hingegen ist der Bezug auf die außersprachliche „Sache“, auf den außersprachlichen „Sachverhalt“ oder „Tatbestand“ bzw. das außerprachlich Gemeinte selbst. Die Bezeichnung ist zwar nur über sprachliche Bedeutungen erreichbar, sie fällt aber keineswegs mit der

vez, também significam algo um pouco diferente). *Buena sera* em toscano não se pode “traduzir” para *Guten Abend* em alemão apesar do significado das duas palavras, visto que os toscanos já a utilizam depois das 13 horas. Já *Guten Morgen* do alemão não se pode “traduzir” de modo algum para o francês, para o italiano ou para o espanhol, pois as correspondências semânticas *Bon matin*, *Buon mattino*, *Buena mañana* simplesmente não são ditas nestas línguas.

3.1.4 Partindo-se de um exemplo tão simples como *Guten Morgen* em alemão pode-se constatar, indubitavelmente, no que afinal consiste a tarefa da tradução. A referência da expressão alemã, ou seja, o conteúdo da língua individual corresponde certamente a “*Bon matin*”, “*Buon mattino*”, “*Buena mañana*”, entretanto, sua correta tradução é *Bonjour*, *Buon giorno*, *Buen día* (*Buenos días*), quer dizer, não diferente do que para *Guten Tag* do alemão. Não se trata, portanto, simplesmente do fato de que “palavras” não são traduzidas. Devemos, sim, dizer que conteúdos linguísticos de uma língua individual não são traduzidos como tais. Ou mais ainda, que a tradução nem diz respeito ao nível da língua individual, mas sim que ela diz respeito ao nível do texto (também *Boa tarde* é um “texto”). Somente textos são traduzidos e estes são gerados não apenas com meios linguísticos, mas, em diferentes medidas, também com o auxílio de meios extra-linguísticos. Este é o princípio fundamental do qual dependem todos os demais aspectos da tradução, assim como de sua abordagem teórica.

3.2.1 Na tradução trata-se de expressar “um mesmo conteúdo textual” em diferentes línguas. Mas como os conteúdos linguísticos das línguas individuais são diferentes e o conteúdo “traduzido” precisa, no entanto, ser “igual”, este conteúdo também não pode ser monolingual (“*einzel sprachlich*”), mas sim somente “supra-idiomático” (“*übereinzelsprachlich*”).

3.2.2 Qual é, no entanto, este conteúdo “supra-idiomático” se ele não pode ser o significado linguístico individual? Deve-se diferenciar três tipos de conteúdo linguístico: “designação”, “significado” e “sentido”.

O significado é o conteúdo dado pela própria língua, ou seja, exclusivamente dado por ela como tal. A designação, por sua vez, é a relação com o estado de coisas ou o fato extra-linguístico, ou ainda, com o intencionado extra-linguístico em si. Embora a designação só possa ser obtida através de significados linguísticos, ela não coincide,

Bedeutung zusammen. So sind z.B. dt. *bringen*, frz. *apporter*, sp. *traer*, it. *portare* verschiedene Bedeutungen, die nur durch die betreffenden semantischen Oppositionen in der jeweiligen Sprache abgrenzbar sind; sie können aber in bestimmten Situationen genau das gleiche bezeichnen; ebenso it. *scala* und dt. *Treppe*. Oder, was die „Sachverhalte“ oder „Tatbestände“ betrifft: Die Tatsache, daß das Wasser beim Baden in einem Fluß, in einem See oder im Meer relativ seicht ist, bezeichnet man im Deutschen mit *Hier kann man stehen*, im Spanischen mit *Aquí se hace pie* (wörtlich: „Hier tut man Fuß“), im Italienischen mit *Qui si tocca* (wörtlich: „Hier berührt man“), d.h. über völlig verschiedene Bedeutungen; die Tatsache, daß die Größe zweier Gegenstände A und B verschieden ist, bezeichnet man in gewissen Sprachen mit „A ist größer als B“, in anderen Sprachen mit „A übertrifft B an Größe“ (bzw. „A ist groß, es übertrifft B“) und in wieder anderen Sprachen einfach mit „A ist groß, B ist klein“. Ebenso, oft, in ein und derselben Sprache: cf. *La porte est ouverte* ~ *La porte n'est pas fermée*, *Er schwieg* ~ *Er sagte nichts*, *Caesar Pompeium vicit* ~ *Pompeius a Caesare victus est*.

Der Sinn ist der besondere Inhalt eines Textes oder einer Texteinheit, soweit dieser Inhalt nicht mit der Bedeutung und mit der Bezeichnung zusammenfällt. So z. B. kann der Sinn von *Sokrates ist sterblich* in einem Syllogismus „Was für die ganze Klasse gilt, gilt notwendigerweise für jedes Glied dieser Klasse“ sein („Sokrates“ ist hier nur ein Beispiel, und das Beispiel könnte auch ein völlig anderes sein); in einer Situation des praktischen Lebens kann derselbe Ausdruck z. B. den Sinn „Mahnung an Xanthippe“ haben und in einem Gedicht den Sinn eines dichterischen Symbols für die Sterblichkeit und Ohnmacht des Menschen. Sinn in sprachlicher Hinsicht gibt es nur in Texten; der Sinn ist aber grundsätzlich und weitgehend auch auf andere, nicht sprachliche Ausdrucksweisen übertragbar (so z. B. könnten ein Roman und ein Film etwa den gleichen Gesamtsinn haben). Frage, Antwort, Aufforderung, Feststellung, Einwand, Zurückweisung, Erwiderung, Bitte, Befehl, Beispiel, Unterstellung, Anrede, Gruß usw. sind Kategorien des Sinnes und dadurch der Texte.

3.2.3 Die Aufgabe der Übersetzung ist es nun, in sprachlicher Hinsicht, nicht die gleiche Bedeutung, sondern die gleiche Bezeichnung und den gleichen Sinn durch die Mittel (d. h. eigentlich durch die Bedeutungen) einer anderen Sprache wiederzugeben.

de modo algum, com o próprio significado. Desse modo, por exemplo, *bringen* do alemão, *apporter* do francês, *traer* do espanhol e *portare* do italiano são significados diferentes que só podem ser delimitados através de oposições semânticas próprias na respectiva língua; mas que em situações específicas podem designar exatamente o mesmo, como *scala* em italiano e *Treppe* em alemão. Ou, no que se refere a uma situação: o fato de que rios, lagos e mares possam “dar pé” é dito em alemão com *Hier kann man stehen*, no espanhol com *Aqui se hace pié* (literalmente: Aqui se faz pé), no italiano com *Qui se tocca* (literalmente: Aqui se toca), quer dizer, através de significados totalmente diferentes. O fato do tamanho de dois objetos A e B ser diferente designa-se em determinadas línguas com “A é maior que B”, em outras com “A supera B em tamanho” (ou ainda “A é grande, ele supera B”), ao passo que em outras línguas se diz simplesmente “A é grande, B é pequeno”. Do mesmo modo, muitas vezes, no âmbito da própria língua, como, por exemplo, *La porte est ouverte ~ La porte n’est pas fermée*, *Er schwieg ~ Er sagte nichts*, *Caesar Pompeium vicit ~ Pompeius a Caesar victus est*.

O sentido é o conteúdo especial de um texto ou de uma unidade textual, na medida em que esse conteúdo não coincida com o significado e com a designação. Desse modo, por exemplo, o sentido de *Sócrates é mortal* pode ser um silogismo do tipo “o que vale para a classe como um todo, necessariamente vale para cada membro dessa classe” (“Sócrates” aqui é um mero exemplo, que poderia ser outro, totalmente distinto). Numa situação da vida prática a mesma expressão pode, por exemplo, ter o sentido “alerta à Xanthippe” (a esposa de Sócrates), e numa poesia, ter o sentido de um símbolo poético da mortalidade e da fragilidade do ser humano. O sentido, sob ponto de vista linguístico, só existe em textos; mas o sentido também pode ser fundamental e amplamente transferido para outros meios de expressão não-linguísticos (assim, por exemplo, um romance e um filme poderiam ter o mesmo sentido geral). Pergunta, resposta, comando, constatação, interpelação, recusa, réplica, pedido, ordem, exemplo, insinuação, invocação, cumprimento etc., são categorias do sentido e, portanto, dos textos.

3.2.3 É, portanto, tarefa da tradução, do ponto de vista linguístico, ao invés do mesmo significado ou da mesma designação reproduzir o mesmo sentido pelos meios (ou seja, com os significados) de outra língua.

3.3.1 Wir wollen dieses Problem zunächst von der Seite der Bezeichnung und des Unterschieds Bedeutung-Bezeichnung her betrachten. Das Problem beim Übersetzen ist in dieser Hinsicht das Problem der identischen Bezeichnung mit verschiedenen Sprachmitteln, d. h. nicht etwa „Wie übersetzt man diese oder jene Bedeutung dieser Sprache?“, sondern „Wie nennt man den gleichen Sachverhalt bzw. Tatbestand in einer anderen Sprache in der gleichen Situation?“. Der Übersetzer geht also zuerst (beim Verstehen der Bezeichnung im Originaltext) semasiologisch und dann (bei der Feststellung der Entsprechung in einer anderen Sprache) onomasiologisch vor. Übersetzung ist implizite Semasiologie und Onomasiologie, jedoch Semasiologie und Onomasiologie der Texte, nicht der Sprachen.

3.3.2 Dies schließt verschiedenes ein:

a) Wenn die Übersetzung (und zwar auch die „richtige“ Übersetzung) existiert, obwohl sie angeblich unmöglich ist, so kann dieser Widerspruch nur auf einer Verwechslung beruhen. In der Tat bezieht sich die Behauptung, die Übersetzung sei unmöglich – was zunächst unsere Unterscheidung betrifft –, auf die Bedeutung, die Feststellung ihrer Existenz hingegen, wenigstens implizite, auf die Bezeichnung. Eine Unmöglichkeit der Übersetzung besteht aber in dieser Hinsicht nicht, und sie mit Bezug auf die Bedeutungen zu vertreten ist sinnlos, da Bedeutungen gerade nicht übersetzt werden. Mehr noch: Sie dürfen nicht übersetzt werden, da die Aufgabe der Übersetzung eine völlig andere ist; sie können nicht übersetzt werden, weil sie per definitionem einzelsprachlich sind (weshalb sie auch nur „beschrieben“, d.h. analytisch erklärt werden können); und es ist nicht sinnvoll zu verlangen, daß sie als solche wiedergegeben werden: Eine italienische Erklärung der Bedeutung wie „Vengo in direzione al posto della prima persona“ für sp. *vengo* wäre in einer Übersetzung nicht nur höchst merkwürdig, sondern einfach absurd, da der gemeinte Sachverhalt im Italienischen nicht so, sondern einfach ebenfalls *vengo* genannt wird. Analytische Erklärungen der einzelsprachlichen Bedeutungen sind in einem Wörterbuch oder in einer kontrastiven Lexikologie am Platze; eine Übersetzung aber ist kein Wörterbuch und keine lexikologische Studie, sondern ein Sprechen mit einer anderen Sprache und mit einem vorgegebenen Inhalt. Die Bedeutungen der Ausgangssprache funktionieren dabei in der ersten, semasiologischen Phase; sobald aber das, was der Text bezeichnet,

3.3.1 Consideremos esse problema agora pelo lado da designação e à luz de nossa distinção entre significado e designação. Visto assim, o problema no processo tradutório é o problema da designação idêntica com diferentes meios linguísticos. Por exemplo, não se questiona “Como se traduz esse ou aquele significado nesta língua?”, mas sim, “Como chamamos a mesma situação (melhor dizendo, o mesmo fato) numa outra língua, na mesma situação de ocorrência?”. O tradutor procede, pois, primeiro semasiologicamente (na compreensão da designação do texto original) e depois onomasiologicamente (na constatação da correspondência na outra língua). A tradução compreende essas duas dimensões implicitamente. É, porém, semasiologia e onomasiologia de textos, não de línguas.

3.3.2 Isto encerra em si vários aspectos:

a) Se existe a tradução (assim como a tradução “correta”), a despeito de sua alegada impossibilidade, nesta contradição só pode residir um engano. Na verdade – no que concerne a distinção que estabelecemos –, a afirmação de que a tradução seria impossível se refere ao significado, enquanto a comprovação de sua existência diz respeito, ao menos implicitamente, à sua designação. Porém, a idéia de impossibilidade da tradução não se sustenta nesta perspectiva, e defendê-la com relação aos significados não tem sentido, pois justamente significados não são traduzidos. Mais ainda: eles não devem ser traduzidos, exatamente por ser a tarefa da tradução de natureza totalmente diferente; eles não podem ser traduzidos, pois significados, por definição, são próprios de uma língua individual (é por isso que eles só podem ser “descritos”, quer dizer, só podem ser explicados analiticamente). E não tem sentido exigir que os mesmos sejam reproduzidos como tais. Uma explicação em italiano do significado como, por exemplo, “*Vengo in direzione al posto della prima persona*” para *vengo* em espanhol não seria só extremamente estranha numa tradução, como até absurda, já que esta situação em italiano não é assim denominado, mas, simplesmente, se dirá: *vengo*. As explicações analíticas dos significados de uma língua particular têm o seu lugar num dicionário ou numa lexicologia contrastiva, mas uma tradução não é um dicionário e nem um estudo lexicológico. Ela é, sim, um falar com uma língua diferente e com um conteúdo pré-determinado. Os significados da língua de partida funcionam na primeira fase, a semasiológica. Tão logo se tenha entendido o que o texto designa, eles

verstanden worden ist, werden sie ausgeklammert, denn in der zweiten, der onomasiologischen Phase – d. h. im eigentlichen Übersetzungsprozeß – geht es darum, Bedeutungen der Zielsprache zu finden, die das gleiche bezeichnen können:

Bed. 1

Bed. 2

o

Bezeichnung

Von Bed.1 zu Bed. 2 führt keine direkte Linie: In der semasiologischen Phase verhält sich der Übersetzer wie ein Sprecher der Ausgangssprache, der einen Text versteht („dekodiert“), in der onomasiologischen Phase wie ein Sprecher der Zielsprache, der einen Text erzeugt („enkodiert“), mit dem einzigen Unterschied, daß ihm der auszudrückende Inhalt bis in die Einzelheiten vorgegeben ist. Außerdem funktionieren die einzelsprachlichen Bedeutungen im Text nicht als solche, sondern nur als „Varianten“ (als Bedeutungseinheiten können sie nämlich nur aus vielen verschiedenen Redakten oder, auf der Ebene der Sprache selbst, durch die Kommutationsprobe ermittelt werden), und sie gehören nicht zum mitgeteilten Inhalt des Textes: Sie sind vielmehr Instrumente zur Mitteilung dieses Inhalts. Durch die Bedeutung werden Sachverhalte bzw. Tatbestände bezeichnet: Man spricht mittels der Bedeutungen, man teilt nicht Bedeutungen mit (es sei denn, daß sie gerade das Bezeichnete sind; cf. 4.2.1). Der mitgeteilte Textinhalt besteht ausschließlich aus Bezeichnung und Sinn.

b) In der Übersetzung geht es folglich an erster Stelle um Äquivalenzen in der Bezeichnung. Das Verhältnis zwischen den daran beteiligten Bedeutungen der Ausgangssprache und der Zielsprache ist dabei nur ein indirektes: Es wird nicht, wie in der kontrastiven Linguistik, auf der Ebene der Bedeutungen selbst hergestellt, sondern es besteht nur insoweit, als analoge oder verschiedene Bedeutungen dieser Sprachen sich einander in der Bezeichnung „entsprechen“, d. h. in der Bezeichnung (regelmäßig, oder meist, oder auch nur in bestimmten Fällen) zusammenfallen können.

c) Da es sich außerdem um Äquivalenzen in bestimmten Situationen und Kontexten handelt, muß man bei der Feststellung der Entsprechungen zwischen Bedeutung und Verwendung der Bedeu-

são excluídos, pois na segunda fase, a onomasiológica – ou seja, no processo tradutório em si –, trata-se de encontrar significados na língua de chegada que possam designar a mesma coisa:

Significado 1

Significado 2

o

Designação

Do significado 1 para o significado 2 não segue uma linha direta: na fase semasiológica o tradutor se comporta como um falante da língua de saída, o qual entende (“decodifica”) um texto. Já na fase onomasiológica ele se comporta como um falante da língua de chegada, o qual produz (“codifica”) um texto, com a única diferença que o conteúdo a ser expresso é pré-determinado, inclusive em seus pormenores. Além disso, em um texto, os significados de uma língua individual não funcionam como tais, mas sim, somente como “variantes” (pois, como unidades de significação eles só podem ser verificados pela prova da comutação a partir de múltiplos e diferentes atos de fala, ou seja, no plano da língua em si) e eles não pertencem ao conteúdo comunicado do texto. Eles são, muito mais, instrumentos para a comunicação deste conteúdo. Através dos significados são designados fatos, ou melhor, situações reais. Fala-se por intermédio de significados, mas não se comunica significados (exceto se eles próprios forem o designado; conforme 4.2.1). O conteúdo textual comunicado consiste exclusivamente de designação e sentido.

b) Na tradução, por conseguinte, trata-se em primeiro lugar de equivalências na designação. A relação entre os significados da língua fonte e da língua alvo é, portanto, uma relação indireta. Ao contrário do que acontece na linguística comparada, a relação não é estabelecida no nível dos significados em si, mas sim, ela só existe até certo limite, onde significados análogos ou diferentes destas línguas se correspondam mutuamente na designação, quer dizer, na medida em que possam coexistir na designação (regularmente, ou quase sempre, ou somente em alguns casos).

c) Como, além disso, se trata de equivalências em situações e contextos específicos, deve-se, na verificação das correspondências,

tung unterscheiden, da auch oppositiv analoge Bedeutungen in verschiedenen Sprachen auf verschiedene Weise verwendet werden können. So z. B. entspricht dt. *Keine Ursache* (als Antwort auf ein *Danke*) im Französischen nicht **Aucune cause* und im Italienischen nicht **Nessuna causa*, sondern *Pas de quoi* und *Non c'è di che* (oder: *Ma Le pare?*); *Kein Eingang* (auf einem Schild) ist nicht **Aucune entrée*, **Nessuna entrata*, sondern *Défense d'entrer*, *Proibito* (*Vietato*) *entrare* u. ä.; für dt. *Schade!* hat man im Französischen eine analoge Bedeutung (*Dommage!*), im Englischen und im Spanischen hingegen die Bedeutung (etwa) „Mitleid“ (*What a pity!*; *Qué lástima!*), im Portugiesischen die Bedeutung „Schmerz“ (*Que pena!*) und im Italienischen und Rumänischen die Bedeutung „Sünde“ (*Che peccato!*, *Ce pacat!*); dt. *betrügen* entspricht auf der Ebene der Bedeutungen it. *ingannare*, für *Seine Frau betrügt ihn* wird aber im Italienischen *Sua moglie lo tradisce* gesagt, da das Italienische in diesem Fall nicht die Bedeutung „betrügen“, sondern die Bedeutung „verraten“ verwendet. Auch bei grundsätzlich ohne weiteres verwendbaren Entsprechungen muß man in verschiedenen Sprachen mit der Bevorzugung der einen oder der anderen Entsprechung rechnen; so z. B. wird man für dt. *Natürlich* im Italienischen und im Spanischen oft nicht das zwar mögliche *Naturalmente*, sondern z. B. *Si capisce che* bzw. *Claro que está* (oder *Desde luego*) finden und für dt. *Es ist rutschig* im Italienischen nicht das mögliche *È scivoloso*, sondern *Si scivola*. Man kann in dieser Hinsicht eine sehr weite Kasuistik aufstellen, die bis zur auf den ersten Blick unmotivierten Bevorzugung einer bestimmten Wortfolge geht; cf. dt. *schwarzweiß*, frz. *noir et blanc* gegenüber it. *bianco e nero*, sp. *blanco y negro*, rum. *alb si negru*.

d) Die in einem Text bezeichneten Tatbestände brauchen selbstverständlich nicht auch in der Zielsprache schon benannte Tatbestände zu sein. Das gleiche gilt für die entsprechenden Situationen, denn es handelt sich in der Übersetzung natürlich nicht nur um in den entsprechenden Sprachgemeinschaften übliche Situationen (wie etwa im Falle des Schildes mit *Kein Eingang*). Wichtig ist vielmehr, daß man in den beiden Sprachgemeinschaften die Bestandteile der gemeinten Tatbestände kennt und sie in den beiden Sprachen bezeichnen, daß man analoge Situationen mit den Mitteln der beiden Sprachen konstruieren kann. So ist nicht gerade üblich, daß sich ein Reisender (ein Handelsvertreter), 'in ein ungeheueres Ungeziefer'

diferenciar entre significado e utilização de significado, já que significados análogos (quanto a seus aspectos distintivos) podem ser utilizados de diversas maneiras nas diferentes línguas. Assim, por exemplo, *Keine Ursache* do alemão (como resposta a um *Danke*) não é **Aucune cause* no francês, nem **Nessuna causa* no italiano, mas sim, *Pas de quoi* e *Non c'è di che* (ou: *Ma Le pare?*). Igualmente *Kein Eingang* (numa placa) não é **Aucune entrée*, **Nessuna entrata*, mas sim, *Défense d'entrer*, *Proibito* (*Vietato*) *entrare* ou algo similar. Para *Schade!* em alemão temos em francês um significado análogo (*Dommage!*), no inglês e no espanhol por sua vez, mais ou menos o significado “dó” (*What a pity!*, *¡ Qué lástima!*); já no português a referência “dor” (*Que pena!*) e no italiano e romeno o significado “pecado” (*Che peccato!*, *Ce pacat!*). *Betrügen*, em alemão, corresponde, no nível do significado, ao *ingannare* (italiano). Para *Seine Frau betrügt ihn*, diz-se, no entanto, *Sua moglie lo tradisce*, o que, neste caso, não corresponde ao significado de “*betrügen*”, mas sim ao significado de “*verraten*”. Também em situações onde as correspondências são basicamente idênticas, em muitas línguas deve-se favorecer uma em detrimento a outra. Assim, por exemplo, para *Natürlich* em alemão muitas vezes não vai se encontrar o também possível *Naturalmente* em italiano ou espanhol, mas sim, por exemplo, *Si capisce che* e *Claro que está* (ou *Desde luego*). E para *Es ist rutschig* em alemão, não se usa o também possível *È scivoloso*, mas sim, *Si scivola*. Sob esta perspectiva pode-se estabelecer uma ampla casuística, que vai até uma preferência, à primeira vista desmotivada, de uma determinada sequência de palavras. Vejamos o exemplo: *schwarzweib* em alemão e *noir et blanc* em francês, em contraposição ao *bianco e nero* em italiano, *blanco y negro* em espanhol e *alb si negru* em romeno.

d) Os fatos designados em um texto não precisam, evidentemente, serem fatos já nomeados na língua de chegada. O mesmo vale para as situações, pois nas traduções não se trata apenas das habituais situações das comunidades linguísticas correspondentes (como no caso da placa *Kein Eingang*). Muito mais importante é que se conheçam, nas duas línguas, os constituintes dos fatos intencionados e que se designe os mesmos nas duas línguas, a fim de que se possa construir situações análogas com meios de ambas as línguas. Não é, portanto, costume que um viajante (um representante) se transforme num “inseto

verwandelt, auch wenn er Gregor Samsa heißt; aber man kann sich vorstellen, was damit gemeint ist, wenn man die Begriffe „Reisender“, „Ungeziefer“, „sich verwandeln“ usw. hat. In dem Maß, in dem auch Bestandteile eines Tatbestandes in einer Sprachgemeinschaft unbekannt sind und in der entsprechenden Sprache über keine Bezeichnung verfügen, sind die betreffenden Texte nicht im eigentlichen Sinne übersetzbar (cf. w. u., f).

e) Auch Wörter werden übersetzt in dem Maße, in dem sie zur Bezeichnung beitragen. Nur können sie in vielen Fällen nicht bzw. sie dürfen nicht übersetzt werden, wenn die gleiche Bezeichnung vermittelt werden soll.

f) Die Verschiedenheit der einzelsprachlichen Bedeutungen, d.h. die verschiedene Gestaltung der Wirklichkeit durch die Einzelsprachen, ist nicht, wie man so oft meint, das Problem par excellence der Übersetzung, sondern vielmehr ihre Voraussetzung, die Bedingung ihrer Existenz: Gerade deshalb gibt es Übersetzung und nicht nur bloße Ersetzung auf der Ausdrucksebene. Auch stellt die Verschiedenheit der einzelsprachlichen Bedeutungen an sich keine rationale Grenze für die Übersetzbarkeit dar, da die Übersetzung per definitionem gleiche Bezeichnung mittels grundsätzlich verschiedener Bedeutungen ist. Natürlich liegt in der Verschiedenheit der einzelsprachlichen Bedeutungen ein wichtiges Problem für die Übersetzungspraxis, da die Äquivalenzen in der Bezeichnung meist von Fall zu Fall ermittelt werden müssen und die Hilfsmittel, über die die Übersetzer dafür verfügen (insbesondere die zweisprachigen Wörterbücher), in dieser Hinsicht sehr unvollkommen sind (mehr hat auf diesem Gebiet in letzter Zeit die sog. « *stylistique comparée* » geleistet). Es handelt sich aber dabei um ein empirisches Problem. In theoretischer Hinsicht besteht hingegen das Problem nur, wenn eine Sprache für eine bestimmte Bezeichnung überhaupt keine Bedeutung hat, d. h. wenn sie eine bestimmte Realität überhaupt nicht gestaltet, denn in diesem Fall ist die Übersetzung tatsächlich im eigentlichen Sinne unmöglich (so im oft angeführten Falle des „Schnees“ in den Sprachen vieler Sprachgemeinschaften, die den Schnee überhaupt nicht kennen). Aber gerade dieser Fall bereitet der Übersetzungspraxis (dem Übersetzen; cf. 5.1.) keine besonderen Schwierigkeiten: Bei bisher unbekannten Bezeichnungen (in der Zielsprache noch nicht benannten „Realitäten“) verfahren die Übersetzer wie die Sprecher im all-

monstruoso”, mesmo que ele se chame Gregor Samsa. Mas que se possa imaginar o que se intenciona com isso, caso se possua os conceitos “viajante”, “inseto”, “se transformar” etc. Na medida em que numa determinada língua não são conhecidos os constituintes de um fato e que não se disponha de uma designação para os mesmos na língua correspondente, também os respectivos textos não são traduzíveis em seu sentido próprio.

e) Também palavras são traduzidas, na medida em que elas contribuam para a designação. Em muitos casos, porém, elas não podem, ou melhor, não devem ser traduzidas, caso se deseje mediar a mesma designação.

f) A diferença nos significados de uma língua, quer dizer, a constituição diferenciada da realidade através das línguas individuais não é, como muitas vezes se pensa, o problema *par excellence* na tradução, mas sim, muito mais, seu pressuposto, a condição para a sua existência: exatamente por isso existe a tradução e não apenas uma simples substituição no nível da expressão. Também a diferença nos significados das línguas individuais não estabelece uma barreira racional para a traduzibilidade, já que a tradução é, por definição, designação igual por intermédio de significados fundamentalmente diferentes. Naturalmente, um importante problema na prática tradutória se situa na diferença dos significados das línguas individuais, pois as equivalências na designação devem, na maioria das vezes, ser verificadas de caso a caso e as ferramentas de que o tradutor dispõe para tanto (especialmente os dicionários bilíngues), neste ponto, são bastante incompletas (neste campo, ultimamente, a “*stylistique comparée*” tem desempenhado um papel melhor). Trata-se aqui, porém, de um problema empírico¹. Sob ponto de vista teórico, o problema só existe se uma língua nem possui um significado para uma determinada designação, quer dizer, se ela nem constitui uma determinada realidade, pois, neste caso, a tradução em seu sentido próprio realmente é impossível (assim é o caso do sempre citado exemplo “neve” em muitas comunidades linguísticas, que nem conhecem neve). Mas justamente esse caso não oferece dificuldade especial alguma à prática tradutória (à tradução, conforme 5.1). Nas designações até então desconhecidas (na língua alvo ainda não nomeadas “realidades”) os tradutores se comportam como os falantes em geral, quer dizer, eles se valem exatamente dos mesmos recursos

gemeinen, d. h., sie wenden dafür eben die gleichen Verfahren an, die die Sprecher einer Sprache in solchen Fällen anwenden: Übernahme von Ausdrücken aus der Ausgangssprache, Bedeutungsanpassung („Lehnübersetzung“), Schaffen von neuen Ausdrücken und Bedeutungen mit einheimischen Mitteln.

3.4.1 Andererseits aber funktionieren die Texte, wie schon w. o. angedeutet, nicht nur durch ihren sprachlichen Gehalt, sondern auch durch ihren impliziten Bezug auf allgemeingültige Denkprinzipien, auf die allgemeine „Kenntnis der Sachen“, auf Vorstellungen und Meinungen in bezug auf die „Sachen“ sowie auf allerlei außer-sprachliche Kontexte (cf. Coseriu 1955-1956, insb. 49 f.). Außerdem können sich Texte auf andere in der entsprechenden Sprachgemeinschaft bekannte Texte beziehen. Schließlich kann in Texten die Sprache selbst nicht nur als Zeichensystem, sondern auch als „Realität“ verwendet werden (cf. 4.2).

Dies alles bestimmt schon die Bezeichnung (so sind z. B. *die Sonne*, *der Mond* auch ohne weitere Determination eindeutige individuelle Bezeichnungen, weil wir in unserem „natürlichen Kontext“ nur eine Sonne und nur einen Mond kennen), es trägt aber vor allem zum Sinn der Texte bei. Wenn man eine Erzählung liest, die folgendermaßen anfängt: „Der fünfte Mond stand schon am Himmel. Bang Tronk öffnete plötzlich seine zweiundzwanzig Augen und erstreckte, einen nach dem anderen, seine sechs Arme“, versteht man sogleich durch die allgemeine Kenntnis der Sachen und ohne daß dies ausdrücklich angegeben wird, daß es sich um ein „Phantasiestück“ handelt, daß sich die entsprechende Handlung nicht auf der Erde abspielt und daß Bang Tronk kein menschliches Wesen ist, zumindest kein irdisches.

3.4.2 In allen Fällen nun, in welchen die außer-sprachlichen, an der Erzeugung des Textes implizite beteiligten Mittel allgemein (für alle Menschen) gelten, werden sie auch für die Übersetzung stillschweigend vorausgesetzt. Sobald aber diese Mittel nur eine begrenzte Gültigkeit haben oder die Sprache des Originaltextes darin nicht nur als rein instrumentales Bezeichnungssystem funktioniert (und beides ist sehr oft der Fall), kann beim Übersetzen ein Konflikt zwischen Bezeichnung und Sinn entstehen. Dies geschieht insbesondere in zwei Fällen: a) wenn die bezeichneten Sachen selbst ihrerseits in den entsprechenden Sprachgemeinschaften auf verschiedene Weise symbolisch funktionieren und b) wenn einzelsprachliche Fakten im

dos quais se valem os falantes de uma língua nesses casos, ou seja, do empréstimo das expressões da língua de saída, adaptação do significado, estabelecimento de novas expressões e significados com meios da própria língua.

3.4.1 Mas por outro lado, como já aludido anteriormente, os textos funcionam não só pelo seu conteúdo linguístico, mas também pela sua relação implícita com os princípios universais do pensamento, com o “conhecimento geral das coisas”, com as imaginações e opiniões em relação às “coisas”, como também com os mais variados contextos extra-linguísticos (conforme Coseriu 1955-1956, especialmente 49s.). Além disso, os textos podem se referir a outros textos na respectiva comunidade linguística. Afinal, nos textos a língua em si pode ser utilizada não só como sistema de signos, mas também como “realidade” (conforme 4.2).

Tudo isso já é determinado pela designação (assim, por exemplo, *o sol*, *a lua*, sem qualquer outra especificação, são designações individuais inequívocas, pois em nosso “contexto natural” só conhecemos um sol e uma lua), mas, acima de tudo, isso contribui para o sentido dos textos. Quando lemos um conto que começa da seguinte forma: “A quinta lua já estava no céu. Bank Tronk repentinamente abriu seus vinte e dois olhos e esticou cada um de seus seis braços”, entendemos imediatamente, pelo conhecimento geral das coisas, e sem que isso esteja especificamente expresso, de que se trata de uma obra “fantasiosa”, que a ação correspondente não transcorre na terra e que Bank Tronk não é um ser humano, pelo menos não um terráquio.

3.4.2 Portanto, em todas as situações nas quais os meios extra-linguísticos implícitos na constituição do texto possuem valor geral (válido para todos os homens), os mesmos também serão pressupostos implícitos na tradução. Mas, na medida em que esses meios passarem a ter validade limitada ou que a língua do texto original não funcione nele como sistema de designação puramente instrumental (e essas duas coisas ocorrem muitas vezes), pode ocorrer um conflito entre designação e sentido na tradução. Isso acontece particularmente em dois casos: a) quando as próprias coisas designadas dentro da comunidade linguística funcionam simbolicamente de modo variado, e b) quando fatos linguísticos de uma língua particular no texto original não possuem somente uma função designada, mas, ao mesmo tempo,

Originaltext nicht nur eine bezeichnende, sondern zugleich eine direkt symbolisierende Funktion haben. So z. B. wird Schwarz in vielen Gemeinschaften mit Tod, Trauer, traurigen Gefühlen assoziiert, Weiß hingegen mit fröhlichen, mit ruhiger und angenehmer Gesinnung; in gewissen Gemeinschaften ist es aber umgekehrt: Weiß gilt gerade als Farbe der Trauer. Ein Text wie: „Alles ist schwarz um mich. Schwarze Bäume, schwarze Vögel, schwarze Blumen, schwarze Wolken am Himmel“ wird deshalb in verschiedenen Sprachgemeinschaften nicht nur verschiedenen, sondern genau entgegengesetzten Sinn haben können, so daß man, wenn man auf dem Sinn besteht, wohl *schwarz* mit „weiß“, und umgekehrt, wird übersetzen müssen. Ebenso kann eine einzelsprachliche Kategorie, z. B. das grammatische Genus, zum Symbol des natürlichen Geschlechtes gemacht werden. In einem deutschen Märchen werden die Sonne als Frau und der Mond als Mann auftreten können, und in der Vorstellung der Deutschen ist der Tod ein Mann; anders hingegen in den romanischen Sprachgemeinschaften, da in den romanischen Sprachen das Wort für „Sonne“ ein Maskulinum ist und die Wörter für „Mond“ und „Tod“ Feminina sind.

3.4.3 In solchen Fällen wird sich der Übersetzer entweder für die Bezeichnung oder für den Sinn entscheiden müssen. Will er den Sinn beibehalten, wird er die Bezeichnung ändern müssen; will er hingegen die Bezeichnung beibehalten, wird er evtl. außerhalb der Übersetzung selbst (z.B. in einer Fußnote oder in einem erklärenden Kommentar) angeben müssen, daß die gleiche Bezeichnung in der dem Originaltext entsprechenden Sprachgemeinschaft einen anderen Sinn hat. Ebenso, wenn „Sachen“ oder sprachliche Fakten nur in der einen Sprachgemeinschaft auch symbolischen Wert haben, in der anderen aber keinen (die Ziege z. B. ist nicht überall Symbol für weibliche Dummheit).

4.1 Damit kommen wir zur zweiten Fragestellung. In einer sonst scharfsinnigen Schrift zur Übersetzungstheorie liest man, daß das deutsche Wort *Wald* ins Spanische nicht übersetzt werden kann, und zwar nicht deshalb, weil das Spanische *bosque* und *selva* unterscheidet, sondern deshalb, weil die Gefühle, die das Wort *Wald* bei den Deutschen auslöst, völlig anders seien als die Gefühle, die das Wort *bosque* bei den Spaniern hervorrufen kann. Nun ist dies – auch wenn man davon absieht, ob die gemeinten Gefühle für alle Deutschen und immer gelten, was keineswegs feststeht – in der Übersetzungstheorie eine typische, bedauerliche Verwechslung, denn es wird hier von der Über-

também uma função simbolizante. Assim, por exemplo, o preto em muitas comunidades é associado com morte, luto, sentimentos tristes; o branco, por sua vez, com sentimentos alegres, com aspectos calmos e agradáveis. Em outras comunidades ocorre bem o contrário: exatamente o branco vale como cor de luto. Um texto como: “Tudo é negro em torno de mim. Árvores negras, aves negras, flores negras, nuvens negras no céu” em muitas comunidades não só terá um sentido diferente, como este seria exatamente o contrário, de modo que, se quisermos mantê-lo igual, provavelmente, teremos que traduzir *preto* por “branco” e vice-versa. Do mesmo modo uma categoria gramatical de uma língua particular, como, por exemplo, o gênero, pode ser transformada em símbolo do gênero natural. Nos contos alemães o sol (*die Sonne*) poderá aparecer como mulher e a lua (*der Mond*) como homem, e na imaginação do alemão, a morte (*der Tod*) é um homem. O contrário acontece nas comunidades linguísticas de origem latina, tal como no português.

3.4.3 Nesses casos, cabe ao tradutor a opção pela designação ou pelo sentido. Caso queira manter o sentido, precisará mudar a designação; ao passo que se quiser manter a designação, terá que anotar, fora da tradução em si (por exemplo, em nota de rodapé ou em comentário), que a mesma designação, na comunidade linguística do texto original, possui um outro sentido. Do mesmo modo quando “coisas” ou fatos linguísticos numa determinada língua possuírem, ao mesmo tempo, também um valor simbólico, mas em outra, porém, não, como é o caso de *Ziege* (a cabra, por exemplo, não é em toda parte símbolo da estupidez feminina, como o é na comunidade linguística alemã).

4.1 Com isso chegamos ao segundo questionamento. Numa obra consagrada sobre teoria da tradução lê-se que a palavra alemã *Wald* não pode ser traduzida para o espanhol, não por este diferenciar *bosque* de *selva*, mas sim, porque *Wald* desperta nos alemães sentimentos completamente distintos daqueles que *bosque* desperta nos espanhóis. Mesmo que estes sentimentos intencionados a que aludimos valham para todos os alemães o tempo todo – o que está longe de ser uma regra –, isto, na teoria da tradução, constitui um típico e lamentável engano. Exige-se implicitamente da tradução, o que não se pode exigir, sequer, do discurso primeiro. Os sentimentos, se é que eles existem, não são resgatados pela palavra *Wald* como tal,

setzung implizite etwas verlangt, was man sinnvollerweise auch schon vom Sprechen schlechthin nicht verlangen kann. Die gemeinten Gefühle – soweit sie überhaupt bestehen – werden nämlich nicht durch das Wort Wald als solches, sondern durch die Wälder selbst als bezeichnete „Sache“ ausgelöst. Daß diese Gefühle nicht mitgeteilt werden, ist deshalb auch keine Unvollkommenheit der Übersetzung gegenüber den Originaltexten, sondern eine ihrer rationalen Grenzen, und zwar die hauptsächliche, eine Grenze, die aber für das Sprechen schlechthin gilt, das ja auch nicht als solches diese Gefühle bewirkt: Dafür sorgen die im Sprechen gemeinten oder vom Sprechen vorausgesetzten „Realia“. Die Übersetzung als rein sprachliche Technik betrifft aber nur die sprachlichen, nicht auch die außersprachlichen Mittel des Sprechens. Nicht all das in einem Text Gemeinte, sondern – abgesehen vom verschiedenen Ausmaß der in verschiedenen Sprachen üblichen bzw. notwendigen „Verbalisierung“ – nur das in diesem Text sprachlich Gesagte, d.h. das durch die Sprache in ihrer Zeichenfunktion Ausgedrückte, das „Verbalisierte“, ist in dieser Hinsicht Gegenstand der Übersetzung und kann grundsätzlich übersetzt werden. Die am Sprechen beteiligten „Realia“ kann man nicht übersetzen, weil sie eben nicht zum Gesagten gehören: Sie können nur angegeben oder beschrieben werden.

4.2.0 Ähnliches gilt auch für die Sprache selbst, soweit sie in den Texten nicht, oder nicht allein, in ihrer Zeichenfunktion, sondern ebenfalls als „Realität“ verwendet wird. Dabei muß man verschiedene Fälle unterscheiden:

4.2.1 Sprachliches kann zunächst in Texten als Gegenstand des Sprechens erscheinen, d.h. als die „Realität“, von der gesprochen wird. Dies geschieht im sog. „metasprachlichen“ Gebrauch der Sprache und stellt wohl den einfachsten Fall dar. In diesem Fall darf das Sprachliche nicht übersetzt werden, wenn die Bezeichnung erhalten bleiben soll: Es muß als „bezeichnete Realität“ in die Übersetzung übernommen werden. In einer klassischen englischen Übersetzung von Aristoteles' >De interpretatione< findet man gr. *τραγελαφος* mit *mermaid* „übersetzt“ in einem Kontext, in dem Aristoteles gerade vom Wort *τραγελαφος* als solchem spricht; dies ist nun keine getreue Übersetzung, sondern eine „Anpassung“.

4.2.2 Die Sprache kann mit bezeichnender und zugleich mit „symptomatischer“ (d. h. den Sprecher beschreibender bzw. charak-

mas sim por selvas/florestas em si como “coisas” designadas. O fato pelo qual esses sentimentos não são transmitidos não se constitui por isso numa incompletude da tradução em relação aos textos originais, mas sim, ele é um de seus limites racionais, ou melhor, ele é o mais importante dos limites. Um limite que, no mesmo sentido, vale também para a fala primeira, que tampouco suscita por si mesmo esses sentimentos: para tanto contribuem as *Realia* intencionadas na fala ou pressupostas por ela. A tradução como técnica puramente linguística concerne os meios linguísticos do falar, mas não também os extra-linguísticos. Não levando em consideração a extensão da “verbalização” usual e necessária nas diversas línguas, nem tudo o que é intencionado no texto, mas somente o que nesse texto é linguisticamente dito, quer dizer, aquilo que é expresso pela língua em sua função simbólica, o “verbalizado”, é, nesse aspecto, objeto da tradução e pode, efetivamente, ser traduzido. As “realidades” (*realia*) implicadas na fala não se pode traduzir. Elas só podem ser citadas ou descritas.

4.2.0 Algo similar pode ser dito da linguagem em si mesma, na medida em que nos textos ela não é – pelo menos não exclusivamente – empregada em sua função simbólica, mas como “realidade”. Neste aspecto devemos diferenciar diversos casos:

4.2.1 O linguístico pode, por sua vez, aparecer em textos como objeto da fala, quer dizer, como “realidade” de qual se fala. Isto acontece no assim chamado uso “metalinguístico” da língua e provavelmente constitui o caso mais simples. Nesse caso, o linguístico não deve ser traduzido, caso se queira manter a designação: na tradução ele deve ser assumido como “realidade designada”. Numa tradução inglesa clássica de Aristóteles “*De interpretatione*” encontramos o grego *τραγελαφος* “traduzido” por *mermaid* num contexto no qual Aristóteles fala justamente da palavra *τραγελαφος* como tal. Isso, portanto, não é uma tradução fiel, mas sim, uma “adaptação”.

4.2.2 A língua pode ser utilizada com função “designativa” e, ao mesmo tempo, com função “sintomática”. Num texto em alemão padrão um indivíduo pode, por exemplo, falar com sotaque da Baviera ou com nuances da Baviera. O que o indivíduo diz pode efetivamente ser traduzido, mas não o “bavariês” do seu falar. Mas esse “bavariês”, provavelmente, terá como tal uma função determinada no texto: exatamente aquela função que Hjelmslev chama

terisierender) Funktion verwendet werden. In einem hochdeutschen Text kann z.B. eine Gestalt bayerisch oder mit bayerischen Zügen sprechen. Das, was die Gestalt sagt, kann nun grundsätzlich übersetzt werden, nicht aber das „Bayerische“ ihres Sprechens. Das Bayerische hat aber womöglich gerade als solches im betreffenden Text eine bestimmte Funktion: die Funktion nämlich, die Hjelmslev „Konnotation“ nennt und die man besser „Evokation“ nennen könnte: Es ruft Assoziationen hervor, die man in der deutschen Sprachgemeinschaft mit den Bayern verbindet. Das gleiche gilt mutatis mutandis für die Sprachniveaus und die Sprachstile einer historischen Sprache (z. B. „Vulgärsprache“, „familiärer Stil“ usw.). In dieser Hinsicht ist keine Übersetzung, sondern nur eine Anpassung möglich: Wenn es für die Erhaltung des Sinnes gerade darauf ankommt, muß man in der Zielsprache z. B. eine Mundart wählen, die in der entsprechenden Sprachgemeinschaft das gleiche – oder mehr oder weniger Ähnliches – wie das Bayerische in der deutschen Sprachgemeinschaft evozieren kann. Inwiefern aber solche Anpassungen in der Praxis überhaupt möglich sind, hängt von der „diatopischen“ (mundartlichen), „diastratischen“ (soziokulturellen) und „diaphasischen“ (stilistischen) Gestaltung der jeweiligen Zielsprache und von den damit in der betreffenden Sprachgemeinschaft verbundenen Assoziationen ab.

4.2.3 Ferner kann das Sprachliche mit bezeichnender Funktion und zugleich – durch Klang, Rhythmus, Dimension und andere Eigenschaften – mit „malerischer“ (d. h. die bezeichnete Realität direkt darstellender) Funktion oder durch Homophonie bzw. phonische Ähnlichkeit mit intentioneller Mehrdeutigkeit (wie in vielen Wortspielen) verwendet werden. Auch in diesem Fall ist die Übersetzung im eigentlichen Sinne nur für die bezeichnende Funktion möglich, nicht aber für die „malerische“ Funktion bzw. für die Mehrdeutigkeit. Das „Malerische“ und die Mehrdeutigkeit können nur nachgeahmt werden, und oft ist die Nachahmung kaum möglich, wenn sowohl die Bezeichnung als auch der Sinn erhalten bleiben sollen, denn sie hängt davon ab, ob die Zielsprache ähnliche Ausdrücke wie die Ausgangssprache für die gleichen Bezeichnungen besitzt. Ein italienischer Werbetext für ein Getränk lautet *Chi beve Neri, Neri beve*, was auch als *Chi beve Neri, ne ribeve* interpretiert werden kann. Deutsche Übersetzungen wie, „Wer Neri trinkt, trinkt Neri“ oder „Wer Neri trinkt, trinkt es wieder“ bzw. „Wer einmal Neri trinkt, wird es wieder trinken“ wären natürlich sinnlos, denn in jedem Fall

de “conotação”, e que se poderia chamar melhor de “evocação”. Ele ativa associações, as quais, na comunidade linguística alemã, são relacionadas com os bávaros. O mesmo vale *mutatis mutandis* para os níveis e estilos linguísticos de uma língua histórica (por exemplo a “língua vulgar” e o “estilo familiar”). Nesse aspecto, não é possível uma tradução, mas somente uma adaptação: se for para manter o sentido, deve-se, por exemplo, escolher na língua de chegada um estilo de expressão que na comunidade linguística correspondente evoque o mesmo, ou pelo menos algo parecido, que o bávaro pode evocar na comunidade linguística alemã. Até que ponto uma adaptação dessa ordem é possível na prática vai depender da constituição dialetal (estilo de expressão), sociocultural e estilística da língua de chegada em questão e das associações relacionadas ao fato na respectiva comunidade linguística.

4.2.3 Além disso, o linguístico pode ser utilizado com função designativa e, ao mesmo tempo, através de sonoridade, ritmo, dimensão e outras particularidades, com função “pictural”/icônica (“*malerisch*”) (quer dizer, a realidade designada sendo diretamente representada), ou através de homofonia, ou melhor, similaridade fônica com ambiguidade intencional (tal qual nos jogos de palavras). Também nesse caso a tradução propriamente dita só é possível para a função designativa e não para função icônica ou para a ambiguidade. O icônico e a ambiguidade só podem ser imitados, e, muitas vezes, essa imitação é quase impossível, como nos casos em que tanto a designação quanto o sentido forem para ser mantidos, pois ela depende do fato de existirem, na língua de chegada, para as mesmas designações, expressões similares às da língua de saída. Um texto italiano de propaganda para bebida como *Chi beve Neri, Neri beve* pode ser interpretado também como *Chi beve Neri, ne ribeve*. Traduções alemãs como “*Wer Neri trinkt, trinkt Neri*” ou “*Wer Neri trinkt, trinkt es wieder*” ou melhor “*Wer Neri trinkt, wird es wieder trinken*” naturalmente seriam sem sentido, pois em qualquer um dos casos, só se teria a designação, e o sentido do jogo de palavras, o duplo sentido, se perderia.

4.2.4 Finalmente, a língua pode ser utilizada como língua primária com função de designação e, simultaneamente, como meta-língua. Esse é justamente o caso quando se fala com e ao mesmo tempo de determinadas oposições de uma língua, e com e ao mesmo tempo de

hätte man nur eine Bezeichnung, und der Sinn des Wortspiels, die Doppeldeutigkeit, ginge verloren.

4.2.4 Schließlich kann die Sprache zugleich als primäre Sprache mit Bezeichnungsfunktion und als Metasprache verwendet werden. Dies ist der Fall, wenn man gerade mit und zugleich von gewissen einzelsprachlichen Oppositionen, mit und zugleich von gewissen einzelsprachlichen Formen spricht. So z. B. kann man sp. *No lo trae sino que lo lleva* ins Italienische nicht getreu übersetzen, da das Italienische die Opposition nicht kennt; ebenso nicht sp. *Ganaréis pero no venceréis*, da das Italienische sowohl für „siegen“ als auch für „(eine Schlacht, einen Krieg) gewinnen“ *vincere* sagt. In solchen Fällen sind wohl analytische Erklärungen der einzelsprachlichen Bedeutungen (cf. 3.3.2. a)) oder wiederum Nachahmungen am Platze, und inwiefern dabei sowohl die Bezeichnung als auch der Sinn des Originaltextes in der Übersetzung erhalten bleiben können, ist meist unbestimmt. Trotzdem sind solche Fälle noch verhältnismäßig einfach: In Texten begegnet man oft noch viel komplizierteren Fällen.

4.3 Die eigentliche rationale Grenze der Übersetzung ist also nicht durch die Verschiedenheit der Sprachen, durch die Sprachen als Bezeichnungssysteme gegeben, sondern durch die in den Texten verwendete Realität (einschließlich der Sprache als „Realität“). Man darf es nochmals nachdrücklich betonen: Nur das „Gesagte“, nur die Sprache in ihrer Zeichenfunktion im strengen Sinne kann übersetzt werden, nicht aber die „außersprachlichen Realitäten“, die von den Texten vorausgesetzt werden, noch die in den Texten präsenten Realitäten, insoweit sie darin eben als Realitäten funktionieren.

5.1 Dies führt uns zur dritten Fragestellung. Wenn man die Übersetzung kritisch diskutiert und auf ihre Grenzen hinweist, meint man normalerweise die Übersetzung als rein sprachliche Technik; was man aber von ihr implizite verlangt, betrifft eigentlich nicht diese Technik (von der man eben sagt, daß sie dieses und jenes nicht leisten kann), sondern die Übersetzung als Tätigkeit der Übersetzer, von denen aber wiederum bemerkt wird, daß sie, wenigstens zum Teil, auch das leisten können, was die Übersetzung grundsätzlich nicht leisten kann. Der Widerspruch kann nur durch eine weitere Unterscheidung aufgehoben werden. Man muß eben zwischen der bisher behandelten Übersetzung als einzelsprachlich bezogener Technik, die wir hier konventionell Übertragung nennen wollen, und der tatsächlichen

determinadas formas dentro de uma língua. Assim, como ilustração, não se pode traduzir fielmente *No lo trae sino que lo lleva* do espanhol para o italiano, pois em italiano não se possui a oposição “traer”-“llevar”. Do mesmo modo *Ganaréis pero no venceréis*, pois no italiano *vincere* é utilizado tanto para “vencer” como para “ganhar”. Nesses casos pode-se unicamente recorrer a explicações analíticas (conforme 3.3.2 a), aptas para esclarecer, mas não reproduzir o sentido do que foi dito. De qualquer modo, muito dificilmente se poderá manter na tradução a designação e o sentido do texto original. Mesmo assim, esses casos ainda são relativamente simples: nos textos, muitas vezes, nos deparamos com situações bem mais complicadas.

4.3 Assim, o limite racional da tradução não é determinado pela diferença das línguas e pelas línguas como sistemas de designação, mas sim, pela “realidade” empregada nos textos (incluindo a “língua” como realidade). Podemos enfatizar mais uma vez: somente o “dito”, a língua em sua função significante, pode ser traduzido em sentido restrito, não, porém, as “realidades extra-linguísticas”, as quais são pressupostas pelos textos, nem tampouco as realidades presentes nos textos, na medida em que elas funcionem como tais.

5.1 Isso nos leva ao terceiro questionamento. Ao discutirmos a tradução criticamente, indicando seus limites, normalmente a consideramos como técnica puramente linguística. Mas o que exigimos dela implicitamente, na verdade, não diz respeito a essa técnica (da qual afinal se diz, não poder atender a isto ou aquilo), mas sim diz respeito à tradução como atividade dos tradutores. Porém destes, por sua vez, se exige que, pelo menos em parte, realizem também aquilo que a tradução em si fundamentalmente não pode fazer. A contradição aqui só pode ser desfeita mediante uma nova distinção. Devemos, pois, distinguir a tradução tratada como técnica concernente a uma língua individual, que queremos chamar aqui convencionalmente de “transposição” (*Übertragung*), da própria atividade do tradutor (também chamada de “tradução como arte”), que doravante chamaremos “traduzir”. A “transposição” é, nesse sentido, uma atividade puramente técnica: a técnica da constatação de “correspondências”, quer dizer, de equivalências na designação. O “traduzir”, por sua vez, é uma atividade complexa, que de longe não se consiste apenas de “transposição”, mas sim, em muitos casos, até pode ou até deve ser “não-transposição”. Aquilo que fundamen-

Tätigkeit der Übersetzer (auch „Übersetzung als Kunst“ genannt), die wir im folgenden Übersetzen nennen, unterscheiden. Die „Übertragung“ ist in diesem Sinne eine rein technische Tätigkeit: die Technik der Feststellung von „Entsprechungen“, d. h. von Äquivalenzen in der Bezeichnung; das „Übersetzen“ hingegen ist eine komplexe Tätigkeit, die bei weitem nicht nur aus Übertragung besteht, ja oft sogar gerade Nicht-Übertragung sein kann bzw. muß. Das, was grundsätzlich schon nicht „übersetzt“ (d. h. übertragen) werden kann, wird beim Übersetzen auch nicht übertragen. Das Übersetzen schließt nämlich von Fall zu Fall auch Schaffen von Entsprechungen (d. h. von neuen Bedeutungen und Ausdrucksweisen in der Zielsprache), Übernahme, Anpassung, Nachahmung, analytische Erklärung, Kommentar bzw. Erläuterung ein (letzteres außerhalb des Textes oder gelegentlich auch im Text der Übersetzung selbst: Für *Jupiter* kann z. B. ein Übersetzer *der Gott Jupiter* sagen, wenn er annimmt, daß seinen Adressaten diese Information fehlt).

5.2 Dadurch wird das Paradoxon der grundsätzlich unmöglichen, jedoch empirisch existierenden Übersetzung auch von dieser Seite her aufgehoben: Die Übersetzung, die oft in rationaler Hinsicht unmöglich ist, ist die Übertragung; die existierende Übersetzung ist das Übersetzen, eine Tätigkeit, die keine rationalen, sondern nur empirische Grenzen – für diese oder jene Sprachen bzw. Sprachgemeinschaften, für diese oder jene Texte – kennt.

6.1. Mit der Unterscheidung Übertragung-Übersetzen hängt schließlich das Problem der von der Übersetzung zu verlangenden „Invarianz“ zusammen. Die älteste Übersetzungstheorie (die sich übrigens z. T. bis zur deutschen Romantik fortsetzt) verlangt im allgemeinen nur die Invarianz des Textinhalts, der üblicherweise „Sinn“ (sensus) genannt wird, obwohl bisweilen oder für bestimmte Texte auch andere Forderungen an die Übersetzung gestellt werden. Da man festgestellt hat, daß die Übersetzung als einzelsprachlich bezogene Technik in ihren Möglichkeiten begrenzt ist, d. h., daß nicht alles übertragen werden kann, spricht man in der neueren Übersetzungstheorie mehr oder weniger explizite von verschiedenen Invarianzstufen, die für verschiedene Aspekte der zu übersetzenden Texte gelten sollen. Und es ist auch eine Skala der optimalen Invarianz erstellt worden, die von einem Minimum an Invarianz bei der Phonetik bzw. bei der Graphie bis zu einem Maximum beim Sinn der Texte

talmente não pode ser “traduzido” (que dizer, transposto), no traduzir também não será transposto. O traduzir, afinal, dependendo do caso, engloba também a produção de equivalências (quer dizer, de novos significados e modos de expressão na língua de chegada), de empréstimo, de adaptação, de imitação, de explicação analítica, de comentário, ou melhor, de esclarecimento (este último fora do texto em si, ou até dentro do texto em alguns casos: para *Júpiter*, por exemplo, o tradutor poderá dizer *o deus Júpiter*, caso ele assuma que esta informação falte aos seus receptores).

5.2 Com isso o paradoxo da tradução como sendo algo fundamentalmente impossível, porém empiricamente existente, também se anula sob esta perspectiva: a tradução que sob ponto de vista racional é muitas vezes impossível é a transposição; a tradução existente é o traduzir, uma atividade que para estas ou aquelas línguas, ou melhor, comunidades linguísticas, e para estes ou aqueles textos, não conhece limites racionais, mas sim, apenas limites empíricos.

6.1 Afinal, o problema da “invariância” que se exige da tradução está relacionado com a diferenciação transposição - tradução. A mais antiga teoria da tradução (a qual, ressalte-se, em parte se estende até o Romantismo alemão) em geral exige somente a invariância do conteúdo textual, este normalmente chamado de “sentido” (*sensus*). Às vezes, porém, para determinados textos também são colocadas outras exigências à tradução. Como se constatou que a tradução como técnica que se restringe a uma língua individual é limitada em suas possibilidades, quer dizer, que nem tudo pode ser transposto, fala-se, dentro das teorias atuais, mais ou menos explicitamente, de diferentes níveis de invariância, os quais devem valer para diferentes aspectos dos textos a serem traduzidos. Também foi elaborada uma escala de invariância ótima, a qual vai desde um mínimo no nível fonográfico, até um máximo no sentido do texto. Um questionamento dessa ordem, porém, não é admissível sob dois pontos de vista. Em primeiro lugar os diferentes aspectos dos textos que são levados em consideração nessa escala não possuem o mesmo status. Assim, o fônico e o gráfico são apenas instrumentos, a propagação de sentido, porém, é o propósito do texto. Mais ainda, o fônico e o gráfico são normalmente (quer dizer, caso se trate somente da designação) instrumentos de segunda ordem: eles são instrumentos para o significado, e esse, por sua vez, é instrumento para a designação: nesse caso, portanto, a

geht. Eine solche Fragestellung ist nun in zweierlei Hinsicht nicht annehmbar. Erstens haben die verschiedenen Aspekte der Texte, die in dieser Skala berücksichtigt werden, nicht denselben Status. So sind das Phonische und das Graphische nur Instrumente, die Vermittlung von Sinn hingegen Zweck der Texte. Mehr noch, das Phonische und das Graphische sind normalerweise (d.h. wenn es nur um die Bezeichnung geht) Instrumente zweiten Grades: Sie sind Instrumente für die Bedeutung, und diese ihrerseits Instrument für die Bezeichnung; in dieser Hinsicht ist deshalb die optimale Invarianz des Phonischen bzw. des Graphischen gleich Null. Wenn aber das Phonische und das Graphische Instrumente ersten Grades sind, wenn sie also unmittelbar zum Sinn beitragen (wie z. B. wenn sie „malerisch“ funktionieren), müssen sie wohl besonders beachtet werden, und man kann sich dann nicht mit einem Minimum an Invarianz begnügen. Zweitens gewinnt das Problem der Invarianz neue Aspekte – und in gewisser Hinsicht löst es sich sogar auf –, wenn man Übertragung und Übersetzen unterscheidet. Eine abstrakte optimale Invarianz kann nämlich für die Übertragung schon grundsätzlich nicht gesetzt werden, da es sich dabei um Existenzfeststellungen handelt, die als solche überhaupt keine Gradualität dulden. D. h., die genauen „Entsprechungen in der Bezeichnung“ zwischen der Ausgangssprache und der Zielsprache gibt es, oder es gibt sie nicht: Von mehr oder weniger geeigneten Entsprechungen kann man eigentlich nicht sprechen. Und wenn mehrere Entsprechungen vorhanden sind, so sind sie entweder nicht vollkommen äquivalent, oder es ist zwischen ihnen nicht in abstracto, sondern in Abhängigkeit vom jeweiligen Text zu wählen. Für das Übersetzen andererseits kommt eine abstrakte optimale Invarianz überhaupt nicht in Frage. Das Übersetzen ist nämlich eine finalistische und historisch bedingte Tätigkeit, so daß das Optimale von Fall zu Fall je nach den Adressaten, der Art des Textes und dem Zweck der Übersetzung verschieden sein kann. Mehr noch: Die Verschiedenheit der optimalen Invarianz kann auch Sektionen ein und desselben Textes betreffen.

6.2.1 Die Notwendigkeit einer Differenzierung ist übrigens auch schon in der älteren Übersetzungstheorie gesehen worden. Bis zur Renaissance vertritt man zwar normalerweise ein Übersetzungsideal (bzw. verschiedene Übersetzungsideale). Trotzdem wird eine Differenzierung schon von Hieronymus in seiner berühmten Epistel

invariância ótima do fônico, ou melhor, do gráfico é igual a zero. Se, no entanto, o fônico e o gráfico forem instrumentos de primeira ordem, se eles contribuirão indiscutivelmente para o sentido (funcionando, por exemplo, “iconicamente”), eles devem ser especialmente observados, e não se pode mais satisfazer-se com um mínimo em invariância. Em segundo lugar, o problema da invariância ganha novos aspectos e de certo modo até se resolve, no momento em que diferenciamos transposição de tradução. Uma invariância abstrata ótima não pode ser atribuída fundamentalmente para a transposição, já que se trata ali de constatações de existência, as quais, como tal, nem admitem uma gradação. Quer dizer, as exatas “correspondências na designação” entre a língua de saída e a língua de chegada existem ou não existem: não se pode, pois, falar de correspondências mais ou menos apropriadas. E se estiverem disponíveis mais correspondências, então, ou não são totalmente equivalentes, ou deve-se fazer uma opção entre elas, não em abstrato, mas em dependência do respectivo texto. Já para o traduzir, uma invariância ótima abstrata nem pode ser aventada. O traduzir é, pois, uma atividade fim e historicamente condicionada, de modo que o ótimo pode ser diferente de caso a caso, dependendo do receptor, do tipo de texto e da função da tradução. Mais ainda: a heterogeneidade da invariância ótima também pode atingir seções do mesmo texto.

6.2.1 A necessidade de uma distinção já era também considerada nas teorias de tradução mais antigas. Até o Renascimento normalmente defendia-se um ideal de tradução (ou melhor, vários ideais de tradução). Apesar disso, uma diferenciação com vistas à “fidelidade” da tradução já era feita por Gerônimo em sua famosa epístola “*Ad Pammachium (De optimo genere interpretandi)*”. Gerônimo, embora defenda o ideal da tradução, segundo o qual devemos “*sensum exprimere de sensu*”, faz uma exceção (e no contexto de sua atividade essa exceção não é de modo algum insignificante!) para a Escritura Sagrada, “*ubi et verborum ordo mysterium est*” e na qual deveríamos traduzir “*verbum* e verbo”. No Renascimento, Lutero em seu “*Sendbrief vom Dolmetschen*” (1530) coloca a questão novamente sob a ótica de um ideal de tradução. Implicitamente, porém, tem em mente uma diferenciação, ou seja, dependendo do tipo de receptor. E Juan Luis Vives, “*De ratione dicendi*” (Löwen, 1533) faz expressamente uma diferença entre três tipos de tradução, de acordo com os textos a

>Ad Pammachium (De optimo genere interpretandi) <, im Hinblick nämlich auf die „Übersetzungstreue“, vorgenommen: Hieronymus vertritt zwar das Übersetzungsideal, gemäß dem man „sensus exprimere de sensu“ müsse, er macht aber eine Ausnahme (und im Rahmen seiner Tätigkeit ist diese Ausnahme keineswegs unbedeutend!) für die Heilige Schrift, „ubi et verborum ordo mysterium est“ und wo man deshalb „verbum e verbo“ übersetzen müsse. In der Renaissance stellt Luther, >Sendbrief vom Dolmetschen< (1530), das Problem wiederum vom Gesichtspunkt eines Übersetzungsideals aus; implizite hat er aber doch eine Differenzierung im Sinne, und zwar je nach den Adressaten, denen man ja „auf das Maul sehen“ müsse. Und Juan Luis Vives, >De ratione dicendi< (Löwen 1533), unterscheidet ausdrücklich drei Arten von Übersetzung je nach den zu übersetzenden Texten: a) Übersetzungen, in denen nur der *sensus* der Texte, b) solche, in denen nur die Ausdrucksweise (*phrasis et dictio*), und c) solche, in denen sowohl der *sensus* als auch die Ausdrucksweise (*et res et verba*) berücksichtigt werden sollen (vgl. Coseriu 1971). Später unterscheidet Schleiermacher, >Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens< (1813), nach der Art der zu übersetzenden Texte zwei Arten der „Übertragung“, die praktisch ausgerichtete („Dolmetschen“) und die Übertragung als Kunst („Übersetzung“), und bei dieser je nach dem Zweck des Übersetzens die treue und die freie Übersetzung, wobei letztere übrigens nur zwei Pole sind, zwischen denen eine breite Skala zulässig ist. Und Goethe unternimmt bekanntlich eine Differenzierung der Invarianzforderungen wiederum nach dem Zweck des jeweiligen Übersetzens.

6.2.2 All diese Differenzierungen sind sinnvoll, sie müssen nur miteinander kombiniert und auch auf Textsektionen bezogen werden. Als finalistische Tätigkeit verlangt nämlich das Übersetzen eine weitgehend sowohl nach der Art der Texte und ihrer Sektionen als auch nach den Adressaten und nach dem jeweiligen Zweck der Übersetzung differenzierte Invarianz. Unterscheidungen wie „wörtlich“ vs. „frei“ im Hinblick auf die zu fordernde Invarianz sind dabei von geringem Nutzen und schon deshalb diskutierbar. Denn einerseits ist die Qualifizierung „wörtlich“ zweideutig: Sie kann sich nämlich sowohl auf die sog. „treue“ Übersetzung als auch auf die besondere, von Lorenzo Hervás und W. von Humboldt eingeführte sprachwissenschaftliche Technik der analytischen Erklärung von einzel-

serem traduzidos: a) traduções nas quais só se deve observar o *sensus* dos textos, b) traduções nas quais só se deve observar o modo de expressão (*phrasis et dictio*) e c) traduções nas quais tanto se deve observar o *sensus* como também o modo de expressão (*et res et verba*) (conforme Coseriu 1971). Mais tarde em “*Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*” (1813), Schleiermacher faz a distinção entre dois tipos de “transposição” (*Übertragung*), de acordo com o tipo de texto a ser traduzido. A “transposição” orientada para a prática (“*Dolmetschen*” = tradução oral) e a transposição como arte (“*Übersetzung*” = tradução), e nesta, de acordo com a função da tradução, a tradução fiel ou a tradução livre. Esta última constituída apenas de dois pólos, permitindo, pois, uma ampla escala de variação. E, como é sabido, Goethe assume uma diferenciação das exigências de invariância, novamente segundo a função da respectiva tradução.

6.2.2 Todas essas distinções fazem sentido, elas só devem ser combinadas entre si e também relacionadas a seções textuais. Afinal, como atividade fim, o traduzir exige uma ampla invariância diferenciada, tanto de acordo com o tipo de texto e de suas seções, como também de acordo com os receptores e a função da tradução. De mais a mais, distinções como “literal” x “livre” com vistas a uma invariância imposta são de pouca valia e, já por isso, discutíveis. Pois, por um lado a qualificação “literal” possui duplo sentido: ela pode referir-se tanto à tradução “fiel”, como também à técnica linguística de explicação analítica de referências de uma língua particular, conforme introduzido por Lorenzo Hervás e W. von Humboldt (conforme 3.3.2a). Por outro lado, essas distinções se mostram totalmente insuficientes quando forem relacionadas à invariância ótima demandada abstratamente, como por exemplo, a tipos gerais de textos (“científicos”, “literários” etc.), independente do receptor e da função do traduzir, ou simplesmente a textos inteiros. Pois traduções literárias, sob certas circunstâncias, devem ser também “literais” e traduções técnicas podem, por sua vez, ser “livres”. Até no exemplo supracitado são, pois, aceitáveis diferentes traduções, dependendo da função do traduzir e do receptor. Para propósitos filológicos (caso essa possibilidade seja dada, com base na tradução do efetivamente dito por Aristóteles) uma “adaptação” como *mermaid* evidentemente não é admissível, mas certamente o é quando o tradutor quiser transmitir a idéia geral defendida por Aristóteles. Além disso, pode ocorrer

sprachlichen Bedeutungen (cf. 3.3.2 a)) beziehen. Andererseits, und abgesehen davon, erweisen sich solche Unterscheidungen als völlig unzulänglich, wenn sie auf die abstrakt zu fordernde optimale Invarianz, z. B. auf allgemeine Textsorten (etwa „wissenschaftliche“ und „literarische“ Texte) unabhängig von den Adressaten und vom Zweck des Übersetzens, oder auch nur einfach auf ganze Texte bezogen werden. Denn literarische Übersetzungen müssen u. U. auch eben „wörtlich“ und wissenschaftliche Übersetzungen können auch „frei“ sein. So sind sogar im Falle des o.a. Beispiels *τραγελαφος* φε nach dem Zweck des Übersetzens und den Adressaten doch verschiedene Übersetzungen annehmbar. Für philologische Zwecke (wenn die Möglichkeit gegeben werden soll, aufgrund der Übersetzung das von Aristoteles eigentlich Gesagte genau anzuführen) ist natürlich eine „Anpassung“ wie *mermaid* nicht zulässig, wohl aber, wenn es dem Übersetzer nur darum geht, die von Aristoteles vertretene allgemeine Idee zu vermitteln; außerdem kann beides auch kombiniert werden (wie z. B. wenn man *τραγελαφος* durch „Lehnübersetzung“, d. h. durch Nachahmung des griechischen Wortes, mit *hircocervus* oder mit *Bockhirsch* übersetzt).

6.2.3 Ein allgemeingültiges Übersetzungsideal ist eine *contradictio in adiecto*, denn eine allgemeingültige optimale Invarianz für das Übersetzen kann es ebensowenig geben, wie es ein allgemeingültiges Optimum für das Sprechen überhaupt gibt. Das Übersetzen ist am ehesten dem Sprechen analog, und es gelten deshalb für das Übersetzen wie für das Sprechen nur finalistisch motivierte und finalistisch differenzierte Normen. Auch die „beste Übersetzung“ schlechthin für einen bestimmten Text gibt es aus demselben Grund nicht: Es gibt nur die beste Übersetzung dieses Textes für bestimmte Adressaten, zu einem bestimmten Zweck und in einer bestimmten geschichtlichen Situation.

Bibliographie

- Coseriu, E. (1955-1956): Determinación y Entorno, in: Romanistisches Jahrbuch 7, S. 29-54.
- Coseriu, E. (1971): Das Problem des Übersetzens bei Juan Luiz Vives. in: Bausch, K.-R. / H.M. M. Gauger (Hrsg). Interlinguistica, Sprachvergleich und Übersetzen. Festschrift für Mario Wandruszka, Tübingen, S. 571 bis 582.

uma combinação de ambos (como, por exemplo, quando traduzimos *τραγελαφος* com um “empréstimo”, quer dizer, por uma imitação da palavra grega, com *hircocervus* ou com *Bockhirsch* (~veado).

6.2.3 Um ideal de tradução integralmente válido é um *contradictio in adiecto*, pois tampouco pode existir uma invariância ótima integralmente válida para o traduzir, como também não existe um ótimo integralmente válido para o falar. O traduzir é mais proximamente análogo ao falar, valendo, portanto, tanto para o traduzir como para o falar, somente normas finalisticamente motivadas e finalisticamente distintas. Pelo mesmo motivo também não existe a “melhor tradução” para um determinado texto. Só existe a melhor tradução deste texto para receptores específicos, com um determinado propósito e dentro de uma determinada situação histórica.

Tradução: Ina Emmel

Bibliografia

Coseriu, E. (1955-1956): Determinación y Entorno, in: Romanistisches Jahrbuch 7, S. 29-54.

Coseriu, E. (1971): Das Problem des Übersetzens bei Juan Luiz Vives. in: Bausch, K.-R./ H.M. M. Gauger (Hrsg). Interlinguistica, Sprachvergleich und Übersetzen. Festschrift für Mario Wandruszka, Tübingen, S. 571 bis 582.

Nota

- ¹ Com os meios tecnológicos a nossa disposição no século XXI, esses argumentos de Coseriu perderam parte de sua força, também o papel da estilística comparada na atualidade merece uma re-avaliação.

A tradutora agradece a Roberto Schramm pela cuidadosa revisão da tradução e pelas tantas sugestões de alteração e melhoria. O revisor valeu-se também da versão autorizada do texto pelo próprio autor para o espanhol, realizada por M.M.Hernandez, que não esteve disponível quando da realização da tradução do original em alemão para o português.

WOLFGANG KLEIN

**WAS KANN SICH DIE
ÜBERSETZUNGSWISSENSCHAFT VON DER
LINGUISTIK ERWARTEN?**

**O QUE A TRADUTOLOGIA PODE ESPERAR
DA LINGUÍSTICA?**

WOLFGANG KLEIN

WAS KANN SICH DIE ÜBERSETZUNGSWISSENSCHAFT VON DER LINGUISTIK ERWARTEN?

Jene reine Sprache, die in fremde gebannt
ist, in der eigenen zu erlösen, die im Werk
gefangene in der Umdichtung zu befreien,
ist die Aufgabe des Übersetzers.

Walter Benjamin

1. Einleitung

Zu den Merkwürdigkeiten der Wissenschaften zählt ja eine gewisse stillschweigende, aber doch gut befestigte Herablassung, die sich oft zwischen den Vertretern verschiedener Teilrichtungen einer Disziplin findet. Anders aber als die Hackordnung auf dem Hühnerhof ist diese Einstellung eine wechselseitige. Wie auf einem Bild von Escher gelingt es den Vertretern der theoretischen Physik, auf jene der Festkörperphysik herabzuschauen, weil deren Tätigkeit doch vielleicht nicht frei von technologischen Beimengungen und daher nicht so ganz reine Wissenschaft ist, und zugleich umgekehrt diesen, auf jene herabzuschauen, weil sich deren Theorien nur schwer je durch die Tat erweisen lassen: Was die theoretische Physik über die Entstehung des Weltalls sagt, hat bestenfalls den Bestätigungsgrad des biblischen Schöpfungsberichts. Ein solches Verhältnis findet sich in vielen Disziplinen, darunter auch, und vielleicht gar besonders deutlich, in der Linguistik. Dort stehen sich, grob gesprochen, vorrangig formal orientierte Vertreter der theoretischen Linguistik und vorrangig funktional orientierte Vertreter der empirischen Forschung gegenüber. Erstere betrachten, bei aller Freundlichkeit im sozialen Umgang, letztere doch nur als Fliegenbeinzähler, die im Morast der Fakten gründeln und allenfalls als nützliche Zubringer gelten können, wo doch die eigentliche Wissenschaft dort zuhause ist, wo die reinen Formen wohnen; letztere hinwieder halten erstere für eine Art

WOLFGANG KLEIN

O QUE A TRADUTOLOGIA PODE ESPERAR DA LINGUÍSTICA?

A tarefa do tradutor é redimir
na própria a pura língua, exilada na estrangeira,
liberar a língua do cativeiro da obra
por meio da recriação.

*Walter Benjamin*¹

1. Introdução

Ao caráter excêntrico das ciências contribui um discreto mas bem documentado desprezo recíproco entre os representantes de diferentes orientações teóricas dentro de uma determinada disciplina. É possível aos defensores da física teórica discriminar os representantes da física do estado sólido, porque sua atividade talvez não esteja livre de interferências tecnológicas e, portanto, não se constituir assim numa ciência propriamente “pura”. E do mesmo modo estes discriminarem os primeiros, já que suas teorias dificilmente têm comprovação na prática: o que a física teórica pode dizer sobre a constituição do universo é, no melhor dos casos, uma comprovação do relato bíblico do Gênesis. Uma relação desta ordem pode ser encontrada em muitas disciplinas, entre as quais, e talvez até destacadamente, a linguística. Lá se defrontam, grosso modo, os representantes com orientação primordialmente formalista da linguística teórica e os representantes com orientação primordialmente funcionalista da pesquisa empírica. Os primeiros, mesmo imbuídos de toda a simpatia do convívio social, consideram os últimos meros taxionomistas, que “chafurdam” nos fatos e, na melhor das hipóteses, podem valer como meros contribuintes, mesmo sabendo que a ciência em si está situada lá onde “moram” as formas puras. Os funcionalistas, por sua vez, consideram os formalistas uma espécie de escolásticos tardios, que, recostados nas poltronas em seus escritórios, desenvolvem linhas mestras limpas

Spätscholastiker, die in ihrem Lehnstuhl sauber und präzise ausgeführte Grundrisse für unüberschaubare Luftschlösser entwerfen. Immerhin, in einem sind sich beide einig: daß nämlich ihr wissenschaftlicher Status doch ein wesentlich höherer sei als der jener, die sich mit „Anwendungen“ befassen, also beispielsweise dem Sprachunterricht oder dem Übersetzen. Was bleibt da jenen, die sich nun gerade für diese Themen interessieren und auch ihrer Tätigkeit den Glamour der Wissenschaft verleihen möchten? Zweierlei: entweder sie erborgten den Glanz, indem sie Methoden und Begriffe, vielleicht auch nur Termini, aus der „reputierlichen“ Linguistik übernehmen, oder sie emanzipieren sich und machen eine eigene Wissenschaft auf, die Sprachlehrforschung, oder die Übersetzungswissenschaft.

Diese Einstellungen sind sehr verbreitet, wenn auch nicht immer eingestanden. Mir erschienen sie immer ein wenig kurios; aber sie sind zweifellos ein wesentlicher Zug nicht der Wissenschaft, sondern der Soziologie, vielleicht gar der Psychopathologie der Wissenschaftler. Es wäre auch sehr einfältig zu glauben, der jetzigen Landschaft der Disziplinen, wie sie etwa an den Universitäten vertreten sind, läge eine schlüssige innere Systematik zugrunde. Die Karte der Wissenschaften ist soziologisch wie die Karte der Nationen, und ihre Änderungen werden gleichermaßen von rationalen wie emotionalen Gründen bestimmt: neue fruchtbare Gebiete werden im Grenzland zweier Disziplinen entdeckt wie neue Bodenschätze im Grenzland zweier Nationen, und sie wecken die unterschiedlichsten Interessen, werden von der einen oder andern Seite absorbiert oder führen zur Gründung einer neuen Disziplin, einer neuen Nation; andere Gebiete sind leerbotanisiert oder ausgebeutet, und die dort wohnen verlieren an Macht und ihre Disziplin im einen, ihre Nation im andern Falle wird unbedeutend und verschwindet endlich.

Das Übersetzen von einer Sprache in eine andere ist ein komplizierter und interessanter Prozeß, der von zahlreichen Faktoren bestimmt wird. Es kann keinen vernünftigen Zweifel geben, daß dieser Prozeß ein lohnender Gegenstand der wissenschaftlichen Erforschung ist, oder sein könnte. Ist diese Aufgabe der Linguistik zuzuschlagen, oder sollte sie Gegenstand einer eigenen Wissenschaft sein? Die Antwort auf diese Frage sollte man vernünftigerweise davon abhängig machen, um welche Probleme es bei diesem Gegenstand geht und auf

e precisas para construção de mirabolantes castelos de fantasias. Ainda assim, em um aspecto ambos concordam, ou seja, que o seu *status* científico é consideravelmente maior que o daqueles que se ocupam com as “aplicações”, como, por exemplo, com o ensino de línguas ou com a tradução.

O que resta então àqueles que se interessam justamente por esses temas e que também desejam dar à sua atividade o “glamour” de uma ciência? Há duas possibilidades: ou pedem emprestado o brilho teórico, na medida em que assumem os métodos e os conceitos, ou talvez apenas a terminologia, de uma teoria linguística “reputada”, ou se emancipam e fundam uma disciplina própria, tal qual a “Pesquisa do Ensino de Línguas” ou a “Tradutologia”.

Estas atitudes são bastante difundidas, embora nem sempre assumidas. A mim sempre me pareceram curiosas, mas, sem sombra de dúvidas, são uma postura costumeira, não da própria ciência, mas da sociologia ou até mesmo da psicopatologia dos cientistas. Seria também bastante inocente acreditar que, subjacente ao panorama atual das disciplinas, tal como apregrado nas universidades, estaria uma sistemática interna concludente. O mapa das ciências é sociológico, tal qual o mapa das nações, e suas alterações são determinadas tanto por motivos racionais como emocionais: regiões frutíferas novas são descobertas na região limítrofe de duas disciplinas, do mesmo modo como novas riquezas minerais nas fronteiras de duas nações. E elas despertam os mais variados interesses, e são absorvidas por um ou por outro lado, ou levam ainda ao estabelecimento de novas disciplinas, de uma nova nação. Outras regiões são dizimadas ou exploradas e os que lá vivem, por um lado perdem o seu poder e a sua disciplina, e por outro, a sua nação, tornando-se insignificantes e, finalmente, desaparecendo.

O traduzir² de uma língua para outra é um processo complicado e interessante, determinado por inúmeros fatores. Não pode haver dúvida alguma de que este processo é, ou poderia ser, objeto merecedor de enfoque científico. Seria esta uma tarefa da linguística, ou deveria ser ele objeto de uma ciência autônoma? Essa questão depende da identificação precisa de nossa problemática e da definição do melhor caminho para a sua resolução. Para tanto, eu gostaria de fazer algumas considerações que podem ser resumidas em duas teses antagônicas:

welchen Wegen sie sich am besten klären lassen. Dazu will ich im folgenden einige Überlegungen anstellen. Sie lassen sich in zwei ganz gegenläufigen Thesen zusammenfassen:

– Erstens, am Prozeß des Übersetzens gibt es nichts, was über die Erforschung der Sprache und des Sprachgebrauchs hinausführen würde; ich sehe deshalb keinen **inhaltlichen** Grund für eine eigene Disziplin „Übersetzungswissenschaft“. Aber es mag sehr wohl gute Gründe anderer Art geben, beispielsweise organisatorische, die eine solche Ausgliederung praktisch sinnvoll machen.

– Zweitens, zur Klärung der spezifischen Probleme des Übersetzens kann die moderne Linguistik, wie sie sich nun einmal entwickelt hat, recht wenig beitragen.

Das sieht recht defaitistisch aus, ist es aber nicht, denn es gibt eine simple Konsequenz daraus, die sich als weitere These formulieren läßt:

– Drittens, die Linguistik sollte die spezifischen Probleme des Übersetzens als genuin linguistische Probleme ernstnehmen und als wesentliche Komponente bei ihren Forschungen berücksichtigen.

Der Rest dieses Aufsatzes ist wie folgt aufgebaut: In Abschnitt 2 wird erörtert, was nach meiner Ansicht der Gegenstand der „Übersetzungswissenschaft“ (wie ich nun einmal sagen will) ist und weshalb er nicht über den Gegenstandsbereich der Linguistik hinausführt. In Abschnitt 3 wird an einer Reihe von Punkten erläutert, weshalb die moderne Linguistik zu diesem Gegenstand und seiner Erforschung wenig Konkretes beitragen kann. Und der letzte, kurze Abschnitt befaßt sich mit der in der dritten These genannten Folgerung, die man aus den beiden ersten ziehen sollte.

2. Was lohnt sich beim Übersetzen zu erforschen?

Gegenstand der Linguistik ist die Sprache – also jene eigentümliche Fähigkeit des Menschen, die irgendwo in seinem Gehirn gespeichert ist und die es ihm erlaubt, durch geschickte Manipulation des Luftdrucks oder anderer materieller Träger wie Tinte oder Kreide bestimmte Vorstellungen aus einem Kopf auf den Kopf anderer zu übertragen und dadurch deren Denken und Handeln zu beeinflussen. Diese Fähigkeit ist schwer zu erforschen – eben deshalb, weil sie irgendwo im Gehirn sitzt und man sie nicht sehen und greifen kann, was uns unmittelbar zugänglich ist, der Sprachschall oder auch die

– Primeiramente, não existe nada no processo da tradução em si que extrapole a pesquisa da língua e do uso da língua. Em função disso não vejo, portanto, motivação para uma disciplina própria “tradutologia” em termos de **conteúdo**. No entanto, devem existir bons motivos de outra ordem que justifiquem na prática uma separação, como, por exemplo, razões organizacionais.

– Segundo, para elucidação dos problemas específicos do traduzir, a linguística moderna, do modo como ela se desenvolveu até o momento, pouco tem a contribuir.

Isto parece bastante desanimador, mas, na verdade, não é, pois leva a uma simples consequência, e esta pode se constituir em mais uma tese:

– Terceiro, a linguística deveria considerar os problemas específicos do traduzir como sendo problemas genuinamente linguísticos, considerando-os, portanto, componentes essenciais das suas pesquisas.

O restante do presente artigo segue este itinerário. No capítulo 2 será elucidado qual, segundo a minha visão, seria o objeto da “tradutologia” e porque ele não extrapola em nada o objeto da linguística. No capítulo 3 será esclarecida uma série de pontos que concernem a omissão da linguística moderna, no que diz respeito a não ter contribuído concretamente em favor do objeto e da pesquisa tradutológica. Por fim, o último e breve capítulo se ocupa do que se pode extrair da terceira tese citada, e que decorre das duas premissas que já estabelecemos.

2. O que vale a pena pesquisar no traduzir?

O objeto da linguística é a língua enquanto capacidade particular do homem, que está armazenada em algum lugar do cérebro. Essa capacidade que nos permite, através da correta manipulação da pressão do ar, ou de outro material como tinta ou giz, transmitir nossas concepções para outras pessoas, de modo a influenciar seus pensamentos e ações. Esta capacidade é difícil de ser pesquisada exatamente devido ao fato de estar situada em algum lugar no cérebro onde não se pode vê-la, nem tocá-la. Diretamente acessíveis nos são as ondas acústicas e também os sinais gráficos no papel, mas estes não são, afinal, a língua, e sim os **produtos** desta capacidade. Para que se possa pesquisar a língua, existem, grosso modo, duas vertentes. Seguindo a primeira, podemos examinar exatamente estes produtos

graphischen Zeichen auf dem Papier, ist ja nicht die Sprache, sondern es sind **Produkte** dieser Fähigkeit. Um sie selbst zu erforschen, gibt es im großen und ganzen zwei Wege. Zum einen kann man eben diese Produkte untersuchen und daraus vorsichtig Rückschlüsse auf die zugrundeliegende Fähigkeit ziehen. Solche „produktorientierte“ Untersuchungen bilden das wichtigste Instrument der traditionellen wie der modernen strukturellen Sprachwissenschaft. Zum andern kann man aber auch den Produktionsvorgang und umgekehrt den Verstehensvorgang selbst untersuchen. Solche „prozeßorientierte“ Verfahren sind eher für die sogenannte Psycholinguistik typisch: aber sie finden sich auch in der Phonetik, in der Konversationsanalyse und nicht zuletzt in der neuerdings beliebten Methode, die „intuitions“ des Sprechers zu testen: Wenn man einem Sprecher einen Satz vorlegt und ihn um Urteile darüber bittet, so überprüft man eigentlich einen – freilich sehr spezifischen – Verstehensprozeß. Im Grunde sind hier produktorientiertes und prozeßorientiertes Vorgehen zu einem experimentellen Design von meist mäßiger Sorgfalt verbunden. Beide Vorgehensweisen haben ihre Stärken und Schwächen, und eine umfassende Erforschung der Sprache kann auf keine von ihnen verzichten.

Das Übersetzen ist eine besondere Anwendung der menschlichen Sprachfähigkeit. Das Besondere liegt aber lediglich darin, daß, anders als beim normalen Sprechen, sich der Übersetzende nicht frei überlegen kann, was er in Worte kleiden möchte, sondern es ist vorgegeben – in Form von Worten und Sätzen einer anderen Sprache, denen er den auszudrückenden Inhalt entnehmen muß. Die normalerweise getrennten Prozesse des Sprachverstehens und der Sprachproduktion sind beim Übersetzen verbunden – entweder unmittelbar, wie beim Simultandolmetschen, oder „off line“, wie beim gewöhnlichen Übersetzen schriftlicher Texte –, und sie verteilen sich auf zwei Sprachen. Ich vermag in diesen beiden Besonderheiten, die das Übersetzen vom üblichen Sprechen unterscheiden, aber nichts zu sehen, was über den normalen Gegenstandsbereich der Linguistik hinausführen würde. Und gleichwie bei der normalen Erforschung der Sprache kann man auch beim Übersetzen eher prozeßorientiert oder eher produktorientiert vorgehen.

Im ersten Fall geht es darum, den Übersetzungsprozeß in seine einzelnen Komponenten zu zerlegen und ihren Ablauf zu studieren.

e, a partir deles, cautelosamente tirar conclusões a respeito da capacidade que lhes é subjacente. Estas averiguações direcionadas para o “produto” constituem o instrumento mais importante da linguística tradicional, bem como da linguística estrutural moderna. Pela outra vertente, podemos também examinar a produção em si, e, na direção contrária, a compreensão. Esses procedimentos orientados para o “processo” são, na verdade, típicos da psicolinguística, mas podem ser encontrados também na fonética, na análise conversacional, e nos métodos não menos importantes e atualmente particularmente utilizados para o teste das “intuições” do falante. Neste teste apresentamos uma sentença a um falante solicitando-lhe um juízo a respeito, o que envolve indubitavelmente um processo bem específico de compreensão. No fundo estão interligados aqui procedimentos orientados para o produto e aqueles orientados para o processo, que convergem em um design experimental nem sempre muito consistente. As duas maneiras de proceder possuem seus pontos fortes e fracos, e uma investigação mais abrangente da língua não pode abrir mão de nenhuma delas.

O traduzir consiste em uma aplicação especial da capacidade linguística humana. O peculiar reside no fato de que, diferentemente do falar normal, o tradutor não pode refletir livremente sobre o que ele deseja revestir de palavras. Ocorre aqui uma predeterminação na forma de palavras e sentenças – só que em outra língua! É justamente dessas palavras e sentenças que o tradutor precisa extrair o conteúdo a ser expresso. Os processos normalmente separados de compreensão e de produção linguística se integram no traduzir – ou de forma concomitante como na tradução simultânea, ou “off line” na tradução normal de textos escritos. Em ambos os casos o processo se divide em duas línguas. Embora essas particularidades marquem uma diferença entre o traduzir e o falar comum, não acredito que exista algo aqui que extrapole o alcance normal do objeto da linguística. Assim como na pesquisa normal da língua, também no traduzir pode-se proceder orientado preferencialmente para o processo ou para o produto.

No primeiro caso, trata-se de decompor o processo tradutório em seus componentes individuais e passar a estudar o seu transcurso. Essencialmente duas questões estão em jogo: (a) como se entende um texto? e (b) como se expressa um conteúdo específico que é pré-determinado? Essas são exatamente as questões centrais da pesquisa

Dabei geht es im wesentlichen um zwei Fragen, nämlich (a) Wie versteht man einen Text?, und (b) Wie drückt man einen bestimmten, vorgegebenen Inhalt aus? Ebendies sind aber die Leitfragen der normalen Sprachverstehensforschung bzw. Sprachproduktionsforschung, und ich sehe darin nichts Besonderes – jedenfalls solange beide Prozesse zeitlich einigermaßen getrennt sind. Ein eigentümlicher Fall ist hier allenfalls das Simultandolmetschen, bei dem beide Prozesse ständig parallel ablaufen. Die üblichen Modelle der menschlichen Sprachverarbeitung haben diesen Fall nicht im Blick, und seine Untersuchung könnte ein interessantes und vielleicht völlig neues Licht auf Struktur und Funktion der menschlichen Sprachverarbeitung werfen. Entsprechende Arbeiten gibt es jedoch bislang nicht, wie denn überhaupt kaum Untersuchungen zum realen Ablauf des Übersetzungsprozesses angestellt worden sind.

Als Gegenstand der Übersetzungswissenschaft wird normalerweise nicht der Prozeß angesehen, sondern sein Produkt – der übersetzte Text – und sein Verhältnis zu jenem Produkt, das den auszudrückenden Inhalt liefert – dem Original. Hierin liegt im unmittelbaren Ziel sehr wohl ein Unterschied zum normalen Forschungsinteresse der Linguistik. Dort untersucht man fertige Äußerungen, um daraus Rückschlüsse auf die Gesetzmäßigkeiten der Sprache zu ziehen, nach denen diese Äußerungen gebildet sind, und damit letztlich auf die Natur der menschlichen Sprachfähigkeit. In der Übersetzungswissenschaft hingegen geht es um das systematische Verhältnis von zwei Texten zueinander, die in einer Hinsicht gleich sind – sie drücken dasselbe aus – und in anderer nicht – nämlich in den Mitteln, mit denen sie dieses Gleichbleibende ausdrücken. Daher gibt es, so scheint mir, zwei leitende Fragen, die zu klären sind: (a) Was ist es, das da gleichbleiben soll?, und (b) Wie verhalten sich die Ausdrucksmittel zueinander?

Was gleichbleiben soll, ist nach allgemeiner Ansicht die Bedeutung. Aber dabei gibt es zwei Probleme. Zum einen sollen oft auch Eigenschaften erhalten bleiben, die man normalerweise nicht zur Bedeutung rechnet. So möchte man zumindest bei literarischen Texten auch gewisse formale Eigentümlichkeiten bewahren, beispielsweise das Versmaß, die Klangstruktur und dergleichen, also Eigenschaften, die man auch bei sehr großzügiger Auslegung dieses Begriffs nicht zur „Bedeutung“ schlagen kann (sonst wird dieser Begriff so weit, daß er

linguística, tanto do ponto de vista da produção como do ponto de vista da compreensão. Não vejo nisso nada de especial, pelo menos enquanto os dois processos ocorrerem separadamente num espaço temporal. Uma exceção seria a tradução simultânea, onde ambos os processos transcorrem sempre paralelamente. Os modelos usuais de processamento linguístico humano não levam em consideração este caso e o seu exame talvez pudesse dar um novo e interessante lume a respeito da estrutura e do funcionamento de tais processos. Até o momento, não existem trabalhos a respeito; do mesmo modo como são raras as pesquisas sobre o desenrolar real do processo tradutório.

Na tradutologia não se toma, normalmente, o processo como objeto de análise, mas sim o seu produto (= o texto traduzido) e a sua relação com o texto original, que fornece o conteúdo a ser expresso. Aqui sim se situa um ponto de divergência em relação ao interesse normal da linguística. Pois na tradição dos estudos da linguagem analisamos declarações prontas, para delas tirar conclusões sobre as normas que condicionam a sua formação e, em última instância, sobre a natureza da capacidade linguística humana. Já na tradutologia trata-se da relação sistemática do confronto entre dois textos que, por um lado, se igualam pelo que expressam e por outro, se diferenciam pelos meios com os quais expressam sua própria identidade. Em função disso surgem duas questões que precisam ser elucidadas: (a) o que precisa ser mantido igual? e (b) como os meios de expressão se comportam uns em relação aos outros?

O que precisa ser mantido constante é o significado. Mas alguns problemas residem aqui. Por exemplo, quando queremos preservar algumas peculiaridades formais nos textos literários, tal qual a métrica, a estrutura sonora e similares, normalmente não considerados como constituintes do significado, mesmo assumindo grande amplitude do conceito (senão este conceito fica tão amplo, perdendo qualquer sentido). E por outro lado, pode-se muito bem entender por “significado” coisas bastante diferenciadas – como, por exemplo, possíveis mundos nos quais uma sentença é verdadeira, ou os efeitos que uma declaração causa num falante, só para citar dois conceitos de significado amplamente discutidos e certamente relevantes. Comentarei estes casos mais adiante. Existem, pois, idéias muito diferenciadas acerca de “significado” e que, portanto, deveria ser mantido numa tradução. Mas todos esses conceitos de significado

jeglichen Sinn verliert). Und zum andern kann man unter „Bedeutung“ wohl sehr verschiedenes verstehen – beispielsweise die möglichen Welten, in denen ein Satz wahr ist, oder die Wirkungen, die eine Äußerung bei einem Sprecher zeitigt, um nur zwei verbreitete und gleichermaßen sinnvolle Bedeutungsbegriffe zu zitieren; ich komme weiter gleich darauf zurück. Es gibt also sehr verschiedene Vorstellungen davon, was „Bedeutung“ ist und demnach bei einer Übersetzung erhalten bleiben sollte. Aber alle diese Bedeutungsbegriffe sind auch ansonsten in der Erforschung der Sprache wichtig, und es gibt keinen Grund, einen spezifisch übersetzungswissenschaftlichen hinzuzufügen. Die Klärung der ersten Frage zählt daher, soweit die Bedeutung betroffen ist, zu den üblichen Aufgaben der Linguistik. Ob diese freilich ihrer Aufgabe gerecht wird, ist ein ganz anderer Punkt; er soll in Abschnitt 3.1 diskutiert werden.

Um die zweite Frage, nämlich die nach dem Verhältnis zwischen den Ausdrucksmitteln in beiden Sprachen, klären zu können, braucht man ein *tertium comparationis*, vor dessen Hintergrund man sie vergleichen kann. Das ist in aller Regel eben die für konstant angesehene Bedeutung, mit all den angedeuteten Schwierigkeiten. Etwas anders gesagt: Bevor man die Äquivalenz bestimmter Ausdrucksmittel wie Wort, Satzstruktur, Textaufbau usw. diskutieren kann, muß zunächst einmal klar sein, welchen Äquivalenzbegriff man im Sinn hat. Ob ein Satz und sein Gegenstück nur unter den gleichen Bedingungen wahr sein sollen, ob sie dieselbe illokutive Kraft haben sollen, oder ob sie gar dieselbe Stimmung erzeugen sollen, sind sehr unterschiedliche Anforderungen. Hält man dies aber fest, dann ist man bei den üblichen Aufgaben der Sprachwissenschaft angelangt: In welchem Verhältnis stehen die verschiedenen Ausdrucksmittel in einer Sprache zu dem, was sie ausdrücken? Es gibt, soweit ich sehen kann, keine spezifisch übersetzungswissenschaftliche Analyse des Verhältnisses von Ausdruck und Bedeutung. Wiederum eine andere Frage ist auch hier, ob die Linguistik diesen ihren Aufgaben gerecht wird – ob sie also in der Tat in der Lage ist anzugeben, was die lexikalische Bedeutung der einzelnen Wörter ist und wie sich aus diesen nach irgendwelchen Regeln die Bedeutung zusammengesetzter Ausdrücke ergibt. Hierfür sind nun Übersetzungen (wie übrigens auch Paraphrasen in derselben Sprache) ein guter Test.

também são igualmente importantes na pesquisa da língua, e não existe motivo para acrescentar-lhe um especificamente “tradutológico”. Portanto, no âmbito do significado, a elucidação da primeira questão é tarefa normal da linguística. Se é que a linguística cumpre esta tarefa, entretanto, é uma questão totalmente diferente, que discutiremos no parágrafo 3.1.

Para podermos esclarecer a segunda questão, ou seja, a relação entre os meios de expressão nas duas línguas, precisamos de um *tertium comparationis* diante do qual podemos compará-las. Este é, portanto, para todas os casos, o significado assumido como constante, com todas as dificuldades aventadas. Dito de outro modo: antes que se possa discutir a equivalência de determinados meios de expressão tais como palavra, estrutural frasal, estrutura textual etc., devemos esclarecer qual é o conceito de equivalência que temos em mente. Soa exigências bastante diferentes, se uma oração e sua contrapartida na outra língua é para serem verdadeiras somente sob iguais condições, se é para terem a mesma força ilocucionária, ou se é para transmitirem o mesmo “clima” (“*Stimmung*”). Mas se formos levar isto em consideração, então chegamos às tarefas normais da linguística: em que situação de relação estão os diferentes meios de expressão de uma língua com aquilo que eles expressam? Que eu saiba, não existe nenhuma análise tradutológica específica da relação entre expressão e significado. Novamente, uma questão que se coloca é se a linguística faz jus a esta tarefa, que também é sua, ou seja, se ela está em condições de esclarecer qual seria o significado lexical das palavras individuais, e como se dá o significado das expressões compostas que surgem a partir de regras quaisquer. Para tanto, um bom teste são exatamente as traduções (como também as paráfrases dentro de uma mesma língua).

Pesquisar os problemas do traduzir, portanto, não exige ir além das tarefas próprias da linguística: certos conceitos de significado é que precisam ser esclarecidos, bem como quais os meios de expressão nas línguas examinadas que expressariam exatamente esses diferentes significados. De qualquer forma é isto que os linguistas fazem, ou melhor, dizem fazer. Os problemas da tradutologia são os problemas da linguística. Mas isto não quer dizer que aqueles que pesquisam a tradução só precisam ver o que os linguistas têm a dizer a respeito. A mim me parece exatamente o contrário: o traduzir, esta faceta específica da capacidade linguística humana, coloca-nos diante dos olhos uma

Das Problem des Übersetzens zu erforschen, verlangt daher nicht, über die eigentlichen Aufgaben der Linguistik hinauszugehen: Es müssen bestimmte Bedeutungsbegriffe geklärt werden, und es muß geklärt werden, welche Ausdrucksmittel in den untersuchten Sprachen eben diese unterschiedlichen Bedeutungen wiedergeben. Das ist es, was die Linguisten auch sonst tun, oder zumindest zu tun beanspruchen. Probleme der Übersetzungswissenschaft sind Probleme der Linguistik. Das heißt aber nicht, daß jene, die erstere erforschen wollen, bloß zu sehen brauchen, was „die Linguisten“ dazu zu sagen haben. Mir scheint im Gegenteil, daß das Übersetzen, diese spezifische Facette des menschlichen Sprachvermögens, uns wie mit der Lupe eine Anzahl von Problemen groß vor Augen führt, die zu klären eine Herausforderung für jede seriöse sprachwissenschaftliche Forschung ist.

Nach dem in der Einleitung Gesagten sollte deutlich sein, daß all diese Überlegungen wenig darüber besagen, ob es wissenschaftspolitisch oder organisatorisch sinnvoll ist, eine eigene Disziplin „Übersetzungswissenschaft“ zu etablieren. Wenn ein Themenbereich innerhalb eines Faches einen gewissen Aplomb hat, ist es oft praktisch, ihn als eigenes Fach auszugliedern. Wissenschaftlich zählt die Erforschung von Kristallen, ihrer Entstehung, ihrer Struktur, ihrer elektrischen Eigenschaften, zur Physik; aber es gibt mancherlei gute Gründe, sie als eigenes Fach zu etablieren. Ähnliches gilt nach meinem Dafürhalten auch für die Übersetzungswissenschaft. Hier aber ging es lediglich um die Frage, was man beim Übersetzen eigentlich zum Gegenstand ernsthafter wissenschaftlicher, auf Prinzipien gerichteter Forschung machen kann und inwieweit dies über die Aufgabe der Linguistik, nämlich die Erforschung des menschlichen Sprachvermögens, hinausführt. Nach meiner Auffassung führt es überhaupt nicht darüber hinaus. Eine ganz andere Frage ist freilich, inwieweit die moderne Linguistik den Problemen des Übersetzens – und das heißt, **ihren** Problemen – gerecht wird. Dies soll exemplarisch im nächsten Abschnitt diskutiert werden.

3. Was hat die moderne Linguistik zu den spezifischen Problemen des Übersetzens zu sagen?

Die beiden Probleme, um die es geht, sind oben genannt – nämlich: „Was von dem Ausgedrückten soll konstant gehalten werden?“ und

série de problemas como sob uma lupa, e o esclarecimento dos mesmos se constitui num desafio para qualquer pesquisa linguística séria.

Deve ter ficado claro pelas considerações feitas na introdução, que tudo isso pouco contribui para advogar o estabelecimento de uma disciplina autônoma “tradutologia”, quer seja sob ótica político-científica ou organizacional. Se um âmbito temático alcança um certo destaque dentro de uma área, muitas vezes é conveniente considerá-lo uma área autônoma. Cientificamente a pesquisa de cristais, seu surgimento, sua estrutura, suas particularidades elétricas pertencem à Física; mas existem tantos outros bons motivos para considerá-la uma disciplina independente. Algo similar, segundo minha visão, também vale para a tradutologia. Mas aqui se tratou principalmente da questão, o que no traduzir se pode constituir como objeto de pesquisa científica séria, baseando-se em princípios científicos, e até que extensão isso extrapola a tarefa da linguística, ou seja, a pesquisa da capacidade linguística humana. Em minha opinião ela não extrapola essa tarefa em nada. Uma bem outra questão é, seguramente, até que ponto a linguística moderna faz jus aos problemas do traduzir, ou seja, a seus próprios problemas. Isso será discutido no capítulo a seguir sob a forma de exemplos.

3. O que a linguística tem a dizer sobre os problemas específicos do traduzir?

Os dois problemas dos quais se está tratando foram citados acima, ou seja: “O que deve ser mantido constante daquilo que é expresso?” e “Como esse constante é expresso nas duas línguas através dos diferentes meios, tais como escolha de palavras, sintaxe, construção textual?”. Estes problemas não são exclusivos à tradução, mas é lá que eles se mostram de forma específica. Será que a linguística moderna, no que tange esses dois problemas, faz jus a essa forma específica?

3.1. O que deve ser mantido constante daquilo que é expresso?

De modo geral, o que deve ser mantido constante é o significado: ele deve ser o mesmo no original e na sua tradução, ou, como se diz normalmente, os dois textos devem ser “equivalentes”. Resultam daí, como já mencionado acima, duas dificuldades. Por um lado deseja-se conservar particularidades que, costumeiramente, não fazem parte

„Wie wird dieses Konstante in beiden Sprachen durch die unterschiedlichen Mittel wie Wortwahl, Syntax, Textaufbau ausgedrückt?“ Diese Probleme sind nicht spezifisch, insofern sie nur beim Übersetzen auftreten; aber sie zeigen sich dort in einer spezifischen Form. Wird das, was die moderne Linguistik zu beiden Problemen zu sagen hat, dieser spezifischen Form gerecht?

3.1 Was vom Ausgedrückten soll konstant gehalten werden?

Was konstant gehalten wird, ist im allgemeinen die Bedeutung: sie soll im Original und in dessen Übersetzung gleich sein, oder, wie man meist sagt, die beiden Texte sollen „äquivalent“ sein. Dabei ergeben sich, wie oben schon bemerkt, zwei Schwierigkeiten. Zum einen möchte man oft Eigenschaften erhalten, die im üblichen Verstand nicht zur Bedeutung zählen, beispielsweise bei einem Gedicht die Sonettform oder bei einem Geschäftsvertrag die Einteilung in Paragraphen. Solche Eigenschaften zu erforschen, ist vielleicht kein spezifisch linguistisches Problem; aber sie sind auch kein besonderes Problem für die Übersetzungswissenschaft (wenn auch wohl für die Praxis des Übersetzens). Deshalb gehe ich hier nicht weiter darauf ein, sondern beschränke mich auf die andere Schwierigkeit: Was ist mit „Bedeutung“ gemeint, wenn man sagt, die Bedeutung solle gleichgehalten werden?

Es ist offenkundig, daß die beiden Ausdrücke *Watch out!* und *Vorsicht!* nicht dasselbe bedeuten – in einem gewissen Sinne; in einem anderen Sinne bedeuten sie natürlich genau dasselbe. Ihre „lexikalische Bedeutung“ ist verschieden, ihre „pragmatische Bedeutung“ ist, jedenfalls in bestimmten Situationen, gleich. Das ist klar, und ebenso klar ist, daß bei einer sinnvollen Übersetzung letztere und nicht erstere gewahrt werden muß; wer *Vorsicht!* mit *Caution!* übersetzen würde, den würde jeder Lehrer zu Recht rügen. Klar ist drittens, daß lexikalische und pragmatische Bedeutung zumindest im Normalfall in irgendeiner systematischen Beziehung zueinander stehen müssen. Schließlich kann man nicht mit beliebigen Wörtern beliebige Funktionen erfüllen.

Wir haben hier die Ausdrücke „lexikalische Bedeutung“ und „pragmatische Bedeutung“ nur zur Erläuterung des Beispiels und ohne besonderen Anspruch auf Genauigkeit benutzt. Von der Linguistik kann man billigerweise zweierlei erwarten. Erstens muß sie

do significado, como, por exemplo, a forma do soneto numa poesia ou a distribuição dos parágrafos num contrato comercial. Pesquisar tais particularidades talvez não se constitua em um problema linguístico específico; mas também não é um problema especial para a tradutologia (mas certamente para a prática tradutória). Por esse motivo, não me estenderei mais nesse ponto aqui e me concentrarei na outra dificuldade: O que é intencionado com “significado”, quando se diz que é o significado que deve ser mantido igual?

É evidente que as duas expressões “*Watch out!*” e “*Cuidado!*” não significam a mesma coisa num certo sentido, mas em outro significam exatamente o mesmo. Seu “significado lexical” é diferente, seu “significado pragmático” é, pelo menos em certas situações, o mesmo. Isto é claro, como também é igualmente claro que numa tradução pertinente deva ser mantido o último e não o primeiro: aquele que traduzisse “*Cuidado!*” com “*Caution!*” seria advertido por qualquer professor. Mas claro também é que significado lexical e significado pragmático devem estar em alguma relação sistemática, um em relação ao outro, pelo menos nos casos normais. Afinal, não se podem preencher quaisquer funções com quaisquer palavras.

As expressões “significado lexical” e “significado pragmático” foram utilizadas aqui só para elucidação do exemplo, sem nenhuma pretensão à exatidão. Da linguística pode-se esperar, na verdade, duas coisas. Primeiramente, ela deve definir com precisão esses conceitos de significado, e possivelmente outros que possam vir a importar, até o limite onde afirmações empíricas sobre igualdade de significado possam ser comprovadas. Em segundo lugar, ela deve esclarecer de que modo os diferentes tipos de significado de uma expressão como, por exemplo, os lexicais e os pragmáticos, se referem sistematicamente uns aos outros. Ela pode fazer isso?

Não é fácil responder a esta questão, pois até hoje nem os linguistas são unânimes a respeito de uma teoria semântica. Desejo elucidar brevemente aqui três teorias semânticas, que foram igualmente bem desenvolvidas e amplamente divulgadas: (a) a “semântica lógica”, quer dizer, aquela teoria do significado originada por Frege, Wittgenstein e Tarski e expandida sistematicamente para a linguagem natural por Montague, Lewis e outros; (b) a teoria dos atos de fala com a sua diferenciação entre os papéis locucionários, ilocucionários e perlocucionários das declarações; (c) a ideia defendida na “análise

diese Begriffe von Bedeutung und möglicherweise andere, die gleichfalls eine Rolle spielen, präzise definieren, und zwar soweit, daß empirische Behauptungen über Bedeutungsgleichheit überprüfbar sind. Zweitens muß sie klären, wie die verschiedenen Arten der Bedeutung eines Ausdrucks, also etwa lexikalische und pragmatische, systematisch aufeinander bezogen sind. Kann sie dies?

Die Frage ist nicht leicht zu beantworten, weil sich die Linguisten bislang auch nicht entfernt auf eine Theorie der Semantik geeinigt haben. Ich will hier kurz drei Betrachtungsweisen erörtern, die vergleichsweise gut entwickelt und weit verbreitet sind: (a) die „logische Semantik“, d.h. die von Frege, Wittgenstein, Tarski herührende und von Montague, Lewis und anderen systematisch auf die natürliche Sprache ausgedehnte Bedeutungstheorie; (b) die Sprechakttheorie mit ihrer Unterscheidung zwischen lokutiver, illokutiver und perlokutiver Rolle von Äußerungen; (c) die in der „Konversationsanalyse“ vertretene Idee, Bedeutung sei etwas, das sich nicht systematisch aus den Ausdrücken ergibt, sondern von den Gesprächsteilnehmern in der Interaktion „ausgehandelt“ wird. Zu jeder dieser Betrachtungsweisen gibt es eine unübersehbare Literatur, und keine kann hier wirklich gewürdigt werden. Es geht im folgenden nur um die schlichte Frage, ob sie geeignet sind, den üblichen Problemen der Bedeutungswahrung, wie sie bei Übersetzungen tagaus tagein auftreten, gerecht zu werden.

3.1.1 Intension

Unter den drei Betrachtungsweisen ist sicher die erste mit Abstand am besten entwickelt; das gilt sowohl für die formale Präzision wie für die Anwendung auf sprachliche Fakten. Es gibt ganz verschiedene Ausformungen der logischen Semantik. Für sie alle sind jedoch drei Momente konstitutiv. Erstens, dem Begriff der „Wahrheit“ eines Satzes (in einer möglichen Welt) kommt eine entscheidende Rolle zu. Zweitens, die Bedeutung eines zusammengesetzten Ausdrucks ergibt sich nach festen Regeln aus der Bedeutung der Elemente, aus denen er sich zusammensetzt („Fregeprinzip“). Drittens, man muß zumindest zwei Arten der Bedeutung eines Ausdrucks unterscheiden, beispielsweise jene, die Frege mit „Sinn“ und „Bedeutung“ bezeichnet.

Ein Satz wie *Nous étions à l'étude, quand le proviseur entra* ist in diesem Sinne ein zusammengesetzter Ausdruck. Seine Bedeutung

conversacional” de que significado seria algo que não resulta sistematicamente das expressões, mas que é “negociado” pelos participantes do discurso, na interação. Para cada um desses pontos de vista existe literatura exaustiva, e nenhuma pode ser preterida aqui. Trataremos a seguir somente da questão de pertinência às questões costumeiras de manutenção do significado, tal como acontece diariamente nas traduções.

3.1.1. Intensão

Entre as três concepções, a primeira foi, sem dúvida, a melhor desenvolvida; isso vale tanto para a precisão formal como para a sua aplicação sobre fatos lingüísticos. Existem as mais diversas variantes da semântica lógica. Para todas elas, no entanto, três momentos são constitutivos. Primeiro, o conceito de “verdade” de uma sentença (num mundo possível) ocupa um papel decisivo. Segundo, o significado de uma expressão composta (=do todo) se dá, segundo regras fixas, a partir do significado dos elementos individuais constituintes (=das partes) (Princípio de Frege). Terceiro, devemos distinguir pelo menos dois tipos de significado de uma expressão, por exemplo, aqueles que Frege designa de “sentido” (*Sinn*) e “significado”(*Bedeutung*)”.

Uma sentença francesa como *‘Nous étions à l’étude, quand le proviseur entra’* é, neste aspecto, uma expressão composta. Seu significado se dá a partir do significado de seus elementos, portanto, das palavras *‘nous’*, *‘étude’*, *‘proviseur’* etc., bem como da maneira como elas estão interligadas sintaticamente. Seu significado é, pois, num certo plano (“intensão”) uma função de possíveis mundos em valores de verdade (“verdadeiro” e “falso”), quer dizer, uma função que determina, para qualquer situação imaginável (“mundo possível”), se a sentença corresponde ou não a esta situação. No outro plano (“extensão”), o significado de uma sentença é um valor de verdade que se obtém, quando se observa um determinado mundo possível. (É usual e possível fazer com que o significado não só dependa de mundos possíveis, como também de outros “índices” como, por exemplo, do momento da fala. Só desse modo é possível analisar expressões dependentes de contexto, tais como *agora*, *amanhã* etc., mas essa análise, por força de nosso argumento, pode ser descartada aqui.)

ergibt sich aus der Bedeutung seiner Elemente, also der Wörter *nous*, *étude*, *provisieur* usw., der Art, wie diese syntaktisch verknüpft sind. Seine Bedeutung ist nun auf einer Ebene („Intension“) eine Funktion von möglichen Welten in Wahrheitswerte („wahr“ und „falsch“), d.h. eine Funktion, die für jede denkbare Sachlage („mögliche Welt“) angibt, ob der Satz dieser Sachlage entspricht oder nicht; auf der zweiten Ebene („Extension“) ist die Bedeutung eines Satzes ein solcher Wahrheitswert, nämlich jener, den man erhält, wenn man eine spezielle mögliche Welt betrachtet. (Es ist üblich und erforderlich, die Bedeutung nicht nur von möglichen Welten abhängig zu machen, sondern noch von anderen „Indices“, etwa der Sprechzeit; nur so lassen sich kontextabhängige Ausdrücke wie etwa *jetzt*, *morgen* usw. analysieren; dies können wir hier aber zum Zwecke des Arguments schadlos vernachlässigen.)

Was hilft uns diese hier nur angedeutete Theorie bei der Beantwortung der Frage, in welchem Sinne die Bedeutung gewahrt werden soll? Ich will im folgenden an fünf Punkten zeigen, daß sich der Nutzen in Grenzen hält. Die Beispiele, die ich wähle, sind keineswegs besonders subtil, im Gegenteil: jeder, der sich je einmal mit Übersetzungen befaßt hat, wird sie für trivial halten. Aber das macht die Punkte, auf die es hier ankommt, besonders schlagend. Denn wenn schon die alltäglichsten Probleme nicht gelöst werden können – wie steht es dann mit den abgelegeneren?

1. Tautologien sind in allen möglichen Welten wahr, und ebenso sind Kontradiktionen in allen Welten falsch. Alle Tautologien und entsprechend alle Kontradiktionen haben also dieselbe Bedeutung (sowohl im Sinne der Intension wie im Sinne der Extension). Wenn nun ein Schüler den Satz *Two plus three is five* mit *drei mal sieben ist einundzwanzig* übersetzen würde, so würden dies wohl nur wenige Lehrer als korrekt passieren lassen – obwohl im Sinne der logischen Semantik der deutsche und der englische Satz dasselbe bedeuten. Das zeigt, daß Bedeutung im Sinne von Extension und Intension sicher nicht hinreicht, um auch den elementarsten Ansprüchen einer Übersetzungstheorie gerecht zu werden: Es geht nicht nur darum, den Wahrheitswert (in einer oder in allen Welten) zu erhalten. Die Ausdrücke *two*, *three*, *plus*, *five* haben eine andere lexikalische Bedeutung als *sieben*, *mal*, *drei*, *einundzwanzig*, und irgendwie muß dies gleichfalls gewahrt bleiben, nicht nur die Intension des ganzen Satzes.

De que nos serve essa teoria, meramente mencionada aqui, na resposta à pergunta em que sentido o significado é para ser mantido? Elenco cinco pontos a seguir, para mostrar que a utilidade é restrita. Os exemplos que escolho não são de modo algum particularmente sutis. Bem ao contrário, cada qual que tenha se ocupado alguma vez com traduções vai considerá-los até triviais. Mas exatamente isso faz os pontos levantados aqui bastante pertinentes. Pois, se já não se resolvem os problemas mais triviais do dia-a-dia, como fica se confrontado com problemas mais complicados?

1. Tautologias são verdadeiras em todos os mundos possíveis, do mesmo modo como as contradições são falsas em todos os mundos. Portanto, todas as tautologias e, correspondentemente, todas as contradições têm o mesmo significado (tanto no sentido da intensão, como no sentido da extensão). Agora, se um aluno traduzir a sentença *'Two plus three is five'* por *'Sete vezes três são vinte e um'*, certamente seriam poucos os professores que deixariam passar isso como correto – mesmo que dentro dos parâmetros da semântica lógica, a sentença em inglês e a sentença em português tenham exatamente o mesmo significado (o seja, o verdadeiro). Isso mostra que significado no sentido de extensão e intensão certamente não é suficiente para fazer jus aos mais elementares dos requisitos de uma teoria da tradução: não se trata, portanto, somente da manutenção do valor de verdade (num mundo ou em todos os mundos). As expressões *two, three, plus, five* possuem um significado lexical diferente de *sete, vezes, três, vinte e um* e de algum modo isso precisa ser igualmente mantido, e não somente a intensão da sentença inteira.

2. Quando queremos alertar alguém para não tropeçar num degrau, muitas vezes dizemos *'Cuidado!'*. Em inglês soaria bastante estranho, nessa mesma situação, dizer-se *'Caution!'*. Já citamos esse exemplo anteriormente. Casos como esse constituem os mais triviais exemplos de erro nas traduções, praticamente indignos de pesquisa científica: como já dito anteriormente, é o “significado pragmático” que precisa ser mantido, e, para tanto, precisamos de outras expressões no inglês do que os correspondentes lexicais em português. Sobre esse conceito de significado a semântica formal nada tem a dizer, e nem é essa a sua pretensão. Mas está claro que necessitamos desse conceito de significado também. Outro exemplo, talvez não tão aparente à primeira vista, é a escolha de determinados termos em contratos e registros de

2. Wenn man jemanden warnen will, nicht über eine Stufe zu stolpern, sagt man im Deutschen oft *Vorsicht!*. Im Englischen wäre es sehr merkwürdig, unter denselben Bedingungen *Caution!* zu sagen. Wir haben dieses Beispiel bereits oben erwähnt. Fälle dieser Art zählen zu den allertrivialsten Beispielen von Fehlübersetzungen, fast schon unter der Würde der wissenschaftlichen Untersuchung: Es muß, wie wir oben sagten, die „pragmatische Bedeutung“ gewahrt werden, und dazu benötigt man im Englischen andere Ausdrücke als die lexikalisch entsprechenden im Deutschen. Über diesen wesentlichen Bedeutungs-begriff hat die formale Semantik nichts zu sagen, beansprucht sie auch gar nicht. Es ist aber klar, daß man diesen Bedeutungs-begriff auch benötigt. Ein anderes und vielleicht nicht ganz so offensichtliches Beispiel ist die Wahl bestimmter Termini in Verträgen oder Patentschriften, die erforderlich ist, um die gleichen rechtsverbindlichen Wirkungen zu zeitigen. Letztere sind es, die gewahrt werden müssen, nicht oder nicht unbedingt die Intension.

3. Der Bedeutungs-begriff der formalen Semantik bezieht sich lediglich auf das, was man oft die „denotative Bedeutung“ nennt, nicht aber auf die „konnotative“ – also nur auf das, worauf sich ein Ausdruck bezieht, nicht auf all die damit systematisch verbundenden Assoziationen. Daß letztere in einer Übersetzung zu wahren wichtig ist, oft wichtiger als die denotative, ist gleichfalls auf schon triviale Weise offenkundig; dies gilt keineswegs nur für literarische Texte, sondern ebensowohl für eine Presseerklärung.

4. Lassen wir all dies einmal beiseite und nehmen an, daß bei einer Übersetzung nur die Wahrheit gerettet werden muß. Welcher der unter (2) angeführten Sätze wahrt die Intension bzw. – dies ist eine schwächere Forderung – die Extension von (1):

- (1) Nous étions à l'étude, quand le proviseur entra.
- (2a) Wir machten gerade Aufgaben, als der Schulvorsteher eintrat.
- (2b) Als der Schulvorsteher eintrat, machten wir gerade Aufgaben.
- (2c) Während wir unsere Aufgaben machten, kam der Schulvorsteher herein.
- (2d) Wir waren bei unseren Hausarbeiten, als der Direktor hereintrat.

Man kann sich zunächst schwerlich einen Zustand der Welt vorstellen, bei dem (2a) wahr ist, (2b) aber falsch; dies gilt ebenfalls für (2c). Aber intuitiv ist nur (2a) eine einigermaßen „richtige“ Über-

patentes, que está à disposição para que se obtenham efeitos legais iguais. Esses efeitos é que precisam ser mantidos, e não a intensão ou necessariamente esta.

3. O conceito de significado da semântica formal se refere àquilo que muitas vezes chamamos de “significado denotativo”, mas não ao “significado conotativo” – portanto, só àquele a que se refere uma expressão, não a todas as associações sistematicamente relacionadas a ela. Trivialmente reconhecida também é a importância de se manter o significado conotativo numa tradução, às vezes sendo até mais importante que a manutenção do denotativo; isso vale não só para os textos literários, mas igualmente para um texto jornalístico.

4. Vamos abandonar todas essas considerações e assumir que numa tradução só se deva conservar a verdade. Qual das sentenças em alemão em (2) conserva a intensão, ou melhor dizendo, a extensão de (1), para não sermos tão rigorosos?

(1) Nous étions à l'étude, quand le proviseur entra.

(2a) Wir machten gerade Aufgaben, als der Schulvorsteher eintrat.
(Fazíamos justamente as tarefas quando o inspetor entrou.)

(2b) Als der Schulvorsteher eintrat, machten wir gerade Aufgaben.
(Quando o inspetor entrou, fazíamos justamente as tarefas.)

(2c) Während wir unsere Aufgaben machten, kam der Schulvorsteher herein.

(Enquanto fazíamos as tarefas, o inspetor adentrou.)

(2d) Wir waren bei unseren Hausarbeiten, als der Direktor hereintrat.

(Estávamos fazendo nossas tarefas de casa quando o diretor adentrou)

Com referência ao alemão, fica difícil imaginar um estado de mundo em que (2a) seja verdadeira, mas (2b) não; o que vale igualmente para (2c). Mas intuitivamente, só (2a) é uma tradução mais ou menos “correta” de (1) para o alemão. Em (2b), de algum modo, a estrutura “tópico-foco” está errada e em (2c) a relação temporal entre os dois eventos, ou seja, o fazer das tarefas e a entrada do “proviseur” está explicitada de um modo que não corresponde exatamente ao expresso no original em francês, embora, em ambos os casos, se diga, que o último evento recaia na extensão temporal do primeiro. Em (2b) e (2c) alguns aspectos específicos do significado não são conservados na tradução para o alemão, que, por sua vez, estão fora dos conceitos de

setzung. Bei (2b) ist irgendwie die „Topik-Fokus-Struktur“ verkehrt, und bei (2c) wird das temporale Verhältnis zwischen den beiden Geschehnissen, dem Aufgabenmachen und dem Eintritt des „proviser“, auf eine Weise expliziert, die dem im Original Ausgedrückten nicht so recht entspricht – obwohl in beiden Fällen gesagt wird, daß letzteres Ereignis in den zeitlichen Rahmen des ersteren fällt. Es werden bei (2d) und (2c) bestimmte Aspekte der Bedeutung nicht gewahrt, die jenseits der Begriffe Intension und Extension liegen. Sie hängen mit der „Topik-Fokus-Struktur“ der zu übersetzenden Äußerung zusammen, die bei (2a) mehr oder minder bewahrt wird, in den beiden anderen Fällen aber nicht.

5. Sowohl (2a) wie (2d) wahren zumindest einigermaßen die „Topik-Fokus-Struktur“ des Originals. Wahren sie nun aber auch die Intension von (1)? Ist eine Welt denkbar, in der das von (1) Ausgedrückte gilt, nicht aber das von (2a) Ausgedrückte, und umgekehrt (wobei unterstellt sei, daß die deiktische Information in beiden Fällen gleich ist)? – Man weiß gar nicht recht, nach welchen Kriterien man eine solche Frage entscheiden soll. Ist es möglich, daß der Satz *Nous étions à l'étude* wahr ist, nicht aber der Satz *Wir machten gerade Aufgaben*? Was mit dem französischen Satz gemeint ist, kann man eigentlich nur recht verstehen, wenn man die Situation an den französischen Schulen kennt, von denen hier die Rede ist: am Vormittag Unterricht, am Nachmittag gemeinsame Aufgaben in einem besonderen Arbeitsraum. Es ist ganz klar, daß man gerade Aufgaben machen kann, ohne in diesem Sinne „à l'étude“ zu sein. Aber drückt denn der französische Satz letzteres wirklich aus, oder besagt er nur, daß wir eben dabei waren, unsere Aufgaben zu machen, und alles andere ergibt sich bloß aus nichtsprachlichem Wissen? Was ist bei der Übersetzung zu wahren: das was im Satz gleichsam Wort für Wort ausgedrückt ist – die „kompositionelle Bedeutung“ –, oder das, was der Leser, an den sich dieser Satz wendet, normalerweise verstehen würde? Sicherlich letzteres, oder zumindest eher letzteres, denn sonst könnte man genauso gut übersetzen *Wir waren beim Studieren*, und es wäre auch nicht falsch. Niemand würde dies aber für eine angemessene Übersetzung halten. Und wie ist es, wenn man, wie bei (2d), von „Hausaufgaben“ statt einfach von „Aufgaben“ redet? Der Satz *Nous étions à l'étude* kann sehr wohl bedeuten, daß wir gerade Hausaufgaben machten; nur ist das hier nicht **gemeint**. Aber das,

intensão e extensão. Eles estão relacionados com a estrutura “tópico-foco” da expressão a ser traduzida, que em (2a) foi mais ou menos mantida, mas nos outros dois casos não.

5. A estrutura “tópico-foco” do original é ao menos parcialmente conservada tanto em (2a) como em (2d). Mas será que elas conservam também a intensão de (1)? Pode-se pensar num mundo onde vale o que está expresso em (1), mas não o que está expresso em (2a), e também o contrário (mantido que a informação dêitica nos dois casos seja a mesma)? Nem se sabe ao certo a partir de que critérios se deve decidir uma questão como essa. É possível que uma sentença como ‘*Nous étions à l’étude*’ seja verdadeira, mas não uma sentença como ‘*Wir machten gerade Aufgaben*’? O que se quer dizer com a sentença francesa, na verdade, só pode ser entendido corretamente, se se conhece a realidade nas escolas francesas da qual se está tratando aqui, ou seja, aulas no período matutino, execução conjunta das tarefas no período vespertino, numa sala de trabalho específica. Fica bem claro, que se pode estar fazendo tarefas, sem necessariamente estar “à l’étude”. Mas será que a sentença francesa realmente expressa isso, ou será que ela só diz que estávamos apenas fazendo as tarefas, e que todo o resto se deduz somente do conhecimento não-linguístico? Deve ser mantido na tradução aquilo que na sentença está expresso palavra-por-palavra – o “significado composicional”, ou aquilo que o leitor a quem essa sentença se destina entenderia normalmente? Certamente o último, ou pelo menos preferencialmente o último, pois senão poderíamos igualmente traduzir ‘*Wir waren beim Studieren*’, e isto também não seria falso. Mas ninguém o consideraria uma tradução apropriada. E como fica no caso de (2d) quando falamos “Hausarbeiten” (‘tarefas de casa’) ao invés de simplesmente “Arbeiten” (‘tarefas’)? A sentença ‘*Nous étions à l’étude*’ pode muito bem significar que fazíamos exatamente tarefas de casa; mas não é este o caso aqui. No entanto, aquilo que intencionamos (N.T.: agora é intenção com “ç”) não pode ser extraído das palavras tão somente, mas se origina de conhecimento não-linguístico. As mesmas considerações podem ser aplicadas à segunda parte da sentença: pode ser ao mesmo tempo verdadeiro (*quand*) *le proviseur entra* e falso (*als*) *der Schulpflichter eintrat*? Naturalmente, depende do que entendemos por ‘*proviseur*’ e por

was gemeint ist, kann man eben nicht allein den Worten entnehmen, sondern es rührt aus nichtsprachlichem Wissen. Dieselben Überlegungen kann man für den zweiten Teilsatz anstellen: kann (*quand*) *le proviseur* *entra* wahr sein und zugleich (*als*) *der Schulvorsteher* *eintrat* falsch? Natürlich; es kommt darauf an, was man mit *proviseur* und mit *Schulvorsteher* oder aber *Direktor* (wie in 2d) meint. Ob man dies im gleichen Sinne versteht, hängt vom nichtsprachlichen Wissen ab.

Das Problem, um das es hier geht, ist ein altbekanntes. Wie wir einen Satz verstehen, hängt zum einen von seiner „kompositionellen Bedeutung“ ab, zum andern von einer Menge nichtsprachlichen Wissens, das wir zu seiner Interpretation heranziehen. Erstere ergibt sich aus der Bedeutung der einzelnen Wörter und der Art, wie diese syntaktisch zusammengesetzt sind; Begriffe wie Intension und Extension beziehen sich auf diese kompositionelle Bedeutung. Letztere bezieht sich auf all das weitere Wissen, das der Sprecher (oder Autor) bei seinem Hörer (oder Leser) unterstellt und dem er seine Worte anpaßt. Die „Interpretation“ einer Äußerung ergibt sich erst aus dem Zusammenspiel von kompositioneller Bedeutung und nichtsprachlichem Wissen; was in einer sinnvollen Übersetzung bewahrt werden muß, ist aber offenbar nicht nur die kompositionelle Bedeutung, sondern die „Interpretation“.

Das Fazit ist klar. Begriffe wie Intension und Extension sind wohldefiniert; aber sie decken nicht das ab, was an Bedeutung in einer sinnvollen Übersetzung gewahrt werden soll. Dies ist keine Kritik an der Begrifflichkeit der formalen Semantik. Sie ist in Sachen Bedeutung das Beste, was derzeit auf dem Markt der Linguistik zu haben ist. Aber sie wird schon relativ elementaren, ja trivialen Anforderungen an einen „übersetzungsrelevanten“ Bedeutungsbegriff nicht gerecht. Sie ist auch gar nicht dafür gedacht. Aber was kann sich der Übersetzungswissenschaftler dann von der Linguistik für seine Probleme erhoffen? Nun gibt es in der Linguistik durchaus Vorstellungen, die über den besonders gut entwickelten, aber doch vergleichsweise engen Bedeutungsbegriff der formalen Semantik hinausgehen. Ein Beispiel ist die der analytischen Philosophie entstammende Lehre von den verschiedenen „Kräften“ einer Äußerung. Darauf gehe ich nun kurz ein.

3.1.2 Lokutive, illokutive und perlokutive Kraft

Die Vorstellung ist grob gesagt, daß eine Äußerung neben ihrer „locutionary force“ (meist als „lokutive Rolle“ oder „lokutive

'*Schulvorsteher*' ou '*Direktor*' (como em (2d)). Se o entendemos do mesmo modo vai depender do conhecimento não-linguístico.

O problema de que se está tratando aqui é amplamente conhecido. O modo como entendemos uma sentença depende, por um lado, de seu significado composicional, e, por outro lado, de uma série de conhecimentos não-linguísticos, que são puxados para sua interpretação. O primeiro resulta do significado das palavras individuais e do modo como elas se estruturam sintaticamente; conceitos como intensão e extensão se referem a este significado composicional. O segundo modo se refere a todo o conhecimento adicional que o falante (ou autor) supõe no seu ouvinte (ou leitor) e ao qual ele ajusta suas palavras. A "interpretação" de uma sentença resulta apenas a partir do jogo conjunto do significado composicional e do conhecimento não-linguístico. O que precisa ser conservado em uma tradução legítima ("*sinnvolle Übersetzung*") seguramente não é apenas o significado composicional, mas a "interpretação".

A conclusão está clara. Conceitos como intensão e extensão estão bem definidos, mas eles não cobrem toda a abrangência de significado que precisa ser mantido numa tradução legítima. Isto não é uma crítica a conceitualização da semântica formal. Ela é, no que tange o significado, o melhor que por ora se encontra no mercado da linguística. Mas ela não faz jus às reivindicações relativamente elementares, triviais até, de um conceito de significado relevante para a tradução. Ela também não foi desenvolvida com esse propósito. Mas afinal, o que pode então o pesquisador de tradução esperar da linguística para a solução dos seus problemas? Nos estudos linguísticos até já existem considerações que extrapolam esse conceito de significado que foi tão bem desenvolvido pela semântica formal, ainda que com restrições. Um exemplo disso seria o estudo das diversas "forças" de um enunciado, cujas bases provem da filosofia analítica. A seguir desenvolverei superficialmente esta questão.

3.1.2. Força locucionária, ilocucionária e perlocucionária

Imagina-se, grosso modo, que uma declaração tenha, paralelo à sua "locutionary force" (muitas vezes traduzido por "papel locucionário" ou "significado locucionário") ainda uma força ilocucionária e uma perlocucionária. A última não irá nos interessar aqui por ser bastante polêmica e não importar na presente

Bedeutung“ übersetzt) noch eine illokutive und eine perlokutive besitzt; letztere braucht uns hier nicht zu interessieren; was damit gemeint ist, ist umstritten, und es spielt für die vorliegenden Probleme keine Rolle. Die lokutive Kraft entspricht *cum grano salis* dem, was wir oben als „kompositionelle Bedeutung“ bezeichnet haben – das, was sich aus der Bedeutung der einzelnen Wörter und der Art ihrer Zusammensetzung nach festen grammatischen Regeln ergibt. Eine illokutive Kraft hat die Äußerung insofern, als sie dient, in einer Situation bestimmte Handlungen zu vollziehen – Anweisungen zu geben, Behauptungen zu machen, etwas zu versprechen, und dergleichen mehr. Diese Art der Bedeutung ergibt sich daraus, daß ein Satz (oder allgemein ein Ausdruck) mit bestimmter lokutiver Bedeutung nach bestimmten Regeln in einer bestimmten sozialen Konstellation geäußert wird. So kann beispielsweise der Satz *Ich komme morgen vorbei* je nach Konstellation die Funktion einer Behauptung, einer Warnung, einer Drohung, eines Versprechens haben. Er kann bei gleicher kompositioneller Bedeutung unterschiedliche „pragmatische Bedeutungen“ haben.

Dies ist in der Tat, wie in Abschnitt 3.1.1, Punkt 2, gesagt wurde, ein für die Übersetzungswissenschaft wesentliches Moment. Um beim dortigen Beispiel zu bleiben: Die Ausdrücke *Vorsicht!* und *Watch out!* haben zwar nicht dieselbe lexikalische und damit kompositionelle Bedeutung, wohl aber dieselbe pragmatische: sie haben dieselbe oder zumindest sehr ähnliche illokutive Kraft. Was bei einer Übersetzung gewahrt werden soll, ist ebendies, und nicht die lexikalische Bedeutung – jedenfalls in manchen Fällen. Insofern wird die Vorstellung von illokutiver Bedeutung zumindest einer der fünf in Abschnitt 3.1.1 genannten vom Bedeutungsbegriff der logischen Semantik nicht erfüllten Anforderungen gerecht – allerdings nur im Prinzip. In der Praxis hat die Sprechakththeorie seit Searle (1969) trotz vieler Bemühungen nur mäßige Fortschritte gemacht. Sie ist empirisch nicht entfernt so weit ausgebaut wie die formale Semantik. Dies ist allerdings kein grundsätzlicher Einwand; man kann nicht ausschließen, daß es irgendwann doch gelingt, sie zu einer allgemeinen und empirisch umfassenden Analyse der pragmatischen Bedeutung fortzuentwickeln. Ich selbst bezweifle dies. Aber selbst wenn es gelänge, würde sie den vier anderen in 3.1.1 genannten Anforderungen auch nicht weiter gerecht als die formale Semantik. Und es ist nicht zu sehen, wie sie diesen Anforderungen gerecht werden könnte.

problemática. A força locucionária corresponde *cum grano salis* ao que chamamos acima de “significado composicional”, ou seja, àquilo que resulta do significado das palavras individuais e do modo como elas estão interligadas segundo regras gramaticais fixas. A declaração passa a ter uma força ilocucionária a partir do momento em que ela, numa dada situação, desencadear determinadas atitudes, como, por exemplo, dar instruções, fazer afirmações, prometer algo, e similares. Este tipo de significado resulta do fato de que uma sentença (ou uma expressão) com determinado significado locucionário é dita segundo regras específicas, em uma constelação social também específica. Assim, por exemplo, a sentença ‘*Passo lá amanhã*’, dependendo da constelação, pode ter a função de uma afirmação, um alerta, uma ameaça e de uma promessa. Com o mesmo significado composicional, a sentença pode ter diferentes “significados pragmáticos”.

Na verdade, como foi dito no parágrafo 3.1.1, item 2, esse é um ponto essencial para a tradutologia. Para ficar no exemplo lá citado, as expressões “*Cuidado!*” e “*Watch out!*”, na verdade, não têm o mesmo significado lexical, e com isso, o mesmo significado composicional, mas certamente têm o mesmo significado pragmático. Elas têm a mesma força ilocucionária, ou pelo menos muito parecida. Portanto, o que deve ser mantido numa tradução é exatamente isso e não o significado lexical, pelo menos em muitos casos. A ideia de significado ilocucional faz jus a pelo menos um dos cinco pontos citados no parágrafo 3.1.1 sobre o não-atendimento do conceito de significado proveniente da semântica lógica, embora só em princípio. Na prática, a teoria dos atos de fala, mesmo com muita dedicação, pouco progresso tem feito nesse sentido desde Searle (1969). Empiricamente essa teoria nem de longe está tão desenvolvida como a semântica formal. Na verdade, isso não é uma objeção; não podemos descartar a ideia de que algum dia ainda seja possível desenvolvê-la de tal modo que venha a se constituir numa análise geral e empiricamente abrangente do significado pragmático. Particularmente duvido disso. Mas mesmo que acontecesse, ela não faria mais jus do que a semântica formal às outras quatro exigências citadas em 3.1.1. E não dá para ver como poderia vir a atendê-las.

3.1.3 Radikale Kontextualisierung

Eines der fünf Probleme war, daß das explizit Ausgedrückte immer vor dem Hintergrund einer Fülle nichtsprachlichen Wissens zu sehen ist; wir haben dies am Beispiel des Wissens über die französische Schule oben angedeutet. Schaut man sich die Übersetzungskritik und auch die Diskussion typischer Schwierigkeiten in der Übersetzungswissenschaft an, so ist die Rolle des unterschiedlichen „Kontextes“ im weitesten Sinne sicher das wichtigste der fünf Probleme. Man kann die Wörter und Sätze übertragen; aber sie sind im Original in bestimmter Weise an nichtsprachliches Wissen angepaßt, und wie soll man verfahren, wenn dieses Wissen beim neuen Leser nicht, oder nicht in dieser Weise, vorhanden ist? Soll man Wissen nachliefern, etwa in Form von Anmerkungen, soll man expliziter werden, soll man Esel und Schafe der Bibel bei der Übersetzung ins Guughu Yimidhrr durch Känguruhs und Koalabären ersetzen? Fragen dieser Art sind Dauerbrenner der Übersetzungswissenschaft. Was kann die moderne Linguistik zu ihrer Lösung beitragen?

Die beiden oben kurz diskutierten Bedeutungstheorien leisten dazu wenig. Kein Vorwurf, wie schon gesagt, sie sind dafür nicht gemacht. Eine Möglichkeit, dem überragenden Gewicht des Kontextes – dem ganzen Hintergrundwissen, den mehr oder minder geteilten Annahmen von Sprecher und Hörer – gerecht zu werden, besteht in einer radikalen Kontextualisierung der Bedeutung. Dieser Weg wird von manchen Vertretern der Konversationsanalyse verfolgt. Wörter und Sätze haben keine feste Bedeutung, diese wird vielmehr erst in der Interaktion „ausgehandelt“. In dieser Vorstellung steckt durchaus ein wichtiges Moment: Was jemand, der in einer bestimmten Situation sagt *Schon wieder Frikadellen* oder *Ich liebe dich doch* damit „wirklich meint“, läßt sich, wenn überhaupt, nur durch einen komplizierten Prozeß der Interaktion ausmitteln. Schließlich ist es nicht eben ungewöhnlich, auf eine solche Äußerung mit der Frage *Wie meinst Du das?* zu reagieren, die dann ihrerseits wiederum zu allerlei verbalen und nonverbalen Reaktionen führen kann. Was sich dabei ausschält, ist so etwas wie die „soziale Bedeutung“ für die betreffenden Gesprächspartner, und diese ergibt sich nicht aus einer konventionellen Zuordnung von Form und Funktion, wie dies etwa bei der kompositionellen Bedeutung angenommen wird.

3.1.3. Contextualização radical

Um dos cinco problemas era que o explicitamente expresso sempre deveria ser visto diante de um fundo constituído de conhecimento não-linguístico, conforme foi exemplificado acima com o conhecimento sobre o sistema escolar francês. Se olharmos a crítica da tradução e também a discussão sobre problemas típicos na tradutologia, o papel dos diferentes “contextos” seguramente constitui o mais importante dos cinco problemas. Podemos transpor palavras e sentenças, mas estas estão ajustadas de um modo específico a conhecimentos não-linguísticos no original. E como devemos agir quando esse conhecimento não está disponível para o novo leitor, ou pelo menos não desta maneira? Devemos fornecer também esse conhecimento, talvez em forma de notas, devemos ser mais explícitos, devemos substituir os burros e as ovelhas por cangurus e coalas na tradução da bíblia para o Guughu Yimidhirr? Perguntas dessa ordem já se tornaram típicas na tradutologia. Em que a linguística moderna pode contribuir para a sua resposta?

As duas teorias do significado citadas acima pouco têm a contribuir. Como já disse, não as culpo por isso, afinal elas não foram feitas com este propósito. Uma possibilidade de fazer jus ao extremo peso do contexto, ou seja, a todo conhecimento de base, a todas as suposições mais ou menos compartilhadas por falantes e ouvintes consiste numa contextualização radical do significado. Esse caminho é trilhado por muitos seguidores da análise conversacional. Palavras e sentenças não têm um significado fixo, ele é, muito mais, “negociado” somente no momento da interação. A esta ideia subjaz um importante ponto de vista: o que alguém que numa dada situação diz *“De novo bolinho de carne!”* ou *“Mas eu te amo!”* “realmente quer dizer” só pode ser deduzido, se isso for de todo possível, através de um complicado processo de interação. Afinal, não é de todo estranho reagir-se a uma declaração como esta com a pergunta: “O que você quer dizer com isso?”, que, por sua vez, novamente, pode levar a uma série de reações verbais e não-verbais. Debulha-se disso uma espécie de “significado social” para os participantes do discurso, e este não resulta de uma associação convencional de forma e função, tal como assumida para o significado composicional.

Tão importante e útil que um conceito de significado social possa ser, para o pesquisador da tradução ele apresenta vantagem apenas

So wichtig und sinnvoll ein solcher Bedeutungsbegriff sein mag – er ist für den Übersetzungswissenschaftler von mäßigem Vorteil. Zum einen kann die „soziale Bedeutung“ die „kompositionelle Bedeutung“ nicht ersetzen, sondern allenfalls auf ihr aufbauen. Wenn es keine feste, im jeweiligen Sprachsystem geregelte Zuordnung von Form und Bedeutung gäbe, sondern der Kontext alles richten würde, dann wären Übersetzungen eigentlich überflüssig, und damit auch die Wissenschaft davon: etwas übersetzen heißt ja schließlich, eine bestimmte konventionelle Zuordnung, etwa die im Französischen übliche, durch eine andere, etwa die im Deutschen übliche, zu ersetzen. Und zum andern hat der Übersetzer, der beispielsweise den Satz (1) auf Deutsch wiedergeben soll, nichts weiter auszuhandeln: Er kann gar nicht weiter interagieren, er muß einfach einen Satz oder auch einen Text durch einen anderen Text ersetzen. All dies spricht nicht gegen die Vorstellung, daß es so etwas wie eine soziale Bedeutung gibt, die in hohem Maße kontextabhängig ist und sich erst aus der Interaktion ergibt; es hilft nur nicht bei der Lösung der Probleme, um die es in der Übersetzungswissenschaft geht.

3.1.4 Fazit

Eine Übersetzung soll in gewisser Weise dasselbe ausdrücken wie das Original: Sie soll die Bedeutung wahren. Bedeutungsbegriffe gibt es viele. Was sich die Übersetzungswissenschaft von der Linguistik erwarten kann, ist eine für ihre Zwecke brauchbare Präzisierung dieses Konzeptes. Aber wenn unsere obigen Betrachtungen stichhaltig sind, kann, was die Linguisten hier anzubieten haben, auch vergleichsweise elementaren Anforderungen, auf die man beim Übersetzen alltäglich stößt, nicht gerecht werden. Vielleicht gibt es andere Bedeutungstheorien, die ebendies leisten; aber wenn, kenne ich sie nicht.

3.2 Wie verhalten sich die Ausdrucksmittel zueinander?

Im vorigen Abschnitt ging es um die Frage, was das Konstante bei Original und Übersetzung ist und was die moderne Linguistik beitragen kann, es präzise zu fassen. Das Konstante, wie immer es definiert sein mag, muß in beiden Sprachen mit unterschiedlichen Mitteln verwirklicht werden. Diese Mittel müssen sich also in gewisser Weise entsprechen. Das heißt natürlich nicht, daß jeweils ein Wort einem andern entsprechen muß; man übersetzt ja nicht einzelne Wörter,

relativa. Por um lado, o “significado social” não pode substituir o “significado composicional”, mas, no melhor dos casos, construir em cima dele. Se não existisse uma regra fixa de associação de forma e função em cada uma das línguas, e que tudo fosse determinado pelo contexto, nem se justificaria a existência de traduções e nem tampouco, de uma ciência sobre elas. Afinal, traduzir algo quer dizer substituir uma determinada relação convencional usual, por exemplo, no francês por uma determinada relação convencional, por exemplo, no alemão. Por outro lado, o tradutor que, por exemplo, precisar verter para uma outra língua a sentença (1), não tem nada mais a fazer: nem pode interagir mais, precisa simplesmente substituir uma oração ou um texto por outra oração ou texto. Isso tudo não depõe contra o fato de existir algo como um significado social, que em grande escala é dependente do contexto e que só se dá a partir da interação, mas só não ajuda na solução dos problemas dos quais se trata na tradutologia.

3.1.4. Conclusão parcial

Uma tradução deve, em certo sentido, expressar a mesma coisa que o original: ela deve conservar o significado. Conceitos de significado existem muitos. O que a tradutologia pode esperar da linguística é que ela precise esse conceito para que seja útil aos seus propósitos. Mas se nossas considerações acima forem pertinentes, então o que os linguistas têm a oferecer não faz jus a esse propósito, nem sequer às exigências mais elementares com as quais o tradutor se depara diariamente. Talvez existam outras teorias de significado que forneçam exatamente isso, mas, se elas existem, eu não as conheço.

3.2. Como os meios de expressão se comportam uns em relação aos outros?

No capítulo anterior tratou-se da questão do que seria o constante no original e na tradução e como o linguista poderia contribuir para defini-lo mais precisamente. Em ambas as línguas, o constante, seja lá como isso é definido, deve ser realizado através de meios diferentes. Portanto, esses meios devem se corresponder de certo modo. Isso naturalmente não quer dizer que cada palavra deva corresponder a uma outra palavra; afinal, não se traduzem palavras, mas textos. Mas os textos são constituídos de palavras, que estão ligadas segundo regras específicas, e o significado de um texto se dá, pelo menos em

sondern Texte. Aber die Texte bauen sich aus Wörtern auf, die nach bestimmten Regeln miteinander verbunden sind, und die Bedeutung eines Textes ergibt sich -zumindest auf einer Ebene- aus der Bedeutung der elementaren Einheiten, eben der Wörter, und aus den semantischen Auswirkungen der Regeln, nach denen sie zu größeren Einheiten verbunden sind. Wie wir im vorigen Abschnitt gesehen haben, liefern Wortbedeutungen und semantischer Beitrag der grammatischen Regeln nicht alles an Bedeutung, was unter der Perspektive der Übersetzung relevant wäre. Aber ich will hier die Diskussion einmal auf diese beiden Punkte beschränken und die Rolle der kontextuellen Information, deren Wichtigkeit allgemein zugestanden, deren genaues Funktionieren aber nach wie vor schlecht erforscht ist, außer Acht lassen.

Das Interesse der Übersetzungswissenschaft kann nicht dahingehen, einfach Wortschatz und Grammatik (im wesentlichen Syntax und Morphologie) zweier Sprachen zu vergleichen. Das mag ein Ziel der Sprachtypologie oder Universalienforschung sein. Aus diesem Grunde ist auch der größte Teil der modernen Syntaxforschung für die Übersetzungsforschung nicht sehr ergiebig, denn dort geht es um die Strukturen für sich genommen. Hier aber kommt es darauf an zu klären, inwieweit eine Verbindung bestimmter Wörter in der einen Sprache zu demselben Ergebnis führt wie eine Verbindung anderer Wörter in der andern Sprache. Etwas simpler gesagt: Es geht um die lexikalische Semantik und um die semantischen Auswirkungen der Syntax (und Morphologie). Dies sind Kernthemen in der Erforschung einer jeden Einzelsprache, und man würde annehmen, daß die Linguistik dazu etwas zu sagen hat. Was hat sie zu jenen Aspekten der Wort- und Satzsemantik zu sagen, die für den Übersetzungs-wissenschaftler relevant sind? Beginnen wir mit der lexikalischen Semantik.

3.2.1 Wortsemantik

It's only words.

Bee Gees

Die Bee Gees meinen zwar nicht die Sprache; aber es wäre vielleicht nicht unpassend. Im naiven Verstand besteht die Sprache im wesentlichen aus Wörtern, und manche durchaus bedeutende linguistische Traditionen, etwa die chinesische, befassen sich nahezu ausschließlich mit der Analyse des Wortschatzes. Ich selbst halte diese

um dos planos, a partir do significado das unidades elementares, portanto, das palavras e dos efeitos semânticos das regras, a partir das quais elas formam unidades maiores. Como vimos no capítulo anterior, significado das palavras e contribuição semântica das regras gramaticais não fornecem todo o significado que seria relevante sob a perspectiva da tradução. Mas quero restringir a minha discussão aqui a esses dois pontos, ignorando por ora o papel da informação contextual, cuja importância é amplamente reconhecida, mas cujas pesquisas sobre o seu funcionamento exato ainda deixam a desejar.

O interesse da tradutologia não pode se limitar a simplesmente comparar vocabulário e gramática (na essência, sintaxe e morfologia) de duas línguas. Isso pode ser um objetivo da tipologia linguística ou da pesquisa sobre os universais linguísticos. Por esse motivo também grande parte da pesquisa atual sobre sintaxe é de pouca valia para a pesquisa tradutológica, pois lá se trata de estruturas tomadas por si próprias. Aqui, no entanto, trata-se de esclarecer até que ponto a união de certas palavras numa determinada língua levam ao mesmo resultado que a união de outras palavras na outra língua. Dito de maneira mais simples: trata-se da semântica lexical e dos efeitos semânticos da sintaxe (e morfologia). Esses são temas centrais na pesquisa de cada língua, e poderíamos achar que a linguística teria algo a dizer a respeito. O que ela tem para dizer em relação àqueles aspectos da semântica da palavra e da semântica da sentença que são relevantes para o pesquisador da tradução? Iniciemos com a semântica lexical.

3.2.1. Semântica da palavra

It's only words.

Bee Gees

Embora os Bee Gees não estejam pensando no fenômeno da linguagem, talvez isso nem fosse de todo inapropriado. Em uma avaliação ingênua a língua é essencialmente constituída de palavras, e várias tradições linguísticas, extremamente significativas inclusive, ocupam-se quase que exclusivamente com a análise do vocabulário, como, por exemplo, a chinesa. No fundo até acho essa postura correta. Se dominássemos todas as palavras de uma língua, mas nenhuma regra sintática, poderíamos até nos entender de certa forma. O contrário

Einschätzung im Grunde für richtig; wenn man alle Wörter einer Sprache beherrschen würde, aber keine einzige syntaktische Regel, so könnte man sich einigermaßen verständigen; nicht so, wenn man alle syntaktischen und morphologischen Regeln kennen würde, aber von keinem einzigen Wort die Bedeutung wüßte. Von der Sprache gilt daher vielleicht nicht völlig, was die Bee Gees singen; aber es gilt doch zu 90 Prozent. Es ist daher auch kein Wunder, daß die meisten Probleme, die sich bei Übersetzungen ergeben, Probleme der Wortbedeutung sind. Dies hat, um es noch einmal zu betonen, nichts damit zu tun, daß man nicht wortweise übersetzt, aber die Bedeutung, die man anders wiedergeben muß, beruht eben auf der Bedeutung einzelner Wörter.

Wie kann man die Bedeutung von Wörtern beschreiben? Im wesentlichen werden vier Methoden verwandt, oder zumindest vorgeschlagen. Die erste ist die der üblichen einsprachigen Wörterbücher (Paul, Duden, Wahrig im Deutschen; OED oder Webster's im Englischen, Robert im Französischen). Die Wörter werden alphabetisch sortiert, und bei jedem Eintrag werden verschiedene „Verwendungsweisen“ des Wortes (oder auch einer Wortkombination) durch einen gewöhnlich komplexeren Ausdruck in derselben Sprache paraphrasiert, oft auch mit Beispielen versehen. Ferner wird angenommen – sicher nicht ohne Grund –, daß der Leser die komplexere Paraphrase wie auch die Beispiele versteht. So wird beispielsweise im ersten modernen Wörterbuch dieser Art, dem von Samuel Johnson, die Bedeutung von *horse* paraphrasiert durch *equine quadruped*. Die zweite Methode ist im Grunde dieselbe, bloß daß hier die Paraphrase durch Ausdrücke einer anderen Sprache erfolgt; dies ist die übliche Methode zweisprachiger Wörterbücher; das Prinzip ist dasselbe, der Nutzen vielleicht etwas unterschiedlich. Beide Methoden sind seit Jahrhunderten im Schwange, und sie werden im wesentlichen von Leuten verwendet, die keine besonderen theoretischen Ambitionen haben, sondern die sich die praktische Aufgabe gesetzt haben, den Wortschatz einer Sprache zu bestimmten Zwecken möglichst umfassend, übersichtlich und klar zu beschreiben. Wie jedermann weiß, gelingt dies unterschiedlich gut; aber Beschreibungen dieser Art sind kein Produkt der modernen Linguistik und reflektieren allenfalls am Rande deren Einsichten und Methoden.

aconteceria se conhecêssemos todas as regras sintáticas e morfológicas, mas significado de nenhuma palavra. Da língua, portanto, não vale integralmente o que cantam os Bee Gees, mas pelo menos uns 90%. Portanto, não é de se admirar que a maior parte dos problemas que aparecem nas traduções sejam problemas de significado de palavras. Isso não tem nada a ver, devo frisar mais uma vez, com o fato de que não se traduz literalmente. Mas o significado, a ser reproduzido de outro modo, reside mesmo no significado das palavras individuais.

Como podemos descrever o significado de palavras? Na verdade são utilizados, ou pelo menos sugeridos, quatro métodos. O primeiro seria o mais usual, ou seja, o dos dicionários monolíngues (Paul, Duden e Wahrig no alemão; OED e Webster no inglês; Robert no francês). As palavras estão organizadas alfabeticamente, a cada entrada são parafraseadas, na mesma língua, diferentes maneiras de utilização dessa palavra (ou também combinação de palavras), normalmente por uma expressão mais complexa, muitas vezes acrescida de exemplos. Assume-se, certamente não sem motivo, que o leitor compreenda a parafrase mais complexa, bem como os exemplos. Assim, por exemplo, no moderno dicionário de Samuel Johnson, o significado de *'horse'* é parafraseado por *'equine quadruped'*. O segundo método é, em essência, o mesmo, só que aqui a parafrase das expressões se realiza em outra língua. Este é o método usual nos dicionários bilíngues, onde o princípio é o mesmo, a utilização talvez um pouco diferente. Os dois métodos existem há séculos e são utilizados essencialmente por pessoas que não possuem ambições teóricas especiais, mas que se propõem, na prática, a descrever, de modo abrangente e claro, o vocabulário de uma língua, com objetivos específicos. Como todos sabem, isso até pode funcionar bem, mas descrições dessa ordem não são produtos da linguística moderna e, de qualquer modo, só se refletem, quando muito, nos limites de suas pesquisas e métodos.

Os linguistas, até onde não apenas afirmam o que seriam os significados das palavras, mas também apresentam análises concretas sobre os mesmos, valem-se essencialmente de dois outros métodos. O primeiro seria o da análise dos “traços semânticos”, que se associa à semântica estrutural. Os termos variam um pouco – “semantic features”, “markers”, sememas, predicados nucleares e outros. A ideia, no entanto, é a mesma. Existe uma lista finita desses traços elementares

Linguisten, sofern sie sich nicht nur dazu äußern, was Wortbedeutungen sind, sondern auch konkrete Analysen von Wortbedeutungen vorlegen, bedienen sich im wesentlichen zweier anderer Methoden. Die erste ist die Analyse nach „semantischen Merkmalen“, die der sogenannten strukturellen Semantik zugeschrieben wird. Die Termini variieren etwas – „semantic features“, „markers“, Sememe, Grundprädikate und andere. Die Idee ist jedoch dieselbe. Es gibt eine endliche Liste solcher elementarer Bedeutungsmerkmale, die jeweils mehr oder minder gut definiert sind. Die Bedeutung eines lexikalischen Eintrags im Wörterbuch wird durch eine Kombination solcher elementarer Bedeutungsmerkmale beschrieben. Die Art und Weise, wie sich diese Merkmale verbinden können – Syntax des „markerese“, wie Lewis (1972) etwas ironisch sagt –, wird dabei gewöhnlich nicht explizit gemacht. Diese Art, Wortbedeutungen zu beschreiben, wurde nie auf den ganzen Wortschatz irgendeiner Sprache angewandt; ich glaube nicht, daß irgendwo mehr als hundert Wörter einer Sprache auf diese Weise analysiert worden sind. Es gibt aber einige Musteranalysen für gut durchstrukturierte Teilbereiche des Vokabulars, etwa die Bewegungsverben (Beispiele werden etwa bei Lyons 1977 diskutiert). Ein einziger Blick in ein konventionelles Wörterbuch zeigt, daß diese Analysen zwar schön konsistent sind, aber um Welten hinter dem zurückbleiben, was dem naiven Lexikographen alles über die betreffenden Wörter bekannt ist und was dem Übersetzer täglich Kopfzerbrechen macht. Wer dies nicht glaubt, möge sich einfach anschauen, was die Merkmalsanalyse etwa zur Bedeutung von Verben wie *kommen*, *gehen*, *laufen*, *rennen* zu sagen hat und was dazu in einem etwas umfassenderen ein- oder zweisprachigen Wörterbuch steht. Mit andern Worten: Die strukturellen Semantiker erklären zwar, wie man es machen könnte, machen es aber nicht.

Die zweite Methode, die in der neueren Linguistik vorgeschlagen wird, verwendet keine Merkmale, sondern Bedeutungsrelationen, etwa Hypernymie, Synonymie, Implikationen und dergleichen mehr. Die Bedeutung eines Wortes wird durch die Relationen beschrieben, in denen es zu andern Wörtern steht. Auch diese Methode gibt es in mehreren Varianten, etwa den erstmals von Carnap vorgeschlagenen „Bedeutungspostulaten“, wie sie gelegentlich in der logischen Semantik verwandt werden, oder den semantischen Netzen der künstlichen

de significado, que estão mais ou menos bem definidos. O significado de uma entrada lexical no dicionário é descrito por uma combinação desses traços semânticos elementares. O modo como esses marcadores podem estar interligados, a sintaxe dos “markers” (Lewis 1972), normalmente não é explicitada. Esse modo de descrição de significado de palavras nunca foi aplicado a todo vocabulário de uma língua; nem mesmo acredito que em algum lugar mais de cem palavras de uma determinada língua tenham sido analisadas assim. No entanto, existem algumas análises modelo para campos bem estruturados do vocabulário, a citar, os verbos de movimento (exemplos são discutidos por Lyons (1977)). Uma única olhada num dicionário convencional mostra que, embora sejam bem consistentes, essas análises estão há anos-luz de tudo o que o mais ingênuo lexicógrafo sabe sobre as palavras em questão e do que quebra a cabeça do tradutor no seu ofício diário. Quem duvida disso está desafiado a olhar para o que diz a teoria dos traços, por exemplo, sobre o significado de verbos como *ir*, *vir*, *andar*, *correr* e o que é dito sobre eles em um dicionário mono- ou bilíngue mais abrangente. Com outras palavras: os semânticos estruturalistas, embora expliquem como se pode fazê-lo, não o fazem.

O segundo método que é sugerido pela linguística mais recente não faz uso de traços, mas das relações de significado, como, por exemplo, hiperonímia, sinonímia, implicatura e similares. O significado de uma palavra é descrito por intermédio das relações que estabelece com outras palavras. Também esse método pode ser encontrado em mais variantes, como, por exemplo, os “postulados de significado”, pioneiramente sugeridos por Carnap, e utilizados oportunamente na semântica lógica, ou nas redes semânticas da inteligência artificial. Também aqui, até o momento, não foi feita a tentativa de descrever nem a metade do vocabulário de uma língua, só existem algumas ilustrações interessantes da ideia. Mas isso não é uma prova de que o método não funcione, entretanto, também não me parece uma mera coincidência. E fica imediatamente evidente quando, por exemplo, se tenta descrever por relações de significado, o significado lexical das palavras francesas *‘étude’* e *‘proviseur’* no nosso exemplo *‘Nous étions à l’étude, quand le proviseur entra.’*, de modo tal que o pesquisador de tradução possa extrair disso uma ferramenta para a solução de seus problemas cotidianos. Mas mais ainda isso vale quando, como faz a maioria dos defensores da semântica

Intelligenz. Auch hier gibt es bislang keinerlei Versuch, den Wortschatz irgendeiner Sprache auch nur halbwegs umfassend zu beschreiben, sondern allenfalls einige interessante Illustrationen der Idee. Das ist sicher kein Beweis dafür, daß diese Methode nicht funktioniert. Aber es scheint mir auch kein reiner Zufall. Das wird sofort deutlich, wenn man einmal versucht, etwa um bei unserem Beispiel *Nous étions à l'étude, quand le proviseur entra.* zu bleiben – die lexikalische Bedeutung der französischen Wörter *étude* und *proviseur* durch solche Bedeutungsrelationen zu beschreiben – und zwar so, daß der Übersetzungswissenschaftler daraus für seine alltäglichen Probleme etwas damit anfangen kann. Erst recht gilt dies natürlich, wenn man, wie die meisten Vertreter der formalen Semantik, gar keinen Versuch macht, die Bedeutung elementarer Einheiten weiter zu beschreiben, sondern einfach sagt, die Bedeutung von *étude* ist **étude**.

Um auch hier gleich ein naheliegendes Mißverständnis zu verhindern: Dies ist keine Kritik an der modernen Linguistik und ihren Vorstellungen zur Semantik. Was sie zur Semantik zu sagen hat, ist sehr scharfsinnig, und ich wüßte auch gar nicht, wie man anders vorgehen sollte. Aber es trägt im Augenblick jedenfalls wenig dazu bei, die Probleme der Übersetzungswissenschaft im Bereich der Wortsemantik zu lösen.

3.2.2 Satzsemantik

In der formalen Semantik nimmt man in aller Regel die Wortbedeutungen für gegeben an und schaut, welche semantischen Auswirkungen es hat, wenn man die betreffenden Wörter zu größeren Einheiten, insbesondere zu Sätzen, zusammenfügt. Die Satzsemantik ist daher wesentlich besser ausgebaut als die Wortsemantik. Eine semantische Regel dieser Art könnte etwa lauten (ich formuliere die Regel sinngemäß in schlichter Prosa):

Der Satz *Karlchen fährt Roller* ist wahr in einer Welt *w* genau dann, wenn die von *fährt Roller* bezeichnete Eigenschaft in *w* ein Element der Menge der von *Karlchen* bezeichneten Eigenschaften ist.

Das Beispiel ist simpel, und es mag in den Augen eines Übersetzers schon ans Triviale grenzen. Daß eine solche Regel aber keineswegs trivial ist, wird deutlich, wenn man sich nicht auf die Intuition des Übersetzers verlassen kann, der diese und ähnliche Regeln automatisch anwendet, sondern wenn die semantischen Konsequenzen der Syntax

formal, nem se tenta descrever o significado de unidades básicas e simplesmente se diz que o significado de *étude* é *étude*.

E para evitar também aqui um possível falso juízo, devo dizer que isso não é uma crítica à linguística moderna e à sua concepção em relação à semântica. O que ela tem a dizer em relação à semântica é bem pertinente, e nem saberia como proceder diferente. Mas no estágio atual, é pouca a contribuição no âmbito da semântica da palavra em favor da solução dos problemas da tradutologia.

3.2.2 Semântica da sentença

Na semântica formal, via de regra, toma-se o significado das palavras como dado e parte-se para observação dos efeitos semânticos quando essas palavras estão interligadas, formando unidades maiores, especialmente sentenças. Portanto, a semântica da sentença está bem mais desenvolvida do que a semântica da palavra. Uma regra semântica dessa ordem poderia ser formulada da seguinte forma (eu o farei em simples prosa):

A sentença *Carlinhos anda de patins* é verdadeira num mundo m exatamente então, quando a particularidade designada por *anda de patins* em m for um elemento do conjunto das particularidades designadas por *Carlinhos*.

O exemplo é simples e pode até parecer trivial aos olhos de um tradutor. Que uma regra dessas não é de modo algum trivial fica claro no momento em que não se puder confiar nas intuições do tradutor que aplica esta e outras regras automaticamente, mas quando as consequências semânticas da sintaxe precisam ser formuladas explicitamente, como é o caso na tradução por computador. Nesse ponto, acredito eu, a tradutologia pode esperar algo da linguística e até buscar algo nela. Quanto?

Onde estão os limites pode ser visto através do exemplo das “variantes preferidas” que Monika Doherty desenvolve no seu artigo na mesma publicação onde o presente texto está publicado. Pode-se traduzir o início de oração inglesa (3),

(3) *The major problem limiting all the applications of these new techniques is that –*

entre outras possibilidades, da seguinte maneira para o alemão:

(4a) Das Hauptproblem, das alle Anwendungen dieser Techniken einschränkt, ist, dass...

explizit formuliert werden müssen, wie dies bei der maschinellen Übersetzung der Fall ist. Hier, so glaube ich, kann sich die Übersetzungswissenschaft von der Linguistik einiges erhoffen, ja, bereits einiges holen. Wieviel?

Wo die Grenzen liegen, läßt sich am Beispiel der „präferierten Varianten“ erläutern, die Monika Doherty in ihrem Beitrag in diesem Heft anführt. Man kann den englischen Satzanfang (3)

(3) The major problem limiting all the applications of these new techniques is that...

unter anderem so übersetzen:

(4a) Das Hauptproblem, das alle die Anwendungen dieser Techniken einschränkt, ist, daß...

(4b) Das größte, alle die Anwendungen dieser neuen Techniken einschränkende Problem ist, daß...

(4c) Das größte, den Einsatz der neuen Techniken einschränkende Problem ist, daß...

(4e) Der Einsatz der neuen Techniken wird hauptsächlich dadurch eingeschränkt, daß...

Alle diese Varianten sind in gewisser Weise richtig, aber sie werden zusehends besser, und nur (4d) klingt „idiomatisch“. Woran liegt dies? Von der Übersetzungswissenschaft muß man erwarten, daß sie diese Frage beantworten kann. Wie vermag ihr die Linguistik dabei zu helfen?

Die vier deutschen Satzanfänge sind etwas unterschiedlich aufgebaut; aber die zu ihrer Bildung angewandten grammatischen Regeln führen im Ergebnis zur selben Bedeutung (mit allen *caveats* hinsichtlich dieses Begriffs). Sie „verpacken“ diese Bedeutung jedoch etwas anders. Man könnte auch sagen, (4a) bis (4d) drücken jeweils dieselbe Proposition aus, und dies ist eben auch jene, die in (3) ausgedrückt wurde. Aber die Art, wie diese Proposition ausgedrückt wird, ist verschieden, und im Deutschen würde man sie eher durch (4d) denn durch (4a) ausdrücken. Was die Linguistik nun kann, ist diese unterschiedlichen „Verpackungen“ akkurat zu beschreiben. Was sie nicht kann, ist zu erklären, wieso (4d) eine unvergleichlich „bessere“ Verpackung ist als (4a) und demnach auch den englischen Satz besser wiedergibt, obwohl letztere Variante dem Englischen in der Form ähnlicher ist. Solche Fragen pflegt der Linguist ins Reich der Stilistik oder der Rhetorik zu verweisen, vielleicht gar das der Ästhetik.

(4b) Das Größte, alle die Anwendungen dieser neuen Techniken einschränkende Problem ist, dass...

(4c) Das Größte, den Einsatz der neuen Techniken einschränkende Problem ist, dass ...

(4d) Der Einsatz der neuen Techniken wird hauptsächlich dadurch eingeschränkt, dass ...

De alguma forma todas essas variantes são corretas, mas vão ficando marcadamente melhores e só (4d) soa “idiomática”. Em que consiste isso? Deve-se esperar da tradutologia que ela possa responder a esta pergunta. Como poderia a linguística ajudá-la nisso?

Os quatro inícios de oração em alemão estão estruturados diferentemente, mas o efeito das regras gramaticais utilizadas para cada uma das construções leva ao mesmo significado (com todas as variações referentes a esse conceito). Elas “revestem”, porém, esse significado de algum modo diferentemente. Poderíamos dizer também, (4a) a (4d) expressam cada uma a mesma proposição e esta também é aquela que está expressa em (3). Mas o modo como essa proposição é expressa é que é diferente, e em alemão se preferiria fazê-lo por intermédio de (4d) ao invés de (4a). O que a linguística pode fazer é descrever acuradamente esses diferentes “revestimentos”. O que ela não consegue fazer é esclarecer como (4d) é um revestimento “melhor” do que (4a). E é, portanto, ela que vai ser a melhor reprodução para a oração inglesa (3), embora a variante (4a) lhe seja mais similar em forma. O linguista tende a remeter essas questões aos campos da estilística ou da retórica, ou até mesmo da estética. De qualquer modo, não as considera como âmbito da linguística, cuja tarefa é descrever a capacidade linguística humana. Assim, por um lado, o problema é colocado de lado. Mas por outro lado, a capacidade de decisão sobre a pertinência de variantes de expressão dessa ordem não são uma capacidade linguística menos importante do que a decisão sobre a gramaticalidade de uma expressão, ou sobre o fato de seu significado se dar a partir do significado de outra expressão. Esse ponto é muito bem frisado por Doherty.

Agora, se a linguística quiser mesmo corresponder a seus propósitos, ou seja, descrever a competência linguística dos homens, então deverá atender também a esta prerrogativa da competência, não para fazer um favor ao pesquisador da tradução, mas porque isto faz parte de sua tarefa. É evidente que isso não é tão simples assim, já que

Jedenfalls rechnet er sie nicht zum Kernbereich der Linguistik – deren Aufgabe es ist, die menschliche Sprachfähigkeit zu beschreiben. Aber zum einen wird damit das Problem allenfalls beiseitegeschoben. Und zum andern ist die Fähigkeit, zwischen der Angemessenheit solcher Ausdrucksvarianten zu entscheiden, nicht minder ein Teil der menschlichen Sprachfähigkeit als jene zu entscheiden, ob ein Ausdruck grammatisch zulässig ist, oder ob seine Bedeutung aus der eines anderen Ausdrucks folgt. Dieser Punkt wird von Doherty zu Recht betont.

Wenn die Linguistik nun ihren eigenen Ansprüchen genügen will, nämlich die sprachliche Kompetenz des Menschen zu beschreiben, dann muß sie auch diesem Teil der Kompetenz Rechnung tragen – nicht um den Übersetzungswissenschaftlern einen Gefallen zu tun, sondern weil das zu ihrer eigentlichen Aufgabe gehört. Dies ist aber nicht einfach möglich, indem man den üblichen Themen des Linguisten ein weiteres hinzufügt. Normalerweise wird die Aufgabe, die menschliche Sprachkompetenz zu beschreiben, so aufgefaßt, daß es zum einen darauf ankommt, das Repertoire an Ausdrucksmitteln anzugeben – so weit als möglich nicht durch Auflisten, sondern durch die Angabe allgemeiner Bauprinzipien – und zum andern darauf anzugeben, wie sich die Bedeutung zusammengesetzter Einheiten aus der Bedeutung elementarer Einheiten ergibt. Um der obigen Anforderung gerecht zu werden, kommt es darauf an zu klären, **nach welchen Prinzipien in einer bestimmten Situation eine bestimmte Proposition sprachlich umgesetzt wird.** Dies steht zwar nicht im Widerspruch zum üblichen linguistischen Vorgehen; aber es ist eine ganz andere Perspektive. Unter dieser Perspektive ist die menschliche Kompetenz selbst eine Art Übersetzungsfähigkeit – nämlich die Fähigkeit, kognitive Repräsentationen ineinander zu übersetzen. Diese „Übersetzung“ führt von einer mehr oder minder sprachneutralen Repräsentation eines Gedankens bis zu jener Repräsentation, welche die motorische Artikulation der Stimmorgane oder der Schreibmuskulatur steuert. (Entsprechendes gilt umgekehrt für den Verstehensprozeß.)

Dies ist, wie gesagt, nicht die übliche Betrachtungsweise der Linguistik, wo man eher nach dem Prinzip des Baukastens zu denken pflegt; darin sind diese oder jene Teile, und man kann sie zu diesen oder jenen Zwecken benutzen. Aber es ist jene Betrachtungsweise, die

adicionamos mais um tema aos que já lhe são usuais. Normalmente, a descrição da competência linguística humana é pensada da seguinte forma: por um lado trata-se de especificar o repertório de meios de expressão, até onde isso for possível, não através de uma listagem, mas pelo estabelecimento de princípios gerais de constituição, e, por outro lado, trata-se de indicar como o significado de um conjunto sequencial de unidades se dá a partir do significado de unidades elementares. Para fazer jus à exigência acima, trata-se de esclarecer, **segundo que princípios, numa dada situação, uma dada proposição é transposta linguisticamente**. Tal procedimento não é uma contradição em relação aos procedimentos linguísticos usuais, mas é, com certeza, uma perspectiva totalmente diferente. Sob esta perspectiva, a própria competência humana é uma espécie de capacidade de tradução, mais precisamente, a capacidade de traduzir representações cognitivas umas dentro das outras. Essa “tradução” vai desde uma representação de um pensamento (linguisticamente neutro) até àquela representação que dirige a articulação motora dos órgãos da fala ou da musculatura da escrita. (Algo similar vale, na direção contrária, para o processo de compreensão).

Essa não é, como já foi mencionado, a atuação usual da linguística, onde antes se pensa segundo o princípio do bloco de construção, dentro do qual existem estas ou aquelas peças, que podem ser utilizadas para este ou aquele fim. Mas é o modo de observação que está disponível, caso a linguística queira atender às suas tarefas primárias, ou seja, a tarefa de descrever a capacidade linguística humana. E é o modo de observação que está disponível para que a tradutologia possa vir a esperar algo da linguística.

3.2.3 Conclusão parcial

A questão subjacente ao capítulo 3.2 era verificar como os meios de expressão de duas línguas devem se comportar, uns em relação aos outros, quando se mantém constante, seja lá como esse constante seja definido, aquilo que eles devem expressar. A linguística moderna pouco tem a contribuir para a sua resposta. Isso vale tanto para a semântica da palavra, como para a semântica da sentença. Em relação à primeira, pouco se tem ido além de algumas considerações gerais básicas e algumas análises de modelo. A semântica da sentença, em essência, está mais bem desdobrada; entretanto, dificilmente aqui se

erforderlich ist, wenn sie ihrer ureigenen Aufgabe gerecht werden soll, nämlich die Aufgabe, die menschliche Sprachfähigkeit zu beschreiben. Und es ist jene Betrachtungsweise, die erforderlich ist, damit sich die Übersetzungswissenschaft etwas von der Linguistik erhoffen darf.

3.2.3 Fazit

Die Frage, um die es im vorliegenden Abschnitt ging, war, wie sich die Ausdrucksmittel zweier Sprachen zueinander verhalten, wenn man das, was sie ausdrücken sollen, konstant hält – wie immer das Konstante definiert sein mag. Die moderne Linguistik hat zur Antwort wenig beizutragen. Das gilt sowohl für die Wortsemantik wie für die Satzsemantik. Zu ersterer ist sie bislang über scharfsinnige Grundsatzüberlegungen und einige Musteranalysen wenig hinausgekommen. Letztere ist wesentlich besser entfaltet; doch wird auch hier kaum jene Ebene erreicht, auf der die alltäglichsten Probleme des Übersetzens und auch damit des Übersetzungswissenschaftlers liegen. Diese Probleme sind aber nichts Exotisches, das zunächst einmal aus der Betrachtung ausgeklammert werden sollte; sie zu lösen, ist eine genuine Aufgabe der Linguistik, wenn sie ihrem eigenen Anspruch, die menschliche Sprachfähigkeit zu beschreiben, gerecht werden will.

4. Schluß

Wenn denn zutrifft, was im vorangehenden gesagt wurde, dann läßt sich die Ausgangsfrage dieses Aufsatzes klar beantworten: Fast nichts, bzw. fast alles. Die Linguisten haben derzeit zur Lösung selbst ganz alltäglicher Probleme der Übersetzung recht wenig anzubieten. Das liegt nicht daran, daß diese Probleme außerhalb ihres Aufgabenbereichs lägen. Schließlich sollte man, um nur einen Punkt aufzugreifen, von der Linguistik erwarten, daß sie in der Lage ist, die Bedeutung von Wörtern genau und systematisch zu beschreiben. Die Probleme der Übersetzungswissenschaft, soweit sie systematischer Natur und damit systematischer wissenschaftlicher Analyse zugänglich sind, sind die Probleme der Linguistik selbst, und wenn letztere geklärt sind, sind auch erstere geklärt. Sie sind es aber nicht, und das sollte die Linguisten etwas Bescheidenheit lehren. Die einfachsten Probleme des Übersetzens führen uns plastisch vor Augen, wie wenig die Linguistik nach wie vor ihren eigenen, genuinen Aufgaben zu

abrange todos os planos que constituem os problemas cotidianos do traduzir e, conseqüentemente, dos pesquisadores da tradução. Esses problemas, no entanto, nada têm de exótico que justificaria uma análise isolada; a sua solução é uma tarefa genuína da linguística, caso esta queira fazer jus àquilo que se propõe, ou seja, a de descrever a competência linguística humana.

4. Conclusão

Caso seja pertinente o que foi dito até aqui, então é possível responder claramente à pergunta título deste trabalho: quase nada, ou melhor, quase tudo. Até o momento, os linguistas pouco têm a oferecer para a solução dos problemas do dia-a-dia da tradução. Isto não está no fato de que esses problemas estariam fora do âmbito de suas tarefas. Afinal, dever-se-ia esperar da linguística, só para citar um ponto, de que ela esteja em condições de explicar o significado de palavras exata e sistematicamente. Os problemas da tradutologia, na medida em que são de natureza sistemática e, portanto, suscetíveis à análise científica sistemática, são os problemas da própria linguística. E no momento em esta resolvê-los, eles também estarão solucionados para a tradutologia. Mas eles continuam sem solução e isso deveria ensinar os linguistas a terem um pouco de modéstia. Os problemas mais simples do traduzir nos mostram claramente o pouco que a linguística até hoje contribuiu para a solução de suas próprias e genuínas tarefas. Mas esses problemas também podem nos ajudar a melhor entender e a melhor solucionar estas tarefas. A tradutologia pode contar pouco com a linguística; mas não é pouco o que ela pode contribuir para a mesma.

Bibliografia

- Lewis, D. (1972) "General Semantics", in: D. Davidson e G. Harman (eds.), *Semantics of Natural Language*. Dordrecht: Reidel, p. 169-218.
- Lyons, J. (1977) *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. (1969) *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tradução: Ina Emmel

sagen hat. Sie können uns aber auch helfen, diese Aufgaben besser zu verstehen und besser zu lösen. Die Übersetzungswissenschaft kann sich wenig von der Linguistik erwarten: sie kann aber nicht wenig zu ihr beitragen.

Literatur

Lewis, D. (1972): „General Semantics“, in D. Davidson und G. Harman (Hrsg.), *Semantics of Natural Language*. Dordrecht: Reidel, S. 169-218.

Lyons, J. (1971): *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Searle, J. (1969): *Speech Acts*. Cambridge University Press.

Notas

- ¹ Na tradução de Susana Kampff Lages, cf. texto inteiro nesta edição.
- ² Para mantermos a oposição pretendida pelo autor entre “die Übersetzung” (a tradução enquanto produto) e “das Übersetzen” (a tradução enquanto processo), optamos, respectivamente, pelos termos “a tradução” e “o traduzir”.
- ³ Não adotamos aqui o pareamento „Sentido e Referência” que caracteriza a tradução, tanto para o português como para o inglês, do texto clássico de Frege (Über Sinn und Bedeutung). Por uma questão de rigor terminológico, optamos por traduzir “Bedeutung” por “significado”.

A tradutora agradece a Roberto Schramm pela cuidadosa revisão da tradução e pelas tantas sugestões de alteração e melhoria.

TRADUTORAS E TRADUTORES – NOTAS BIOGRÁFICAS

CELSO R. BRAIDA natural de Santa Maria (RS), mestre em filosofia pela UFRGS e doutor em filosofia pela PUC-RIO, é professor efetivo do Departamento de Filosofia da UFSC desde 1994. Leciona e pesquisa nas áreas de Ontologia e Filosofia da Linguagem, com foco em teoria semântica, análise categorial e teoria da interpretação. Como tradutor, publicou a tradução de textos de Schleiermacher, *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação* (Vozes, 1999) e a coletânea *Três Aberturas em Ontologia: Frege, Twardowski e Meinong* (Nephelibata, 2005). Tem vários artigos publicados em revistas especializadas, entre os quais destacam-se “Significatividade e entidade” (*Veritas*, 2003), “Significatividade e verdade” (*Kriterion*, 2002) e “A estrutura linguística e o fundamento das verdades analíticas” (*Princípios*, 2009).

FABRÍCIO COELHO iniciou seus estudos universitários em Florianópolis, formando-se Bacharel em Geografia pela UDESC (2003) e Mestre em Estudos da Tradução pela UFSC (2008) com a dissertação “Ensaio sobre a tradução da conferência ‘Über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses und eine wissenschaftliche Ergründung der Weltgesetze’ de Alexander von Humboldt”. Tradutor autônomo e pesquisador independente, ocupa-se atualmente do estudo e da tradução das obras completas de Alexander von Humboldt.

INA EMMEL é docente de língua alemã e de linguística geral e aplicada no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras na UFSC, onde atua também na Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Pela UFSC obteve o bacharelado em Letras-Tradução (alemão-português), o mestrado em Linguística com dissertação versando sobre a interface entre tradução e terminologia, e o doutorado, também em Linguística, na área de semântica, com pesquisa desenvolvida sobre um fenômeno sintático no alemão de Pomerode-SC. Além disso, é tecnóloga em Engenharia Elétrica pelo Washtenaw Community College, de Michigan-EUA, com atuação de quase 20 anos na área de projetos de usinas e de instalações de alta tensão.

MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK é mestre e doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Defendeu sua tese de doutorado sobre o conceito de começo na filosofia tardia de Schelling em 1992 no IFCS/UFRJ. Trabalhou como professora concursada no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ) entre 1994 e 1999. Em 1999 foi convidada para auxiliar a montar o Departamento de Filosofia da Södertörns University College em Estocolmo, Suécia, onde hoje é Professora Titular de Filosofia. Além de tradutora de obras filosóficas do alemão para o português como *Ser e Tempo*, *Ensaio e Conferências*, *A Caminho da Linguagem*, *Heráclito* de Martin Heidegger, *Hipérion* e os escritos teóricos de Hölderlin, é autora de artigos de filosofia em revistas nacionais e internacionais e dos seguintes livros em português: *O espaço - entre poesia e pensamento* (UFRJ, 1986); *O começo de deus* (Vozes, 1998); *A doutrina dos sons de Goethe a caminho da música nova de Webern* (UFRJ, 1999); *Para ler os medievais. Ensaio de hermenêutica imaginativa* (Vozes, 2000).

MÁRCIO SELIGMANN-SILVA é doutor pela Universidade Livre de Berlim, professor livre-docente de Teoria Literária na UNICAMP e pesquisador do CNPq. É autor dos livros *Ler o Livro do Mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética* (Iluminuras/FAPESP, 1999), *Adorno* (PubliFolha, 2003), *O Local da Diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução* (Editora 34, 2005), *Para uma crítica da compaixão* (Lumme Editor, 2009) e *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno* (Editora Civilização Brasileira, 2009). Traduziu obras de Walter Benjamin (*O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, Iluminuras, 1993), G.E. Lessing (*Laocoonte. Ou sobre as Fronteiras da Poesia e da Pintura*, Iluminuras, 1998, finalista do Prêmio Jabuti na categoria Tradução, 2000), Philippe Lacoue-Labarthe, Jean-Luc Nancy, Jürgen Habermas, entre outros. Possui vários ensaios publicados em livros e revistas no Brasil e no exterior.

MARIA APARECIDA BARBOSA nasceu em Patrocínio (MG), mora na Ilha de Santa Catarina. Tem mestrado (2001) e doutorado em Teoria Literária pela UFSC (2004), trabalha sobre romantismo alemão, intermedialidade, tradução literária. Como docente da mesma instituição, desenvolve pesquisas sobre E. T. A. Hoffmann, Literatura infanto-juvenil, Alfred

Kubin, Peter Weiss. Contudo o foco de estudo se dirige a relações políticas e estéticas das artes no início do século XX e à criação multiforme de Kurt Schwitters. Traduziu, entre outros trabalhos, *Cartas Natalinas à Mãe*, de Rilke (Globo, 2007), *Feitiço de Amor e outros contos*, de Ludwig Tieck (juntamente com Karen Volobuef, Hedra, 2009), *A Janela de Esquina do meu Primo*, de E. T. A. Hoffmann (Cosac Naify, 2010) e ensaios filosóficos de Wilhelm von Humboldt e de Ernst Bloch.

RICHARD ZENKER cursou Letras/Alemão na UFSC, trabalhou vários anos como tradutor e atuou como Assessor da Presidência do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia em Brasília.

ROSVITHA FRIESEN BLUME, doutora em Literatura pela UFSC, é professora adjunto nessa mesma universidade, atuando na graduação em Letras-Alemão e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Trabalha com teorias que enfocam as relações de poder envolvidas nos processos tradutórios e com a tradução literária, especialmente de prosa curta e de poesia contemporâneas. Publicou *Contos de Gabriele Wohmann* pela EdUFSC, Florianópolis, 2008 e *Ein anderer Blick auf den bösen Blick. Zu ausgewählten Erzählungen Gabriele Wohmanns aus feministisch-theoretischer Perspektive* pela Frank & Timme, Berlin, 2007.

SUSANA KAMPPF LAGES realizou sua formação acadêmica básica na PUC-RS e UFRGS (graduação e mestrado em Letras), doutorando-se em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Foi, por 15 anos, docente de língua alemã na UNICAMP e atualmente ensina língua e literatura alemã na Universidade Federal Fluminense/UFF. Recebeu o Prêmio Jabuti em 2003 pelo livro *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, Edusp, 2002 (categoria Teoria literária). Publicou *João Guimarães Rosa e a saudade* (Ateliê Editorial, 2003), obra indicada para o Prêmio Jabuti de 2004. Traduziu, entre outros, *O desaparecido ou Amerika*, de Franz Kafka, e ensaios de Walter Benjamin sobre a filosofia da linguagem, que devem ser publicados proximamente. Entre os temas de sua reflexão estão questões teórico-filosóficas envolvendo a multiplicidade das línguas, a relação entre literaturas diversas e a teoria da tradução.

WERNER HEIDERMANN é professor de língua e literatura alemã na UFSC, pesquisador CNPq. Trabalha na Pós-Graduação de Lingüística e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Kursou o doutorado na Westfälische Wilhelms-Universität Münster, na Alemanha. É co-organizador de *Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung* (UFSC, 2006) e de *A escola tradutológica de Leipzig* (Peter Lang, 2009), autor de vários livros didáticos na área de alemão como língua estrangeira na editora Hueber.

Esta Antologia de Clássicos da Tradução, publicada pelo Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, visa preencher uma grave lacuna, que não é apenas nacional. A prática da tradução é tão antiga quanto as línguas e sua crítica e teoria também têm uma longa história que é preciso conhecer em seus detalhes. Os textos reunidos neste e nos próximos volumes visam entregar ao leitor alguns dos resultados de séculos de meditação sobre o fenômeno tradutório no Ocidente e no Oriente. Estes textos, que gerações de estudiosos foram selecionando como representativos, são muitas vezes de difícil acesso, mesmo nos países onde foram originalmente publicados.

Os volumes incluem textos originalmente escritos em uma variedade de línguas, entre outras, latim, alemão, inglês, francês, italiano e espanhol. A edição é bilingue, o texto original sendo apresentado ao lado de sua tradução ao português. As traduções e sua revisão foram fruto de um trabalho conjunto de professores e pesquisadores da UFSC e de outras instituições brasileiras e estrangeiras, assim como de tradutores profissionais.

Estes clássicos da teoria e da crítica da tradução, alguns deles traduzidos pela primeira vez ao português, constituem um instrumento importante para todos os interessados em Estudos da Tradução, que poderão, assim colocar em perspectiva as teorias mais recentes. O leitor curioso também encontrará aqui farto material de informação e reflexão sobre o fascinante processo pelo qual boa parte da cultura humana nos é transmitida.

Walter C. Costa